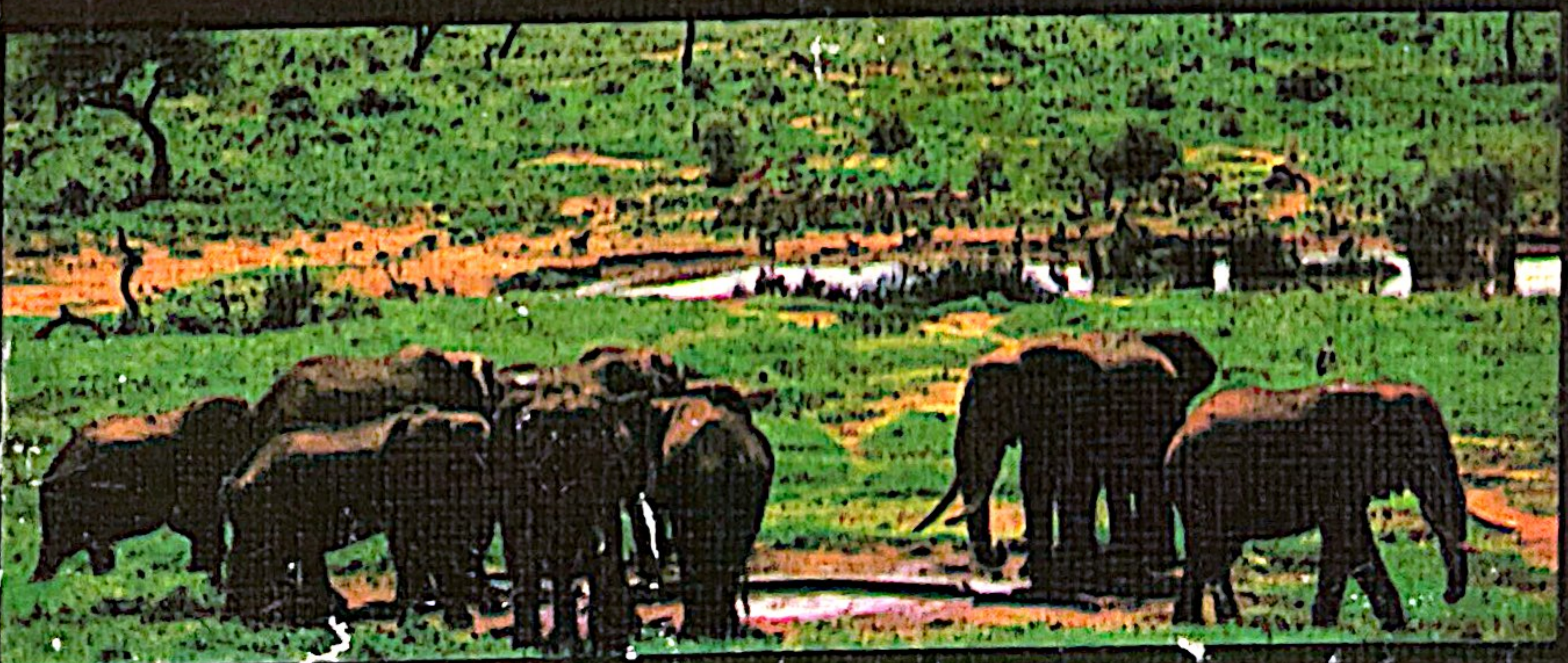
ÁFRICA

VISTA PELOS AMIGOS



EDIÇÕES „PROGRESSO"

África vista pelos amigos

COLECTÂNEA DE ENSAIOS

Edições "Progresso"
Moscovo
1984

Compilador *G. A. Pachkov*
Tradução de K. Asryants

Сборник
АФРИКА ГЛАЗАМИ ДРУЗЕЙ
на португальском языке

© Издательство «Прогресс», 1983
© Tradução para o português
Edições "Progresso", 1984

Impresso na URSS

A $\frac{0803000000-608}{014(01)-84}$ 180-84

NOTA DO COMPILADOR

Que se pode dizer a respeito da África de hoje? Mesmo para uma descrição concisa de todos os Estados deste continente, seria preciso um livro com um volume duas ou três vezes superior ao daquele que o leitor tem neste momento nas mãos.

E como se pode descrever tudo isso se a África muda impetuosamente e entra na nossa vida a esse mesmo ritmo?

Este livro sai depois do vigésimo aniversário da fundação da Organização de Unidade Africana. Esta organização, criada em 25 de Maio de 1963 com base nos princípios do anti-imperialismo e do não alinhamento, congrega hoje 50 Estados. Sim, é já de cinquenta o número de Estados independentes que existem neste continente, embora ainda há pouco quase todo o seu território estivesse pintado nos mapas geográficos com as cores das metrópoles de além-mar. É este o principal resultado político da luta dos povos africanos pela libertação da dependência colonial. Não é por acaso que a data de fundação da Organização de Unidade Africana é comemorada como o Dia de Libertação da África.

Por iniciativa da União Soviética, a ONU aprovou a Declaração sobre a concessão da independência aos países e povos coloniais (1960), a Declaração sobre a liquidação de todas as for-

mas de discriminação racial (1963) e a Convenção sobre a condenação do crime de apartheid e a punição por este crime (1973). Estas datas tornaram-se metas da formação de uma consciência jurídica internacional nova e justa, cujo traço característico é a transferência do colonialismo e do racismo da categoria de fenómenos "quotidianos" e "legais" para a categoria de anacronismos criminosos, cuja existência não pode mais ser tolerada.

Na nossa época, existem inúmeros vínculos que ligam mesmo as pessoas que vivem a milhares de quilómetros uma da outra. Os tractores fabricados na URSS desbravam as terras virgens em África, e o café produzido em África goza invariavelmente de muita procura entre os soviéticos.

A crónica da África moderna está difundida pelas páginas de diversos jornais e revistas soviéticos. Os melhores destes materiais serviram de base para esta colectânea de ensaios. As páginas deste livro foram escritas nas aldeias, perdidas nas selvas africanas intransitáveis, e nas cidades que cresceram nos desertos áridos. Reunidas sob a mesma capa, elas mostram a África de hoje tal qual foi vista pelos soviéticos – por um geólogo, engenheiro, cientista e, como é lógico, por jornalistas soviéticos que percorreram do Norte ao Sul e do Leste para o Oeste este continente de tesouros incontáveis e de miséria clamante. Eles encontraram-se face a face com os mercenários sul-africanos bem armados e com as pessoas desarmadas pela fome, a miséria, o analfabetismo e as doenças. Este livro é dedicado às pessoas que apesar de todas as dificuldades constroem hoje o futuro da África.

À MANEIRA DE PREFÁCIO

A. A. Gromiko[1] responde *às perguntas do correspondente do jornal Komsomólskaia Pravda* G. Pachkov.

Para os que começam a vida hoje, o terceiro milénio já está próximo. Eles vão ingressar nele jovens, sem atingir ainda a idade dos vinte anos. O que aguarda os jovens africanos no ano 2000?

Infelizmente, muitos deles nem sequer chegarão a esta data. Em África, um entre cada vinte recém-nascidos morre antes de atingir a idade de um ano. E estes são tão somente dados estatísticos médios. Nos chamados bantostans, criados pelos racistas da República Sul-Africana, o índice da mortalidade infantil é muito mais alto. Para quase todos os africanos a infância será um

[1] Anatóli Andréevitch Gromiko é membro correspondente da Academia das Ciências da URSS, director do Instituto da África da Academia das Ciências da URSS, presidente da Associação Soviética de Amizade com os Povos de África e vice-presidente do Comité Soviético de Solidariedade dos Países da Ásia e da África. Ele é autor dos livros *Conflito no Sul da África: o Seu Aspecto Internacional: África: Progresso, Dificuldades, Perspectivas,* Ed. "Progresso", 1983; etc.

período pesado em consequência do analfabetismo e da falta da higiene. São extremamente escassos os bens da civilização que o interior do continente africano pode oferecer.

Nos últimos anos tive a oportunidade de visitar muitas aldeias africanas. Vi que o sol deslumbrante e a vegetação tropical exuberante não podem ocultar a miséria. Naturalmente, o clima favorável, a abundância de frutas e a ajuda mútua dentro da comunidade ajudam as pessoas a sobreviverem. Porém, não se pode vencer a fome e o desemprego conservando a economia tradicional.

Vejamos os seguintes números. Em princípios da década de 80, em África viviam aproximadamente 475 milhões de pessoas, isto é, cerca de 10% da população do planeta. Porém, a produção agrícola do continente não supera os 5% do volume mundial. Portanto, o índice de abastecimento da população africana com produtos alimentares é duas a três vezes mais baixo do que no planeta em geral. Já hoje em dia, um em cada quatro africanos passa fome ou não dispõe de alimentação suficiente, o que afecta especialmente a saúde das crianças. Ao mesmo tempo, verifica-se o crescimento ameaçador da falta de víveres. Durante a última década, o ritmo de aumento da produção agrícola não foi superior a 1,9% sendo, portanto, permanentemente inferior ao elevado ritmo do crescimento da população.

No ano 2000, a população da África irá superar, provavelmente, a casa dos 800 milhões. Os que nasceram em 1980-1985 irão atingir a idade de aptidão para o trabalho. Mas, a julgar pelo actual ritmo de desenvolvimento económico, nesta altura haverá postos de trabalho apenas

para a metade dos 280 milhões de pessoas aptas para o trabalho. Já agora, o nível de desemprego e de emprego incompleto atinge em África os 45%.

Sem dúvida, a vida duma comunidade africana típica, sem falar da vida nas cidades, muda gradualmente para melhor. Neste sector, um progresso especialmente sensível foi alcançado nos países que seguem a via de orientação socialista e onde a juventude é incorporada activamente na vida social, nos estudos, na produção industrial e nas cooperativas agrícolas. No ano 2000, os jovens da Etiópia, Moçambique, Angola e de vários outros países devem viver em condições muito mais dignas do homem do que actualmente. Isso requer, porém, a observância duma condição imprescindível: o continente africano deve avançar rumo a este objectivo nas condições da paz e da liberdade. Se na terra de África houver paz, os africanos serão felizes, enquanto nas condições de confrontações político-militares que Washington impõe à África, todas as forças dos jovens Estados africanos podem ser absorvidas pela corrida armamentista e por intermináveis conflitos como a água pela areia. Isto é inadmissível, é claro, pois 20 dos 50 Estados independentes de África pertencem ao número dos países mais pobres do planeta.

O que impede actualmente o desenvolvimento económico dos Estados independentes de África?

Nas décadas de 60 e 70, em África formaram-se dezenas de Estados independentes. Revelaram-se claramente os sintomas da vida nova: aspiração à independência política e económica e

ao progresso social. Naturalmente, todas estas mudanças radicais no continente contrariavam os planos imperialistas da ulterior exploração dos Estados africanos. Os colonialistas já não estavam mais em condições de utilizar os velhos métodos, embora procurassem, como é lógico, conservar a situação subordinada e dependente da África no sistema de divisão capitalista do trabalho. As antigas potências coloniais começaram a aplicar activamente o arsenal de novas formas e métodos de escravização neocolonialista dos povos africanos.

O quadro que se forma no continente é bastante contraditório e parece estar pintado com duas tintas contrastantes – a negra e a branca. Vemos que em África se chocam duas tendências contrárias. Por um lado, os Estados africanos procuram consolidar a sua independência política e alcançar a independência económica. Por outro, verifica-se a aspiração das potências imperialistas, em primeiro lugar dos EUA, de transformar a África em campo da confrontação estratégico-militar e de continuar a explorar os minérios valiosos deste continente. O futuro da África será determinado precisamente no processo de luta entre estas duas tendências diametralmente opostas.

Os êxitos políticos e sociais alcançados despertam um sentimento de legítimo orgulho entre os povos africanos. Note-se que a superação do atraso económico e da dependência resultou para África um problema extremamente complexo. E por enquanto não se conseguiu alcançar uma viragem decisiva.

O mapa político do mundo mudou radicalmente em apenas 25 anos. Chegou, evidentemente, a hora de contar as últimas colónias. Quais são as perspectivas de conclusão da etapa da luta anticolonial em África?

Os impérios coloniais desmoronaram-se impetuosamente, e actualmente em Africa não existem já colónias no sentido clássico desta palavra. Apenas os racistas sul-africanos se agarram teimosamente ao poder que lhes está prestes a escapar. De acordo com o direito internacional, a Namíbia é qualificada como um território que pertence aos próprios namibianos, mas que foi ilegalmente usurpado pela República Sul-Africana. O terror sangrento dos racistas e as inúmeras protelações na concessão da independência à Namíbia não mudam este facto evidente.

A divisão clássica em colónia e metrópole já não serve nem para a própria República Sul-Africana. Este país é uma colónia dos racistas que vivem no seu território e que aplicam, contra o bom senso, uma política rígida de apartheid e oprimem a população nativa, os africanos, com a conivência directa dos Estados imperialistas de além-mar, que obtêm desta forma uma vantagem directa. É indubitável que as forças de repressão e o aparelho repressivo dos racistas sul-africanos são ainda bastante fortes e que neste país a população nativa deve travar ainda uma luta persistente pela sua liberdade e independência.

Naturalmente, é impossível indicar a data exacta de conclusão da luta anticolonial na África austral. É indubitável, no entanto, que também aí nenhuma acção militar ou punitiva poderá

abafar o toque a rebate da liberdade. O mais provável é que a África do Sul entre no terceiro milénio com um aspecto totalmente diferente: em vez dos racistas, aí irá governar o povo.

Quais são os elementos novos que a administração de Reagan introduziu na política dos EUA em África?

Antes de mais, revelou-se a orientação anti-soviética e anticomunista agressiva desta política. Os africanos são atemorizados com a "ameaça do comunismo" e com o "expansionismo soviético" que, aliás, nunca existiram. Os EUA colocaram perante si o objectivo de transformar o continente africano em praça de armas para amplos preparativos militaristas, orientados, em primeiro lugar, contra os próprios Estados africanos, assim como contra as forças de libertação nacional e contra a comunidade socialista. O governo dos EUA cria e amplia activamente bases militares no Egipto, Somália, Sudão e Quénia. Os imperialistas dos EUA depositam esperanças especialmente importantes sobre a República Sul-Africana, considerada por eles a principal base da luta contra a África independente e progressista.

Portanto, o novo aspecto na política americana em África é a orientação, perigosa para os africanos, da presença militar directa dos EUA neste continente.

O governo de Reagan retira a camuflagem diplomática das suas aspirações agressivas quando apoia abertamente os regimes ditatoriais antipopulares e refuta as exigências de todos os Estados independentes de África sobre a necessidade

de liquidar o mais breve possível o racismo e o apartheid no Sul da África.

A África detêm o recorde do número de golpes de Estado militares. Informações deste tipo vêm tanto de países onde no poder estavam regimes podres e corruptos, como de países que realizavam programas de desenvolvimento acelerado e seguiam a via de orientação socialista. Qual é a causa desta instabilidade política e desta série de golpes de Estado que abalam o continente africano?

Estes fenómenos devem ser avaliados a partir de uma posição estritamente concreta. Vejamos o exemplo do Gana. Este país foi o primeiro na África Tropical a libertar-se do domínio colonial inglês, em Março de 1957. Sob a direcção do presidente Kwame Nkrumah, o país marchou rapidamente rumo à consecução da independência económica. O Ocidente adoptou uma atitude acentuadamente hostil em relação a este desenvolvimento. Em 1966, em Acra teve lugar um golpe de Estado. Mais tarde foi provado, de uma forma irrefutável, que este golpe tinha sido inspirado, financiado e dirigido pela CIA dos EUA, que conduziu ao poder um regime submisso à vontade dos neocolonialistas. Porém, o regime antipopular não podia ser estável. Por isso, no Gana tiveram lugar mais cinco golpes de Estado militares e três governos civis substituíram-se uns aos outros no poder. Os monopólios ocidentais que exploravam o país enriqueciam, enquanto o povo ganês via-se numa miséria cada vez maior. No fim do ano de 1981, o poder no país foi tomado pelo Conselho Provisório da Defesa

Nacional que logo declarou guerra à "kollabula", isto é, à corrupção, e criou comités encarregados de investigar os casos de concussão e de outros abusos dos cargos oficiais. O orçamento de Estado foi revisto de maneira a frear a inflação e liquidar o défice comercial, isto é, a dependência em relação aos monopólios estrangeiros e aos neocolonialistas. Foram regulados os preços e criadas barreiras para impedir a especulação desenfreada. A fim de incorporar o povo na gestão do país, foram organizados comités populares de defesa da revolução. Foi criado um comité encarregado de rever os acordos comerciais e económicos leoninos por meio dos quais as autoridades anteriores transformaram praticamente os recursos naturais do Gana em propriedade das corporações transnacionais.

Tal é o exemplo do Gana. E se quiséssemos traçar um esquema geral, o seu aspecto seria o seguinte: por trás de cada golpe de Estado antipopular nos países da África, vêem-se os interesses dos neocolonialistas, e sente-se a maneira de agir dos seus órgãos de "espionagem", cuja verdadeira função é a sabotagem e o terror. Este terror organizado pelas potências imperialistas é precisamente o fenómeno contra o qual "lutaria" agora a actual administração americana. Porém, a época da sua omnipotência já findou. Uma prova disso é o facto de que os neocolonialistas não conseguem já substituir uns pelos outros e manter no poder os regimes fantoches submissos.

A propaganda ocidental não se cansa de falar da "enorme ajuda" que os países capitalistas prestam aos jovens Estados africanos afirmando permanentemente que os países socialistas deveriam aumentar a sua ajuda à África.

No entanto, essa propaganda passa cuidadosamente em silêncio o facto de que a sua "ajuda oficial" constitui apenas um quarto da exportação de capital para os países em vias de desenvolvimento, enquanto os demais três quartos são empréstimos leoninos dos bancos e das firmas privadas concedidos em condições financeiras severas.

A coberto da "ajuda oficial" penetram nos países africanos monopólios transnacionais, bancos e firmas privadas. Eles fazem o máximo de esforços para penetrar aí, pois em África os seus lucros são 2 a 5 vezes mais altos do que nos EUA e na Europa Ocidental. Apenas durante o ano de 1980, os monopólios ocidentais retiraram dos países em vias de desenvolvimento lucros no valor de 25 mil milhões de dólares. O Ocidente, que pilha descontroladamente as riquezas naturais dos países em vias de desenvolvimento, ao mesmo tempo impõe-lhes encargos financeiros leoninos. Em 1982, o total de dívidas dos países em vias de desenvolvimento, fixadas em diversos acordos, atingia 525 mil milhões de dólares. Portanto, as vítimas de pilhagem vêem-se forçadas ainda a enfrentar uma dívida irresgatável.

E como se formam as relações económicas entre a União Soviética e os países da África?

Enquanto os EUA investem recursos para obter superlucros e imobilizar politicamente os seus parceiros africanos, o nosso Estado propõe

aos países em vias de desenvolvimento um sistema de relações mutuamente vantajosas. Estas relações desenvolvem-se rapidamente e o ritmo da sua evolução poderia ser ainda mais alto – o que corresponderia aos interesses de ambas as partes.

Na década de 60, o volume da colaboração económica entre a URSS e os Estados africanos aumentou mais de três vezes, e na década de 70, quase quatro vezes. O nosso país fornece-lhes máquinas, equipamento e outras mercadorias destinadas, sobretudo, à produção, diminuindo, desta forma, a dependência destes Estados em relação ao mercado monopolista dos países capitalistas e ajudando a criar a sua própria economia moderna. Ao mesmo tempo, a União Soviética adquire nestes países produtos da agricultura tropical, matérias-primas minerais, produtos da jovem indústria nacional, inclusive os fabricados nas empresas construídas com a ajuda da URSS.

No processo de desenvolvimento da colaboração económica, o nosso país procura contribuir, antes de mais, para a consolidação do sector estatal. Mais de três quartos do volume da colaboração entre a URSS e os Estados africanos correspondem à indústria e à produção de energia.

Uma importante esfera desta colaboração é a preparação dos quadros nacionais para os Estados africanos. Só nas empresas construídas em África com a ajuda da União Soviética foram preparados mais de 150 mil operários qualificados. Em 1982, nos países deste continente funcionavam 72 centros de ensino técnico-profissional que preparavam operários das profissões mais comuns. Estes centros foram construídos com a ajuda da URSS e em muitos deles leccionam especialistas soviéticos. Além destes centros, funcionavam sete escolas secundárias especializadas e colégios. Com a ajuda soviética em África foram construídos e munidos de tudo o necessário nove estabelecimentos de ensino superior.

Nos últimos anos, aumenta o número de estudantes africanos especialmente enviados para determinadas escolas superiores soviéticas a fim de adquirir aí profissões necessárias nos objectos que foram ou estão a ser construídos com a ajuda da URSS.

O aspecto que a África terá no ano 2000 é determinado também pelos soviéticos que trabalham nos países africanos, assim como pelos professores e estudantes soviéticos que prestam permanentemente ajuda aos seus colegas de estudo africanos. Esta é uma importante contribuição para a resolução da mais importante tarefa com que África irá deparar amanhã, ou seja, a preparação dos quadros que poderão substituir o pessoal estrangeiro. O aspecto da África de amanhã é determinado também aqui, na URSS, no processo deste trabalho e estudo quotidiano.

CAPÍTULO I

ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Iúli Gamaleia[1]

FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE UM GEÓLOGO

Em 1960 foi proclamada a independência do Daomé e já a partir de 1975 nos mapas políticos em vez de Daomé aparece um outro nome, República Popular de Benim. Após uma longa escaramuça em torno do cargo de presidente e cinco golpes de Estado, o país escolheu a orientação socialista.

A república quer ter a sua própria produção de matérias-primas e descobrir jazigos de minérios no seu território nacional. Eis, porém, o que aconteceu: nos países vizinhos existem diamantes, estanho e minério de níquel, a Leste está situada a Nigéria, o maior produtor de petróleo da África, enquanto o território de Benim parecia estar destituído de tudo. As riquezas minerais

[1] O geólogo Iúli Nikoláevitch Gamaleia percorreu o nosso país de Norte a Sul, de Leste a Oeste, tendo efectuado, além disso, três campanhas em Cuba e duas em Benim. Ele é candidato a doutor em geologia e mineralogia e autor de mais de 40 obras especializadas.

Este seu diário foi publicado inicialmente na revista *Ásia e África Hoje*, em 1981. Neste mesmo ano, o chefe do grupo de prospecções geológicas I. N. Gamaleia morreu tragicamente quando atravessava, durante uma expedição, os rápidos do rio Ulha, no território de Khabárovsk.

reduziam-se, praticamente, a um pequeno jazigo de ouro. É verdade, porém, que a prospecção de minérios num país com relevo aplanado e com um poderoso manto de laterita argilosa é uma tarefa extremamente difícil. Os antigos colonialistas compreendiam isso e para não correr o risco não se empenhavam muito em prospecções. Estavam perfeitamente satisfeitos com um país de palmeiras arecíneas, de amendoim e de algumas outras culturas tipicamente coloniais. Só nos últimos anos o povo de Benim começou a estudar o subsolo do seu país com a ajuda da União Soviética. Os geólogos soviéticos, incluindo o autor deste diário, fizeram aí várias séries de prospecções.

Caminho para o Norte

Não havia tempo para ver Cotonu, a principal cidade do país, tivemos de partir imediatamente para o interior.

Em Benim existem duas estradas asfaltadas. Uma delas, emoldurada por palmeiras arecíneas passa muito perto da margem do golfo da Guiné, como que temendo perder-se. O ar húmido e tenso desta região recende a praias arenosas, que fazem lembrar o brilho dos prospectos turísticos. A outra, corta a floresta tropical e a savana, avançando para o Norte. Ela está ainda na fase de reconstrução e alguns dos seus sectores estão destruídos a tal ponto que a viagem por aí é um autêntico martírio. À noite, está envolvida por nuvens de fumaça: com um tremendo estrondo correm enormes carros de transportes internacionais adornados como árvores de Natal com

grinaldas de faróis. À beira da estrada vêem-se monumentos tristes do descuido fatal: "Bartlet's", "Renault's" e outros carros virados e queimados...

O estilo de vida em que há muitos traços provenientes, evidentemente, da Europa fica para trás, no litoral, nas cidades maiores. Quanto mais se avança para o Norte, tanto mais a savana adere à beira do asfalto, tanto mais admirável é o modo de vida, tanto mais próximo ele é do passado.

Pequenas cidades situadas ao longo da estrada do Norte fazem lembrar os antigos reinos africanos. Desde épocas imemoráveis, as casas eram construídas aí de barro e palha, por isso o sol implacável e as chuvas torrenciais destroem tudo irremediavelmente. Com efeito, em Benim quase não existem monumentos do passado remoto, excepto o palácio de Abome e algumas relíquias conservadas no museu do Porto Novo. Mas as cidades e aldeias destruídas pelas chuvas tropicais erguiam-se novamente nos seus antigos locais, conservando os seus nomes e transmitindo da geração em geração os métodos de construção, utensílios domésticos e rituais tradicionais.

De acordo com as lendas (a história escrita do país por enquanto é muito jovem), muitos reinos foram criados por pessoas oriundas da actual Nigéria. Há cerca de 3300 anos atrás, o Norte do país foi invadido por cavaleiros com a larga cicatriz na face esquerda, que usavam chapéus redondos e estavam armados com dardos e sabres. Foram eles que fundaram o reino de Niki em torno da cidade do mesmo nome.

De repente, da erva alta e branca saiu um velho de manto folgado e branco, que lhe chegava aos calcanhares, e dirigiu-se directamente ao nosso carro. O homem tinha nas mãos um bule de chá coberto de fuligem e um guarda-chuva japonês dobradiço e na cabeça, um chapéu-capacete redondo, o mesmo daquela época. Uma cicatriz em forma de lanceta cortava a sua face esquerda. Pediu para que o levássemos a Paraku, onde se encontra um dos maiores e mais ricos mercados do país. A população desta cidade comercia desde há muito com os países longínquos. Daí o nome da cidade, que significa "o que vem de longe".

Logo a seguir limites das grandes cidades, desaparecem as vivendas, a electricidade, os aparelhos de ar condicionado e a água canalizada. Um frigorífico a gás, meio-asfixiado, procura em vão resfriar garrafas de cerveja local nas raras cantinas situadas, sobretudo, junto das estradas mais ou menos movimentadas. Recorda-se com tristeza o nome profético do café situado junto da saída da cidade de Paraku: "A última chance".

A autêntica savana, coberta de mato, começa junto das estradas vicinais, poeirentas e acidentadas durante a estação seca, e quase intransitáveis na época das chuvas. Estes caminhos dividem-se, como a trança de uma jovem, em atalhos estreitos que levam às aldeias mais longínquas, atravessam zonas desabitadas ou terminam nos locais tradicionais de caça e de pesca. Todo o atalho está cortado por sulcos polvilhados de areia cor-de-rosa. São rastos da bicicleta, o meio de transporte mais usado nesta região. Mas por mais cómodos que sejam os atalhos, eles existem só até ao início da estação das chuvas. É impossível defendê-los contra a erva

implacável, que cresce com uma velocidade fantástica. Já em Julho, a sua altura chega em alguns locais a um metro e meio e o atalho fica debaixo de um oceano verde-azul.

A savana, pobre em tintas e matizes, durante a estação seca é um mar vermelho, amarelo ou carminado. Mesmo a olho nu se sente como é seca e movediça esta cor de laterita. As estradas são vermelhas. O pó vermelho, ao qual não é possível escapar, cobre-nos o rosto. Choças de barro têm uma cor vermelha pardacenta. Mais tarde aparece a cor branca amarelada, é a erva já seca que cobre o céu, as árvores e o seu próximo passo. Neste mundo branco e amarelo pode-se apenas nadar devagar, sem qualquer esperança de sair, abrindo caminho com as mãos e sentindo o pó quente e amargo cobrir todo o corpo.

Fogo e água

A partir dos fins de Dezembro, as pessoas deitam fogo à savana para que os homens e os rebanhos possam passar e possam ser feitas as plantações. O fogo, que aparentemente estava escondido em cada caule de erva, irrompe instantaneamente erguendo para os céus a sua cabeça negra. Quando o fogo começa a urrar, vê-se, de repente, como era densamente povoada a erva seca: voam para todos os lados os grilos, correm em pânico aves com asas vermelhas e caudas em forma de lira, fogem com brados alarmados bandos de macacos.

Nesta região não existem árvores coníferas. É provavelmente por isso que os habitantes locais não temem o fogo e lançam-no bem perto

das suas choças. No entanto, as crianças vigiam o fogo. O incêndio continua apenas até ao fim do dia. O frescor húmido matará o fogo. De manhã, as cinzas azul-negras dissipam-se debaixo dos pés. Surgem, como se a savana se tivesse lembrado novamente deles, os velhos atalhos.

Mas o homem não se detém aqui. Para queimar as árvores que ficaram no futuro campo, em torno de cada uma delas fazem-se pequenas fogueiras, mantidas em combustão lenta enquanto a árvore não cai. A terra nua parece suja e inóspita. Aí a erva não crescerá mais na época das chuvas. As bátegas transformam a terra em lamaçal. Bolhas de lama amontoam-se uma sobre outra e secam, e quem anda sobre a sua espuma frágil tem a impressão de que caminha pelo fundo de um lago seco. A savana só é protegida no território do parque do Estado; fora dos seus limites fazem-lhe guerra da mesma forma que o faziam os antepassados.

O problema fundamental das regiões centrais do país é, sem dúvida, a água. A figura mais típica nas estradas do Benim é uma mulher que equilibra na cabeça um jarro ("kalebas") cheio de água ou uma tina esmaltada com capacidade para dois ou três baldes de água. Desde meados de Dezembro até fins de Abril, no pára-brisa do nosso jipe secaram apenas duas gotas de chuva – foi apenas isso que a natureza deu. Em Fevereiro, já se podia ver o fundo de muitos poços.

Precisamente nesta época voltamos de uma das nossas viagens de prospecção. Um montão de roupas sujas que deixámos está abandonado a um canto. O operário que ficou em casa explica que no poço não há mais água. Não acreditámos, pois ainda ontem havia água. Vamos exami-

nar o poço. Em baixo só se vê a areia húmida, um sapo junto à parede e de lado, uma poça de água, que nem sequer dá para tirar com um balde. No poço privado mais próximo há uma grade de madeira, uma corrente e um cadeado. Na sua profundidade turva a água mal respira. No centro da aldeia, em torno do grande poço público revestido com betão, não há ninguém. A água talvez apareça só à noite e fique até às oito-nove da manhã. Por isso, a aldeia desperta às quatro ou cinco horas da madrugada. As mulheres vão buscar água: é preciso sair muito cedo para trazê-la várias vezes.

Nestes dias usa-se quase todo o tipo de água. A lagoa atrás da aldeia está coberta por um grosso manto de lentilha-de-água. De manhã, afastam-no para o lado para obter um pouco de líquido sujo, com um cheiro a lodo e a podridão. Aí mesmo dão de beber ao gado, molham as varas e lavam a roupa. Para conservar de algum modo a água nos riachos que secam rapidamente, abrem-se buracos directamente nos seus leitos. Mas, é claro, a água armazenada nestes "reservatórios" não dá para muito tempo. Na época seca, os operários africanos do nosso grupo deixavam de mau grado as suas aldeias. Nós, os especialistas soviéticos, podíamos obter água em qualquer aldeia, porém uma pessoa estranha, especialmente procedente da outra tribo, podia deparar com uma recusa. Para evitar os conflitos, recolhíamos todo o vasilhame à nossa disposição e trazíamos a água dos grandes rios ou das pedreiras abandonadas.

No Benim são poucos os rios em que a água corre o ano inteiro, mas alguns existem. A princípio parece esquisito que ninguém se instale nas suas margens, excepto o baixo Veme e o rio fronteiriço Níger. Tudo se tornou claro quando o nosso jipe, que durante uma hora inteira abriu caminho por entre a erva, parou à beira do leito do rio Alibori. A época das chuvas ainda não chegou, mas as nossas camisas ficaram húmidas num instante. As árvores parecem estar asfixiadas: as suas raízes grossas pendem no ar como enormes açoites. A água no rio parece imóvel. Reina o silêncio. E em toda parte enxames de moscas ferozes que conseguem picar em pleno voo.

As regiões centrais do Benim e vários países vizinhos que se dedicam, sobretudo, à pecuária, encontram-se na área afectada pela oncocerose, uma doença que ataca os olhos e o sistema nervoso. Os cegos, com os olhos totalmente vedados por uma película branca, que se encontram em muitas aldeias são suas vítimas. Os portadores desta molestia são as moscas. Agora foi iniciada a luta contra este mal sob a direcção da Organização Mundial de Saúde. O controlo médico revela os locais contaminados nos grandes rios. Uma vez por semana, um helicóptero sobrevoa, arrastando uma cauda de insecticidas, as montanhas de Atacora onde existem muitas fontes de água e o rio Perma. Está a ser organizado um sistema de exame profiláctico da população. Estes esforços já dão algum efeito, porém a vitória completa sobre a terrível doença ainda está pela frente.

Uma tela ardente nas montanhas de Atacora

A manhã começa no Benim quando ainda está escuro. O tempo aí corre mais devagar e o dia é muito mais longo. O Cruzeiro do Sul ainda se inclina tristemente junto da orla do céu, ainda não se distingue a mancha da árvore tornada branca pelas aves que pernoitam nela, ainda não acabaram de cantar os galos, mas os homens já estão a pé. Estas horas matutinas são caras: enquanto está fresco pode-se chegar à plantação e começar a trabalhar. Aliás, em Janeiro e Fevereiro o frescor matutino transforma-se em autêntico frio.

Mas pelas dez-onze horas, quando o Sol aquece tudo em derredor, a gente compreende que é preciso diminuir o ritmo. Antes de mais, sentem-no os músculos e a garganta ressequida. Um habitante local jamais irá trabalhar a um ritmo demasiadamente alto por simples razão de instinto: tem de viver debaixo deste sol não um só dia, mas a vida inteira. Parece que um beninse pode adormecer ao meio-dia, em qualquer lugar, por mais incómodo que seja. Quando as ovelhas, com os olhos revirados como em desmaio, ficam entorpecidas na sombra ilusória de um muro de barro e parecem estarem prestes a cair, os homens dormem no chão, perto das casas, nas varas, postas debaixo de uma mangueira, no chão de cimento, nas raízes nodosas de um baobá, na poeira da praça do mercado.

Porém jamais vi os povoados dormirem durante a noite. Nas grandes estradas, o pequeno comércio continua à luz de lanternas e de lamparinas. Em toda parte vêem-se clubes pequenos e

barulhentos. Ouve-se o ruído de motocicletas, o batuque do tantã... O tempo corre lento no Benim. É por isso que às vezes é difícil adaptar-se ao ritmo local.

Aparentemente, todos os instrumentos de trabalho mais racionais, que exigem gastos mínimos de forças e de trabalho, já foram inventados há muito. A maioria dos camponeses trabalha da mesma forma que os seus antepassados, sem introduzir nada de novo no processo há muito habitual. Existem, é claro, grandes cooperativas, existem tractores, incluindo os soviéticos "Bielarus", mas tudo isso são apenas os germes do novo. E é preciso tempo para que eles se fortaleçam realmente.

A terra é cavada à enxada, lavrada com um arado feito de um troço de árvore. Paredes escoradas por um tronco de árvore ou por um maciço de laterita... Parece que as pessoas pensam mais ou menos assim: "Ah, não importa, de qualquer maneira teremos de ir embora amanhã! Vamos resolver o problema de alguma maneira, sem inventar muito, que tudo continue na mesma".

Certa vez estive a examinar através de uma lupa binocular pequenos grãos de ouro. O ouro africano é sempre de alta qualidade. Os seus grãos brilhavam, e a rugosidade atribuía a este brilho um ar quente. Neste momento tive a ideia de interessar os operários pelo trabalho em que estavam empenhados.

Chamei um cavador, julgando que para este seria especialmente agradável ver os frutos do seu próprio trabalho, pois os blocos de quartzo que se transformaram em grãos de ouro tinham sido retirados precisamente da sua vala. Ele exa-

minou atentamente os grãos, mas depois meneou a cabeça e pronunciou uma frase esquisita: "Brancos, isto não é bom!"

Interessado, comecei a pedir explicações, mas o operário alegou conhecer mal o francês e apenas repetia sorrindo: "Branco, isto não é bom!". Eu talvez tivesse esquecido esta conversa se não fosse um encontro que tive na estrada. Um africano idoso aproximou-se do nosso carro parado. Trazia as mãos apoiadas num bastão que lhe assentava nos ombros, fazendo lembrar asas. Levantou para o céu o seu rosto alegre com os olhos semicerrados e com migalhas de tabaco coladas junto aos lábios, para ver o avião cujo ruído se ouvia, mas não conseguiu perceber o aparelho. Saudámo-nos, depois o homem acrescentou mais alguma coisa. "Ele diz, traduziram-me, que vocês, os brancos, sabem fazer tanta coisa, até voar, mas isto não é bom!" O homem continuava a olhar para o céu e a sorrir. O jovem que me traduziu esta frase, graduado de um liceu de Cotonu, também sorria, mas com um certo ar de embaraço, como que a pedir desculpas pelo compatriota.

Agora era simplesmente indispensável explicar tudo e eu comecei a perguntar novamente o nosso cavador de valas:

– Mas como é isso? O que não é bom? Ora, quando está doente, você vai ter connosco e pede o remédio que os brancos inventaram. Você toma com prazer um carro para viajar para a cidade, mas este carro foi projectado e fabricado pelos brancos. Você tem a tiracolo um transístor e nunca o larga, mas qual é o rótulo que ele ostenta?

– Sim, sim...

– E porque diz isso?

– Sim, um remédio é bom. Um carro, um receptor, também é bom. Mas os brancos não é bom. Eles sabem muito; eles sabem demais.

Ele reconhecia que uma ou outra coisa em separado era boa, mas refutava persistentemente o impetuoso progresso técnico geral da civilização moderna. Talvez porque isso ameaçasse o correr habitual da vida? Ou o ferrete do colonialismo tivesse queimado tão profundamente a memória do povo, que um prazo de vinte anos seria demasiadamente pequeno para se curar?

Naturalmente, nem todos pensavam assim. Os jovens, especialmente os que viviam nas cidades, os liceais mais crescidos procuravam apaixonadamente aprender alguma coisa connosco. "Depois de concluir o curso no liceu, vou para a Universidade de Moscovo. Deixe-me sem falta o seu endereço".

Aconteceu também isso.

O novo e o velho chocam-se na savana formando contrastes pasmantes. Um caçador com arco, o mais comum, do mesmo tipo que os nossos meninos fazem durante o Verão, a deslizar silenciosamente de bicicleta, como um fantasma, por um atalho que corta a zona desabitada. Era preciso imaginar apenas que neste mesmo momento no cosmos voa uma nave e dois rapazes que trabalham nela já há vários meses vêem nos intervalos entre as nuvens a mancha branco-vermelha da savana... Mas como interpretava tudo isso o caçador que deslizava silenciosamente?

Os geólogos soviéticos procuravam diminuir, quanto podiam, este "abismo entre as épocas". Em 1980, nos montes de Atakora apareceu pela primeira vez o cinema. À noite, na escuridão ne-

gra da savana, acendia-se bem alto o rectângulo branco e deslumbrante da tela de cinema.

Avistava-se de longe e a gente das aldeias vizinhas ia lá a pé e de bicicleta. Quem via tudo isso das montanhas, tinha a impressão de que pela savana flutuavam discos cor de laranja – eram lâmpadas de querosene que as pessoas seguravam nas mãos para iluminar o caminho.

A maioria dos filmes eram documentários – sobre a revolução, a guerra, a construção de pós-guerra, sobre as nossas dificuldades e êxitos. Partiam os foguetões cósmicos. Iúri Gagárine saudava os espectadores descalços com o seu sorriso um pouco tímido e de rara bondade.

O locutor lia o texto em francês que, infelizmente, poucas pessoas compreendiam: em muitas aldeias são faladas apenas as línguas locais que diferem tanto entre si que muitos habitantes do país não conseguem frequentemente compreender-se uns aos outros. Mas assistiam com paciência e atenção. Quem sabe o que interessava as pessoas que provavelmente pela primeira vez na vida assistiam a um filme? É bem possível que para uma parte dos espectadores a acção que se desenrolava na tela fosse algo irreal, algo do "além", algo semelhante às nossas noções dos "antimundos". No entanto, a tela deslumbrante preparava a consciência para assimilar o que tinha visto como algo concreto, uma realidade existente para todos, como os rebentos de milho ou as rochas azuis atrás da aldeia.

A cor da pele nota-se logo e como é lógico nós éramos considerados, antes de mais, como brancos, os "batule". Mas com o tempo surgiu a impressão e mais tarde também a convicção, de que não somos simples "batule", que começa-

mos a ser identificados com o nosso país.

A gente já sabe donde nós somos. Na cidade de Sinende, veio visitar-nos o secretário da prefeitura. Ele esteve em Moscovo, assistiu à parada na Praça Vermelha, sabia algumas palavras russas e gritava com todo o prazer: "Como vai? Bem? Está frio, não?" O veterinário de Paraku também não pôde deixar de visitar-nos. Ele estudou na União Soviética, falava perfeitamente o russo, recordava colegas de estudo, nomes das ruas moscovitas, até os números dos autocarros e, novamente, amigos, amigos... Vinham os jovens professores das escolas rurais. Para eles tudo era interessante. As nossas conversas tornaram-se uma continuação daquilo que a tela dos montes de Atakora desvendava.

* * *

Quando chegou a hora de regressar à patria, a minha vista já estava um tanto embotada, mas, mesmo assim, no caminho de volta notei mudanças. Adiantou-se muito a reconstrução da estrada do Norte. A laguna de Cotonu estava cortada por uma nova ponte em que a gente sobe com prazer, deixando para trás inúmeros ciclistas. No país foram realizadas eleições, no poder estava um governo civil. "Imperialismo, fora da África!", "O marxismo é a nossa via, o leninismo é a nossa bússola!", afirmam os cartazes fixados nas ruas mais movimentadas da cidade. Erguem-se novos prédios de muitos andares. Um navio soviético está a ser descarregado no porto.

No litoral, o ritmo da vida cresce visivelmente. Talvez em breve as suas ondas abranjam,

também, os atalhos vermelhos da savana, onde recordam o rectângulo ardente da tela, do qual Moscovo falava ao caçador ligeiro armado de arco e flechas.

Valéri Vólkov[1]

O COBRE : DESGRAÇA E ESPERANÇAS

O enorme bloco de minério de cobre coberto com azinhavre verde que serve de fundamento para a fonte na principal sala do aeroporto é um "cartão de visita" peculiar da Zâmbia. A atitude tão respeituosa em relação ao metal vermelho neste país não deve surpreender ninguém: o cobre é a principal riqueza do país. A Zâmbia é o maior exportador de cobre em África e um dos maiores no mundo. O cobre proporciona ao tesouro estatal mais de 90% de todos os ingressos de divisas estrangeiras e continua a ser uma das mais importantes fontes de financiamento dos planos nacionais de desenvolvimento. Praticamente, toda a economia da Zâmbia assenta num "fundamento de cobre". No entanto, a história da extracção deste metal na Zâmbia não é muito antiga. Diz a lenda que em princípios do nosso século um certo caçador,

---

[1] Valéri Vassílievitch Vólkov foi no período de 1977 a 1981 correspondente do jornal *Pravda* nos países da África Austral, tendo visitado durante este período Angola, Moçambique, Congo, Zâmbia, Tanzânia, Zimbabwe, Botsuana, Lesotho e outros países da região.

Este ensaio foi publicado pela primeira vez no semanário *Za rubejom*, № 35, 1980.

empenhado em perseguir nas margens do rio Luanchia um bando de antílopes com cornos em forma de sabre, chamados "roan", foi parar à região onde se ergue agora uma estela de cobre. Um tiro certeiro derrubou o antílope, que caiu numa rocha com veios incomuns de cor verde esmeralda. Esta rocha atraiu a atenção do caçador e ele levou consigo um dos seus fragmentos, como recordação. Mais tarde, os especialistas determinaram que neste local sai à superfície da terra uma camada rica de minério de cobre.

Quem percorre hoje a província em que estão concentradas as explorações de minério de cobre, às vezes nem sequer acredita que outrora este foi um reino intacto de mangues e de pântanos. Presentemente, uma parte obrigatória da paisagem africana são os contornos das instalações industriais. Hoje em dia, a faixa de cobre da Zâmbia consiste de uma cadeia ininterrupta de empresas industriais, montões de desentulho fumegante, uma rede de caminhos-de-ferro e de telhados enfumaçados das casas dos mineiros e metalúrgicos. Este complexo industrial cresceu na base dos riquíssimos jazigos de minério de cobre.

A mina denominada "Roan antilope" faz lembrar o caçador afortunado de Luanchia. A mina pertence à companhia "Roan Consolidated Mines Ltd", que promove aí juntamente com uma outra companhia, a "Nchanga Consolidated Copper Mines", a extracção de cobre, cobalto, zinco e chumbo. Na época em que a Zâmbia figurava ainda na lista das possessões inglesas como Rodésia do Norte, os colonialistas eram donos absolutos das suas riquezas subterrâneas. Logo após a proclamação da independência do

país, o Estado estabeleceu o seu controlo sobre estas companhias. Nos documentos oficiais do governo não se utiliza por este motivo a palavra "nacionalização". O governo da Zâmbia apenas adquiriu às companhias mineiras o controlo accionário, tendo conservado, no entanto, a participação do capital estrangeiro neste sector da indústria. Graças a esta medida, foram consolidadas as posições gerais do sector estatal na economia nacional e estabelecido o controlo sobre a exploração das riquezas naturais do país.

Durante a viagem pela Faixa do Cobre, tivemos a oportunidade de estudar o relatório anual da companhia "Nchanga Consolidated Copper Mines" de 1979. O documento começa pela declaração do presidente da direcção desta companhia F. Kaunda, cuja primeira frase anuncia que durante a segunda metade do ano fiscal findo a companhia começou novamente a obter lucros. Estas palavras são muito significativas.

Os últimos anos foram, com efeito, difíceis para a Faixa do Cobre e para toda a economia do país. A indústria mineira da Zâmbia, orientada pelos mercados ocidentais, começou a deparar com grandes dificuldades em consequência da crise económica no mundo capitalista. A partir de 1974, começou a diminuição da procura do cobre, os seus preços diminuíram, verificou-se a acumulação dos restos não realizados deste metal. Além disso, a Zâmbia teve de enfrentar os seus próprios problemas. Acções hostis por parte dos racistas rodesianos e sul-africanos contra a república criaram novas dificuldades. Nestas condições, a Zâmbia teve de rever várias vezes os seus planos de desenvolvimento e introduzir neles emendas devido à falta de recursos orçamen-

tários. Agora os zambianos olham o futuro com mais confiança e as perspectivas de desenvolvimento do seu principal centro industrial, a Faixa do Cobre, parecem mais optimistas, o que se deve à influência de factores tanto económicos como políticos. A subida dos preços mundiais do cobre, que começou em fins de 1978, e o aumento brusco dos preços do cobalto aumentaram os rendimentos do país. Após a vitória dos patriotas do Zimbabwe consolidou-se também a situaçao política da Zâmbia. Ao mesmo tempo surgiram novas possibilidades para a penetração dos produtos da sua exportação nos mercados mundiais.

A indústria mineira depara com sérios problemas devidos à falta de investimentos indispensáveis para a sua modernização. Sente-se a falta aguda de quadros qualificados: segundo os cálculos dos dirigentes das companhias mineiras do país, actualmente este ramo necessita de mais de 600 engenheiros. Em resultado disso, a produção de cobre não aumentou, embora a Zâmbia tivesse aumentado a extracção de cobalto, de chumbo e de zinco. O seu volume físico, inclusivamente, diminuiu: em 1978 o país produziu 656 mil toneladas de metal vermelho, mas em 1979 este volume diminuiu para 585 mil toneladas. É verdade, porém, que graças ao aumento dos preços, a quota da indústria mineira no produto nacional global de 1981 aumentou e a conjuntura favorável do mercado mundial permitiu ao país elevar as receitas em divisas estrangeiras obtidas com a venda do cobre. No entanto, os prognósticos do estado do mercado mundial dos metais não ferrosos nos próximos anos indicam que é possível uma nova diminuição dos preços deste produto. Todos estes paradoxos mostram mais uma vez a dependência da Zâmbia em relação ao mercado capitalista, pois os principais parceiros comerciais da república são, tal como antes, os maiores países capitalistas: os EUA, a Inglaterra e o Japão. Os fenómenos críticos do sistema capitalista continuam a influenciar a economia da Zâmbia. A indústria do cobre deixou de ser um ramo que proporciona lucros ao Estado e agora só acarreta prejuízos. O presidente Kenneth Kaunda frisou reiteradas vezes que para o país é nociva a dependência em relação à exportação do cobre e exortou a diversificar a economia.

A grande central hidroeléctrica construída no rio Kafue, o oleoduto que se estende do litoral do oceano Índico até à Faixa do Cobre, uma refinaria de petróleo, uma grande mina de carvão e outras empresas industriais constituem uma boa base para o desenvolvimento da indústria energética. Foi dado o primeiro passo na esfera da produção de artigos de cobre manufacturados: a fábrica "Luanchia" organizou a produção de cabos eléctricos, de arame e de outros artigos electrotécnicos. Foi construída uma refinaria de açúcar, uma moagem, fábricas têxtil, de vidro e de tijolos, uma empresa química e uma empresa de montagem de automóveis. A indústria local começou a fabricar centenas de novos tipos de mercadorias que eram anteriormente importadas. Os zambianos consideram, porém, que estes são tão somente os primeiros passos pela via da libertação da dependência económica. Por enquanto, o país vê-se forçado a apoiar-se na ajuda externa que provém, sobretudo, dos países capitalistas desenvolvidos e das organizações internacionais

controladas pelos Estados imperialistas. A concessão desta ajuda resulta no aumento da dívida externa. O plano de desenvolvimento da economia da Zâmbia para o período de 1980 a 1984, aprovado pela sessão do Conselho Nacional (plenário) do partido governante UNIR e pelo parlamento da república, prevê o incremento de todos os ramos da indústria mineira. A taxa anual de aumento da produção neste sector deve ser igual a 2,5%. Chama a atenção o facto de que a produção de cobre deve aumentar apenas em 0,6%.

Partíamos da Faxia do Cobre à noitinha. Nas proximidades de Ndola, perto da estrada, trabalhavam buldozeres pesados abrindo uma nova estrada paralela à antiga, que já era demasiadamente estreita para esta região. O problema dos transportes é em geral um dos pontos fracos da economia do país.

Numa mesma atrelagem

As dificuldades no sistema de transportes, que foram a causa de uma situação perigosa para a economia do país, fizeram com que o governo da Zâmbia abrisse o caminho-de-ferro meridional, que atravessa o Zimbabwe, muito antes da proclamação da independência deste país.

Alguns países ocidentais procuram regatear por meio da chantagem e da pressão concessões políticas e impelir a república para a via do anti-sovietismo. Os monopólios diminuem artificialmente o preço do cobre zambiano por meio de maquinações na bolsa de valores de Londres. O capital monopolista mantém artificialmente o défice da balança comercial da Zâmbia, forçando o governo desta república a pedir-lhe créditos e empréstimos em condições leoninas. Ultimamente verifica-se a saída de numerosos especialistas estrangeiros do país.

A reacção local também procura permanentemente aproveitar os problemas económicos com que a Zâmbia se defronta.

Elementos corruptos e a nobreza tradicional, estimulados do estrangeiro, lutam abertamente contra a estratégia política do UNIP, exigindo a liquidação do sector estatal, a renúncia à colaboração com os países socialistas e o fim da ajuda aos movimentos de libertação nacional na África Austral. Este programa antipopular não teve amplo apoio.

Porém, a reacção não depôs as armas. Por isso, nas paredes das casas residenciais e das instituições estatais estão colados cartazes que exortam a população a exercer a vigilância. Nos intervalos entre os seus programas, a televisão adverte: "Examine cuidadosamente qualquer objecto suspeito que se encontra perto de você. É possível que seja uma bomba colocada pelos racistas. Informe imediatamente a polícia sobre quaisquer acções suspeitas de pessoas desconhecidas". Havia razões de sobra para semelhantes advertências alarmantes.

Na sua entrevista ao jornal *Times of Zambia*, o presidente K. Kaunda indicou que as tropas sul-africanas ocupam periodicamente diversas regiões do país, matam habitantes pacíficos, destroem diversos objectos da economia nacional e dinamitam pontes e estradas.

K. Kaunda informou que tinha convidado os embaixadores dos EUA, da Inglaterra e da RFA e exigiu deles explicações a respeito da

política hipócrita aplicada pelos seus países. Estes países fizeram um enorme alarido por causa do Afeganistão, ressalta o presidente, mas passam em silêncio a agressão da RSA contra a Zâmbia e, inclusivamente, continuam a prestar apoio político, económico e militar ao regime de Pretória.

No entanto, estas advertências não surtiram o devido efeito. Durante a primeira quinzena de Outubro de 1980, as forças de segurança da Zâmbia prenderam mais de 40 criminosos armados que tinham penetrado no território zambiano vindos dos países vizinhos. Um inquérito demonstrou que eles tinham por objectivo apoiar o golpe de Estado preparado por altos oficiais, de tendências pró-ocidentais, do exército e das forças de segurança da Zâmbia.

Os rebeldes armados foram divididos em dois grupos, um dos quais devia actuar a partir de Chilanga, situada ao Sul da capital, e outro, da região da Faixa do Cobre, situada no Norte da Zâmbia. Foi o antigo homem de negócios zambiano Elias Kaenga que efectuou o recrutamento de rebeldes entre os zambianos e cidadãos do Zaire, do Catanga. Os recrutados eram enviados a Joanesburgo (República Sul-Africana) através do Malavi, e a seguir, a Salisbúria, capital da então Rodésia. Dali os rebeldes foram transferidos para a mina de Bindura, situada aproximadamente a 80 quilómetros ao Norte da capital e lá fizeram um curso de treino. Porém, em meados de Fevereiro de 1980, quando a Frente Patriótica do Zimbabwe alcançou a vitória nas eleições, os rebeldes foram transferidos para a República Sul-Africana e dali para a Namíbia. Na opinião da Agência de Informação Zambiana, precisamente ali foi elaborado, com a ajuda da direcção sul-africana de segurança nacional e de oficiais de direcção do serviço militar de informação, o plano do golpe de Estado, que previa o ataque armado contra a residência do presidente K. Kaunda, contra o aeroporto internacional de Lusaca, residências dos comandantes das forças aéreas e terrestres e contra a emissora de rádio estatal do país. Dois dias antes do golpe planeado, os sul-africanos mandaram através do rio Zambezi duas lanchas com armas e munições para apoiar desta forma os conspiradores.

"A rede de espionagem da República Sul-Africana na Zâmbia, escreveu a revista *New African*, foi criada há muito tempo. Sabe-se que instrutores militares da República Sul-Africana treinaram outrora os bandos de um certo Muchalla que praticava actos de sabotagem no território da Zâmbia. A partir de Março de 1979, frisa a revista, as manobras militares cederam lugar a tentativas mais grosseiras de provocar a desestabilização por meio de ataques militares directos a este país e mediante a preparação de uma operação com o fim de derrubar o governo legítimo da Zâmbia".

A política externa da Zâmbia visa apoiar a justa causa dos patriotas da África Austral, o que provoca o ódio dos racistas e dos seus cúmplices. Porém, o governo da república, como declaram os seus dirigentes, está plenamente decidido a aplicar também no futuro uma política anti-imperialista activa. Ao fazer uso da palavra num dos comícios, K. Kaunda exortou os operários, os camponeses e a juventude a consolidar com o seu trabalho abnegado e com a sua vigi-

lância a capacidade de defesa do país e ajudar o governo a vencer numerosas dificuldades, defender a independência e a liberdade do país e as conquistas progressistas do povo zambiano.

Dificuldades do crescimento

No início da avenida da Independência, principal rua de Lusaca, que atravessa a capital zambiana do Leste para o Oeste, fica uma enorme praça. No seu centro, por entre as flores de cor vermelho-escarlate, ergue-se o monumento em homenagem aos combatentes pela liberdade da Zâmbia: um africano musculoso que rompe as cadeias. No pedestal está gravada uma mão sustentando um facho e a inscrição: "A liberdade". Vi o mesmo facho gravado numa chapa de bronze junto da entrada da sede do UNIP.

– O facho da liberdade, disse B. Litana, membro do Comité Central do UNIP, tem um significado não puramente simbólico. Ele como que acentua a aspiração do nosso país de abrir o seu caminho para o futuro.

J. Bob Litana, um homem enérgico de cinquenta anos, é um dos fundadores do UNIP e um correligionário fiel do seu presidente K. Kaunda.

– Como se sabe, a Zâmbia obteve a independência em 24 de Outubro de 1964, prosseguiu ele. Festejamos este dia todos os anos. Porém, na minha memória ficaram gravadas solenidades dedicadas ao décimo quinto aniversário da proclamação da república, que foram comemoradas amplamente em todo o país. Os principais festejos foram realizados na capital. O mais notável entre eles foi provavelmente o desfile de que, juntamente com os adultos, participaram crianças na idade de 15 anos, coetâneos da independência da república.

Quem compara a Zâmbia de hoje à Rodésia do Norte colonial (tal era o nome da Zâmbia antes da proclamação da independência) pode ver importantes mudanças. Posso mencionar, como exemplo, as impressões do primeiro ministro federal da Rodésia do Sul e do Norte Roy Welensky suscitadas pela viagem através do nosso país. Ele esperava ver a antiga Rodésia do Norte, as ruas estreitas e poeirentas da sua capital, onde havia poucos edifícios grandes e escolas. Em vez disso, conheceu a nova capital do nosso país, Lusaca, uma cidade que cresceu muito nos últimos anos e em que se encontram numerosas escolas, hospitais e diversas empresas industriais. Viu uma magnífica Universidade, que não tinha nenhum equivalente na época colonial. Ficou também pasmado com o facto de que as nossas mulheres gozavam dos mesmos direitos que os homens e podiam ocupar importantes cargos políticos. Algumas delas dirigem ramos inteiros da economia. Os nossos êxitos impressionaram tanto R. Welensky, que ele não conseguiu conter a sua admiração. Foi muito agradável ouvir semelhantes referências de uma pessoa que pouco antes disso afirmava que os africanos ainda não estavam aptos para dirigir independentemente o seu país.

Seria naturalmente um exagero afirmar que os êxitos foram alcançados em todas as esferas. Porém, as nossas dificuldades são um processo natural do crescimento de qualquer jovem Esta-

do. O mais importante é que não nos entregamos ao optimismo falso.

Ao falar da política externa da Zâmbia, convém assinalar que somos um país não alinhado, lutamos pela não intromissão nos assuntos internos dos outros países e consideramos que cada Estado tem o direito de resolver independentemente os seus problemas internos. A África não conquistará a verdadeira liberdade enquanto não se livrar definitivamente do jugo do colonialismo e do racismo. Compreendemos perfeitamente que a libertação dos povos da África Austral não pode ser alcançada imediatamente, mas acreditamos que cedo ou tarde este objectivo será alcançado. Não podemos sentir-nos plenamente livres, enquanto os nossos irmãos e irmãs nos países vizinhos são tratados como escravos. A nossa independência é incompleta sem a independência de todos os povos da África Austral. Aguardamos com impaciência o dia em que os povos irmãos da Namíbia e da África do Sul se libertarão do jugo racista.

Não temos dúvida de que estes povos só poderão alcançar a liberdade por meio da luta armada. O nosso país tentou contribuir para a promoção das conversações sobre a paz com os representantes dos regimes racistas. Mas apesar do exemplo do Zimbabwe, é extremamente difícil despertar o bom senso dos racistas sul-africanos. Em resultado disso, as conversações sobre a Namíbia ficaram, por sua culpa, num beco sem saída. Portanto, os patriotas da Namíbia não têm outra via para a consecução da liberdade senão a luta armada e nós continuaremos a prestar-lhes apoio nesta luta. Como se sabe, a Zâmbia foi durante muitos anos um alvo de ataques

encarniçados por parte dos opressores rodesianos que bombardearam cidades e povoados pacíficos do país sob o pretexto de perseguição aos guerrilheiros; na realidade, os seus golpes eram dirigidos contra os refugiados – partidários da Frente Patriótica do Zimbabwe. Estes actos de sabotagem dos racistas causaram um grande prejuízo à economia do país. As obras de restabelecimento das pontes, estradas e estações ferroviárias continuam ainda hoje. Parecia que após a proclamação da República do Zimbabwe, o país podia continuar a realizar tranquilamente os seus planos económicos pacíficos. Mas isso não aconteceu. A imprensa zambiana informa quase todos os dias sobre novos e novos actos de agressão da RSA contra a Zâmbia. Ultimamente, os caças da força aérea sul-africana invadiram reiteradas vezes o espaço aéreo deste Estado soberano. Tropas terrestres da República Sul-Africana atravessaram várias vezes a fronteira com a Zâmbia reprimindo impiedosamente os habitantes pacíficos.

Pela via da cooperação

– Eu sei, prosseguiu B. Litana, que certos círculos condenam a Zâmbia pela cooperação com a URSS, Cuba e outros países socialistas. Não tememos esta condenação, mas, pelo contrário, orgulhamo-nos da nossa independência na realização da política externa soberana. Sabe-se que ninguém condena outros Estados quando prestam ajuda aos países africanos. Mas quando o fazem a URSS ou Cuba, surgem imediatamente boatos sobre a chamada "intromissão". Con-

sideramos que a ajuda aos patriotas que lutam pela consecução da liberdade e da independência pode partir de qualquer país.

As relações entre a Zâmbia e a URSS, declarou finalizando B. Litana, são muito boas e eu creio que elas terão ulterior desenvolvimento. Sabemos que a URSS é uma defensora autêntica dos direitos do homem e que este país sempre presta um apoio eficiente aos movimentos de libertação nacional. Alegramo-nos sinceramente de que este país seja nosso amigo, pois os nossos pontos de vista a respeito de muitas questões coincidem. Os Estados que aplicam a mesma política devem ser aliados e apoiar-se uns aos outros.

Sabemos que a União Soviética e outros países socialistas estão do lado dos povos da África do Sul que lutam pela sua liberdade e nehuma propaganda hostil pode diminuir a importância deste apoio. Sabemos que a URSS foi e continua a ser amigo fiel dos povos oprimidos.

Nikolai Barátov[1]

NOMES SOBRE UM FUNDO AMARELO

Os cartógrafos modernos, da mesma forma que os seus colegas do passado remoto, não necessitam dar provas da inventividade milagrosa para que no mapa do Níger os nomes geográficos não fiquem sobrepostos uns aos outros. Apenas a Gronelândia e as duas calotas gélidas da Terra, o Árctico e o Antárctico, podem disputar ao Sara o título de região mais destituída de sinais convencionais e de nomes geográficos e a monotonia do colorido.

Bem no centro da vasta mancha amarela, vê-se um pequeno círculo e letras miudas que formam a palavra "Agadés". Que nome admirável!

---

[1] Nikolai Andréevitch Barátov é jornalista especializado em problemas internacionais. Foi correspondente da agência TASS na República Popular do Benim e na República do Togo, esteve em 10 países da África Ocidental e Central, fez a cobertura das grandes conferências internacionais e regionais, do desenrolar e das consequências dos golpes de Estado na Nigéria, no Gana e no Níger, assim como das acções das tropas de guerrilha do PAIGC na Guiné-Bissau. N. Barátov é autor do livro *Ó Enigma do Jarro de Abomé* sobre a República Popular do Benim.

Os seus ensaios sobre o Níger incluídos na presente colectânea foram publicados em 1982 pela revista *Ásia e África Hoje*, editada com uma tiragem de mais de 40 mil exemplares.

Há nele um mistério e a música eterna do deserto: o silvo do vento quente, ruge-ruge da areia, o passo candenciado dos camelos e o tinir dos seus arreios. Agadés está marcada mesmo nos mapas mais gerais que normalmente menosprezam as povoações com menos de 20 mil habitantes. Se levarmos em conta que se pode viajar desta cidade em qualquer direcção um, dois, ou três dias sem encontrar uma só alma viva, compreender-se-á porque esta cidadezinha minúscula é chamada frequentemente capital do Sara.

Capital do Sara

Na principal praça de Agadés encontra-se uma mesquita do século XVI que é, provavelmente, o monumento arquitectónico mais conhecido do Níger e, talvez, de toda a África Ocidental. O seu minarete, cónico, que faz lembrar um pão de açúcar, serve de farol às caravanas que navegam neste mar de areia. O minarete é visto de longe graças a um efeito óptico esquisito: no deserto todos os objectos crescem à medida que o observador se afasta deles e um amontoado semiesparramado de penedos de algumas dezenas de metros de altura pode ser considerado de longe um monte de dois mil metros.

A altura do minarete é de 27 metros, como a de um prédio típico de dez andares. Pode-se subir a ele, mas para isso é preciso fazer um acordo com o vigia da mesquita, um homem seco, de idade indeterminada, de fez descolorido e com as mãos sempre juntas ao peito como que num regalo invisível; depois é preciso tirar os sapatos (pois é assim que o Alcorão manda) e trepar com

esforço de gatas, os degraus gastos duma escada helicoidal para se endireitar, afinal, num patamar quadrado em cima. Daí se vê toda a cidade. Portanto, se o minarete tivesse a altura da catedral de Colónia ou da torre Eiffel, não valeria a pena subir mais alto, pois de qualquer forma para todos os lados se estende ao alcance da vista um deserto monótono e plano como massa bem estendida. E só longe, ao Norte, num dia claro de sol, pode-se ver os contrafortes do planalto de Air. O que eu digo, aliás: aqui todos os dias são ensolarados. É que hoje não há simplesmente vento e a vista não é ofuscada por um denso véu de poeira que paira no ar. Por isso, as cores em redor não se apagaram e as ondas amarelo-pardas do deserto não parecem tão inanimadas.

Na praça, situada junto da mesquita, fica um mercado. Mas ao contrário dos mercados do litoral do golfo da Guiné, este não alegra a vista com a abundância de frutas e legumes. Não há nada para comprar excepto um punhado de tâmaras, duras como botões, nozes de cola, sal e pimenta. Além disso, vendem-se pós multicolores, sobretudo cinzentos, pardos e negros, em saquinhos, tigelas ou simplesmente espalhados no papel. O que seria aquilo? Temperos exóticos, tintas para o cabelo, do tipo de hena, ou remédios que desconhecemos? É difícil responder. Além disso, quase ninguém os compra. Em compensação, na vizinhança, onde está situado o mercado de camelos, o número de compradores é muito maior.

Para um nómade, um camelo não é apenas um meio de transporte, mas também um meio de existência e de sobrevivência nas condições severas do Sara. É também a carne, o leite gordo e

espesso, a lã para a roupa e para cobrir as tendas e até os remédios: as propriedades medicinais da gordura de camelo são conhecidas de há muito e a urina de camelo emprega-se como um hemostático e desinfectante. O nómade carrega no camelo todos os seus haveres, cujo peso supera às vezes 200 quilogramas, e quanto à resistência deste animal e à sua capacidade de aguentar as maiores privações, estas já se tornaram proverbiais.

No que diz respeito à capacidade de atravessar regiões mais inóspitas e destituídas de estradas, os "navios do deserto" superam incomparavelmente os potentes camiões, que chegam agora também a Agadés. Precisamente agora acaba de chegar um reboque de seis eixos; na sua carroçaria vêem-se enormes letras que formam a abreviatura da Sociedade Nacional de Transportes do Níger. O primeiro impulso é tirar uma fotografia original da série "o antigo e o novo": um camelo a cheirar o pneu do carro. Mas para que cheira ele uma coisa tão desagradável?

Entre os camelos deitados andam os compradores. Às vezes, um deles pára e começa a examinar um animal, e então o dono faz o seu camelo levantar-se. Este obedece de mau grado. A maioria dos animais pertence à espécie de "méaras", isto é, camelos velozes de uma só corcova, que podem ser utilizados para montar. Estes animais magros, com pêlo claro, cor de pastel, diferem dos seus "irmãos" destinados ao transporte de cargas pelas suas pernas compridas e secas e o pescoço longo, como o de um ganso. Depois de deixar que o examinem, um "méara" dobra imediatamente as suas enormes pernas e deita-se com um ar grave. Começa o regateio – calmo, sem pressa, gritaria, risos ou outras emoções barulhentas, habituais para os mercados africanos. Quem olha o comprador e o dono, pode pensar que são dois vizinhos que acabam de se encontrar e que conversam pela milésima vez, mas contam um a outro algo desagradável.

"Cavaleiros" ou "bandidos" do deserto?

De um modo geral, à gente do deserto não é inerente a manifestação impetuosa dos seus sentimentos: são pessoas comedidas, taciturnas e até um tanto severas.

O jovem tuaregue com quem me encontrei naquele dia no mercado de Agadés, vestia um "dokkali", isto é, larga túnica azul-branca e calças escuras amarradas nos tornozelos. Tinha na cintura um gládio largo e recto, numa bainha de couro, e no peito um enfeite pesado de prata que fazia lembrar uma pozeira e o famoso porta-moedas tuaregue, um estojo rectangular de couro estampado colorido, com duas secções: uma para o dinheiro e outra para o tabaco de mascar misturado com sal. Tinha quase toda a cabeça rapada, só no cocuruto restava uma mecha de cabelos negros e lisos, entrelaçados em várias tranças que lhe caíam na nuca.

Quando lhe pedi parar por um instante e posar em frente à mesquita, o rosto bronzeado do jovem, com nariz recto, permaneceu impassível. O silêncio é um sinal de consentimento e eu bati rapidamente várias fotografias. O tuaregue recebeu a moeda que deve ser paga nestes casos como se fosse um troco e prosseguiu a sua mar-

cha com a graça corajosa dos mosqueteiros de Alexandre Dumas, apoiando-se com o braço esquerdo no punho da espada e de cabeça erguida com um ar orgulhoso.

Os tuaregues conseguiram conservar o seu orgulho e a sua impassibilidade inatos mesmo em 1972-1973, quando a fome e a peste originadas por uma tremenda seca os fizeram deslocar-se do deserto para o Sul. Naquela época difícil podia-se encontrá-los mesmo no litoral do golfo da Guiné, onde vendiam por um preço ínfimo os seus enfeites e armas. Estes habitantes do deserto, altos, magros e taciturnos, eram estranhos no mundo pitoresco e barulhento das cidades litorâneas e as suas roupas azul-branco-pretas pareciam trajes de luto. Se um avarento propunha um preço ínfimo por um colar ou por um belo punhal feito à mão, o tuaregue sorria com um ar de menosprezo e simplesmente voltava-lhe as costas, considerando abaixo da sua dignidade regatear com um desavergonhado.

Dezenas de livros foram escritos sobre os tuaregues, sobre o seu passado misterioso, sobre os seus hábitos e modo de vida, e cada autor assinala diversos traços do seu carácter, às vezes até diametralmente opostos. Alguns falam da sua fidelidade à promessa, da sua coragem e magnanimidade, outros, da sua perfídia, arrogância e hipocrisia. Há quem chame aos tuaregues "cavaleiros do deserto", e quem "bandidos do Sara". Aliás, sobre as suas qualidades positivas escreve-se muito mais e com maior frequência. Talvez não valha a pena seguir uma via viciosa atribuindo certas qualidades de algumas pessoas a um povo inteiro. Seria mais simples e correcto afirmar que os tuaregues adaptaram-se

bem às condições severas da vida no deserto, onde sempre paira a sombra da morte. Eles vivem não graças ao mundo que os cerca, mas antes contra ele, nas condições do contacto estreito e da luta permanente contra a natureza. É esta a razão do seu carácter.

Os mais livres

Hospedei-me em Agadés no único hotel desta cidade, chamado "Air", uma casa de barro baixa, que pouco diferia das outras casas da cidade. No hotel quase não havia hóspedes. Os que vêm a esta cidade, que é o próprio coração do Sara, são turistas no primeiro e autêntico sentido desta palavra, isto é, pessoas que gastam o tempo de lazer em viagens a fim de conhecer o mundo. O calor que chega a 45 graus centígrados e a ausência total do conforto afastam daí os basbaques munidos de câmaras fotográficas e empenhados em procurar o falso exotismo e os hotéis com piscinas de natação e casinos. Via de regra, no hotel de Agadés hospedam-se os que passaram pelo Sara, a partir do litoral do Mediterrâneo, tendo atravessado a Argélia.

Uma viagem destas requer uma certa coragem. "Foram encontrados mortos, em consequência da sede, junto do seu carro, apenas a poucos quilómetros de uma fonte", semelhantes informações aparecem ainda hoje nas páginas dos jornais locais. A maioria dos trechos centrais da estrada que atravessa o Sara e que deve ligar territórios de três países, a Argélia, o Níger e a Nigéria, são por enquanto atalhos para caravanas, compostas agora não de camelos, mas de

camiões. Pode-se atravessar o Sara sem grande risco seguindo as pistas de potentes camiões ou, ainda melhor, na mesma caravana com estes veículos. Mas ai dos automobilistas solitários que saem deste caminho ou se perdem por entre as suas inúmeras ramificações: ficarão a sós com o deserto. E se acontecer alguma coisa com o carro, só resta crer na sua sorte. Falando a propósito, o céu estrelado ou a bússola ajudam pouco. Não é por acaso que as pessoas entendidas afirmam que no Sara é preferível ter não uma bússola, mas um bom guia, pois nenhuma bússola pode encontrar a água no deserto.

...O hotel "Air" é gerido por uma jovem muito bonita, de vestido azul com desenhos brancos. A sua cabeça e os ombros estavam envolvidos por um véu alvo rendado, mas o rosto um pouco bronzeado, com nariz recto e lábios coloridos com pó de índigo, o que lhes dava uma cor azulada incomum, estava descoberto. Ao saudar-nos ela estendeu primeira uma mão pequena e elegante com inúmeras pulseiras. Admirei para comigo tamanha desenvoltura de maneiras numa região em que a religião muçulmana mandava à mulher tapar o rosto e ser submissa e humilde.

Acontece que entre os tuaregues, ao contrário de outros povos islâmicos, a mulher ocupa uma posição em pé de igualdade com o homem, ou talvez ainda mais alta. Isto se deve às leis matriarcais da sociedade tuaregue, onde o parentesco é contado pela linha materna e o chefe da família é considerado não o pai, mas sim o tio, irmão da mãe. Uma criança herda precisamente a posição social da mãe e é ela quem cuida da

sua educação. Além disso, as mulheres tratam de transmitir e conservar a história e as tradições culturais do seu povo. Quase todas elas são alfabetizadas (o que não se pode dizer a respeito dos homens) e sabem escrever em tifinar, a língua berbere antiga que tem o seu próprio alfabeto, cuja idade ultrapassa os três mil anos. As mulheres cantam e declamam lendas antigas e versos românticos amorosos acompanhando o seu canto com a música de um instrumento de arco com uma só corda, chamado frequentemente "violino tuaregue", que elas próprias tocam. O conhecido escritor e viajante italiano Attilio Gaudio apresenta no seu livro *Civilização do Sara* um modelo da poesia feminina:

... Como um caçador estou silenciosa numa emboscada
Aguardando a tua chegada, amigo.
Vais ainda cair na minha armadilha, embora sejas astuto,
O teu coração te levará para a minha tenda tranquila.
Queres beber? Sou uma fonte no deserto árido.
Estás com frio? Eu te aquecerei, gelado.
O coração de uma jovem, o coração da enamorada É como a areia escaldante do meio-dia.

Este mesmo autor afirma: "A mulher tuaregue é a mais livre de todas as muçulmanas. Goza duma liberdade até maior do que muitas mulheres europeias".

É esta a razão da conduta independente destas filhas altas e esbeltas do deserto, do seu porte orgulhoso e da elegância dos seus movimentos.

Tudo isso havia também na nossa anfitriã que recebia os recém-chegados de uma maneira amável e hospitaleira, mas se portava com tamanha magnanimidade e liberdade que se podia considerá-la proprietária do hotel e não a simples empregada.

– O jantar é às oito, portanto o Sr. tem tempo para passear pela cidade, disse-me amavelmente. Se já viu o mercado e a mesquita, convém visitar os bairros dos artesãos. Haruna!, chamou ela um menino de cabelos negros e corpo bem proporcionado.– O meu filho pode levá-lo a um bom mestre que faz pulseiras como estas – fez tinir as suas pulseiras,– e as "cruzes de Agadés".

O ouro mata a alma

Os primeiros viajantes europeus que penetraram no interior do Sara ficaram pasmados ao ver que nesta região muçulmana encontrava-se tão frequentemente um símbolo que fazia lembrar a cruz cristã. Este símbolo está presente nos ornatos que enfeitam os artigos estampados de couro e artefactos cinzelados de metal, a forma semelhante têm os altos arções das selas para camelos e cavalos, os punhos dos gládios e adagas. E finalmente, nos enfeites de prata que se usam no peito, também se pode distinguir o velho símbolo do cristianismo. Alguns cientistas estavam inclinados a relacionar este fenómeno com as campanhas dos cruzados e, inclusivamente, com as repercussões do cristianismo que teria sido divulgado em África na época pré-islâmica. No entanto, existem também muitas outras hipóteses, que não foram por enquanto confirmadas pela ciência, como, por exemplo, a de ligação entre este símbolo e os cultos fálicos da fecundidade ou com a configuração do Cruzeiro do Sul.

A "cruz de Agadés", um losango de prata alongado um pouco para baixo, faz pensar realmente na constelação guia dos países meridionais. Existem, porém, cruzes que têm outras formas e que têm nomes de outras cidades: na "cruz de Iférouane" a metade inferior do losango é suavemente arredondada, enquanto a "cruz de Tahoua" é alongada horizontalmente e tem mais dois cruzamentos nos lados. Estas cruzes tornaram-se o emblema turístico do Níger. Aliás, este símbolo é utilizado não só na esfera de turismo: as "cruzes de Agadés" e das outras cidades estão também representadas nas insígnias militares do exército nacional.

A oficina do ourives Muhamat Kumana, uma casinha de barro, é tão pequena que dentro dela cabem apenas o cadinho para fundir a prata, um contramestre e o próprio mestre. A oficina está afastada das casas de habitação. Convém explicar que na sociedade tuaregue, dividida em castas, os artesãos ocupam o degrau mais baixo da escala social, enquanto no seu degrau mais alto encontra-se a aristocracia – antigos guerreiros que são hoje criadores de gado ricos. Embora o tempo e as novas tendências tenham destruído um tanto esta hierarquia tradicional, os artesãos são tratados, assim como antes, com um certo ar de menosprezo e ... de receio. Esta combinação bastante rara de sentimentos deve-se ao facto de que os conhecimentos dos artesãos na esfera de aplicação de ervas medicinais e na medicina em

geral incutiam aos "aristocratas" suspeitas sobre as suas ligações com os espíritos das trevas e inclusivamente sobre a sua origem extraterrestre e demoníaca. Note-se que semelhantes ideias, em primeiro lugar, sobre os ferreiros e, de um modo geral, a respeito de todas as pessoas que se dedicam ao trabalho em ferro, estão divulgadas também em outras partes da África.

De acordo com estes velhos preconceitos, Agadés pode ser qualificada uma "cidade dos párias", pois dois terços dos seus habitantes são artesãos, que se dedicam, sobretudo, à fabricação de artigos de couro e de armas. O couro estampado e colorido em cores vivas serve para produzir mantas de cavalo, selas, alforjes, os porta-moedas tuaregues dos que já falámos, diversos amuletos e fronhas para travesseiros (estas últimas são utilizadas frequentemente para guardar os cereais: servem tanto para encostar neles a cabeça como para guardar alimentos que talvez sejam necessários num dia difícil).

A estampagem enfeita também as bainhas dos gládios "takuba" e dos punhais rectos de dois gumes, que acompanham invariavelmente um tuaregue nómade. O gládio é usado numa bandoleira, enquanto o punhal é fixado por meio de um anel de couro no pulso esquerdo, de maneira que o bico esteja dirigido para o cotovelo. Portanto, a lâmina está escondida na manga para que o ofensor nem sequer consiga perceber como a arma punidora salta das mãos postas tranquilamente nos joelhos. Os gládios e os punhais fabricados ainda hoje pelos ferreiros-armeiros tuaregues, tornaram-se de há muito um atributo decorativo dos "cavaleiros do deserto", uma homenagem ao seu passado militar tempestuoso.

Embora Muhamat Kumana também trabalhe em metais e seja chamado portanto "garassa", isto é, ferreiro, a sua especialização é muito mais pacífica. Ele fabrica enfeites de prata usados tanto por homens como mulheres tuaregues, utilizando para isso o antigo método de "cera perdida". O método é o seguinte: com base num modelo de cera faz-se um molde de barro em que se põe o metal fundido, depois o artigo é cinzelado e polido.

O mestre tira uma trouxa de pano que estava escondida atrás das suas costas, desamarra-a com calma e põe à mostra no chão anéis maciços, um par de brincos, várias "cruzes de Agadés". Tudo é feito de prata – os tuaregues não usam o ouro, pois crêem que este metal perverte o homem, atrai desgraças e rói e elimina a alma como a ferrugem.

Sobre a cabeça do ourives, bem perto do tecto, junto da única janela, nas molduras envidraçadas e cobertas com uma camada de fuligem vêem-se alguns papéis com inscrições e carimbos pretenciosos.

Depois de examinar bem estes papéis, começo a compreender que um dos documentos amarelecidos é o diploma de mérito da exposição mundial "EXPO-67" em Montreal, junto dele, um diploma da feira internacional da Argélia e mais alguns diplomas. É pouco provável que Muhamat Kumana tenha alguma ideia a respeito dos países donde chegaram estas condecorações: toda a sua vida correu nos limites do espaço que se pode avistar do minarete da mesquita de Agadés. Porém, lá longe, pensei, nas cidades frias do Norte, as mulheres, com certeza belas, usam enfeites com a configuração do Cruzeiro

do Sul, que todas as noites espreita para a oficina enfumaçada de Muhamat Kumana.

Na manhã seguinte realizámos uma pequena viagem pela cidade de Agadés num carro pertencente ao veterinário Ibraguim Sambu. Embora toda a cidade de Agadés possa ser percorrida a pé apenas em duas horas e o antigo "Peugeot-403", cujas entranhas produziam um barulhão desesperado, se deslocasse, aparentemente, só graças ao entusiasmo do seu dono, o automóvel ficou bem a propósito. Caminhar pela areia e as pedras escaldantes sob um calor de cinquenta graus centígrados é pouco agradável; além disso, eu usava, ao contrário dos meus companheiros, sapatos europeus, e não as sandálias com sola grossa e bico arrebitado, que são um calçado ideal para estas paragens.

Como é lógico, parámos inicialmente junto da sede da inspecção veterinária. Ibraguim aparece raramente neste recinto estreito, que devido à abundância de papéis parecia mais um arquivo do que uma instituição médica, pois os seus pacientes são todo o gado doméstico de Agadés.

– Ainda hoje não conseguimos recompor-nos das consequências da seca que teve lugar em princípios da década de 70. Só aqui, no Sara, morreram mais de dois milhões de cabeças de gado, diz o veterinário. Devido à acumulação dos animais junto das últimas fontes de água, eclodiram epizootias e as suas consequências sentem-se ainda hoje. O nosso trabalho principal começa durante a estação das chuvas, quando os nómades de todo sahel, isto é, a faixa estreita de savanas definhadas, transferem os seus rebanhos para os novos ervaçais e terrenos salíferos, situados a sudoeste de Agadés. Uma excelente possibilidade de examinar o gado e de vaciná-lo. Portanto, dentro de duas semanas, depois do dia 8 de Maio, quando irá cair a primeira chuva, não estarei mais na cidade.

– E porque está tão convencido de que as chuvas irão cair precisamente a partir do dia 8 de Maio? – perguntei interessado.

– Os velhos conhecem um indício certo: quando o Sol atinge o zénite vem a chuva.

Os velhos de Agadés disseram uma santa verdade. Mais tarde, encontrei num manual geográfico a informação de que o início da estação das chuvas na zona de sahel está relacionado directamente com o momento em que o Sol atinge o zénite. Na latitude em que fica Niamey, capital do Níger, isto acontece durante a última semana de Abril, e em Agadés, com efeito, em 8 de Maio. E a 22 de Junho, isto é, no dia de solstício de Verão, chega a vez das regiões mais setentrionais do Níger, até ao trópico de Câncer, onde é possível deleitar-se nesta ocasião com um fenómeno realmente admirável – o reflexo do Sol no poço mais profundo. Mas o Sol quase nunca traz chuvas àquelas regiões.

Escolas para os nómades

Depois Ibraguim parou junto de uma longa construção que se distinguia entre as demais casas porque tinha uma fileira quase ininterrupta de janelas cobertas por cima por contraventos em forma de alpendres. A própria arquitectura do prédio sugeria que aí se encontrava uma escola. Mas porque Ali Husseini, secretário do pre-

feito do departamento de Agadés, me conduziu para dentro com um ar tão orgulhoso como se mostrasse algo excepcional?

Uma classe escolar comum: uma professora jovem está junto da mesa, filas de carteiras em que estão sentadas meninas de 10-12 anos. As meninas são simpáticas; aproximadamente metade delas são magrinhas, de pele clara e olhos grandes – indícios evidentes do sangue tuaregue; outras, de caras redondas, dentes brancos e disposição evidente para o riso, são da etnia bella; as meninas de nariz aquilino e traços finos pertencem evidentemente à etnia fulbe. Todas elas usam tranças e brincos e trajam vestidos de cores vivas. Talvez o meu guia quisesse impressionar-me com a composição étnica tão heterogénea da classe? Mas no Níger, que conta mais de dez etnias, isto não é uma raridade...

Resultou, no entanto, que Ali Husseini tinha razões para se orgulhar: ele trouxe-me para uma das "escolas para nómades" que era, além disso, feminina, um fenómeno duplamente notável, pois ainda há pouco os pais mandavam para as escolas apenas os filhos, considerando que para as meninas bastava perfeitamente a educação tradicional no seio da família.

No que diz respeito aos nómades, sejam eles tuaregues, tubu, bella ou fulbe, estes não queriam anteriormente mandar os seus filhos para a escola, pois isso impunha-lhes a necessidade de passar à vida sedentária, ou deixar a criança aos cuidados de pessoas estranhas que pediam, além disso, uma vultosa soma por este serviço. Portanto, no Níger, onde a maioria da população leva uma vida nómade ou seminómade, muitas crianças não estudavam. Para remediar a situação, foram criadas "escolas para nómades", que incluem todos os quatro anos do curso primário. Agora, os pais que empreendem com os seus rebanhos e caravanas uma longa viagem, podem confiar tranquilamente os seus filhos a estes internatos peculiares, onde tudo, desde a alimentação e a roupa dos alunos até ao equipamento escolar e aos salários dos professores, é pago pelo Estado.

As escolas estão situadas não só nas cidadezinhas do tipo de Agadés que são, aliás, bastante raras nesta região. Azel, Timna, Tasker, Abalak, In-Atess, Katabegui, Fulatri – estes e outros povoados marcados nos mapas rodoviários do Sara com um ponto azul e um número, o que indica que aí existe um poço e a sua respectiva profundidade, tornaram-se, ao mesmo tempo, "escolas para nómades". No departamento de Agadés há cerca de 20 escolas deste tipo. Elas existem, também, nos departamentos de Tahva, Diffa, Zinder, Maradi e Tillaberi. Inicialmente, os nómades olhavam com um certo ar de desconfiança esta iniciativa do governo. Porém, agora as escolas deste tipo são muito populares e as caravanas divulgaram a boa fama destes estabelecimentos de ensino por todo o Sara.

A paisagem lunar de Air

O Sara nem sempre foi um deserto morto. Em 1961, na região dos contrafortes de Air foram encontradas inúmeras "setas de trovão", ou, falando a linguagem científica, fulgurites, isto é, pequenos tubos de vidro que se formam na

areia devido à acção de um raio. A conclusão impunha-se por si própria: outrora, a região era um palco da fúria de tempestades e bátegas. A década de sessenta trouxe descobertas e achados que esclareceram as épocas remotas do maior deserto do mundo. O mais antigo vestígio da vida no Sara, um crânio de metro e meio de um crocodilo, foi encontrado durante as prospecções geológicas na região de Gadafaua, a Leste de Agadés. Este monstro de aproximadamente 15 metros de comprimento viveu no período secundário, isto é, aproximadamente há cem milhões de anos atrás. Neste mesmo local, foi encontrado o esqueleto de um dinossauro e nas proximidades de In-Gall, troncos de árvores petrificadas, cujo diâmetro atingia metro e meio.

Resultados ainda mais interessantes foram obtidos durante as escavações em Arlit. O arqueólogo francês Henri Lhote descobriu aí, em torno de uma vasta necrópole neolítica, restos de vinte aldeias em que viviam outrora ...os pescadores. Uma prova disso são os bicos de arpões, esqueletos de grandes peixes, crocodilos e hipopótamos, que foram aí encontrados, assim como a abundância de conchas e de ostras. Uma análise da radioactividade do carbono permitiu determinar a idade aproximada destes povoados de pescadores: terceiro milénio a. C. Portanto, há relativamente pouco tempo – sob o ponto de vista de um arqueólogo, é claro – o clima do Sara era húmido, as suas montanhas estavam cobertas de florestas e nas suas planícies cobertas por ervaçais suculentos, corriam rios caudalosos. Mesmo agora, quando se sobrevoa a região de Air, nos seus vales e desfiladeiros mortos, que fazem lembrar a paisagem lunar, pode-se distinguir com facilidade os leitos dos rios e riachos absorvidos pelo grande deserto.

É pouco provável que alguém tenha dúvidas a respeito do sentido da palavra "deserto": é um local despovoado e ermo. Não é de admirar, portanto, que os adjectivos utilizados normalmente com esta palavra indiquem a ausência de alguma coisa: árido, isto é, sem água, despovoado, sem vida, desesperador. Mas no Sara havia outrora água, vegetação, os mais diversos animais e havia mais gente. Ainda hoje no seu subsolo existem grandes reservas de água que o homem um dia saberá extrair. Por isso, no que diz respeito às esperanças, estas para o Sara ainda não foram perdidas.

Valentin Korovikov [1]

AS CHAVES DO DEPÓSITO DE URÂNIO

Durante a minha última visita a Shaba, província meridional do Zaire (o seu antigo nome é Catanga), resolvi fazer a viagem de volta para Kinshasa pelo caminho-de-ferro. O comboio Lubumbashi-Kananga arrastava-se lentamente pela savana definhada. Durante quase toda a viagem, da janela da carruagem viam-se castelos de minas, povoados de mineiros, chaminés das empresas industriais ou montões recentes de entulho das minas.

Aproximadamente ao meio-dia chegámos à grande e movimentada estação de Likasi (antiga Jadoville). Aí se encontra um dos centros da metalurgia de metais não ferrosos do Zaire.

– Um local notável, disse, como que a pensar em voz alta, o meu companheiro de compartimento, um engenheiro de minas inglês da Faixa do Cobre zambiana. – Muitas desgraças do mundo começaram aí, prosseguiu ele. O Sr. vê um ramal ferroviário que vai daí para a esquerda. Este ramal vai para Shinkolobve, que é provavelmente a mais famosa mina de África. Agora ali tudo está calmo: a erva cobre montões de entulho, enferrujam fileiras de arame farpado. Mas há uns trinta anos, quando estive ali com uma missão, os trabalhos estavam em plena marcha. Milhares e milhares de toneladas de minério de urânio iam daí para os EUA. A tragédia de Hiroxima começou naquelas colinas ... – E o inglês grisalho apontou uma pequena cadeia de montanhas azuis no horizonte.

Shinkolobve foi o primeiro jazigo de urânio em África tomado e devastado pelas potências imperialistas, mas não foi de modo nenhum o último...

O desenvolvimento da indústria energética atómica e o crescimento das reservas de armas nucleares nos arsenais da OTAN resultaram numa enorme procura do urânio natural e na intensificação das prospecções dos minérios de urânio. A criação duma tecnologia mais eficiente de extracção do urânio e a subida do preço deste produto tornaram lucrativa a exploração de minérios relativamente pobres. Este "boom" do urânio das décadas de 60 e 70 abrangeu também a África; agora, este continente exporta anualmente para a Europa Ocidental, o Japão e os EUA de 12 a 15 mil toneladas desta matéria-prima energética e estratégica valiosa.

* * *

Quando se fala do urânio africano, recorda-se frequentemente e com toda a razão o antigo

[1] Valentin Ivánovitch Korovikov é jornalista especializado em assuntos internacionais e candidato a doutor em filosofia. Durante 13 anos trabalhou nos países do Oeste, Sul e Leste de África como correspondente do jornal *Pravda*. Visitou 45 países deste continente. É autor dos livros *Etiópia, Anos da Revolução, Gâmbia, Um Oásis no Deserto*, etc.

Congo Belga (hoje, Zaire). O urânio extraído no Catanga, província meridional deste país, foi utilizado nos primeiros reactores atómicos dos EUA e serviu para obter o "recheio" para as primeiras bombas atómicas americanas. A explosão mortífera sobre Hiroxima foi provocada pela reacção em cadeia do urânio-235 extraído do urânio natural do Catanga.

A mina de rádio e de urânio de Shinkolobve, no Sul do Congo, era considerada um fenómeno único quanto à riqueza do seu jazigo. O teor do metal no seu minério era de 3%. Esta mina fornecia, também, o rádio que desempenhou um importante papel no desenvolvimento da física atómica, e de muitos ramos da química, biologia e medicina. É verdade, porém, que este "boom" do urânio e do rádio do Congo já pertence ao passado. A mina de Shinkolobve já está fechada e outros jazigos também não são explorados. No entanto, o Congo ocupa um lugar à parte na história da extracção de matérias-primas radioactivas em África e vale a pena relatar aqui, pelo menos em poucas palavras, a vida e a morte da mina Shinkolobve.

Em 1915, a baixa cadeia de montanhas situada a 20 quilómetros da cidade de Jadoville, atraiu a atenção dos geólogos devido à variedade incomum de minerais no seu território. Alguns deles revelaram-se radioactivos. Porém, a prospecção detalhada do jazigo e a sua exploração começaram só depois do término da Primeira Guerra Mundial, em 1921. Naquela época o mundo inteiro falava do rádio, um elemento excepcional, descoberto em Paris pelos esposos Curie. Esperava-se que o rádio produzisse efeitos miraculosos, curasse as doenças e conduzisse

a novas descobertas na física. Por miligramas de rádio pagavam-se somas enormes. Por isso os proprietários do mais rico jazigo do Congo cuidaram de extrair deste minério apenas o rádio (o que foi feito numa empresa especializada, na Bélgica). No período de 1921 a 1936 efectuava-se apenas a extracção do rádio, enquanto dezenas de milhares de toneladas de minério concentrado de urânio natural ficavam nos montões de entulho. Lembraram-se destes últimos quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial e os EUA e a Inglaterra deram início a pesquisas com o fim de utilizar a energia atómica para a criação de armas nucleares. Em Setembro e Outubro de 1940, mais de mil toneladas de minério concentrado de urânio que se encontravam nos montes de entulho da mina Shinkolobve foram transportadas secretamente pelo caminho-de-ferro para o porto angolano de Lobito e carregadas em dois navios que partiram para Nova Iorque. Dali a carga preciosa foi transportada secretamente para as primeiras instalações em que se efectuava a concentração do urânio e a separação do urânio-235, seu isótopo susceptível da autofissão. A caldeira atómica experimental, que Enrico Fermi tinha posto em funcionamento no estádio de Chicago em Dezembro de 1942, estava carregada do urânio concentrado procedente do Congo longínquo.

Em Shinkolobve, cercada por três filas de arame farpado, efectuou-se ainda durante vinte anos a exploração selvagem do minério de urânio que se encontrava praticamente sob o pleno controlo do Pentágono e dos monopólios industriais-militares dos EUA. A serra desapareceu e em seu lugar foi aberta uma enorme mina a céu

aberto, poços e galerias subterrâneas estenderam-se para os jazigos mais profundos de minério. Já em 1943 dali foram retiradas mais de 8 mil toneladas de minério concentrado, e em 1945, quase 10 mil (o teor de metal no minério concentrado atingia 50%–70%). A guerra terminou, mas os EUA deram início imediatamente ao reequipamento da máquina de guerra americana e à criação de um gigantesco arsenal nuclear. Naturalmente, as informações sobre a extracção e fornecimento de urânio para os EUA e para a Inglaterra eram mantidas no mais rigoroso sigilo, porém alguns dados transpiraram na imprensa. Sabe-se, por exemplo, que no período de 1949 a 1950 do Catanga foram exportadas mais de 25 mil toneladas de minério concentrado de urânio. Até à proclamação da independência do Congo, em 1960, os monopólios imperialistas extraíam febrilmente o urânio do subsolo do país obtendo desta forma enormes lucros e consolidando a máquina militarista da NATO.

* * *

O esgotamento dos minérios ricos e o fracasso das tentativas de separar o Catanga do Congo, em que um importante papel foi desempenhado pelos proprietários da "Union Minière du Haut Katanga", principais detentores das acções de Shinkolobve, resultaram na cessação da extracção e no encerramento da mina. Teve também uma grande importância a descoberta no período até 1960 de novos grandes jazigos de matérias-primas radioactivas, tanto nos próprios EUA e no Canadá, como no continente africano – na República Sul-Africana. Na África Austral, um autêntico depósito de urânio foi descoberto nos jazigos de ouro de Witwatersrand, perto de Joanesburgo.

O teor de urânio nestes minérios, especialmente em comparação com os jazigos do Catanga, é insignificante, de 0,02% a 0,04%. Porém, o processo foi simplificado, pois a extracção do urânio foi efectuada simultaneamente com a extracção do ouro. Além disso, uma grande parte do urânio foi obtida dos montes de entulho que cresceram durante décadas junto de cada mina de ouro.

Também desta vez foram firmas americanas e inglesas que desempenharam o principal papel na criação da tecnologia e na organização de todo o sistema de extracção do urânio. A primeira empresa de produção de óxido de urânio foi construída em 1952; quatro anos depois já havia 16 empresas deste tipo. Todos os anos são transformadas dezenas de milhões de toneladas de rocha procedente do desentulho das minas e de "resíduos" das rochas auríferas. A rocha triturada a ponto de se transformar em pó passa em forma de minério fluidificado através dos filtros, sendo depois submetida ao tratamento químico. Em resultado disso obtém-se uma massa espessa de cor amarelo-escura que faz lembrar muito a mostarda. Esta "mostarda de urânio" é transportada das minas para empresas de concentração de minério, onde a transformam em pó amarelo de óxido de urânio. Depois, este pó é remetido em barris metálicos aos consumidores. Durante os primeiros anos, quase toda a produção destas empresas era transportada para os EUA, com os quais tinha sido firmado um acor-

do sobre os fornecimentos anuais de 5 mil toneladas de óxido de urânio durante 10 anos (o acordo entrou em vigor em 1952). Uma grande parte desta matéria-prima foi utilizada pelo governo americano para fins militares. Neste mesmo período desenvolveram-se vínculos estreitos entre especialistas americanos em energia atómica e cientistas e engenheiros da República Sul-Africana (muitos deles fizeram estágios ou cursos de preparação nas empresas e laboratórios atómicos dos EUA). O actual nível de desenvolvimento das pesquisas e da tecnologia atómica na RSA, que permite aos racistas criar armas atómicas, é, em grande parte, um resultado da aliança atómica entre Washington e Pretória. Além disso, a administração de Reagan pretende ampliar consideravelmente esta colaboração.

A República Sul-Africana continua a extrair e a exportar uma grande quantidade do urânio para os EUA, a Europa Ocidental e o Japão. Foi criada uma corporação especializada para explorar os desentulhos e os resíduos, a "East Rand Gold and Uranium". Desenvolve-se, também, a exploração de novos jazigos. Funcionam três potentes empresas de concentração de minérios. Em 1979, elas produziram 4800 toneladas do óxido de urânio, o que equivale a 4 mil toneladas de metal puro. E estes volumes crescem de ano para ano.

Os africanos estão especialmente alarmados com os planos dos racistas de criar o seu próprio arsenal de armas nucleares. Várias informações a respeito de "fulgurações" incomuns no Sul do Atlântico e sobre a construção de instalações secretas no deserto de Kalahari permitem supor que os governantes de Pretória já dispõem da

tecnologia de criação da bomba atómica. Além disso, a República Sul-Africana (RSA) pode tornar-se em breve grande produtora do urânio concentrado. Já funciona uma instalação experimental em Pelindab, centro secreto de pesquisas atómicas perto de Pretória. Discutem-se os planos de construção de um grande conjunto industrial para a separação de isótopos de urânio. Portanto, graças à ajuda das corporações transnacionais, os racistas sul-africanos, que até agora só enriqueciam com o "business" de urânio, têm agora a possibilidade de fabricar, eles próprios, bombas atómicas. Isto cria uma grave ameaça para a África independente, pois os racistas desenfreados podem cometer qualquer crime para conservar o regime de apartheid e manter nas suas mãos o poder sobre a maioria negra da população.

* * *

Um outro importante centro de extracção de urânio surgiu nos últimos anos na Namíbia, o que se deve, também desta vez, à colaboração estreita entre o governo da RSA e as corporações transnacionais. Os ocupantes da RSA continuam a pilhar os recursos naturais riquíssimos deste território que se encontra sob a tutela da ONU. A partir de 1976, a Namíbia exporta, além de diamantes, metais não ferrosos e raros, também uma grande quantidade de minério de urânio.

Já em fins da década de vinte havia informações a respeito da existência de minérios de urânio no deserto da Namib. Porém, prospecções mais cuidadosas foram aí efectuadas cerca de

trinta anos mais tarde pela grande companhia mineira inglesa "Rio-Tinto Zinc Corporation", que participa activamente da exploração dos recursos minerais da África Central e Austral. A prospecção revelou uma enorme quantidade de minério de urânio que jaz, além disso, a uma profundidade relativamente pequena; isto permite efectuar a sua extracção ao céu aberto. Os cálculos mostraram que a gigantesca mina, denominada Rossing, permitirá submeter anualmente à transformação 60 milhões de toneladas de rocha, o que proporcionará 5 mil toneladas de urânio por ano. Não faltaram os desejosos de participar da pilhagem desta matéria-prima valiosa. Em 1970, foi fundada, com a participação activa do governo da RSA, a sociedade anónima "Rossing Uranium Limited". A companhia "Rio-Tinto" adquiriu o maior número das suas acções (cerca de 42%). Desta sociedade anónima fazem parte também duas companhias estatais sul-africanas; uma firma francesa e uma firma canadiana possuem 10% das suas acções cada uma. Porém, alguns investidores do capital preferiram não revelar os seus nomes. Existem certas razões que fazem com que eles se abstenham da participação aberta na pilhagem das riquezas naturais da Namíbia ocupada.

A partir de 1973, nestas regiões desertas e inanimadas, que recordavam mais uma paisagem lunar do que terrestre, começou uma grande obra. Os especialistas europeus instalaram-se nas vivendas da cidadezinha balnear tranquila de Swakopmund, situada aproximadamente a cinquenta quilómetros da gigantesca mina que devia ser aberta. Junto da obra foi construída uma cidadezinha para os operários negros e de

cor, denominada Arandis. Foi preciso três anos para instalar o equipamento de concentração do minério e de extracção do pó amarelo de óxido de urânio. A construção desta mina custou 300 milhões de dólares, mas apesar de certos problemas técnicos e greves dos africanos, as despesas foram compensadas em breve e obtido um grande lucro. Em 1976, a primeira produção da mina Rossing foi colocada no mercado mundial; nesse ano foram obtidas 654 toneladas de urânio puro, no ano seguinte, um volume quatro vezes maior, e a partir de 1979, a mina dá o rendimento máximo proporcionando anualmente cerca de 5 mil toneladas deste valioso metal. A extracção é efectuada 24 horas por dia. O minério é retirado ininterruptamente do gigantesco cabouco que tem 150 metros de profundidade, um quilómetro de largura e três quilómetros de comprimento. Depois, enormes camiões basculantes, cada um dos quais é capaz de transportar de uma vez 170 toneladas de carga, levam este minério para a empresa de concentração. O produto pronto é embalado em tambores metálicos com a capacidade de 350 kg cada um e enviado em direcção desconhecida.

A causa deste sigilo são as leis do país invasor que proíbe divulgar quaisquer informações a respeito dos compradores das matérias-primas de que se produz o urânio. No entanto, o próprio facto da imposição de semelhantes proibições está relacionado com a aspiração de Pretória e das firmas que participam da exploração do subsolo namibiano de contornar as decisões da ONU que proíbem a exportação das riquezas naturais obtidas no território que se encontra sob a tutela desta organização. Ainda antes do

envio dos primeiros carregamentos de urânio da mina Rossing, o Conselho da ONU para a Namíbia e a Assembleia Geral aprovaram em 13 de Dezembro de 1974 uma decisão que proíbe a prospecção, exploração e exportação deste país das matérias-primas minerais enquanto não lhe for concedida a independência. A RSA, os Estados ocidentais e os monopólios estrangeiros ignoraram totalmente esta decisão e continuam (e inclusivamente intensificam) a pilhagem dos recursos namibianos.

No entanto, eles tomaram certas medidas a fim de camuflar a envergadura da pilhagem e ocultar os seus participantes directos (recordemos os detentores anónimos das acções da "Rossing Uranium Limited").

Em Dezembro de 1979, o jornal francês "Libération" publicou os resultados do inquérito empreendido pelos seus jornalistas a fim de revelar as vias que seguem os barris com o pó amarelo produzido na mina Rossing. Estas vias levam à Europa Ocidental. Durante muito tempo, esta carga era transportada pela companhia francesa de transportes aéreos "UTA" e por aviões sul-africanos para aeródromos situados perto de Marselha e Paris. Na organização destes transportes secretos participaram, também, instituições estatais da França e da Grã-Bretanha.

Este desmascaramento escandaloso não influenciou de forma alguma a extracção e a exportação do urânio namibiano. Agora esta matéria-prima é exportada por via marítima, através do porto namibiano de Walvis Bay que os invasores sul-africanos consideram sua "legítima possessão". Um correspondente da agência France Press que tinha visitado Rossing e Walvis Bay informou que nos cais do porto encontram-se fileiras de barris de ferro com o pó amarelo. A pilhagem da Namíbia continua no mesmo ritmo.

* * *

Há relativamente pouco tempo a exploração dos jazigos de urânio começou num outro deserto africano, no Sul do Sara, onde vivem os nómades tuaregues. Os geólogos franceses começaram a procurar aí os minerais radioactivos ainda na época colonial, após o término da Segunda Guerra Mundial. A França preparava-se para criar a sua própria indústria energética atómica e as suas próprias armas nucleares. As prospecções de urânio eram realizadas em todas as colónias francesas na África Central e Ocidental e na ilha de Madagáscar. As melhores perspectivas eram oferecidas pelos jazigos do Gabão e do Níger, nos montes de Air.

Nas regiões quase despovoadas e de difícil acesso no Norte do Níger, a extracção do urânio começou em 1971. Nas proximidades da mina surgiu o povoado Arlit, que se transformou depois em cidade com uma população de 25 mil pessoas. Bem desde o início, toda a actividade referente ao urânio era dirigida pelo Comissariado francês para a Energia Atómica e pelo consórcio "Société des Mines de l'Air" (SOMAIR), cujos principais participantes eram firmas francesas (companhias da República Federal da Alemanha e da Itália receberam 13% das acções). Porém, depois da proclamação da independência do país (em 1960), o governo da jovem república começou a defender os seus direitos às ri-

quezas nacionais e a participar cada vez mais activamente na solução dos problemas referentes à extracção e venda da principal mercadoria exportada pelo país.

O Níger alcançou importantes concessões depois de 1974, quando foi derrubado o règime de Hamani Diori que seguia servilmente a reboque da antiga metrópole. A quota do Níger nas acções da SOMAIR quase duplicou e constitui agora 33%. Além disso, o governo do Níger obteve possibilidades maiores para resolver as questões relativas à venda do urânio, podendo escolher o comprador e indicar o preço.

Em 1978 surgiu mais uma companhia mista, a "Compagnie Minière d'Akouta (COMINAK). As acções desta empresa foram distribuídas da seguinte forma: França – 34%; Japão – 25%; Espanha – 10%; e o governo do Níger – 31%. Foi construída uma mina profunda (cerca de 1200 metros) e as galerias horizontais estenderam-se por 25 quilómetros. O minério extraído desta mina proporciona anualmente cerca de 2 mil toneladas de urânio. Em resultado disso, o Níger tornou-se um dos maiores fornecedores de matérias-primas estratégicas para muitos países. Por exemplo, em 1981 foram concedidas licenças para a exportação de 4847 toneladas de urânio: nomeadamente 2293 toneladas para a França; 1212 toneladas para a Líbia; 816 toneladas para o Japão e 300 toneladas para a Espanha. A terceira grande mina está a ser construída em Imurarene, a 120 km ao Norte de Agadés. A "estrada do urânio" Arlit – Tahva de 650 km facilitou e acelerou consideravelmente a exportação de matérias-primas do porto de Cotonu (Benim) e o abastecimento desta região mineira.

O Níger passou por um autêntico "boom" de urânio. Mas como já aconteceu várias vezes em África, semelhantes febres de ouro, de diamantes, de café, etc. enriquecem, via de regra, apenas pequenos grupos da população local enquanto o grosso das receitas fica nas mãos de companhias estrangeiras. Hoje em dia, toda a economia nacional do Níger e a execução dos planos traçados pelo governo dependem em grande parte dos preços do urânio e do volume da sua exportação. Porém, os preços do urânio são instáveis. Na opinião do presidente Seyni Kountché, os monopólios recorrem a diversas maquinações a fim de obter o urânio nigeriano por um preço ínfimo. Eles procuram impor os preços para evitar uma crise neste sector idêntica àquela com que já tiveram de deparar quando da aquisição do petróleo.

Um outro grande fornecedor do urânio em África, o quarto, é o Gabão. Neste país, da mesma forma que no Níger, a exploração dos jazigos era realizada por companhias francesas. Porém, este processo começou aí muito mais cedo, em 1961. O minério de urânio é extraído nas minas de Munana e Oklo. Fazem-se projectos de uma empresa de concentração de minério e de uma mina em Baiindzi. Nos próximos anos, o volume de exportação do minério concentrado de urânio do Gabão deve permanecer ao nível de 1500 toneladas.

* * *

Jazigos de minérios radioactivos foram descobertos em muitos países africanos, nomeadamente, Argélia, Guiné, Zâmbia, Madagáscar,

Egipto, República Centro-Africana, Somália, Marrocos. Há informações de que em alguns destes países em breve deve começar a extracção do urânio.

Apesar de oscilações dos preços e dificuldades temporárias que surgem às vezes na colocação deste produto, é pouco provável que a procura do urânio diminua. Actualmente, em dezenas de países do mundo são elaborados vastos programas de produção de energia e são criadas centrais eléctricas atómicas. Por exemplo, de acordo com os dados da Agência Internacional para a Energia Atómica, só durante o ano de 1980 o potencial das centrais eléctricas atómicas aumentou em 11% e chegou a 136 milhões de kW, proporcionando hoje 8% da produção mundial de energia eléctrica. Em princípios de 1981, funcionavam no planeta 253 centrais eléctricas atómicas e 230 estavam em construção. De acordo com os cálculos de especialistas, a quota das centrais eléctricas atómicas na produção mundial de energia eléctrica deve atingir em 1985 11%, e em 1990, 13%. Em alguns países, este índice supera consideravelmente estes valores médios. Por exemplo, em 1981 a quota das centrais eléctricas atómicas da França na produção nacional de energia eléctrica chegou a 31%. Porém, nos países livres da África por enquanto não existe nenhuma central eléctrica atómica e a grande central deste tipo que existe nas proximidades da Cidade do Cabo, RSA, está destinada a consolidar a economia e o potencial militar do regime racista deste país.

Durante os últimos 40 anos, da África foi exportada uma enorme quantidade do urânio natural, mais de 250 mil toneladas. Este minério foi utilizado para rechear milhares de bombas e de obuses nucleares e para pôr em funcionamento dezenas de reactores atómicos. Os negócios com o urânio enriqueceram centenas de companhias estrangeiras. Porém, os povos de África não obtiveram praticamente nenhuma vantagem com esta sua riqueza. A história da extracção e da exportação do urânio africano mostra mais uma vez com toda a clareza o mecanismo de pilhagem do Continente Negro pelos imperialistas.

CAPÍTULO II

A ESCOLHA DA VIA

Vladímir Korotchántsev[1]

UMA RECORDAÇÃO DOS ENCONTROS COM O AMANHÃ

O Sol, como se se tivesse apiedado da natureza esgotada pelo calor escaldante, declinava para o horizonte. Os seus raios que ainda há pouco eram insuportavelmente quentes, tornavam-se suaves e carinhosos. O "griot" Belen-tigui reuniu um sem número de ouvintes de todas as idades à sombra da frondosa árvore sagrada, no meio da praça da aldeia.

Nas regiões rurais da África Ocidental nenhum acontecimento mais ou menos importante passa sem os "griot's", isto é, bardos errantes, conservadores das obras épicas populares, cantadores, músicos, narradores de lendas, palhaços e poetas. A memória dos "griot's" é um arquivo enorme e inapreciável do passado dos povos do continente, da sua história e da sua cultura.

[1] Vládimir Alekséevitch Korotchántsev é jornalista especializado em assuntos internacionais, chefe da redacção dos países de África na agência TASS. Trabalhou como correspondente desta agência na República do Mali, na República Unificada nos Camarões e na República Democrática do Madagáscar. Esteve em 22 países da África e da bacia do oceano Índico. É autor dos livros *Guiné Equatorial, Camarões, Madagáscar, Uma Ilha de Enigmas e Descobertas, África sob o Véu do Hábito*, etc.

Belen-tigui, que na língua mande significa "senhor da palavra", era velho e grisalho como uma nuvem num dia de sol. Ele beliscava ritmicamente as cordas da "kora", uma guitarra de quatro cordas revestida de couro. Tinha percorrido com este instrumento centenas de aldeias da África Ocidental.

Belen-tigui cantava em recitativo uma lenda após outra, ressuscitando todos os pormenores das façanhas dos heróis das épocas findas. A sua voz de velho era ora tranquila, como numa conversa íntima com os amigos, ora se elevava bruscamente para o canto dramático.

Belen-tigui glorificava as façanhas do grande imperador do Mali, Soudiata Keita, do chefe dos zulus Chaka, do "askia", isto é, governador, de Songhai Mohamed Touré. Ele glorificou, também, o intrépido Behanzin, rei do Daomé que durante três anos travou uma luta contra as forças superiores dos colonialistas e foi derrotado em consequência da traição do chefe tribal fantoche Agoliagbo.

Os camponeses ouviam imóveis, tendo cercado bem perto Belen-tigui, encantados e orgulhosos com o seu passado heróico. O "griot" hábil fazia pausas entre as lendas, dedilhando silenciosamente as cordas, como que convidando pensar no que acabavam de ouvir.

Vieram-me à memória os versos da *Melodia Russa* de Lérmontov:

Em frente à multidão ociosa
com uma "balalaika" popular nas mãos

está sentado na sombra um cantor popular desinteressado e livre!

Reiniciou-se o canto-recitativa. Mas que é isto? Ouvi de repente os nomes de Patrice Lumumba, Amílcar Cabral e de outros heróis da África de hoje. O cantor cantava a sua bravura e comparava os seus feitos gloriosos com as façanhas dos guerreiros populares do passado. Sim, a África tem os seus heróis e ela venera os seus nomes a despeito de todas as mentiras que inventam a seu respeito os opressores de ontem.

No Ocidente há quem esteja empenhado de há muito em criar obstinadamente um modelo estereotipado do africano – um ser humilde e politicamente indiferente, um autêntico "selvagem" e "portador dos instintos mais primitivos". Certos filósofos, historiadores, psicólogos e literatos ocidentais insinuam ao mundo ideias racistas sobre a "inferioridade biológica" dos africanos, esperando desta forma desanimar e desarmar espiritualmente os povos de África e conservá-la como um apêndice do chamado "mundo livre", o que leva evidentemente a água ao moinho da estratégia imperialista.

Porém, os africanos têm outros objectivos e os seus próprios heróis. O seu heroismo arreiga na longa luta contra a injustiça e contra os invasores estrangeiros.

O conhecimento da vida passada e actual dos povos africanos convence que a fidelidade à terra pátria e o amor ao lar são traços típicos dos povos de África que se formaram durante séculos. Um verdadeiro malgaxe, quando parte numa longa viagem, leva consigo um saquinho com a terra pátria para que a boa sorte o acompanhe

no caminho e para suportar mais facilmente a separação do lar. Para um malgaxe não existe cemitério mais honroso do que aquele em que dormem no sono eterno os seus antepassados. Em Madagáscar um dos preceitos mais antigos e mais cuidadosamente observados manda que a pessoa seja sepultada na aldeia natal, junto dos seus pais e avôs.

Quando me empenhei certa vez no estudo dos provérbios e ditados dos povos africanos, descobri logo que uma grande parte deles reflecte os sentimentos de patriotismo e de fidelidade à sua terra. "O homem na sua Pátria é o mesmo que um leão na floresta ou um crocodilo no rio", "O homem no estrangeiro é como um burro carregado ou um cavalo enfreado", "O homem sem Pátria é como a terra sem semente", repetem desde épocas imemoráveis os amhara da Etiópia.

Desde há muito, a atitude dos habitantes do Sul, Leste e Oeste de África em relação à Pátria é de cuidado, de veneração profundamente consciente e de disposição de dar todas as forças em prol da sua independência e prosperidade. "No lar nunca faz escuro", dizem os maxona e ndau do Zimbabwe. "Na aldeia alheia o galo não canta", fazem-lhes eco os dualas dos Camarões, recorrendo a uma alegoria tipicamente africana. "A mais bela cidade estranha não é tão boa como a aldeia natal", confirmam esta verdade os ewe que vivem no Benim, Gana e Togo. "No estrangeiro, a gente anda de cabeça baixa", estão firmemente convencidos os safwa e nyiha da Tanzânia. "Quem apanhou tareia numa terra estranha volta para casa, quem apanhou em casa, para onde irá?", indaga a sapiência popular na língua suaíle falada no Leste de África. "Até a

cobra não esquece a sua cova", instruem os velhos zulu, que vivem na África Austral, a sua juventude. Qualquer menino duma aldeia africana, por mais longínqua que seja, conhece esses ditados.

Louis Hunkanrin, o atirador senegalês

Em 1981, vi em Porto Novo, capital da República Popular do Benim, retratos de Louis Hunkanrin, um africano que foi o primeiro a trazer as ideias do socialismo para África. Interessei-me pelo destino deste homem e os camaradas de Benim mostraram-me amavelmente vários documentos relativos aos princípios da década de vinte do arquivo da polícia política colonial. Em 1920, L. Hunkanrin, "o atirador senegalês", (no exército colonial francês eram chamados assim todos os soldados de pele escura, fossem eles naturais do Mali, Camarões, Chade e até do Madagáscar) foi lançado na prisão militar do campo de Saint-Rafael "por ter conservado em seu poder panfletos incitadores, assim como cartas insultuosas para o exército". "Apresentamos informações a respeito do soldado do 73° batalhão de atiradores senegaleses Louis Hunkanrin, natural do Daomé,– dizia o informe, endereçado ao governador-geral francês.– Ele incitou os seus companheiros à insubmissão, enalteceu os bolcheviques russos, a revolução social e a sublevação nacional, exortou a violar a disciplina militar".

O "rebelde" foi expulso do exército. Mas como diz um ditado popular: "O leão mais depressa morre que concorda em comer moscas". Depois de regressar à sua terra, este patriota tornou-se professor na pequena cidade de Ouidah e continuou aí a sua actividade revolucionária. Louis Hunkanrin participou da divulgação de panfletos anticoloniais e da edição de um jornal ilegal. Juntamente com os seus correligionários ele criou em Porto Novo uma organização a fim de defender os direitos dos africanos, assim como um grupo revolucionário-propagandístico clandestino. Em 1 de Maio de 1921, em Porto Novo, Cotonu e em várias aldeias foi distribuído o panfleto intitulado: "O que são os Sovietes?". A polícia e a gendarmaria ficaram alarmadas, porquanto as autoridades consideraram este panfleto "perigoso para os alicerces da sociedade civilizada". "O sistema dos Sovietes russos suportou os mais terríveis ataques e deu provas da sua viabilidade..." – assinalava-se neste documento histórico curioso. A parte final deste documento provocou um autêntico pânico entre os funcionários coloniais: "Povo! Toma o teu destino nas tuas próprias mãos! Abaixo os politiqueiros corruptos! Vivam os Sovietes!"

A África pode orgulhar-se de direito dos seus heróis como Hunkanrin. Precisamente, as pessoas deste quilate determinam o futuro do continente.

Gisèle Rabesahala

Andravoahangi é um bairro comum da parte oriental de Tananarive, capital do Madagáscar. Não tem nada de especial, é um bairro como outro qualquer e os que aí vivem são simples trabalhadores. Porém, as minhas recordações caras

sobre os meus primeiros passos de correspondente na "Grande Ilha" e sobre os primeiros amigos estão relacionadas precisamente com este bairro.

Lá não existe já o prédio que vejo mentalmente como se existisse na realidade. Em 1975, em seu lugar foi construída uma mansão moderna. Mas a redacção do jornal *Imongo voavoa* encontra-se neste mesmo local.

Recordo uma construção de barro, tipicamente malgaxe, com janelas embaciadas em forma de frestas no segundo andar. Esta casa semelhante a um hangar estava dividida com paredes de contraplacado em tipografia e minúsculos gabinetes para jornalistas e compositores. Num quartinho mal iluminado, junto de uma máquina de escrever estava sempre sentada a camarada Gisèle Rabesahala, batia à máquina um artigo ou um comentário actual. Ela escreve de uma forma clara e mordaz, acertando em cheio nos inimigos da revolução, pois compartilha as alegrias e os infortúnios da gente simples e não tolera perto de si aduladores e tagarelas.

– Não se pode ganhar a batalha difícil pela sociedade nova se levar para lá o passado mau, a moral de um egoísta empedernido, se se colocar acima do povo e dar-se a si próprio os bens inacessíveis às massas, diz ela.

Certa vez, ainda antes de Junho de 1975, quando o governo patriótico não estava no poder e a camarada Gisèle não era ainda ministro para as questões da arte e da cultura revolucionária, perguntei-lhe porque menosprezava o carro e viajava para encontros e comícios nos transportes colectivos. Não era perigoso?

A Secretário-Geral do Partido do Congresso

da Independência do Madagáscar (AKFM) olhou-me com um ar crítico:

– Se eu aparecer de limusine negra numa aldeia, como um funcionário colonial, os camponeses irão considerar-me apenas uma "pessoa importante", tompoko, isto é, senhora, e uma conversa íntima será impossível. A nossa gente é sensível a pormenores deste tipo. Não há deuses na terra e a arrogância é apenas a máscara da mediocridade.

Às vezes eu encontrava no seu gabinete camponeses que haviam chegado de longe, de "taxi-brousse" superlotados, isto é, de camionetas desgastas ao máximo, que nas regiões rurais substituem os táxis. Os homens compartilhavam os seus problemas e queixavam-se das injustiças praticadas por funcionários e açambarcadores.

Ela ouvia atentamente os camponeses, dava-lhes conselhos e explicava problemas complexos da luta de classes.

Gisèle Rabesahala entrou no palco político depois do esmagamento da insurreição anticolonial de 1947-1948, tendo-se tornado iniciadora duma campanha em prol da libertação dos presos políticos. Em 11 de Julho de 1950, na época trágica em que as autoridades esmagavam a ferro e fogo qualquer manifestação de dissidência, ela conseguiu fundar juntamente com os correligionários o Comité de Solidariedade do Madagáscar (COSOMA), cujos membros recolheram milhares de assinaturas sob o apelo para a libertação dos presos.

Um dos lemas principais do COSOMA era a exigência da independência. Ao defender os prisioneiros, o Comité tornou-se uma organização

prestigiosa, realmente nacional e a primeira união sócio-política dos patriotas.

– Não imaginávamos a libertação nacional sem a social. A nossa arma era o marxismo-leninismo. Note que naquela época as obras de Marx, Engels e Lénine estavam proibidas e qualquer menção da União Soviética era punida com a prisão, prossegue ela.

O emblema do COSOMA é simbólico: duas mãos, uma branca e outra negra, unidas num aperto indissolúvel sobre a silhueta da ilha.

– Na época sombria para o nosso país, íamos buscar a esperança e as forças à solidariedade dos povos, explica Gisèle.

Gisèle Rabesahala, Remi e Henri Rakotobe, Jules Ranaivo e outros membros do COSOMA restabeleciam gradualmente a rede de organizações sociais que os colonialistas tinham desmantelado depois de 1947. Em 1951 surgiu o Comité de coordenação dos sindicatos de Madagáscar, que era na realidade uma filial da Confederação Geral do Trabalho (CGT). Gisèle foi eleita também para a direcção desta organização. Por sua iniciativa foi iniciada a edição do jornal *Teon'ni Mpiasa* ("Apelo dos operários"). "O objectivo da nossa organização, escreveu ela no jornal sobre o Comité de coordenação, é defender os que são mandados para os trabalhos forçados, as pessoas cujas terras foram açambarcadas, e lutar contra a injustiça que reina em toda a parte".

Em Agosto de 1956, este comité foi transformado em Federação dos sindicatos dos trabalhadores de Madagáscar (FISEMA) que defende os interesses dos trabalhadores. Nesse mesmo ano, Gisèle fundou o partido União do Povo Malgaxe e conseguiu vencer nas eleições municipais o

candidato que certos elementos arrastavam para o poder sem poupar o dinheiro para isso.

Naquela mesma época ela começou a escrever para o jornal *Imongo voavoa*. Este jornal popularizava as ideias do socialismo científico e publicava reportagens sobre a União Soviética.

Várias vezes, autocarros verdes paravam com um uivo estridente de sirenas junto da casa de barro em Andravoahangi. Gendarmes armados vestidos de uniformes negros funestos, saltavam destes veículos e irrompiam na tipografia. Um oficial francês lia às pressas a ordem sobre a confiscação de mais um número de jornal "faccioso" e os seus subalternos devastavam toda a tipografia, levavam para fora rimas de impressos proibidos, desfaziam os textos já compostos e quebravam as máquinas.

– O nosso partido, Congresso da Independência de Madagáscar, conquistou o seu prestígio entre o povo no processo de uma luta difícil. Alguns dos nossos companheiros foram mortos traiçoeiramente e nós já nos habituámos às atemorizações e prisões. Muitos membros do Congresso foram vítimas de provocações e calúnias. Muitos companheiros foram mortos e exilados no período de 1960 a 1966, relata ela.

A fúria dos reaccionários era perfeitamente compreensível: o partido criado em 1958 apresentou um programa claro de unidade nacional e de luta contra o neocolonialismo.

– Os círculos imperialistas utilizaram extremistas de esquerda para alcançar os seus objectivos subversivos, diz Gisèle. Os provocadores actuavam por encargo dos serviços de espionagem da França, Inglaterra e da África do Sul já a partir de 1947.

Os extremistas procuraram impedir o estabelecimento do governo patriótico que tinha chegado ao poder em Junho de 1975. De acordo com os planos dos seus patrões, eles deveriam desempenhar o papel de espoletas que provocariam desordens e manifestações antecipadas e mal preparadas capazes de servir de trampolim para a reacção, ansiosa por regressar ao poder.

– É ainda mais perigosa a social-democracia, pois nos países em vias de desenvolvimento ela representa directamente os governos ocidentais, diz a camarada Gisèle. O presidente do nosso país, Ratsiraka, desmascarou várias vezes pessoas cuja actividade se realiza sob os lemas do falso socialismo que conserva os interesses colonialistas e imperialistas, e procuram penetrar nas organizações patrióticas para destruí-las internamente.

Em Janeiro de 1976, G. Rabesahala foi nomeada ministro da arte e da cultura revolucionária. Mas ela não esquece a casa em Andravoahangi. O ministro trabalha até altas horas da noite escrevendo um artigo ou ensaio ou discutindo o número de amanhã.

– *Imongo* é um jornal do partido, explica o correligionário de Gisèle, Arsene Ratsifehera, escritor, personalidade política e membro do Supremo Conselho Revolucionário da República.– Os nossos recursos são parcos. No entanto, reduzimos a rubrica de anúncios ao mínimo: um órgão político ofensivo não pode gastar páginas inteiras para publicar a propaganda comercial.

– À custa de que recursos existe o jornal?

– Graças à ajuda dos assinantes, contribuições dos membros do partido e também porque não recebemos honorários pelo trabalho na redacção. Mas estamos orgulhosos de que a república aguarda e lê as nossas "voavoa" (notícias). O povo acredita em nós.

Os malgaxes conheceram pela primeira vez a literatura soviética também graças a Gisèle e os seus correligionários. Em 1973, o jornal publicou o romance de N. Ostróvski *Assim foi Temperado o Aço*, traduzido por Arsene Ratsifehera. Os leitores mandaram inúmeras cartas para a redacção do jornal pedindo a repetição da publicação.

Arsene traduziu também a biografia de V. I. Lénine, ajudou a publicar na língua malgaxe a primeira tradução na história de Madagáscar do hino "Internacional". Nas páginas do *Imongo* foram publicadas as traduções do romance *A Mãe* de M. Gorki, de *Aelita* de A. Tolstoi e da *História de um Verdadeiro Homem* de B. Polevoi, feitas por Arsene.

Que milagre faz Arsene para reservar, apesar da sua actividade febril, algum tempo para a criação literária, este é um segredo pessoal. Ele é autor das obras *Contos de Fadas e Novelas*, *Retratos de toda Parte, Uma Missão* e da novela *A sua Fúria*, editada na URSS.

Em Setembro de 1979, a Secretário-Geral do Congresso da Independência do Madagáscar G. Rabesahala foi condecorada no Kremlin com a Ordem da Amizade dos Povos. Desta forma foi assinalada a sua luta de muitos anos pela libertação nacional, pela paz e o progresso social e a sua contribuição para o desenvolvimento da amizade entre os povos do Madagáscar e da URSS. A propósito, Gisèle Rabesahala foi a primeira personalidade social malgaxe que esteve na URSS em 1949, juntamente com um grupo de

participantes do Segundo Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes realizado em Budapeste.

– O nosso povo compreende a grande importância da amizade com a União Soviética na luta pela verdadeira independência, pela paz e pelo progresso. O mundo moderno seria diferente se não fosse a URSS, que só com a sua existência defende o direito dos povos à autonomia e ao desenvolvimento livre, diz ela.

Ouvi várias vezes Gisèle repetir esta ideia.

– Qual é na sua opinião, a origem das relações soviético-malgaxes?, perguntei.

– As notícias sobre a revolução na Rússia deram esperanças aos que penavam nas masmorras depois das detenções em massa resultantes da liquidação da organização clandestina nacional VVS em 1915-1916.

Por cima da escrivaninha de Gisèle está pendurado o retrato de V. I. Lénine. Juntamente com o antigo prefeito de Tananarive, R. Andriamanjato, ela conseguiu, após uma longa luta contra os sociais-democratas, que uma das ruas da capital tivesse o nome do guia da Grande Revolução de Outubro. As autoridades coloniais anularam várias vezes esta decisão do conselho municipal. E só em Novembro de 1973, numa das principais vias da capital apareceram os letreiros "rua Lénine".

Juntamente com R. Andriamanjato, Gisèle Rabesahala inaugurou em 22 de Abril de 1980 um monumento a V. I. Lénine na capital do país.

– Lénine prognosticou o destino do Madagáscar, diz ela sorrindo.– Os nossos costumes, hábitos, história, cultura e língua são diferentes.

Quando no vosso país é Verão, no nosso reina o Inverno. Existem, porém, coisas que unem todas as pessoas: são as ideias do bem, da liberdade e da verdadeira igualdade.

Chimurentcha, quer dizer "punidora"

Testemunhei várias vezes o nascimento de novos Estados de África. Os primeiros dias da independência são uma revelação sem analogias, uma possibilidade única de ver a alma do povo jubiloso, vê-lo tal qual ele é, em toda a beleza dos seus melhores ímpetos e ideais, pois a alegria da conquista da liberdade é sempre autêntica e impetuosa. Precisamente nestes minutos de passagem do antigo para o novo é que se sente de uma forma especialmente aguda a profundidade do patriotismo dos homens, que permite medir a vitalidade de qualquer povo.

Em Abril de 1982, o governo da República de Zimbabwe anunciou a mudança de nomes de 32 cidades do país. Os antigos nomes, relacionados com o passado colonial, foram relegados para o esquecimento. A capital da república, Salisbúria, foi denominada Harare. Este é o nome do chefe africano que governava nesta região em 1896, quando os invasores ingleses ergueram o "Union Jack", manchado com o sangue dos habitantes locais eliminados, sobre a terra alheia que acabavam de usurpar. Na língua chona a palavra harare quer dizer "o povo não pode dormir". E o chefe justificou este seu nome lutando contra os opressores até ao fim. A capital recebeu o nome do patriota. Mas eu recordo o tem-

po em que a cidade tinha o nome de lorde Salisbury. Isto aconteceu nos dias da proclamação da República de Zimbabwe, quinquagésimo Estado independente de África. Na avenida Jameson (hoje avenida Samora Machel), em Salisbúria, no alto pedestal cercado por "árvores de fogo" de cor escarlate e jacarandás lilases no seu florescimento, encontrava-se então um ídolo de pedra, o monumento a Cecil Rhodes. Na noite de 18 de Abril, quando o povo de Zimbabwe festejava a conquista da independência, centenas de jovens reuniram-se, sem ter combinado isso de antemão, e fizeram duas tentativas para destruir o monumento odiado. Da primeira vez, a polícia vigilante, composta de pessoas que serviam ainda na época do regime ilegal de Smith, rechaçou o ataque com a ajuda do gás lacrimogénio e na segunda, lançou contra eles os cães.

– Não somos nenhuns vândalos, explicou-me o estudante Onias Taouro. O monumento de Rhodes não tem nada a ver com a arte. Ele é como um osso atravessado na garganta que nos faz lembrar o pior período da nossa história, a humilhação e a escravidão. Para edificar uma vida nova, é preciso deixar para trás os ídolos do passado odiado do tipo de Rhodes. Demos o primeiro passo banindo a palavra Rhodes do nome do nosso país.

Em Agosto de 1981, o monumento ao fundador do império colonial britânico na África Austral foi derrubado de acordo com uma decisão do governo da república. À tarde, um grupo de operários chegou ao ídolo de pedra que durante duas décadas olhava sombriamente a cidade. Prenderam o monumento com cabos e derrubaram-no. Um guindaste carregou-o rapidamente

num camião e o símbolo do passado desapareceu para sempre.

Logo nas primeiras horas da independência conheci o então ministro da juventude, desporto e lazeres Teurai Ropa Nhongo. Esta mulher enérgica de 25 anos entrou na lenda sob o nome de "Chimurenga", o que significa na língua chona "punidora".

Joyce Mugari, era assim que os pais lhe chamavam, em 1973 prestou com êxito os exames para o instituto Howard, em Salisbúria. Depois mudou-se para a Zâmbia, ingressou nas fileiras dos combatentes pela liberdade e sob o nome de "Teurai" lutou numa das unidades de infantaria.

Depois da derrocada do colonialismo português ela mudou-se para Moçambique. A camarada Teurai é uma das primeiras seis mulheres incluídas no estado-maior do Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbabwe (ZANLA). Ela trabalhava como comissário político no exército em operações e promovia o trabalho de esclarecimento entre a população do interior. Em 1977 foi eleita para o Comité Central da União Nacional Africana de Zimbabwe e nomeada secretária para os problemas das mulheres.

Esta jovem graciosa tem um carácter firme e decidido. Os companheiros falam com admiração da sua bravura e autodomínio. Em 29 de Novembro de 1978, os comandos rodesianos atacaram perfidamente o campo de refugiados no povoado moçambicano de Chimoio e fuzilaram impiedosamente os seus habitantes. Teurai Nhongo deixou os seus dois filhos aos cuidados de amigas e com uma metralhadora nas mãos

lançou-se para o combate a fim de dirigir a luta contra esta tropa de desembarque.

Tal era a pessoa que recebeu prontamente os primeiros jornalistas soviéticos em Zimbabwe.

– Temos um não mais acabar de trabalho e um sem número de problemas, diz o ministro. Mas a juventude apoia a política do governo que visa a ressurreição económica do país e a garantia do bem-estar das massas populares. Ela está plenamente decidida a participar de todas as nossas iniciativas.

– E quais são as dificuldades?

– A maioria dos jovens não tem instrução, nem trabalho. A guerra deixou-os ao desabrigo e transformou-os em refugiados. Por mais paradoxal que pareça, muitos deles têm de recuperar a Pátria no seu próprio país.

– O que pretende fazer em primeiro lugar?

– O governo planeia dar instrução escolar a toda a juventude. Daremos trabalho aos que têm alguma profissão. Vamos criar cursos técnico-profissionais rápidos. A juventude atende ao nosso apelo de coesão. Por toda a parte surgem equipas e grupos operários.

– Sou optimista por natureza, diz a camarada Teurai. Acredito na juventude de Zimbabwe e faço a minha opinião a seu respeito com base nos seus feitos. Os nossos jovens lutaram corajosamente pela liberdade, agora os meus companheiros de armas constroem escolas e enfermarias e lavram a terra, unindo-se em equipas e cooperativas de produção.

A nossa conversa passa para as relações União Soviética-Zimbabwe.

– Procuramos estabelecer contactos com as pessoas da nossa idade dos outros países e continentes e conhecer a sua experiência. A experiência das organizações juvenis dos Estados socialistas, especialmente do Komsomol soviético, representa um grande valor para nós na causa da mobilização dos jovens cidadãos de Zimbabwe para o trabalho abnegado, diz o ministro. O que me atrai mais na juventude soviética é o seu sentimento de solidariedade e de camaradagem. Queremos colaborar com a juventude soviética. Vós percorrestes um caminho longo e difícil. A vossa experiência suportou a prova da vida. As grandes conquistas do povo soviético falam por si próprias.

A minha interlocutora pára por um minuto e, como que depois de se concentrar, prossegue:

– Damos elevado apreço à contribuição da URSS, do povo soviético e do seu governo para a causa da libertação da nossa Pátria, diz a camarada Nhongo. Em Zimbabwe compreendem que sem a vossa ajuda e apoio seria difícil para nós resistir e alcançar a vitória.

No primeiro dia da independência, o primeiro-ministro de Zimbabwe, Robert Mugabe, distribuiu medalhas comemorativas em que havia a efígie da metralhadora Kaláchnikov.

– Conquistámos a liberdade graças a esta arma, disse ele ao entregar a condecoração.

Pelo caminho das estrelas

O homem novo é educado pela África nova. Os seus filhos e filhas respiram mais facilmente na sua terra livre do domínio estrangeiro e revelam as suas capacidades, todo o seu potencial es-

7–82

piritual que esteve oprimido durante longos séculos. Porém, a luta ainda está longe de ter terminado.

É intensa a vida de Angola, Zimbabwe, Madagáscar, Moçambique e outros jovens Estados que resolveram viver de uma maneira nova, de acordo com o seu entendimento e ideais. Os países que refutaram a tutela leonina da "civilização" imperialista obsoleta, cuja existência era possível unicamente devido à exploração do povo e à pilhagem das suas riquezas, têm ainda uma vida inteira pela frente. Uma coisa é indubitável: por mais difícil que seja o futuro, nem se pode falar do regresso ao passado: isso seria antinatural. Uma garantia disso é a história e a imposição implacável do tempo que exige a renovação eterna. "É amarga e penosa a ideia de virar para trás a meio caminho sem conduzir consigo os que estão perto", escreve Arsen Ratsifehera na sua novela *A sua Fúria*. Nesta ideia, imbuída de amargura, existe a previsão de possíveis ziguezagues no desenvolvimento e a convicção de que os povos não irão parar a meio caminho. As pessoas como Louis Hunkanrin, Gisèle Rabesahala, Teurai Ropa Nhongo e outros patriotas são uma garantia firme de que a África encontrará, afinal, como disse o patriota e poeta angolano António Agostinho Neto, "o seu caminho estrelado" para o futuro, no labirinto de caminhos e de atalhos que os desviam, encontrará o "único caminho certo, coberto de florestas, lavado pelas chuvas, imbuído de sumo e de aromas, iluminado com os raios e despertado com o trovão".

Viatcheslav Mólev [1]

O PODER POPULAR AMADURECE NA LUTA E NO TRABALHO

A erva, quase da altura de um homem, entre a qual se erguiam algumas palmeiras raras, chegava até quase à estrada. Pela beira da rodovia iam africanas carregando alguma bagagem simples à cabeça – uma cesta bem cheia, um tacho ou um saco grande. No seu modo de andar há tanta plasticidade, graça e ligeireza que a sua carga pesada parece imponderável. Muitas delas trazem às costas os filhos firmemente presos com amplas faixas de tecido multicolor. E enquanto as mães caminham, crianças dormem a sono solto.

O nosso veículo percorreu mais algumas centenas de metros e entrou num descampado. Um vento ligeiro trazia rolos de fumo negro para a estrada: provavelmente, acabava de ser queimado um dos trechos próximos da savana. Finalmente, apareceram algumas construções e depois uma rua de pequenas casas, quase todas de

[1] Viatcheslav Mólev é jornalista especializado em assuntos internacionais, vice-redactor da secção de países de Ásia e África do semanário *Za Rubejom* (editado com uma tiragem de 1 200 000 exemplares). É autor de vários artigos na imprensa soviética sobre problemas mais importantes da Africa moderna, em particular, do Sul deste continente.
O presente ensaio foi escrito depois da sua viagem à República Popular de Angola, em Julho-Agosto de 1983.

um só andar. As casas estavam estucadas e pintadas de cores vivas, mas já um tanto descoloridas. Havia também choças rectangulares de adobe. De vez em quando apareciam vivendas confortáveis de dois andares, em que na época colonial viviam especialistas portugueses – colonos e agora vivem famílias operárias.

Era um dia de trabaho comum e as ruas do povoado, situado nas proximidades de Caxito, onde existem uma refinaria de açúcar, uma saboaria e uma manteigaria, pareciam desertas. Apenas bandos de criançada negra saíam correndo aos risos e gritos dos pátios e desapareciam com a mesma rapidez por trás do cerco. Aproximava-se a hora do almoço e algumas donas de casa já cozinhavam junto dos fogareiros colocados em frente às casas.

Operários de Caxito

As empresas industriais estão situadas perto umas das outras no mesmo território, e os seus produtos têm a mesma marca registada – "Fábrica 'Heróis de Caxito'", em homenagem aos patriotas angolanos que tombaram na luta pela independência, em homenagem aos conterrâneos que trabalham aí presentemente. O comissário da província de Bengo, Miguel Lopes Maria (Ximuto), membro do CC do Movimento Popular de Libertação de Angola-Partido do Trabalho, apresenta a delegação do Comité Soviético de Solidariedade com os Países da Ásia e África, aos directores das empresas, membros das direcções fabris e militantes do partido.

– A nossa província, relata Miguel Lopes Maria, é sobretudo agrícola. Foi separada da província de Luanda há apenas três anos e como é de compreender, problemas por resolver não faltam. A principal cultura produzida para o mercado é o café. Quando as condições atmosféricas são favoráveis, obtemos de 5 a 7 mil toneladas de café por ano. Nos anos maus, 2-3 mil toneladas. Cultivamos também banana, milho, arroz, feijão e legumes. Produzimos óleo de palmeira, sabão e açúcar cristalizado. Uma das empresas, os companheiros podem ver agora mesmo, a outra está em reconstrução. Existem também algumas reservas de minérios. No território da província existe uma central hidroeléctrica, a melhor em Angola.

Um enorme reboque carregado até cima com cana-de-açúcar saiu da estrada asfaltada e desapareceu devagar por trás do prédio da fábrica deixando atrás de si nuvem do poeira.

– A propósito! Há uma possibilidade de seguir todo o ciclo de produção, exclamou ele apontando o veículo que se afastou, e explicou: – A safra da cana-de açúcar está praticamente concluída, restam apenas algumas pequenas plantações situadas aqui perto.

Logo dobrando a esquina do prédio havia um recinto cercado. Era ali que se descarregava a cana. Um potente mecanismo de elevação virou o reboque e longos e grossos caules começaram a deslizar por um tapeto transportador que os levava para a prensa. No ar havia um cheiro doce e inebriante.

– Porquê está a cana coberta de fumo?, perguntámos ao director geral da refinaria de açúcar, Tândido Luís da Costa Carneiro.

– Antes de começar a safra, a plantação é incendiada, explicou ele. -Talvez tivessem visto, quando vinham para aqui, campos cobertos de fumo? As folhas e a erva ficam reduzidos a cinzas, enquanto o caule suculento resiste ao fogo...

Por uma escada metálica estreita e abrupta subimos para a plataforma onde dois operários observavam as indicações de aparelhos automáticos que regulam o processo de transformação da cana-de-açúcar.

– Quanto açúcar é produzido por dia?

– De acordo com o plano deveríamos produzir 24 toneladas, mas na realidade produzimos apenas seis...– Ele suspira discretamente.– Aliás, é difícil de esperar outro resultado: repare para este equipamento, tudo sem excepção é antigo e precisa de reparações.

A fábrica foi construída em 1966 e desde então, nada mudou. Ora uma, ora outra máquina se estraga. Dinheiro para a modernização? Estamos a atravessar o mau bocado, não podemos nutrir muitas esperanças a este respeito. Além disso, na fábrica faltam peritos que possam resolver esta tarefa.

– E como trabalham vocês?

– Fazemos o possível e às vezes até o impossível, diz ele apontando para as oficinas de reparações. As máquinas e ferramentas aqui também não são nada novas. É nelas que trabalhamos os biletes para produzir peças sobressalentes. Aquelas engrenagens, por exemplo, e indicou a bancada em que peças novinhas de latão brilhavam como ouro.– E somos nós que fundimos os lingotes para as peças sobressalentes.

Examinámos as engrenagens de configuração bastante complexa e outras peças fabricadas nesta mesma oficina. Era para mesmo admirar, como se conseguiu fazer tudo isso com um equipamento, falando francamente, bastante primitivo.

Equipamento e tecnologia obsoletos, foi disso que se queixou em primeiro lugar também Manuel António da Silva, director da saboaria e da manteigaria.

– Mas se o problema se reduzisse apenas ao equipamento! Não conseguimos cumprir as tarefas do plano também por outras razões objectivas: falta aguda de matérias-primas, ausência de transportes, de quadros qualificados próprios e de especialistas de gestão de empresas.

Manuel António da Silva é um angolano alto e esbelto. No seu cabelo crespo, cuidadosamente aparado, já despontam fios brancos. Grandes olhos castanhos, um pouco saltados e com a esclerótica avermelhada, observam atenciosamente tudo o que acontece na economia que lhe fora confiada. Sente-se que ele conhece bem a produção e cuida dos seus operários. Tem uma grande experiência da vida. É natural de Caxito, começou a trabalhar em 1936 com 15 anos. Em fins da década de cinquenta incorporou-se no movimento de libertação. Houve depois a detenção, o processo judiciário e a prisão. Depois da proclamação da independência em Angola foi designado director da saboaria em Caxito. Em 1979, Manuel António da Silva aderiu ao MPLA-Partido do Trabalho. Agora, ele é deputado da Assembleia Popular, órgão do poder supremo na república.

Manuel António da Silva e os seus companheiros, membros do MPLA-Partido do Trabalho, continuam a causa de ressurgimento económico da República Popular de Angola, resolven-

do uma tarefa difícil e de grande responsabilidade.

Nas condições da época de guerra

Miguel Lopes Maria (Ximuto), comissário da província de Bengo, membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, é um dos veteranos do movimento de libertação nacional. Fala com plena sinceridade, sem diminuir ou ocultar algo, das dificuldades com que se deparam os órgãos do partido e as autoridades municipais da província (como, aliás, de todo o país). Ele recebe os convidados soviéticos na sede do comité provincial do partido. É uma pessoa magra, de estatura relativamente pequena. O seu bigode grisalho e as cãs na cabeleira traem a sua idade avançada, embora energia não lhe falte.

– Os companheiros viram que nós, os activistas e simples membros do partido, não estamos de braços cruzados. Apesar disso, as dificuldades com que deparamos ao executar os planos de desenvolvimento económico, são enormes.

Uma das causas principais das nossas dificuldades é a agressão racista da República Sul-Africana e a intensificação da actividade da ralé contra-revolucionária da UNITA. – Num acesso de cólera ele cerra os dentes e bate com o punho cerrado na palma da sua mão.

Miguel Lopes Maria está nestas paragens desde Dezembro de 1974, isto é, um mês e meio depois de ter saído do mato onde se encontrava a base da sua unidade de guerrilha. Foi aí que ele viu as ruínas de Caxito e a orgia sangrenta organizada por bandidos da FNLA, sob a direcção de Holden Roberto, e da UNITA, dirigida por Jonas Savimbi. Foram eles que convocaram os invasores estrangeiros para impedir a tomada do poder pelo MPLA, o único movimento de libertação nacional realmente popular que chefiou uma luta intransigente contra o colonialismo e o imperialismo.

– Os companheiros sabem bem, prossegue ele, como foi difícil a situação em que nós então ficámos. Os bandidos derrotados destruíam tudo o que encontravam durante a fuga ignominiosa. Da revolução fugiram também 500 mil colonos portugueses e os seus lacaios, em cujas mãos estavam concentradas todas as alavancas de comando da economia e dos órgãos administrativos. Mal começámos a recuperar-nos deste golpe, em Julho de 1981, a República Sul-Africana, impelida por Reagan, desencadeou uma nova guerra contra nós. Os racistas ocuparam 55 mil quilómetros quadrados do nosso território impedindo o acesso às regiões agrícolas do Sul que eram as principais fornecedoras de alimentos e de matérias-primas para todo o país.

A aspiração persistente da reacção internacional e interna de liquidar o poder popular em Angola deve-se aos seus interesses egoístas: este país possui recursos naturais muitíssimo ricos e é um dos poucos do continente que tem provavelmente tudo o necessário para se tornar um estado agro-industrial altamente desenvolvido. Existem grandes reservas de petróleo e de gás, de diamantes, fosfatos, de minério de ferro e de cobre e até há pouco Angola era o segundo maior produtor do café no mundo. Nas condições de uma paz duradoura, o país poderia praticamente satisfazer na íntegra as suas necessidades em ali-

mentos e em matérias-primas para a indústria manufactureira.

É bastante fácil compreender as causas objectivas da situação existente. É muito mais difícil, especialmente para um observador que está de fora, compreender a verdadeira envergadura das dificuldades com que depara a jovem república. Depois da guerra, em Março de 1976, quase todas as empresas industriais da República Popular de Angola, cujo número é superior a quinhentos, estavam paradas. O governo do MPLA estabeleceu o seu controlo sobre as empresas mais importantes e apoiando-se no destacamento progressista de revolucionários angolanos conseguiu fazer com que as fábricas reiniciassem o seu trabalho. A verdade, porém, é que em alguns locais as empresas produziam apenas 40% do seu rendimento normal. Mas o poder popular conseguiu demonstrar que podia actuar de uma forma bastante eficiente também no sector económico. Em princípios de 1979, na RPA foram criadas centenas de empresas agrícolas estatais, de cooperativas e de associações camponesas que proporcionavam o aumento da produção agrícola. No período de 1977 a 1980, a produção na indústria manufactureira, em primeiro lugar, na indústria têxtil, costumeira e de calçados aumentou em 60% e na indústria mineira, 4,5 vezes. A extracção do petróleo atingiu o nível registado antes da guerra, isto é, 7,8 milhões de toneladas por ano. Os rendimentos proporcionados pela exploração de recursos de matérias-primas asseguraram a Angola uma situação financeira estável. A economia da república ingressava na fase de incremento. E eis novamente uma agressão...

– Nós, prossegue Miguel Lopes Maria, compreendemos perfeitamente que a consolidação do nosso poder popular não agrada às forças imperialistas e à reacção internacional, pois ameaça minar definitivamente as posições da UNITA, empenhada em desestabilizar a situação no Sul a coberto do escudo militar da República Sul-Africana e frustrar os seus esforços com o fim de restabelecer as posições do capital internacional em Angola. Mas o imperialismo não quer absolutamente perder um país como o nosso, o qual possui enormes recursos naturais e tem, além disso, uma grande importância estratégica. Por isso, hoje ele recorre à ajuda dos racistas de Pretória e dos criminosos da UNITA. Veja os nossos jornais: só ontem, estes bandidos explodiram o caminho-de-ferro na província de Moxico, causando a morte de 50 pessoas e ferindo mais de duzentas.

Os racistas da RAS e os imperialistas utilizam para alcançarem os seus objectivos, os traidores do povo angolano que fazem parte da UNITA, fornecem-lhes armas modernas e treinam-nos para a perpetração de actos terroristas e de sabotagens. Agora as forças imperialistas realizam, com a ajuda da UNITA, a segunda parte do seu plano, ou seja, promovem operações cuidadosamente planeadas a fim de estrangular economicamente a RPA. As tropas da UNITA recorrem à táctica de raids em profundidade aproveitando o facto de em muitas regiões a população ser muito rala e de existirem enormes áreas onde é difícil exercer um controlo eficiente. Note-se que, o seu alvo principal são objectos de importância vital para a economia do país. Eles explodem diversos trechos do cami-

nho-de-ferro de Benguela, pontes, paralizaram o complexo industrial de celulose e de papel em Alto Catumbela – o maior em Angola, destruíram a central hidroeléctrica de Lomaum, inundando milhões de hectares de terras cultivadas e prejudicando o abastecimento de energia às cidades de Huambo, Lobito e Benguela. Em vésperas da partida da nossa delegação de Angola, o membro do Bureau Político do Comité Central do MPLA – Partido do Trabalho, ministro da defesa da RPA Pedro Maria Tonha (Pedalé) ressaltou mais uma vez, ao discursar num comício, que a guerra imposta pelos racistas da RAS complica seriamente a situação sócio-económica de Angola. Ele assinalou que em quase todo o território do país os grupos contrarevolucionários tentam impedir o desenvolvimento da produção agrícola e o funcionamento dos transportes, o que dificulta o processo da reconstrução nacional.

A extrema gravidade deste conflito deve-se não apenas ao facto de Angola prestar apoio aos movimentos de libertação dos povos da Namíbia e da RAS. Angola escolheu a via de desenvolvimento socialista e isto é muito importante para compreender o que acontece no país e à sua volta.

Os problemas do desenvolvimento económico preocupam todos em Angola. Esta preocupação dos dirigentes do partido e do Estado, dos militantes do partido e dos sem partido, dos operários, camponeses, empregados e da intelectualidade trabalhadora é perfeitamente compreensível. Por um lado, em 1982 verificou-se um aumento de 39% da produção de açúcar em comparação com o ano de 1981; o respectivo

índice para a farinha foi igual a 13%; para o óleo vegetal, a 31%; sabão 21%; margarina, 25%; cobertores, 70%; calçado, 118%; automóveis, 28%. Por outro lado, apesar do crescimento da produção, vários ramos da economia não cumpriram os seus planos e o nível da produção industrial em geral diminuiu em 5%. As dificuldades económicas não permitiram cumprir o plano de investimento de capitais. Alguns projectos foram anulados, a execução de outros foi adiada.

As causas principais destas dificuldades, além das consequências da agressão racista, são evidentes: a pesada herança colonial e dependência, ainda existente, do mercado angolano em relação ao mercado capitalista, o que fez com que a crise económica no Ocidente afectasse seriamente este país. A queda brusca dos preços mundiais dos diamantes e do café, que são mercadorias principais da exportação angolana, provocou dificuldades financeiras a esta república.

No coração do país

Luanda desperta cedo. A cidade está ainda envolvida numa névoa suavemente esbranquiçada, mas os pescadores já lançaram os seus barquinhos da beira da restinga, ao longo da qual se estende uma única rua, a avenida Murtala Mohammed, e fizeram-se ao mar. Na outra extremidade da capital, no porto, começaram a soar as campainhas de guindastes, ouve-se o barulho de cabrestantes e de potentes camiões adaptadas para o transporte de contentores. Não despertou apenas o bairro de Baixa, construído ainda pelos

portugueses; aqui, em prédios altos e vivendas antigas com pátios no interior estão situados escritórios de diversas instituições estatais e de companhias estrangeiras, vivem especialistas estrangeiros.

A névoa dissipou-se aos poucos e a enorme fortaleza amarela de São Miguel, construída pelos portugueses no século XVI, surgiu como que a pender sobre a cidade. Pelo cais 4 de Fevereiro, que liga os dois extremos da capital, já passam autocarros duplos repletos com gente mais variada, passam automóveis superlotados e camiões que, além de cargas, transportam passageiros de "autostop". A esta hora, quase todos se dirigem para os bairros industriais de Luanda. Um deles, o Cacuacu, estende-se muitos quilómetros para sudeste: aí se encontram o conjunto de empresas madeireiras "Panga-Panga", a fábrica têxtil "Textang", a refinaria de petróleo "Petrangol"... Abrem-se as portas das empresas deixando passar autocarros com operários.

Os bairros operários já estão em plena ebulição. Nas ruas e travessas ouvem-se exclamações de saudação de vizinhos e conhecidos, vozes e risos de crianças brincando. O vestuário de todos, de crianças e de adultos, é muito limpo e asseado. As donas de casa já se dirigem às lojas; é preciso tomar lugar na bicha para adquirir o pão, legumes e artigos manufacturados. Sim, por enquanto existe a falta de víveres e de bens de consumo corrente. Mas mesmo na época mais difícil, em 1975-1978, a cidade não passava fome, embora os inimigos já tivessem prognosticado a sua morte de inanição. Agora, sobre isto já não se fala mais pois a produção de víveres aumenta. Mas o que se conseguiu, é, por enquanto, muito

pouco para consolidar o poder popular em todo o país. Eis porque a direcção do partido e da república fez uma análise autocrítica séria sobre a situação em Angola. As actuais condições exigem um rápido desenvolvimento da produção, para que seja possível realizar por toda a parte profundas transformações sócio-económicas progressistas e dar início à edificação dos fundamentos da sociedade de orientação socialista.

"Na frente e na retaguarda, defendemos a Pátria socialista!". Vi estas palavras de Agostinho Neto, fundador do MPLA-Partido do Trabalho e primeiro presidente da República Popular de Angola, escritas a grandes pinceladas na parede da escola de liquidação do analfabetismo e na empresa madeireira da capital "Panga-Panga". O secretário do partido na empresa, José António Navaia, um angolano de idade média e de porte atlética, informa-nos sobre as condições em que trabalham os operários, mostra o refeitório e a enfermaria da empresa.

Logo no território da enorme oficina está situada uma sala especial da organização do partido. É um recinto relativamente pequeno, uma das suas paredes, aquela que "dá para a oficina", está envidraçada. Na parede oposta estão os retratos de V. I. Lénine, Agostinho Neto e de José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA--Partido do Trabalho, Presidente da República. Num canto está a bandeira da organização do partido. Numa pequena mesa, livros de V. I. Lénine, A. Neto, brochuras com intervenções do presidente Santos, o romance do escritor angolano Boaventura Cardoso.

Saudamos o camarada que está hoje de plantão nesta sala e José António Navaia convida-

-nos a sentar. Pedimos que fale do trabalho da organização do partido na empresa e da execução do plano extraordinário de desenvolvimento económico, adoptado em Fevereiro de 1983, pelo plenário extraordinário do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho.

As condições difíceis existentes depois da agressão de 1981 e da intensificação da actividade contra-revolucionária, forçaram o governo da RPA a utilizar importantes recursos humanos, materiais e financeiros para consolidar a capacidade de defesa da república, e ajudar a população – vítima da invasão dos racistas. Na declaração do Bureau Político do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho foi assinalado que Angola herdou do colonialismo uma economia praticamente destruída. Hoje em dia, isto trava seriamente o desenvolvimento do país. Os objectivos e as tarefas colocados depois da proclamação da independência ainda não foram alcançados. O processo de restabelecimento da produção é lento e as condições da vida da população não são fáceis. Tendo em consideração a difícil situação internacional e nacional a direcção do partido decidiu transformar o plano de desenvolvimento sócio-económico para 1983 em "plano extraordinário geral que prevê as condições da época de guerra no país".

– O plano extraordinário, diz José António Navaia, prevê, antes de mais, o aumento da produção dos principais víveres e materiais de construção, o melhoramento do trabalho do sistema de transportes e de estabelecimentos médicos. O plenário assinalou claramente que as organizações de base do Partido devem desempenhar um papel importante na solução destas tarefas.

Alta responsabilidade

– Na nossa empresa, prossegue José António Navaia, trabalham 40 membros do MPLA-Partido do Trabalho e 12 membros da juventude comunista, membros da JMPLA – Juventude do Partido. A tarefa primordial da nossa organização do partido consiste em elevar a produtividade do trabalho, liquidar falhas de produção e faltas injustificadas ao trabalho, procuramos também melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários. Como o fazemos concretamente? Procuramos, juntamente com a administração, interessar ao máximo os operários, rodeá-los de atenções conforme permitem as nossas modestas possibilidades. O pessoal dispõe de um autocarro da empresa para vir para o trabalho e regressar ao lar. Cuidamos para que os operários se possam alimentar regularmente na empresa. O preço do pequeno-almoço e do almoço é calculado na base dos preços estatais fixos para os produtos. Junto da empresa existe uma loja, em que os produtos também são vendidos por preços fixos. Começamos há pouco a construir uma creche para filhos dos operários. Foram também organizados cursos para a liquidação do analfabetismo. Uma pessoa alfabetizada é um operário mais consciente. Queremos que cada um compreenda o que faz e em prol de que. E os operários, geralmente, apreciam a atenção e correspondem com o trabalho consciencioso. Os indivíduos que trabalham desleixadamente, sem esforço, têm de responder pela sua conduta nos conselhos de produção e nas reuniões comuns. Além disso, na nossa empresa o trabalho é pago consoante a produtividade de cada operário.

A organização de base é o baluarte do MPLA-Partido do Trabalho. Hoje em dia, o Partido tem 3 mil organizações deste tipo que reúnem cerca de 27 mil pessoas. Para um país com quase 9 milhões de habitantes, isto talvez não seja muito. Deve-se ter em conta porém, que o partido surgiu na base do amplo movimento anticolonial no quadro do qual se uniram diversas organizações que lutavam contra o colonialismo, pela libertação do país. Logo depois de se formar em 1956, o MPLA deu provas de que era um movimento anti-imperialista tendo declarado que o imperialismo era o principal inimigo dos povos que lutam pela libertação nacional. Quando Angola conquistou a independência, sentiu-se a necessidade de criar um partido progressista de vanguarda a fim de consolidar a independência no país e eliminar a exploração do homem pelo homem. O I Congresso do MPLA resolveu em Dezembro de 1977 transformar este movimento em MPLA-Partido do Trabalho que actua com base nos princípios do socialismo científico.

Na mesma ocasião tornou-se evidente a necessidade de efectuar a mais rigorosa selecção de membros do partido, escolhendo as pessoas, cuja consciência política e qualidades de trabalho correspondessem às altas tarefas e de grande responsabilidade de edificação dos fundamentos da sociedade socialista, que o MPLA-Partido do Trabalho tinha apontado.

Na província de Bengo, disse-nos o membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho Miguel Lopes Maria (Ximuto), funcionam 200 organizações de base do partido que congregam cinco mil membros e aspirantes a membro

do partido. Nas grandes empresas como, por exemplo, na Fábrica "Heróis de Caxito" existem comités do partido. Células do partido foram também criadas em diversas herdades agrícolas. Os membros do partido cuidam de unir e de tornar coesas em torno do MPLA-Partido do Trabalho as organizações da juventude, das mulheres e dos pioneiros. Eles defendem os objectivos do partido por meio do exemplo pessoal, mediante a persuasão e a crítica intransigente.

O Presidente do MPLA-Partido do Trabalho, Presidente da RPA José Eduardo dos Santos ressaltou, numa das suas recentes intervenções, o seguinte: "O Partido que dirige e dinamiza a implantação do Poder Popular, tem a responsabilidade e a missão histórica de encontrar as formas e os métodos de acção para a participação de todo o povo no exercício do poder político através da democracia popular".

Lá onde se forja a solidariedade internacionalista

De um pequeno morro, em que se encontrava uma quinta branca com contraventos treliçados fechados, podia ver-se de uma enorme plantação dividida em lotes. Os rebentos frescos de arroz iluminados pelo sol invernal do Sul tinham um matiz suave de esmeralda. O director da firma "Bengo-l" Manuel Pereira convidou-nos a entrar no carro e leva-nos para o malhadouro onde o arroz há pouco colhido seca em lonas sob o céu aberto. Várias mulheres remexem o arroz com pás, enquanto um grupo de quatro homens

o metem em sacos pondo-os a seguir perto do malhadouro.

Entramos novamente para o carro e Manuel Pereira mostra-nos a sua empresa que inclui plantações de bananas, de papaias e de legumes.

– Reconhecem? É uma máquina soviética de irrigação artificial por aspersão, diz ele. – Está a irrigar os tomates. A nossa herdade e mais outras oito fazem parte do complexo agrícola de Estado "Cuanza-Bengo", da província de Luanda. Os seus trabalhadores, angolanos e especialistas estrangeiros que os ajudam, foram encarregados da tarefa de abastecer na íntegra a capital com víveres nos próximos anos. Este objectivo foi determinado pelo plano extraordinário de desenvolvimento. Porém, a especialidade principal da nossa herdade é a orizicultura. Neste ano colhemos este produto numa área de 350 hectares. No próximo ano pretendemos aumentar duas vezes as plantações de arroz.

Um vietnamita de fato macaco e chapéu de palha aproxima-se de nós. Ao longe, no campo, trabalham várias mulheres com chapéus de palha cónicos na cabeça.

– Víctor, engenheiro-agrónomo, apresenta-se o vietnamita. Ao perceber a nossa surpresa, sorri e acrescenta, – é assim que me chamam os angolanos. O meu verdadeiro nome é Pan Kieu. Se temos alcançado algum êxito? Sim, os resultados não são maus, se tivermos em consideração que apenas há dois anos cultivamos industrialmente o arroz e que o solo desta região é salífero.

– Com efeito, confirma o representante do ministério da agricultura Marques da Silva, esta

região não é das mais favoráveis para o desenvolvimento da agricultura. Por isso, praticamente tudo que se faz nesta empresa estatal não passa de uma experiência. Foi resolvido desenvolver, sobretudo, a agricultura. Em 1982, obtivemos 16 milhões de ovos e 2 mil toneladas de carne de aves e em 1983 respectivamente 45 milhões de ovos e cerca de 4 mil toneladas de carne.

O complexo "Cuanza-Bengo" pouco a pouco ganha força. Especialistas dos países socialistas – Bulgária, Hungria, RDA, Vietname, Cuba e Checoslováquia, ajudam a organizar o trabalho e a preparar os quadros locais.

Papel importante no desenvolvimento económico de Angola é desempenhado pela herdade estatal "N'ginga N'bango", onde trabalham cerca de cinquenta cotonicultores soviéticos do Uzbequistão. De acordo com o plano, a província de Malanje (precisamente onde em Setembro de 1980 foi criada a herdade estatal) deve tornar-se a principal fornecedora de matérias-primas para a indústria têxtil do país. Hoje em dia, os operários angolanos obtêm com a ajuda dos seus amigos do Uzbequistão uma colheita duas – três vezes maior do que na época colonial. Este resultado foi alcançado graças a um trabalho persistente e meticuloso de selecção de sementes e de aplicação da agrotécnica moderna.

O dirigente dos cotonicultores uzbeques Iussuf Manssúrov, um especialista hábil e conhecedor a fundo do seu ofício, está concentrado: a colheita do "ouro branco" está em pleno auge, portanto ele e o director da herdade estão atarefados ao máximo. A empresa é grande – 500 operários, que trabalham aí permanentemente, e 160

já estão mecanizados. No entanto, nos dias de sachadura e de colheita no campo trabalham cerca de 2,5 mil pessoas.

– Como vai o trabalho? – Iussuf Manssúrov levantou a cabeça do papel com alguns cálculos, e um sorriso bondoso e cançado iluminou o seu rosto. Trabalhamos com entusiasmo, em perfeita harmonia com os nossos amigos angolanos. Todos estão permanentemente no campo: a colheita do algodão faz-se todos os dias e já se fazem preparativos para a futura colheita. As perspectivas da cotonicultura são aí bastante boas: há pouco foi assinado um contrato sobre a criação de mais três herdades estatais, cada uma das quais terá a área de cerca de 5 mil hectares. Foi resolvido também construir um laboratório fitopatológico e uma estação de selecção de sementes de algodão.

Os especialistas soviéticos prestam a Angola uma importante ajuda para o desenvolvimento da indústria, da produção de energia, do sistema de transportes, construções navais, saúde, prospecções geológicas e na preparação de quadros nacionais. Por exemplo, com a sua ajuda foram construídas fábricas de beneficiamento de algodão em Gunza e Porto Amboim, assim como, dois depósitos de petróleo. A colaboração soviético-angolana no domínio da pesca proporciona a metade do peixe consumido no país. Em Lobito foi criado um centro técnico profissional de reparações de automóveis; em Lubango, Sumba e Malanje, centros agrícolas; em Huambo foi fundada uma escola técnico-industrial. Foi também aberta uma escola de navegação. No período de 1978 a 1982, nestes estabelecimentos de ensino e nos cursos de elevação da qualificação

foram preparados cerca de 10 mil especialistas angolanos. O maior objecto da colaboração bilateral será a barragem e central hidroeléctrica "Capanda", com uma capacidade de 500 mil kW, no rio Cuanza.

– A ajuda económica e técnica da URSS, disse ao receber a nossa delegação, Coelho da Cruz, presidente da Liga Angolana de Amizade e Solidariedade com os Povos, tem uma importância enorme para a RPA. Ela visa, antes de mais, a superação do difícil período de transição, ressurgimento económico e a consolidação da soberania política. A solidez da nossa colaboração suportou a prova do tempo, está consagrada pelo Tratado sobre a amizade e cooperação de 1976 entre os nossos países e está determinada pela fidelidade dos nossos partidos e Estados aos ideais da paz, da liberdade e da solidariedade internacionalista. A visita do Presidente do MPLA-Partido do Trabalho, presidente da RPA José Eduardo dos Santos a Moscovo, em Maio de 1983, e as suas conversações com o camarada Iú. V. Andrópov e com outros dirigentes soviéticos confirmaram que a União Soviética e Angola dispõem dum vasto campo para a actividade conjunta.

A colaboração com a URSS, Cuba e outros países da comunidade socialista, prosseguiu Coelho da Cruz, é importante para nós por mais uma razão. Desde os primeiros dias da nossa luta de libertação, a União Soviética presta-nos um apoio firme e multilateral. Agora, o seu país contribui para a consolidação da nossa economia ajudando o povo angolano a rechaçar a agressão armada da RAS e frustrar os planos do

imperialismo e da contra-revolução que procuram minar o processo de reforço do poder popular.

A despeito das conspirações do inimigo

Que mudanças tiveram lugar na vida do povo angolano nos últimos anos? O que lhe deu o governo dirigido pelo MPLA-Partido do Trabalho?

– Muito, responde José António Navaia, do conjunto industrial "Panga – Panga". Antes de mais, foi estabelecido o dia de trabalho com horário fixo. Os operários foram libertados da arbitrariedade dos empresários. O trabalho é pago consoante a produtividade. Os operários participam na gestão de empresas. Mudaram consideravelmente também as condições de vida: vejam quantas famílias já se mudaram para novos apartamentos.

– Seria possível imaginar ainda há pouco que um camponês, tratado pelo latifundiário como uma besta, pudesse pedir assistência médica na herdade e recebê-la gratuitamente? Agora temos uma enfermaria que funciona permanentemente, diz José Gomes da Silva, director da herdade estatal "Cabiri".

– Hoje, algumas pessoas começam a considerar algo perfeitamente natural o facto de que entre os especialistas com instrução técnica superior haja também mulheres angolanas. Desde quando isto se tornou possível? – exclama Antonietta Tavares Jesus, da herdade estatal "Bengo-l"; ela recebeu na Checoslováquia a profissão de técnico em agronomia. Antes da independência, 90% dos 7 milhões de angolanos eram analfabetos. Na época do poder popular, cerca de 900 mil pessoas aprenderam a ler e escrever e mais de um milhão continuam a estudar os fundamentos da arte de ler e escrever. Aumentou quatro vezes o número de alunos nas escolas primárias; ao todo, nas escolas estudam mais de dois milhões de pessoas.

É indubitável que o país dê apenas os primeiros passos pela via de transformações profundas e gerais que devem resultar na reorganização da sociedade em conformidade com os princípios do socialismo. Naturalmente, os êxitos poderiam ser ainda mais significativos. É preciso recordar em que condições se realizaram estas transformações para dar-lhes o apreço sócio-político exacto e avaliar o grau da sua influência sobre as massas. É por isso mesmo, que estes resultados, de maneira geral, bastante modestos, provocam fúria aos inimigos do poder popular. A actual etapa da revolução angolana é acompanhada pelo agravamento da luta de classe, pela intensificação da actividade da contra-revolução e agressão dos racistas sul-africanos apoiada por Washington. O objectivo que visam hoje em dia o imperialismo internacional e a reacção interna é impedir a criação dos fundamentos económicos para a realização de profundas transformações progressistas e para o melhoramento da situação material das massas trabalhadoras de Angola. A nova agressão de grande envergadura desencadeada pelos racistas em Agosto de 1983 contra Angola confirma isso convincentemente: ela começou logo após o golpe decisivo que o

exército angolano infligiu à UNITA nas proximidades da cidade de Cangamba, na província de Moxico; aí os bandidos perderam cerca de 1100 pessoas. A tentativa da UNITA de desestabilizar a situação nesta região fracassou. Então o regime de Pretória bombardeou Cangamba e outras cidades da província e pôs em acção três grupos tácticos das suas tropas atacando as posições das forças armadas populares de libertação de Angola (FAPLA).

... Em Luanda existe a praça 1 de Maio. Aí, no dia 11 de Novembro de 1975, dezenas de milhares de habitantes da capital foram testemunhas de um momento histórico na vida da sua Pátria: Agostinho Neto proclamou a formação do novo Estado independente – a República Popular de Angola e içou a sua bandeira.

Nesta mesma praça, no meio do enorme tapete de erva ergue-se hoje um monumento: um carro blindado das forças armadas de Angola popular esmaga um blindado sul-africano. Este monumento foi instalado em homenagem à vitória sobre o agressor racista e os seus cúmplices em 1976. Hoje em dia, este monumento não é apenas o símbolo da vitória das forças de libertação mas faz também recordar que a reacção não deixa as suas tentativas de liquidar o poder popular e que por isso é preciso a vigilância popular e a firme decisão de rechaçar sempre o inimigo.

Kirill Strjijóvski[1]

MOÇAMBIQUE: A LUTA POR UMA VIDA NOVA

A abundante ramagem das mangueiras nas quais se viam frutas amarelas cobria uma pequena aldeia de várias choças. Há centenas de povoados deste tipo na província moçambicana Niassa onde o rio Rovuma, fronteira natural entre Moçambique e a Tanzânia, se torna caudaloso.

Unidos por um objectivo comum

Apesar de o Sol de meio dia estar abrasador, um grupo de lavradores aproximou-se logo do nosso "jeep" que parara no meio da estrada. Saudaram como bons amigos os especialistas soviéticos que vieram para realizar os trabalhos de prospecção nestas paragens. Uns levavam cachos de bananas, outros ofereciam persistentemente a papaia local que é conhecida pelo gosto peculiar e aroma. Passados alguns minutos, fomos rodeados por uma multidão de crianças que

---

[1] Kirill Lvóvitch Strjijóvski, jornalista especialista em assuntos internacionais, redactor-chefe da secção dos países africanos na TASS e autor de artigos e ensaios sobre os problemas da África contemporânea.

tinham saído duma grande choça – na escola terminaram as aulas.

Entre eles estava uma rapariga, com um vestido muito simples de algodão e segurando debaixo do braço cadernos finos e livros. Pelo respeito que lhe tinham tanto os meninos irrequietos como os velhos lavradores compreendemos que ela era a professora. Chamava-se Eugénia Mantinha.

– Terminei o curso de preparação de professores para o ensino primário e comecei aqui a trabalhar há um ano e um tanto – contou ela um pouco atrapalhada com a atenção dos desconhecidos. – Os camponeses construíram a escola, fizeram mesas e o quadro preto. De manhã, dou aulas às crianças e à tarde ensino os adultos. Faltam manuais, cadernos, lápis e material didáctico visual, no entanto, todos os alunos fazem os possíveis por aprender a matéria ensinada.

Há pouco que se abriram escolas nestas paragens. Em Moçambique nos tempos coloniais não havia praticamente estabelecimentos de ensino para africanos. Até 1975, 95% da população não sabia ler e escrever. Depois de oito anos de independência, só na província de Niassa o número de escolas duplicou. O país está a realizar amplos programas sociais. Hoje em dia, cada povoado tem um posto de pronto-socorro. Efectuou-se a vacinação da população, sobretudo das crianças, com vista a diminuir a mortalidade.

– Para ser franca – prosseguiu Eugénia Mantinha – não acreditava que em tão pouco tempo se podia modificar radicalmente a vida dos lavradores. Julgava que o interior do país era uma periferia remota. Mas, ao chegar aqui, vi com os meus próprios olhos que as transformações só-

cio-económicas delineadas pelo Partido FRELIMO também se estavam a realizar nestas zonas. E qual foi o preço que o nosso povo pagou! – A rapariga suspirou a fundo. – Atravessámos um mau bocado. As pessoas mais velhas lembram-se, sem dúvida, daqueles tempos horríveis, e os mais novos que se lembrem também ao olharem para aquela fortaleza portuguesa. – Ela virou a cabeça em direcção ao Sul onde no meio da selva se via o antigo baluarte colonial. Daí as tropas portuguesas faziam as suas incursões contra aldeias para "apaziguar" as populações desarmadas.

Pois, a geração mais velha lembra-se das crueldades dos colonialistas e aprecia as actuais mudanças radicais na vida do país durante o poder popular.

As feridas da guerra de libertação que prejudicara em grande escala a economia da província e de todo o país não se curam rapidamente. O poder popular tem que resolver problemas complexos para assegurar o desenvolvimento sócio-económico rápido do país. Permanecem em ruínas dezenas de pontes, grandes e pequenas. Há dificuldades sérias nos transportes. Faltam instrumentos do trabalho, alfaias, especialistas na agricultura, professores, médicos. No entanto, pode dizer-se com toda a razão que a nova vida continua a implantar-se nas províncias do Norte de Moçambique, outrora regiões muitíssimo atrasadas.

Nos últimos anos, em Niassa foram criadas mais de 100 aldeias comunais com base em cooperativas. Aumenta pouco a pouco a produção agrícola. A unidade agrícola estatal em Matama produz mais de 10 mil toneladas de milho por

ano. As unidades cooperativas de camponeses criam-se agora nas regiões de Unango, Mumeringo e Mzavize. Desenvolve-se planificadamente a indústria.

Niassa é uma materialização da palavra de ordem lançada pelo Partido FRELIMO sobre a construção do socialismo de Rovuma a Maputo. Durante todos estes anos o Partido FRELIMO formado em 1977 à base da "Frente de Libertação de Moçambique" dirige as massas trabalhadoras do país na edificação das bases da nova sociedade onde não existirá a exploração do homem pelo homem. O Partido mobiliza o povo para o prosseguimento das transformações revolucionárias e democráticas futuras, orientando a sua actividade nos princípios do socialismo científico.

...A empresa de confecções "Soveste" situada nos arrabaldes de Maputo tornou-se nos anos de independência uma das unidades mais avançadas do sector. O colectivo de trabalhadores da empresa é o protótipo do proletariado industrial nascente do país. Combinámos uma entrevista com o secretário da célula da FRELIMO na "Soveste" no gabinete do director.

Ao meio dia em ponto, quando em todas as empresas moçambicanas começa o intervalo para o almoço, um homem baixinho de uns 40 anos entrou na sala de espera.

– Miguel Mandlate – apresentou-se ele. – Desculpem pelo atraso, mas não podia aparecer antes: cada minuto é contado.

Miguel pousou sobre a mesa polida as suas mãos com veias salientes calejadas. Eu pedi que Miguel Mandlate nos contasse sobre o trabalho da célula do Partido.

– Hoje para nós o principal é aumentarmos a qualidade de produção, lutarmos pela disciplina, pela educação ideológica e política dos operários e pela organização do seu trabalho e descanso. Concretamente trata-se do seguinte: por iniciativa da célula do Partido são organizados seminários para troca de experiência com os representantes das empresas análogas, o que permitiu diminuir consideravelmente o custo de produção. Além disso, atribuímos muita atenção à emulação socialista.

Os objectivos principais são a economia das matérias-primas e da energia eléctrica, assim como a redução do tempo no fabrico de um produto. Em suma, a emulação socialista leva ao aumento do rendimento do trabalho e permite encontrar mais recursos para satisfazer as necessidades sociais do colectivo de trabalhadores. Portanto, podemos destinar verbas, cada vez maiores, para adquirir manuais e materiais didácticos para a nossa escola, organizar sessões recreativas e competições desportivas. Os salários também aumentaram. Agora cada operário compreende que um minuto perdido significa o prejuízo para todo o colectivo. É claro que a princípio tivemos dificuldades, mas o principal é a maior parte dos operários terem compreendido que eles são os senhores da empresa.

– Com certeza ainda há dificuldades?

– Sem dúvida. Detemo-nos perante os mesmos problemas que todas as empresas enfrentam também. Sobretudo, a falta de quadros qualificados, a modernização de equipamentos e as interrupções no fornecimento da matéria-prima. Os antigos proprietários da empresa recusaram-se a colaborar com o poder popular

e levaram consigo toda a documentação tecnológica. Por isso, tivemos muitas vezes de começar do início. Mas, como em todo o país, procuramos reservas aqui. O Estado tem-nos auxiliado bastante, priorizando a formação dos quadros nacionais.

Os trabalhadores do país – para o Congresso

Tivemos a entrevista com Miguel Mandlate na véspera do 4° Congresso do Partido FRELIMO. E entre outras questões perguntámos como o colectivo de trabalhadores da fábrica se preparava para esta célebre data na história do país.

– Os nossos operários, como todos os demais, participaram na discussão do Projecto das Teses para o Congresso que delineavam as direcções principais do Partido nos domínios económico, social e cultural e determinavam a política externa da República para o futuro. Todas as realizações do nosso povo resultam, naturalmente, do carácter socialista da Revolução Moçambicana e do papel dirigente do Partido FRELIMO; a união entre o Partido e o povo é a garantia da construção da sociedade socialista. A consolidação do Poder Popular depende consideravelmente dos nossos êxitos na construção económica, da liquidação do atraso dos tempos coloniais e da sensibilização das amplas massas para o processo da colectivização no campo que, como sabem, é um problema bastante complexo. E, enfim, depende também do ritmo de produção industrial e da preparação dos quadros nacionais. Entende-se que para a sua resolução a paz é indispensável. Por isso as Teses para o Congresso frisam que isto é uma das tarefas principais do Partido FRELIMO e do Governo da RPM na política externa. Os obstáculos principais na materialização destes objectivos são o imperialismo internacional e a reacção.

A ampla discussão das Teses pelos militantes do Partido e por todo o povo – prosseguiu Miguel – enriqueceu o seu conteúdo. Durante a discussão muitos compreenderam claramente os nobres objectivos do Partido, os seus ideais e a sua aspiração a que cada cidadão do nosso país contribua para a riqueza nacional e ao mesmo tempo goze das conquistas do Poder Popular.

Os operários da empresa aderiram ao apelo dos colectivos mais avançados de trabalhadores para comemorar o 4° Congresso com novas realizações no trabalho. Os militantes do Partido encabeçaram este movimento. A nossa célula norteia também as actividades da secção da Organização da Juventude Moçambicana e da Organização das Mulheres Moçambicanas, fundadas na fábrica. Então, há bastante trabalho para todos os 30 militantes do Partido na nossa empresa.

Na véspera do Congresso a imprensa moçambicana noticiava o cumprimento dos compromissos tomados pelos trabalhadores das empresas industriais, das unidades cooperativas e repartições de Estado. Por exemplo, os operários dos caminhos-de-ferro da segunda cidade do país, Beira, repararam além do plano carruagens e uma locomotiva. Em homenagem ao Congresso os operários da fábrica "Macinag" produziram mais de 5 mil unidades de móveis; 600 tra-

balhadores desta empresa participaram no sábado de trabalho voluntário, contribuindo desta maneira para os fundos do Congresso. Os trabalhadores da província de Manica contribuíram com mais de 2 milhões de meticais.

Os camponeses da unidade cooperativa "Por Moçambique Unido", na província de Nampula, comprometeram-se a desbravar 100 hectares de terras para plantações de arroz e milho. Uma cooperativa na região de Marokane assumiu o compromisso de entregar ao Estado dezenas de toneladas de trigo acima do plano.

Na véspera do 4° Congresso em todas as células da FRELIMO teve lugar a campanha de prestação de contas e eleições. Nas assembleias e conferências do Partido discutiram-se os problemas relacionados com a edificação económica e do partido na República e o trabalho ideológico e educativo junto das massas trabalhadoras. Uma conferência dos militantes da organização do Partido da província de Maputo celebrou-se numa pequena cidade, Namaacha.

Um grande pano vermelho no qual estava escrita a palavra de ordem "Esforcemo-nos para que o 4° Congresso da FRELIMO seja uma nova etapa no caminho da construção do socialismo na RPM", via-se à entrada do edifício onde a conferência devia realizar-se. 250 delegados representavam as células do Partido em empresas industriais, aldeias comunais, repartições de Estado e exército. Fez-se o balanço da actividade das células do Partido da província e delineou-se um plano concreto do trabalho para a perspectiva. O ano decorrido, sublinhou no seu relatório José Moiane, membro do CC do Partido FRELIMO, primeiro secretário do Comité da

província, destaca-se pelo crescimento do prestígio do Partido FRELIMO e pelo aprofundamento das suas ligações às vastas massas populares. Neste período, disse ele, foram criadas na província 60 células do Partido.

Nos intervalos entre sessões os delegados puderam visitar uma pequena exposição das realizações dos trabalhadores agrícolas da província. Podia-se ver ali vacas, bois e porcos de raça trazidos das fazendas estatais. A qualidade de gado atestava grandes potencialidades reais do sector estatal na agricultura da RPM que, actualmente, atravessa um período difícil de reconstrução.

Cerca de 85% da população activa ocupa-se da agricultura, cuja proporção no PIB anda por volta de 40%. A República herdou dos tempos coloniais um sistema extremamente atrasado de agricultura: as quintas africanas tinham carácter de economia natural. Com o fim de obter boas colheitas estáveis e abastecer as cidades com víveres, o Governo de Moçambique e o Partido FRELIMO optaram pela colectivização e pela introdução dos princípios socialistas na agricultura. É uma meta a longo prazo que exige investimentos de capital avultados e quadros bem preparados.

O sector privado da agricultura fornece actualmente a maior parte dos produtos agrícolas. Considerados os indícios básicos da agricultura o país não atingiu ainda o nível de 1975, facto que se explica pelas dificuldades que foram encaradas na reconstrução das propriedades fundiárias arruinadas dos antigos colonialistas portugueses.

As dificuldades da destruição radical das antigas relações da produção agravaram-se com

calamidades. A maior parte de caminhos é intransponível durante a temporada de chuvas. Hoje em dia, mais de 4 milhões de moçambicanos, isto é, um terço da população sofre as consequências da seca.

Mas ao mesmo tempo nota-se um progresso sensível na cooperativização das massas camponesas e na generalização dos métodos avançados da agricultura. Hoje já existem na RPM 1263 cooperativas de consumo, que reúnem 2,3 milhões de pessoas, quer dizer uma quinta parte da população. Há também 54 grandes unidades de produção estatais, 1925 unidades cooperativas de produção e mais de mil aldeias comunais. Por altura de 1990 a cooperativização de diversos tipos há-de envolver 5 milhões de camponeses.

O Governo toma medidas eficientes para aumentar a exportação de produtos agrícolas tradicionais. Por exemplo, o país ocupa terceiro lugar em África (depois do Quênia e do Malawi) na produção de chá. A colheita de 1982 totalizou 22 mil toneladas. A República recebe também divisas graças à venda do caju. No ano passado foram plantados mais de 700 mil cajueiros para aumentar a produção desta cultura.

Com a devida organização as unidades de produção estatais, as aldeias comunais e as cooperativas são muito mais rentáveis que as pequenas explorações agrícolas individuais.

Por exemplo, na província de Nampula as unidades de produção estatais de cultivo de algodão tornaram-se uma boa escola dos métodos progressistas do trabalho e de bom aproveitamento da terra, dos equipamentos, dos fertilizantes. Nas plantações de algodão trabalham 124 tractores, 70 semeadores e outras alfaias

agrícolas soviéticas. Os agricultores do Uzbequistão ajudam os camponeses moçambicanos a aumentar o rendimento da cultura. Nestas unidades de produção efectua-se também a preparação dos quadros nacionais para a agricultura, nos últimos dois anos foram capacitados 80 mecanizadores.

Os índices de produção de algodão caroço nas unidades de produção estatais constituem o dobro do índice médio. No ano passado foi obtida uma colheita recorde, na qual participaram alunos de escolas, estudantes e militares das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM). Quase todo o algodão foi colhido e devidamente armazenado. No entanto, só uma parte da colheita foi transportada para os portos e empresas subsidiárias por falta de transportes e devido ao mau estado dos caminhos. As dificuldades objectivas agravaram-se em função das acções dos bandos contra-revolucionários do chamado Movimento de Resistência Nacional (MRN).

Uma guerra paga pelos racistas

... O telhado caíu. Pelas janelas sem vidros vêem-se montes de cascalho e tijolos partidos e madeira queimada. Nas paredes que testemunham um incêndio pode ver-se com dificuldade: “Posto de socorros”. Subimos pelas escadas: ouve-se o chiar do vidro partido e dos invólucros. Dentro de casa – estruturas das camas de ferro. A luz do sol acentua a tragédia recente. Mais 50 metros – outras ruínas.

– Aqui havia uma maternidade, a única nesta zona – comentou Alberto Langane, administrador geral da região de Manjakaze, na província de Gaza, indicando ruínas. É um homem maduro que tinha adquirido bastante experiência nos combates pela libertação da pátria e que agora não podia conter a sua agitação e indignação. A sua voz tremia quando nos contava o que se tinha passado naquele pequeno povoado Makvakvu.

– Os bandidos assaltaram pela madrugada. Um pequeno destacamento da milícia popular não pôde repelir os assassinos bem armados da MRN.

Mataram em primeiro lugar os militantes da FRELIMO, os milícias e activistas do Poder Popular. Depois incendiaram o posto de socorros onde pereceram várias pessoas gravemente feridas, destruíram a maternidade e assaltaram uma loja. O assalto não durou muito tempo, no entanto os bandidos conseguiram transformar este povoado em ruínas.

– Agora estamos a organizar aqui uma aldeia comunal – prosseguiu ele. – Dezenas de pessoas que sofreram os ataques dos bandidos e ficaram sem casa pedem admissão. Vamos construir tudo de novo. O Estado garante-nos os recursos necessários para isso.

As acções dos bandidos suscitam a indignação justa dos moçambicanos. Muitos habitantes de Makvakvu aderiram à milícia popular.

O nosso grupo de jornalistas soviéticos foi autorizado entrevistar alguns assaltantes de Makvakvu. Os bandidos estavam na prisão da cidade de Chibuto à espera do julgamento.

Henrique Makavel mostrou-se relutante em

responder às nossas perguntas. Os seus olhos acusavam o receio perante a vingança justa por aquilo que ele tinha feito. Mais no fundo, ao longo dos muros da prisão, estavam sentados na terra mais 30 bandidos que nos seguiam, nervosos, com o seu olhar.

– Donde recebiam munições e quem dirigia os treinos?

– Sistematicamente, aterravam nas pistas camufladas helicópteros sul-africanos que nos traziam todo o material necessário. Eram por nós informados. Treinavam-nos brancos que nos falavam com ajuda de tradutores.

Os mais "destacados" nas acções terroristas contra a população pacífica – como o caso de Francisco Mabinza – eram enviados pelos sul-africanos para a "aprendizagem" na RAS.

Mabinza nem escondia o seu ódio ao poder popular, pois era seu inimigo ferrenho. Os seus pais estavam ligados na altura à administração colonial. A Revolução privou-os da sua posição privilegiada.

A decisão da direcção da República Popular de Moçambique de continuar firmemente a construção das bases da sociedade socialista e a sua posição na arena internacional suscitam a raiva da reacção mundial e do seu fantoche na África Austral, que é o regime do apartheid da RAS. Os dirigentes de Pretória compreendem que a própria existência da República Popular de Moçambique onde o poder pertence ao povo, exerce uma influência revolucionária sobre a população preta da RAS e inspira os africanos a lutar contra o vergonhoso sistema de apartheid. Por isso, não poupam esforços para desestabilizar a situação na RPM e fazer os seus dirigentes

recusarem apoio à luta justa do Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, e revelem a posição invariável de Moçambique que se pronuncia constantemente pela materialização da resolução da ONU em torno da independência da Namíbia.

O instrumento principal nesta guerra não declarada contra Moçambique é o MRN, mantido completamente pelo governo de Pretória.

– A causa principal que nos impede neutralizar estes bandos é toda a ajuda possível que a RAS lhes presta – disse-nos o comandante das FPLM na província de Gaza, general major Fernando Matevele. – É por isso que as unidades das FPLM priorizam a liquidação das bases de apoio do MRN que servem de contacto com a RAS.

Esta entrevista teve lugar no estado-maior da brigada estacionada em Chibuto. Na parede vimos um mapa marcado com círculos azuis, flechas vermelhas, sinais em forma de bandeira e números de grandes e pequenas unidades. Reparámos que o general tinha olhos vermelhos de não dormir. Com um gesto automático, ajeitou a sua farda verde escura e continuou, mostrando no mapa.

– As operações do género foram sucedidamente concluídas na Gaza, e programámos algumas em outras províncias. As atrocidades e as barbaridades dos bandidos provocam o repúdio e a indignação justificados do povo. Centenas de voluntários aderem aos destacamentos da milícia popular. Hoje, as unidades das FPLM, apoiadas por todo o povo moçambicano, estão a cumprir o mandato do Presidente da RPM, Presidente do Partido FRELIMO, Samora Machel,

de acabar, em 1983, com os bandos armados financiados pela RAS.

O regime de Pretória, além de instrumentalizar a contra-revolução interna, recorre a actos de agressão descarados contra a RPM.

Recentemente, a lista de crimes do regime racista complementou-se com mais um acto de terrorismo internacional. De manhã cedo, de 23 de Maio, o amanhecer tranquilo em Matola que se encontra nos arrabaldes da capital, foi violado pelo ruído de aviões de caça. Uma esquadra das forças aéreas da RAS atirara foguetes e disparadas metralhadoras de grande calibre contra os bairros pacíficos.

Aida Ribeiro, uma menina de 6 anos, que brincara à beira de casa quando os aviões sul-africanos, em voo baixo, abriram fogo, foi uma das sete vítimas deste bombardeamento. Três garotos ficaram feridos com estilhaços na zona da refinaria "Petromok". Sugundo as autoridades moçambicanas, o saldo deste acto foi mais de 40 pessoas hospitalizadas; a maior parte dirigia-se para o trabalho.

Os alvos do bombardeamento foram empresas e estabelecimentos civis: uma fábrica de conservas, um centro comercial e uma ponte através do rio Matola. A propaganda racista procurou justificar esta crassa violação do direito internacional como "repressália de resposta" contra o Congresso Nacional Africano da África do Sul. Entretanto, as autoridades moçambicanas declararam oficialmente que no território da RPM não existem bases de apoio ao ANC.

As tarefas imediatas de hoje

A reacção interna, os candongueiros e os funcionários corrompidos procuram aproveitar as dificuldades económicas vividas pelo país. Este importante problema foi seriamente discutido na sessão da Assembleia Popular que se celebrou em Março de 1983. Intervindo nela, S. Machel exortou o povo a lutar resolutamente contra os bandidos e especuladores. Uma das medidas no combate à candonga foram as emendas à lei sobre os crimes contra o Estado, segundo as quais a especulação e os roubos em grande escala são punidos com pena de morte.

A Assembleia Popular delineou também as tarefas económicas fundamentais para o ano 1983. O plano do Estado prevê o aumento da produção agrícola em 7,5%, industrial, 7% e circulação mercantil, 6,5%. A rede comercial distribuirá este ano 90 mil toneladas de açúcar, 18 mil toneladas de azeite, 21 mil toneladas de sabão e 60 mil bicicletas. Foi adoptada a resolução sobre a assistência de Estado mais avultada aos camponeses e às cooperativas agrícolas. A campanha da reconstrução da agricultura estender-se-á a mais de 30 regiões do país.

O 4° Congresso do Partido FRELIMO que se realizou no fim de Abril de 1983 centrou-se na luta contra as investidas da reacção, a eliminação do atraso económico, o lançamento das bases para a edificação do socialismo, o fortalecimento do poder popular e o crescimento do papel dos militantes do Partido no cumprimento das tarefas programadas. Nos seus trabalhos participaram cerca de 700 delegados de todas as

províncias e 70 delegações estrangeiras dos partidos comunistas e operários, dos movimentos de libertação nacional e outras organizações progressistas do planeta.

No seu relatório ao CC do Partido, Samora Machel, Presidente da RPM e do Partido FRELIMO, disse que o Partido conta, hoje em dia, com mais de 110 mil militantes, dos quais mais da metade são camponeses e 18,9% operários. Todos os militantes do Partido FRELIMO reúnem-se em 4244 células. Ele assinalou que o Partido FRELIMO, Partido marxista-leninista e vanguarda verdadeira do povo na luta pela edificação das bases da sociedade socialista e a consolidação da independência do país, dirige todas as transformações profundas que se verificam em Moçambique. Após a conquista da independência, salientou S. Machel, na RPM ocorreram grandes mudanças no domínio político, económico, social e cultural. Actualmente, 85% da produção mercantil fabrica-se de um modo planificado. A ampliação do sector estatal assegura-lhe um papel piloto nos principais ramos da economia. No país existem 1350 aldeias comunais com 1,8 milhões de lavradores. Em 515 delas foram criadas células do Partido.

Os delegados examinaram e aprovaram emendas no Programa e nos Estatutos do Partido, tendo em vista novas tarefas que se põem perante o povo moçambicano na etapa actual.

Os documentos do Congresso constataram o papel crescente do Partido na reconstrução nacional. O Programa diz a este respeito que sob a direcção do Partido, o povo moçambicano levou a cabo as tarefas da revolução popular e democrática e procedeu à construção da sociedade so-

cialista. No Programa foi introduzido um artigo que fala da necessidade de dinamizar a preparação dos quadros do Partido.

Novas emendas nos Estatutos reflectem o carácter marxista-leninista do Partido. Especificam as condições da inscrição no Partido, os direitos e deveres dos seus militantes. Sublinha-se que devem participar obrigatoriamente nas actividades de uma das suas células e servir de exemplo no trabalho e na vida social.

Os representantes das células do Partido de todas as províncias adoptaram as directrizes de desenvolvimento sócio-económico da RPM. Os documentos aprovados delineiam as medidas principais a realizar até 1985 com vista a assegurar o êxito na luta contra o atraso, pelo progresso económico e a construção do socialismo no país. As directrizes prevêem aumentar, em 1985, o PIB em 10-12% relativamente ao ano 1982. O volume da aquisição dos produtos agrícolas aumentará de 30 a 35%, da indústria subsidiária de 12 a 15%, da silvicultura, 70%, da circulação mercantil, 28%.

Os laços da cooperação de amizade

Pelas esclusas as águas entraram na doca e o navio "Známia Trudá" começou a balançar na superfície do golfo. Os especialistas soviéticos que prestam assistência técnica no reparo dos navios, reuniram-se para ver este acto. A União Soviética construiu em Moçambique esta base da reparação de navios.

E perto disso, dezenas de guindastes e pontes rolantes estavam a levantar dos porões de enor-

mes cargueiros contentores, caixas e sacos. Os navios atravessaram oceanos para transportar a sua carga. Alguns deles precisam da reparação ou troca de mecanismos. Agora todos estes trabalhos podem efectuar-se numa nova base de reparação de navios que já prestou serviços a mais de 50 navios soviéticos, moçambicanos e estrangeiros. Já há um ano que está em funcionamento no porto de Maputo. Os 54 peritos soviéticos que trabalham na reparação naval ajudam também na preparação de quadros profissionais moçambicanos: serralheiros, motoristas, soldadores e outros. Víctor Fédorovitch Borovlev, de Kalininegrado, trabalha no seu torno mecânico sempre acompanhado por 8 jovens moçambicanos que fazem estágio, sendo um professor bastante exigente.

– Falamos línguas diferentes, mas compreendemo-nos perfeitamente – disse-nos Vicente Kouko, um dos estagiários que trabalha na doca. – É bom ser acompanhado por um mestre com experiência. Agradecemos muito o trabalho abnegado dos vossos especialistas e a ajuda multilateral ao nosso país.

A doca em Maputo é um dos exemplos da ampla cooperação soviético-moçambicana que se desenvolve com base no Acordo de Amizade e Cooperação de 31 de Março de 1977. Uma importante etapa na consolidação da amizade e cooperação entre os nossos países foi a visita à União Soviética de Samora Machel, Presidente da RPM e do Partido FRELIMO, em Março de 1983. Actualmente, os especialistas prestam uma vasta assistência na reconstrução de muitos sectores da economia nacional. Graças a ela foram preparados 6 mil técnicos qualificados

para a indústria e agricultura da República.

Um considerável grupo de Soviéticos trabalha hoje em dia na universidade Eduardo Mondlane, o maior estabelecimento de ensino superior na RPM. Com a sua ajuda foram preparados 40 manuais de diversas matérias e criados 6 laboratórios de investigação científica. O magistério soviético mantém relações com 20 centros de ensino moçambicanos.

O desenvolvimento das relações económicas e comerciais com os países da comunidade socialista é uma política a longo prazo realizada consequentemente pelo Partido FRELIMO e Governo da RPM. No fim da década em curso a proporção dos países socialistas no comércio externo de Moçambique constituirá 50 por cento. Actualmente, os parceiros comerciais da RPM são a Bulgária, a Hungria, a RDA e a Checoslováquia. O trabalho normal dos portos é uma das mais importantes condições para o desenvolvimento progressivo da economia nacional. E aqui convém destacar a ajuda dos hidrógrafos e pilotos soviéticos.

– Os hidrógrafos soviéticos de Leninegrado efectuaram um grande trabalho – constatou Emílio Gaveta, director do Departamento Nacional de Navegação e Hidrografia. – Com a ajuda dos especialistas soviéticos foram preparados mapas hidrográficos dos portos de Maputo, Beira e Quelimane. Além disso, fazemos a topografia marítima dos fundos. Em função da sua ajuda, abrimos a navegação de cabotagem entre os portos de Angocha, Moma, Makuzi e Chinde. Enfim, é mesmo grande a ajuda da União Soviética ao nosso país cujo povo constrói uma nova vida em condições sumamente difíceis.

Boris Bogdánov
e Grigóri Potápov[1]

CAMINHO INDICADO PELA REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

Pelas escadas estreitas, polidas pelo uso e cobertas com pátina esverdeada, saímos numa praceta no cimo da torre principal do Fasil-gabbi, o palácio lendário dos imperadores da Etiópia. Em baixo, para lá das altas muralhas, viam-se as ruas serpenteadas do Gondar, a ondulação dos outeiros verdes e, ao fundo, erguia-se a serrania azul das montanhas Semyen, o "tecto da África".

Parecia que o tempo tinha parado dentro dos muros da sumptuosa fortaleza em que, outrora, se decidiam os destinos do mais vasto e poderoso Estado no Corno Africano. Nos rochedos cobertos de trepadeira espreguiçavam-se ao Sol, ágeis lagartixas verdes. Num dos pátios via-se uma jaula com um leão e duas leoas, que de vez em quando relanceavam indiferentemente os seus olhos amarelos e sonolentos para os poucos visitantes da fortaleza. As feras augustas, símbolo da Etiópia, permaneciam ali como tributo à tra-

[1] Boris Félixovith Bogdánov e Grigóri Nikoláevitch Potápov, jornalistas em matéria internacional, redactores-chefes da secção dos países africanos na TASS é autores de vários artigos relativos aos problemas de África Tropical publicados na imprensa soviética.

dição, segundo a qual na corte dos soberanos devia haver necessariamente o vencido rei dos animais. O próprio Gondar deixou de causar a impressão de capital. Os anos transformaram-no numa vila, tranquila e provincial.

No entanto, passeando pelo palácio imperial, pode ver-se os frescos únicos na espécie do século XVII na Igreja de Debre Berhan Selassie que parecem apenas uma ressonância das épocas passadas: o tilintar das armas, o bater dos cascos e o cantar das melodias antigas. Viram muita coisa os muros do Gondar. O portão pesado abria caminho às cavalgadas dos embaixadores estrangeiros e às comitivas augustas. Sob os tectos do palácio ouvia-se o "begena", instrumento tradicional parecido com a lira e preferido do imperador Dawit que era músico, compositor e autor de numerosos cânticos religiosos interpretados presentemente. As pedras musgosas do palácio recordam também sons diferentes: o fragor dos bombardeiros de mergulho, o estouro das bombas e munições. Durante a Segunda Guerra Mundial havia ali batalhas sangrentas entre a guarnição dos fascistas italianos que defendiam a fortaleza e os atacantes guerrilheiros etíopes e o exército inglês. Nessa altura o palácio ficou mais danificado do que em toda a história precedente.

Sente-se com clareza especial a profundeza multissecular de raízes do povo etíope e a riqueza da sua história e cultura. Por isso é tão natural encontrar o vocábulo "antiga" ao lado do nome do país. Mas hoje no país sopram novos ventos de mudanças. Em 1984, a revolução democrático-nacional, que pôs fim ao regime monárquico e feudal, comemorará o seu décimo

aniversário. Novos ritmos de vida imprimidos pela Revolução de Setembro de 1974 entram nas cidades e aldeias etíopes, modificando-as. À excepção de pequenas lacunas da história – palácios, templos, monumentos –, tempo acelera a sua dinâmica de dia para dia. Temos sentido este movimento por toda a parte: nas ruas de Adis-Abeba apinhadas de gente e automóveis e nos povoados remotos.

Os homens que transformam a terra

O mais atraente no aspecto de Areta Gessu são as suas mãos. As suas palmas calejadas e os dedos encurvados associam-se mais à charrua ou ao volante de um tractor do que às pastas e aos documentos de escritório. Nada de surpreendente: o nosso interlocutor, presidente da unidade cooperativa de produção "Daleti Neusso", trabalhou longos anos como lavrador.

Estamos numa pequena sala do directório da cooperativa com diagramas e quadros nas paredes que falam do desenvolvimento da unidade nos anos precedentes, da situação actual e dos planos para o futuro. Em cima da mesa há um busto de V. I. Lénine que, como nos explicou com orgulho o camarada Areta, foi oferecido pela primeira astronauta soviética, Valentina Terechkova.

A unidade cooperativa, uma das mais avançadas do país, é muito conhecida na Etiópia. Tudo principiou com o pouco que se tinha: após o derrube do regime imperial, 11 camponeses do povoado Daleti Neusso, perto de Adis-Abeba,

resolveram juntar o gado e... as esperanças com vista a construir uma nova vida. Nessa altura, havia poucos que acreditassem no bom sucesso do empreendimento daquele "punhado de malucos" que tinham à sua disposição 80 hectares da terra, dois bois magros e charruas primitivas de madeira. Contudo, as sementes naquela época difícil deram bons frutos. Hoje em dia, a unidade "Daleti Neusso" tem centenas de hectares de campos cultivados com esmero, dois tractores, um camião e uma fábrica onde se fabrica óleo. Mais de 230 pessoas trabalham na cooperativa cultivando o taff (o cereal mais vulgar na Etiópia), o trigo, a cevada e legumes. Foi construída uma escola frequentada hoje pelas crianças das aldeias vizinhas. Foi feita a electrificação e aberta uma loja cooperativa; no clube local projectam-se filmes, organizam-se concertos e espectáculos com a participação de artistas não profissionais.

A vida está a mudar e mudam também as pessoas que a transformam com o seu trabalho. Como compreenderam elas necessidade das transformações? Que lhes deram estas transformações ocorridas após a Revolução? Estas foram as questões prioritárias que nos interessavam em todas as nossas deslocações.

A vida de Areta Gessu é parecida à de muitos cidadãos etíopes. Nos tempos da monarquia não tinha nada seu e trabalhava para o latifundiário. O seu salário pelo trabalho de sol a sol era mísero: de 60 a 100 dólares da Etiópia (30-50 americanos) por ano, tendo 6 filhos.

– Esta terra – recorda o presidente – era então propriedade de Fykirte Biru, filha de um dos maiores magnatas do país, o grande príncipe Biru. Raras vezes ela aparecia aqui numa limusina luxuosa. Não falava com os lavradores – mantinha sempre a distância, dando as suas ordens por intermédio dos criados, sem sair do carro. Tratava-nos como escravos. Lembro-me que um dia nos mandou fazer uma plantação de eucaliptos: passou-lhe pela cabeça a ideia de começar a vender madeira. Não nos pagou nem um tostão pelo trabalho, mas depois ficou com milhares de dólares no bolso. Mais tarde ordenou-nos que arrumássemos as nossas coisas e fôssemos viver para um outro lugar, pois queria fazer uma plantação de árvores. Se alguém objectasse perderia o trabalho ou seria preso.

– Pois é, nessa altura quem mandava era o senhor feudal – interrompeu Nuru Issa, um velho de 76 anos, veterano da cooperativa, um dos seus fundadores) – Certo dia saturados com os caprichos da latifundiária, escrevemos uma petição e mandámos uns representantes à capital para pedir protecção ao imperador. Eu também fiz parte da delegação. Mas nós na altura não compreendíamos que o "rei dos reis" era o maior feudal e não adiantava contar com a sua ajuda. No dia em que aparecemos diante das portas do palácio, fomos recebidos pelos polícias com cacetes... Talvez fosse o dia em que eu apanhei a maior desilusão da minha vida.

– E qual foi o dia mais feliz na sua vida? – perguntou o nosso grupo.

– Sem dúvida, o 4 de Março de 1975 – disse logo o velho –, quando foi declarada a reforma agrária.

A revolução pôs termo às arbitrariedades dos senhores tipo Fykirte Biru. Os camponeses sem terra receberam as suas explorações. Dentro de

pouco tempo muitos deles compreenderam que sozinho, mesmo tendo uma exploração à sua disposição, era difícil alimentar a família. Viajando pela Etiópia, vimos como é difícil o trabalho do camponês neste país montanhoso e árido, e quantos esforços são necessários para que um metro quadrado desta terra comece a render. Um dia, Areta Gessu soube que na vizinhança tinha sido organizada a primeira unidade cooperativa. Um camponês pobre não tinha nada a perder enquanto que o novo empreendimento prometia salvá-lo da miséria. Tomou a decisão de mudar para Daleti Neusso. E a própria vida demonstrou que a opção tinha sido acertada. Pela primeira vez Areta viu o que significa trabalhar para si próprio, para a sua família e para os outros companheiros da aldeia. Pela primeira vez compreendeu que o seu trabalho é útil e, então, apareceu o interesse no trabalho e o desejo de trabalhar com mais energia. Em breve, nomearam-no chefe de uma equipa na quinta de criação de gado.

– É natural que no início era muito difícil aumentar a produção de carne e leite – disse o nosso interlocutor.– Sabe, o nosso gado não corresponde aos padrões modernos. No entanto, o Governo revolucionário veio em nosso auxílio: facilitou-nos a preços vantajosos uma dúzia de vacas de raça. Também vieram especialistas qualificados para trocar experiência e ensinar-nos os métodos modernos. Aliás, pouco a pouco contamos agora com mais de 100 cabeças de gado. Hoje a nossa quinta é rentável de modo a poder receber bezerros de outras aldeias para engorda. Agora temos planos de construir uma empresa de fabrico de queijo; pelo menos

já temos todas as possibilidades para isso.

Trabalhando na quinta, Areta aprendeu a ler e escrever e até frequentou cursos de preparação profissional. Em 1979, foi eleito presidente da cooperativa.

Terminada a entrevista, saímos em companhia do nosso dono hospitaleiro. A aldeia estava situada num lugar pitoresco, na encosta de um morro, do cimo do qual se abria uma paisagem com terras cultivadas. De uma padaria vizinha chegava até nós um cheiro agradável do pão que acabavam de cozer. Ao longo da rua viam-se casas de madeira recém-construídas. Estava em fase de acabamento a aldeia central de "Daleti Neusso", para a qual já se começavam a mudar alguns camponeses dos seus "tukules", cabanas rústicas dos camponeses etíopes.– Aqui – mostrou o presidente – perto da escola e do clube, serão construídos um járdim infantil, uma policlínica e um parque. Tudo isto até há pouco tempo era um sonho incrível. Mas hoje estão a mudar o aspecto das aldeias etíopes, o modo de vida e a mentalidade das pessoas.

O que nos contou o presidente da "Daleti Neusso" é típico da Etiópia de hoje. As autoridades revolucionárias consideram que a consolidação da agricultura como base da economia nacional depende, antes de mais, do fortalecimento das unidades cooperativas e das quintas estatais. Quatro anos já passaram desde a proclamação, pelo Conselho Provisório Militar Administrativo (CPMA), do Decreto da cooperativização e do desenvolvimento da agricultura rumo ao socialismo. Neste período, foram criadas mais de mil unidades cooperativas de produção que reúnem 60 mil camponeses.

Lendo a imprensa matutina não é raro encontrar notícias sobre a formação de novas cooperativas de produção e de consumo. O Governo evita acelerar artificialmente este processo, priorizando o factor de qualidade; por isso, não são muitas associações camponesas oficialmente reconhecidas. Para consegui-lo, é preciso que a unidade de produção corresponda a critérios bastante rigorosos. O Estado ajuda com adubos, material técnico, créditos, dando condições vantajosas. Os resultados não demoram: o rendimento do trabalho nas cooperativas é maior relativamente ao dos agrários não aderidos e, por conseguinte, aumentam as suas rendas e melhoram as condições de vida. Desta maneira os lavradores convencem-se das vantagens da colectivização. Mas o principal é que a revolução, pela primeira vez na história do país, fez de Areta Gessu e de milhões dos seus compatriotas, verdadeiros senhores da sua terra e do seu destino.

A cidade à beira do Mar Vermelho

...Uma auto-estrada de alcatrão vai do aeroporto de Assab, atravessando dunas e rochedos litorais. Pelas janelas abertas da viatura entrava o ar quente. Depois do frescor das montanhas em Adis-Abeba, parecia uma substância fervente a entrar nos pulmões. Quanto mais nos aproximamos da cidade de Assab, mais frequentemente aparecem na superfície das águas azuis cristalinas, as silhuetas dos navios ancorados...

O mar, o navio e as esclusas gravados nos escudos da cidade de Assab indicam o seu papel

na vida da Etiópia. Actualmente, é o maior porto do país pelo qual passam mais da metade das cargas.

Há mais de um século, no lugar onde se encontra agora Assab, os italianos construíram um posto de abastecimento de carvão para barcos a vapor. O próprio porto apareceu apenas na segunda metade do nosso século. Com a revolução democrático-nacional e a remodelação da economia, começou uma nova etapa no desenvolvimento de Assab que hoje se digna com o epíteto de "portão marítimo da Etiópia".

– Após a revolução – disse-nos o responsável do porto, Makonnen Tekleab,– tudo se modificou radicalmente. Outrora, os trabalhos de carga e descarga estavam sob o controlo das companhias privadas, principalmente estrangeiras, que tinham lucros astronómicos. Agora é o Estado que controla todas as operações. Nos últimos dois anos o porto sofreu transformações: foram instaladas 18 pontes rolantes modernas e actualizou-se o parque de carrinhos eléctricos e rebocadores. Nos próximos anos será construído um novo cais com o equipamento moderno.

– E claro que ainda temos muito que fazer – prosseguiu o camarada Makonnen –, mas mesmo agora as capacidades do porto têm aumentado consideravelmente, duplicando em relação ao período antes da revolução e totalizando hoje em dia 1,2 milhões de toneladas. A capacidade do porto atingiu 550-600 navios por ano, entre os quais mais da metade são os da União Soviética e de outros países socialistas.

...No cais central o trabalho fervia: descarregava-se o navio de carga soviético "Komsomolets Grúzii" vindo do porto Jdánov, no mar

Azov. O guindaste levantava dos porões sacos de cimento e materiais de serração. Em baixo, na terra, eram recebidos por estivadores etíopes que com eles carregavam camiões. O nosso grupo subiu a escada e depois, do barulho incrível dos mecanismos do porto e do calor extenuante que nem uma leve brisa pode atenuar, encontramo-nos no interior calmo e fresco do navio. Iú. D. Nesterov, capitão do navio, recebeu-nos no seu camarote.

– Já é a quinta vez que aportamos em Assab – disse-nos Iúri Dmítrievitch, convidando-nos a beber o chá forte dos marinheiros. – Transportamos cimento e diverso material técnico. Podem ver a lista de artigos que trouxemos, ela reflecte praticamente todos os aspectos da cooperação entre os nossos povos. Desta vez fomos portadores de equipamentos para especialistas soviéticos que trabalham em hidrologia, prospecção de ouro e petróleo e na construção. Estas cargas são destinadas ao Instituto Politécnico de Bahr-Dar, à refinaria de petróleo em Assab e outras empresas construídas em cooperação com a União Soviética.

Terminados os trabalhos de descarga, os marinheiros preparam-se para a carreira de regresso, e as cargas serão transportadas para Adis-Abeba, Diredaua, Adola e Bahr-Dar. Aliás, a cooperação soviético-etíope tem muitos destinatários, entre os quais Assab é o principal.

...A auto-estrada Assab – Adis-Abeba é bastante movimentada por caravanas de camiões, muitos dos quais transportam tanques de gasolina para a capital e, daí, para todas as províncias do país. É o produto da única refinaria na Etiópia.

Desde 1976 funciona em Assab uma das maiores empresas industriais construída com assistência soviética, satisfazendo quase totalmente as necessidades nacionais de gasolina, óleo Diesel, gás condensado e alcatrão.

O director da empresa, Moges Katema, contou-nos o seguinte:

– Em virtude da reconstrução e modernização propostas pelos especialistas soviéticos conseguimos aumentar a produção em 150% e até ultrapassámos as capacidades de produção previstas, transformando 800 mil toneladas de petróleo por ano. Nos 17 anos de funcionamento da empresa trabalharam connosco mais de 400 engenheiros e técnicos soviéticos. Os vossos especialistas contribuíram em muito para a preparação dos quadros qualificados neste importante sector da economia nacional que é a petroquímica. Cada um deles tem 2 ou 3 alunos. Eles dão aulas para o nosso pessoal de engenheiros e técnicos. Graças a eles, foi preparada uma biblioteca de literatura técnica que conta hoje com mais de 19 mil livros.

– Actualmente – prossegue Moges Katema –, juntamente com a entidade comercial soviética "Neftekhimpromexport" estamos a realizar um programa de ampliação e modernização da produção. Por volta de 1984 será concluído o programa de modernização dos velhos equipamentos. Agora, estamos a construir mais dois reservatórios de petróleo com uma capacidade de 20 mil toneladas cada e mais dois para o produto acabado de 5 mil toneladas cada.

A administração da empresa preocupa-se com o melhoramento das condições de vida e de trabalho dos 850 operários. Só ultimamente 80

famílias operárias mudaram para novos apartamentos e agora estão em acabamento mais 120 apartamentos. A empresa tem um jardim de infância, cinema, um complexo desportivo e uma clínica.

Na refinaria de Assab, acrescentou o vice-director, entre os especialistas soviéticos e os operários etíopes existem relações de amizade. Os colegas da União Soviética deram exemplos de trabalho abnegado e de um verdadeiro internacionalismo. Assim se manifesta concretamente a frutuosa cooperação entre a Etiópia e a URSS, contribuindo para o avanço da revolução etíope e para o lançamento no país de uma base industrial moderna.

A cidade de Assab e o porto ocupam uma faixa litoral estreita de uns dois quilómetros. Aqui e acolá, no meio da terra deserta e casas de cal branco, aparece vegetação.

– Em três anos – contou-nos Addisalem Asseffa, prefeito da cidade –, dentro da campanha de arborização, foram plantadas mais de 11 mil árvores. Pode ser que este número não pareça a alguém muito significativo, mas é preciso ter em vista que a cidade se vê com grandes dificuldades em ter água potável e anteriormente não havia aqui árvores nenhumas.

– E em geral – diz o prefeito da cidade – a vida tem-se mudado radicalmente no decorrer dos 10 anos de Revolução democrática e nacional. Muitas questões da urbanização competem agora aos órgãos de autarquia, "kabele". Ultimamente, o conselho da cidade construiu três padarias, uma série de lojas e mais de 100 casas novas. Além disso, as maiores empresas da cidade – a refinaria e o porto – também destinam verbas para a construção de habitações.

De acordo com o plano de desenvolvimento de Assab até 1985 serão construídos bairros modernos, mais uma escola e um parque de cultura e repouso com recintos desportivos. Têm sido depositadas grandes esperanças na perfuração de poços artesianos para a qual foram destinados 17 milhões de "byres". A realização do projecto promete o fornecimento de água potável a toda a população local, assim como terá início o programa de plantação de árvores e jardins.

Assab conta já com mais de 100 anos de existência, sublinhou Addisalem Asseffa. É uma cidade de estivadores e petroquímicos que contribuem para o progresso da economia nacional. A classe operária de Assab está nas primeiras filas dos construtores de uma Etiópia nova, de uma sociedade justa e sem classes, e participa activamente na criação de um partido das massas trabalhadoras com base nos princípios marxistas-leninistas, e, com o seu trabalho, multiplica as gloriosas tradições revolucionárias.

O futuro está nas suas mãos

...Um passeio de automóvel por Adis-Abeba na temporada pluviosa não é muito agradável. Torrentes de água turva formam enormes charcos difíceis de atravessar. Nos arredores onde as ruas não são asfaltadas, o carro patina, as suas rodas afundam-se frequentemente na lama e a viatura parece ter participado num *rally*.

Um certo dia, enxergámos do nosso "Toyota", entre uma cortina de chuva, uma advertên-

cia: "Auto-estrada em obras". O que vimos à nossa frente parecia mais um campo lavrado e demos conta de que era impossível passar por ali. Na estrada um grupo de jovens operários espelhava com agilidade o cascalho, comprimindo-o nos lugares mais baixos.

– Não se preocupem, daqui a dez minutos vamos abrir a passagem, pois já estamos a acabar – disse-nos um deles, pelos vistos, o chefe da equipa.

Saímos do carro e apresentámo-nos uns a outros. Todos eles eram militantes de uma das células da Associação da Juventude da Etiópia Revolucionária (AJER). Realmente, em breve repararam o caminho e convidaram-nos a visitar o comité local da AJER.

Por acaso era perto, numa casinha pequena. Vinham jovens e informavam rapidamente um rapaz alto que tomava apontamentos no seu caderno. Ele apresentou-se: Johannes Tessema, aluno da universidade de Adis-Abeba e presidente da célula da AJER.

– Na nossa célula – disse-nos Johannes – militam hoje 118 jovens. Mais de metade estudam nas escolas e na universidade. Após a promulgação, em Junho de 1980, do decreto do Conselho Provisório Militar Administrativo (CPMA) sobre a constituição de uma associação nacional da Juventude, resolvemos formar uma célula. O prestígio e a popularidade da AJER aumentam constantemente. Muitos rapazes vêm ao nosso comité local pedir admissão na organização. No entanto, o nosso critério fundamental não é ampliar em número a AJER, mas admitir nas suas fileiras os mais dignos. Por isso, somos bastante exigentes neste sentido.

Em Setembro de 1980, Johannes Tessema, entre outros 1200 delegados de todo país, participou no I Congresso Constituinte da AJER. O Programa da Associação delineou claramente as principais direcções da sua actividade em todos os escalões. A juventude revolucionária da Etiópia vê como sua tarefa principal a participação na reconstrução da economia nacional e nas transformações revolucionárias que o poder popular está a realizar.

– Os pontos mais importantes da nossa actividade – prossegue Johannes – são a divulgação da ideologia marxista-leninista e a elevação do nível de educação e de cultura das massas trabalhadoras. No nosso comité local organizámos um círculo de marxismo-leninismo. No âmbito da sua actividade os estudantes mais preparados ajudam os mais jovens a aprenderem os fundamentos do socialismo científico e estudarem as obras de Marx, Engels e Lénine.

A conversa foi interrompida com o aparecimento de dois rapazes, com a roupa molhada, que mal podiam retomar o fôlego. Depois de nos cumprimentarem, eles começaram a falar em amhar gesticulando e intercalando-se um a outro, informaram o presidente da célula de algo. Meneando a cabeça em sinal de aprovação, este anotou algo no seu caderno e, depois, virou-se para nós.

– Desculpem, como viram é um dia muito agitado.

– Aconteceu alguma coisa que não é segredo? – perguntámos por curiosidade.

– Não é segredo nenhum – replicou o nosso interlocutor. – Soubemos através da imprensa que a vossa juventude teve uma iniciativa de rea-

lizar, sistematicamente, dias de trabalho voluntário, sem retribuição. Julgo que isto se chama, salvo erro, *subbotnik*. Não é assim que se diz em russo? Decidimos propôr esta iniciativa na nossa assembleia.

– E então, foi aprovada?

– É claro que sim! Os resultados ultrapassaram o previsto. O *subbotnik* de hoje não foi o primeiro, mas o importante é a participação cada vez maior, mesmo dos que não são militantes da AJER. Plantámos árvores, reparámos estradas, pontes e casas, limpámos ruas, etc. Isto é útil em todos os sentidos: por um lado, urbanizamos, e, por outro, a juventude aprende a trabalhar colectivamente, em benefício de todos. Neste caderno registo os resultados do trabalho de cada equipa em que está dividida a nossa célula. Os *subbotniks* são, ao mesmo tempo, a emulação, sendo os vencedores premiados.

Os sábados e domingos de trabalho voluntário, graças à iniciativa dos jovens, estão a entrar nas tradições do povo etíope. Em 1981-1982, só em Adis-Abeba, foram recolhidos mais de 300 mil *byres*. A propósito isto é um dos aspectos importantes da actividade da AJER. Sem dúvida, o mais importante é o combate ao analfabetismo. Todos os anos, milhares de jovens se dirigem a lugares remotos para ensinar a ler e a escrever. Em virtude desta campanha, o índice de alfabetização da população ascendeu de 7% a 55%. O próprio Johannes Tessema dá aulas em cursos nocturnos numa escola vizinha. 18 militantes da célula que ele dirige estiveram em zonas rurais, contribuindo para a liquidação do analfabetismo.

A juventude reage a todas as iniciativas lançadas pelo Governo revolucionário da Etiópia. E isto não é por acaso, pois os jovens são sensíveis a tudo o que é novo e começam a realizá-lo com energia. É claro que este processo não é nem fácil nem simples como pode parecer. A emancipação e a remodelação da consciência não ocorrem facilmente. E este ponto Johannes Tessema não tentou esconder.

– Dificuldades? É claro que existem – respondeu francamente à nossa pergunta. – Nenhum membro do comité, e eu inclusive, não temos experiência de trabalho de organização junto da juventude. Estamos a aprender, mas por vezes não podemos encontrar resposta às questões mais agudas. Julgo que neste sentido ajudar-nos-ia um jornal para a juventude, mas, infelizmente, não se edita de momento na Etiópia. Escasseia a literatura metodológica e mesmo política. O que vocês vêem nestas estantes foi recolhido pouco a pouco pelos nossos militantes. No entanto, não estamos desanimados, pois todos nós compreendemos que as dificuldades são inevitáveis, mas vencíveis.

Ao despedirmo-nos dos novos amigos não lamentámos o tempo que estivemos com eles. Após a entrevista ficámos convencidos de que Johannes, os seus camaradas coetâneos não têm medo às dificuldades e não desviarão do caminho delineado há 10 anos. Eles construirão a futura Etiópia. E o seu futuro está em mãos certas.

* * *

Num outeiro alto e verde no centro de Adis-Abeba estende-se por muitos hectares o chamado "Grande Palácio", outrora a residência do

imperador Menelik II, um dos eminentes estadistas na história da Etiópia que unificara o país e dirigira a luta contra os colonialistas italianos no fim do século XIX. Menelik estabeleceu relações com a Rússia e foi o fundador da actual capital.

Actualmente, o "Grande Palácio" é a sede do Conselho Provisório Militar Administrativo, órgão supremo criado logo a seguir à revolução de 1974. Os sentinelas estão permanentemente à porta do edifício. Habitualmente, os jornalistas não têm acesso a este estabelecimento: só os funcionários do CPMA. Estas regras rigorosas vigoram em muitos departamentos e repartições de Estado. O estado de emergência que se mantém nas cidades não é por acaso: até há pouco tempo as forças contra-revolucionárias procuraram torpedear, mediante o terror aberto, as transformações revolucionárias no país e semear o pânico e desacreditar o novo poder entre o povo.

Contudo, conseguimos visitar o "Grande Palácio". E não só visitá-lo, como também assistir a um acontecimento muitíssimo importante na vida política do país. Em Janeiro de 1983 aqui teve lugar o 2° Congresso da Comissão da Organização do Partido dos Trabalhadores da Etiópia (COPTE) que trabalha para a criação de um partido de vanguarda dos operários e camponeses baseado nos princípios do marxismo-leninismo.

...Um oficial esbelto, com uma postura impecável e de farda cor *khaki*, verificou os nossos cartões, fez continência, dando-nos a entender que podíamos passar. Por uma alameda de eucaliptos entramos num grande edifício, com colunas e com a bandeira nacional e a do COPTE asteadas. No espaçoso átrio estavam os delegados que chegaram das 14 províncias do país. Eram os melhores combatentes do exército revolucionário da Etiópia, "operários de estrelas"—é assim que se chamam no país os operários modelo—, representantes das unidades cooperativas e de Estado, homens da cultura e da ciência. Reuniram-se para discutir os problemas sócio-económicos mais palpitantes do país e delinear as vias concretas para a criação do partido.

Nos dias do trabalho do Congresso tivemos a possibilidade de verificar quão profundas e irreversíveis são as mudanças ocorridas durante a revolução na vida e consciência dos etíopes. Entre os participantes havia aqueles que outrora eram braceiros, desempregados e analfabetos. Agora na antiga residência dos imperadores estavam os verdadeiros senhores do país. Nas discussões tratavam-se problemas de amplitude nacional: como superar a grave herança do regime imperial em todos os domínios; como acabar com a dependência económica externa; como criar a curto prazo um partido capaz de ser a verdadeira vanguarda das massas trabalhadoras, etc. Todas estas questões foram examinadas pelos participantes do Congresso.

O caminho traçado pela Revolução de Setembro de 1974 não é fácil, facto que se compreende perfeitamente na Etiópia. Mengistu Haule Mariam, presidente do CPMA e do COPTE, sublinhou naquele fórum que nem as dificuldades económicas, nem as manobras da reacção interna e externa podem fazer o povo etíope renunciar à opção feita, isto é, a construção das bases da sociedade socialista. O instrumento

mais importante para alcançar o objectivo programado é o futuro Partido dos Trabalhadores da Etiópia que, segundo as resoluções do Congresso, será constituído em 1984, aquando o décimo aniversário da revolução nacional democrática.

Encerrados os trabalhos do Congresso, as salas do "Grande Palácio" ficaram vazias, calaram-se orquestras, os delegados regressaram aos seus locais de trabalho para começar a pôr em prática as resoluções tomadas. Começou o quotidiano, cheio de trabalho, de alegria com vitórias e amarguras com insucessos. Mas é neste dia-a-dia que vai nascendo uma nova Etiópia popular.

Vladislav Orlov [1]

A TERRA PODE ALIMENTAR

Toda a capital da Tanzânia é vista a partir das pitorescas colinas situadas no arrabalde noroeste de Dar-Es-Salam, onde se erguem os prédios modernistas da universidade local. A maior parte da cidade estende-se em forma de uma faixa estreita ao longo do litoral oceânico e os bairros situados do lado do continente diluem-se imperceptivelmente no imenso mar de vegetação. A uns 15-20 quilómetros do porto barulhento e das ruas movimentadas que o cercam já reina o modo de vida tranquilo, inerente às regiões agrícolas da Tanzânia, cujo vasto território supera quase duas vezes o território da França. A agricultura é o fundamento da economia da república e a maioria da sua população, de quase 18 milhões, são camponeses. Na Tanzânia, assim como em muitos países africanos, o dia de amanhã é determinado em grande parte pelos processos que se verificam no campo.

---

[1] Vladislav Ivánovitch Orlov é jornalista especializado em assuntos internacionais, candidato a doutor em história. No período de 1978 a 1980 foi correspondente da agência TASS na Tanzânia, Ruanda e Burundi.

O presente artigo foi publicado pela primeira vez no semanário *Za Rubejom*, № 3, 1981.

Na época da independência, no campo tanzaniano já tiveram lugar importantes mudanças. Pertence ao passado a divisão da agricultura do país em sectores "africano" e "não africano", que constituíam outrora a sua característica fundamental. Um destes sectores abrangia economias naturais minúsculas da maioria esmagadora do campesinato; aí dominavam formas comunais e feudais de posse da terra e métodos primitivos de cultivo. O outro abrangia, sobretudo, grandes latifúndios capitalistas modernos que se orientavam pela produção para a exportação. Destroem-se rapidamente os fundamentos da forma comunal e das outras formas arcaicas de posse da terra. Em toda a parte, o método de cultivo itinerante da terra mediante a destruição da vegetação a fogo é substituído pela alternância regular de culturas.

O fundamento das transformações agrárias na república foi lançado ainda na década de 60, quando foi efectuada a confiscação de latifúndios dos colonialistas e dos granjeiros estrangeiros e realizada a nacionalização efectiva da terra, o que abriu possibilidades para o desenvolvimento das estruturas sociais, a estatal e a cooperativista.

Porém, nos primeiros anos que se seguiram à conquista da independência, nas regiões rurais da Tanzânia delineou-se o crescimento rápido das relações monetário-mercantis que foi seguido, inevitavelmente, pela divisão do campesinato em várias camadas, em conformidade com o volume de bens que cada uma delas possuía. Começou a consolidar-se a camada de proprietários agrícolas ricos, e por outro lado, aumentava o número de assalariados agrícolas recrutados entre os camponeses: estes últimos tornavam-se praticamente proletários agrícolas que vendiam o seu trabalho aos ricaços rurais.

A direcção tanzaniana, que tinha proclamado a sua adesão à orientação socialista, contrapôs à formação espontânea de relações capitalistas no campo o processo conscientemente orientado de incorporação dos camponeses nas cooperativas e no trabalho colectivo.

Após a adopção da Declaração de Arusha (1967), começou a concretização da política de "ujamaa" apresentada pelo presidente J. Nyerere, isto é, criação de aldeias, em que os camponeses, apoiando-se na ajuda mútua e nos seus próprios recursos, podiam enveredar pela via da transformação económica e social da agricultura.

Nesta luta acirrada contra tradições e hábitos seculares, o Estado e o partido governante conseguiram, em princípios da década de 80, após uma longa campanha de educação e de organização, persuadir os camponeses a deixarem os seus povoados pequenos e espalhados em mais diversos locais e a unir-se para a vida e para o trabalho conjuntos em grandes aldeias. Actualmente, na Tanzânia existem mais de 8 mil aldeias registadas em que vivem 87% da população do país.

Alguns resultados da reorganização em massa da vida rural já estão presentes, embora os seus frutos ainda estejam longe de estarem maduros. Na actual etapa, revelam-se, antes de mais, os resultados sociais da "aldeização", como dizem na Tanzânia, enquanto as suas possibilidades económicas ainda devem ser concretizadas. A produtividade geral da agricultura

continua baixa e o seu crescimento é bem inferior ao ritmo de incremento da população. Eis porque hoje em dia é colocada a tarefa de transformar cada aldeia em unidade económica viável desenvolvendo gradualmente os princípios colectivos na produção.

...A aldeia Mvendapole (o que significa ao pé da letra "vá devagar") está situada em ambos os lados da estrada que vai de Dar-Es-Salam para o interior do continente, aproximadamente a 50 quilómetros da capital. No prédio modesto onde está situado o escritório, nós, um grupo de jornalistas, somos recebidos pelos activistas locais: presidente do conselho da aldeia Hamisi Chanzi, um homem enérgico de 35 anos, membros do conselho, Kondo Mnimwua – o seu rosto está sulcado de rugas bem marcadas da velhice, e Yusuf Rajabi, uma pessoa ainda muito jovem, em cujo semblante se uniram traços africanos e árabes, o que é característico para os habitantes das regiões litorâneas da Tanzânia.

– A nossa aldeia foi praticamente uma das pioneiras do movimento que abrangeu mais tarde todo o país, relata Hamisi. Naturalmente, as 92 famílias que fundaram a aldeia ainda em 1964, naquela época nem sequer pensavam nisso, mas simplesmente acharam que viver em conjunto seria mais fácil. E elas tinham razão.

Para tornar as suas considerações mais evidentes, o presidente faz cálculos com os dedos:

– Todas as nossas crianças estudam – isto em primeiro lugar; funciona uma enfermaria própria – isto em segundo; bebemos água limpa – terceiro; existe uma venda cooperativa – quarto; e começou a electrificação das casas de habitação – este é o quinto factor. Diga, quando vivíamos na brousse, era possível abastecer as nossas choças com a luz eléctrica ou água canalizada? Podiam as crianças frequentar a escola situada a muitos quilómetros? Não. Eis porque hoje em dia na aldeia já vivem 818 famílias, isto é, quase 5 mil pessoas.

Juntamente com os anfitriões realizamos uma excursão pela aldeia por entre filas de casas de barro batido, características para estas paragens; algumas delas estão cobertas com chapas de ferro canelado. Entre arvoredos verdes espessos de mangueiras e nogueiras estendem-se fios eléctricos, nas proximidades ergue-se a estrutura de betão dum depósito de água. No meio da rua, as mulheres enchem jarros de barro e baldes de plástico com a água que vem de um marco fontanário.

A escola de sete anos, situada num outeiro, recebe-nos com vozearia alegre: chegámos no momento do recreio. Eis, porém, que soa um gongo e a criançada acalma-se nas suas classes. Dois grupos estão a acomodar-se para a aula directamente no chão, à sombra de árvores. O longo prédio da escola, semelhante a uma barraca, ainda está em construção e não pode abrigar todos os 800 alunos. Faltam também os professores e as aulas na escola primária são dadas frequentemente por alunos mais velhos.

No entanto, é precisamente na esfera da educação que a Tanzânia alcançou sucessos mais impressionantes. Ela já está próxima de se transformar num país totalmente alfabetizado, embora ainda há pouco uma pessoa capaz de ler e escrever fosse um fenómeno muito raro. O Estado cuida rigorosamente de que seja observada a lei sobre a instrução obrigatória e geral de sete

anos. Por toda a parte, funcionam cursos de liquidação do analfabetismo.

Naturalmente, o ensino de milhões de crianças e de adultos nas condições de falta aguda de professores, não pode deixar de afectar a qualidade da instrução ministrada. A imprensa local queixa-se, às vezes, de que o ensino se restringe frequentemente a três "k": "kusoma" (leitura), "kuandika" (escrita) e "kuhesabu" (o cálculo). Mas apesar de todas estas faltas inevitáveis, não se pode diminuir a importância social do facto de que toda a Tanzânia aprende persistentemente, à medida das suas possibilidades muito modestas, e de que a geração que em breve irá incorporar-se na vida activa, pela primeira vez na história do país será totalmente alfabetizada. Desempenhou nisso, também, o importante papel a "aldeização", que assegurou praticamente a todas as crianças das regiões rurais a possibilidade de frequentar a escola.

A seguir, fazem-nos conhecer a economia desta união camponesa. A sua base são pequenas economias individuais; cada família dispõe de uma parcela de 5-7 acres que são lavrados à mão, da mesma maneira que há séculos atrás. As principais culturas alimentícias são o milho, o painço e a kassava. Conquista aos poucos as posições o arroz de monte. Muitos camponeses criam cabras e aves de capoeira. Cultiva-se para a venda o caju, laranjas, sésamo, e legumes. Nas proximidades desta aldeia está situada a nova cidade de Kibaha, que cresce rapidamente. Esta cidade é o novo centro da região litorânea. E igualmente próxima a cidade de Dar-Es-Salam, o que assegura um mercado estável para os produtos agrícolas. Neste intercâmbio entre a cidade e o campo, um importante papel é desempenhado pela secção local da Companhia Nacional de Desenvolvimento Económico. Os agricultores de Mvendapole e das outras aldeias circunvizinhas alugam a esta associação camiões, autocarros, um depósito moderno para cereais e um armazém para adubos artificiais.

A parcela social por enquanto não é grande: um pomar de laranjeiras de 65 acres e um pequeno bosque de nogueiras. São também modestas as receitas colectivas: em 1978, a venda de frutas e de caju proporcionou, por exemplo, cerca de 30 mil xelins. Os camponeses utilizaram este dinheiro para adquirir adubos minerais e construir um aviário para mil galinhas.

E qual será a situação no sector social no futuro? O velho Kondo Mnimwua não se atreve a responder a esta pergunta. Quanto ao presidente Hamisi e o seu jovem colega Yusuf, eles olham o futuro com optimismo. Em sua opinião os camponeses certificar-se-ão cada vez mais das vantagens proporcionadas pelas economias colectivas e, afinal de contas, irão trabalhar só em conjunto. Então, a aldeia deixará de ser, sobretudo, um lugar onde muitas pessoas vivem em conjunto para se tornar uma autêntica "ujamaa", o que na língua suaíle significa aproximadamente uma "grande família".

Decerto, a aldeia Mvendapole, devido a várias circunstâncias, encontra-se numa situação especialmente favorável: proximidade da capital, existência de uma estrada moderna que assegura o acesso permanente ao mercado e a possibilidade de se abastecer permanentemente na cidade em bens de consumo corrente, a linha inter-regional de transporte da energia eléctrica

que passa nas proximidades da aldeia, a ajuda técnica e material do Estado na construção do sistema local de abastecimento de água...

A maioria de povoados novos depara, por enquanto, com grandes dificuldades, cuja causa principal é o recente passado colonial da Tanzânia e a sua herança pesada, isto é, base material atrasada, estado embrionário da infra-estrutura do país, que, de acordo com a classificação da ONU, pertence ao número de Estados menos desenvolvidos economicamente.

Praticamente em todos os ramos da agricultura domina o trabalho manual. Ainda hoje os principais instrumentos de produção dos agricultores são a enxada e o facão longo e largo, chamado "panga". A Tanzânia sofre gravemente as consequências do sistema de transportes obsoleto, que foi criado, basicamente, ainda na época colonial, quando existia a África Oriental Alemã, e devido à falta de vias de comunicação na maior parte do território do país. Isto dificulta seriamente o intercâmbio normal entre a cidade e o campo, sem o qual é impossível organizar a produção agrícola moderna. Uma grande parte da produção agrícola perde-se anualmente por causa da ausência de depósitos adequados. O campo sente uma falta aguda de quadros qualificados de todas as especialidades. A electrificação do campo encontra-se praticamente na fase inicial. Ainda hoje, menos da metade dos habitantes das regiões rurais dispõe da água potável normal, etc.

Porém, todas estas dificuldades, inevitáveis na actual etapa de crescimento, não permitem de modo algum desmentir ou refutar a concepção de desenvolvimento da agricultura que foi escolhida na Tanzânia, como supostamente ineficiente. Os críticos que atacam a actual linha de desenvolvimento da agricultura a partir das posições de direita e exortam a dar plena liberdade às relações capitalistas na agricultura, procuram propositadamente não perceber o profundo interesse da maioria esmagadora do campesinato em transformações sócio-económicas radicais, a que ele liga as suas esperanças de conseguir uma vida melhor.

– Por exemplo, no Quénia vizinho, considerado "rico", a gente morre permanentemente de fome, enquanto, na Tanzânia "pobre" agora isto jamais será admitido, disse aí certa vez uma conhecida personalidade religiosa que dificilmente pode ser suspeita de nutrir simpatias pela orientação socialista, proclamada oficialmente pela república.

No que diz respeito ao governo e ao partido governante, estes sublinham a sua aspiração de continuar a seguir firmemente a política de desenvolvimento não capitalista, e insistem em que a evolução da produção agrícola tenha como base a passagem para as formas colectivas de gestão da economia. O Estado estimula por todos os meios a criação de herdades colectivas e de cooperativas com base em princípios de socialismo.

..."Rur tanzaniano", foi assim que um meu conhecido jornalista qualificou a parte Norte do país. Esta comparação é justa, pois nos declives do monte Quilimanjaro e do monte vizinho Meru está situado um dos mais importantes centros económicos da Tanzânia. O solo vulcânico fértil proporciona aí boas colheitas de milho, bananas e leguminosas, está a ser introduzido com êxito o

cultivo do trigo e do arroz. Nas estradas desta região pode-se ver com frequência um tractor ou uma ceifeira-debulhadora de cereais. No entanto, a maior riqueza desta região montanhosa é o café, principal cultura exportada, que proporciona à república aproximadamente um quinto de todos os ingressos em divisas estrangeiras e é a principal fonte de rendimentos para 10% da população do país.

Numa área relativamente pequena, que constitui menos de 1,5% do território do país, vivem 900 mil pessoas, isto é, mais de 15% de todos os tanzanianos. Em alguns locais a densidade da população chega a 250 pessoas por quilómetro quadrado, o que corresponde aos índices dos Estados europeus mais densamente povoados. Na região de Quilimanjaro, o nível de vida da população é também o mais alto do país.

Nos declives meridionais do Quilimanjaro vive de há muito o povo chagga, agricultores hábeis e laboriosos. Muito antes da chegada dos europeus, eles criaram aí um sistema original de cultivo da terra e de irrigação. E quando, em princípios deste século, no Leste de África começou o processo activo de cultivo do café, esta planta encontrou aí não só condições naturais quase ideais, mas também a habilidade e o cuidado excepcionais dos agricultores locais. As regiões setentrionais da Tanzânia adquiriram a fama de fornecedoras reconhecidas do café "arábica", famoso pelos seus excelentes sabor e aroma para o mercado internacional.

...A estrada de terra batida que começa na rodovia Moche – Arusha sobe bruscamente para o alto, onde a verdura das florestas aparentemente toca nas línguas de neve de Kibo, um dos cumes do Quilimanjaro tricéfalo. Este mesmo nome, "Kibo estate", foi dado a uma das maiores herdades especializadas no cultivo do café, gerida agora pelos próprios camponeses.

Quase todos os dirigentes da herdade estão reunidos no gabinete do gerente. Os membros do conselho de directores, é este o nome oficial deste órgão, têm mãos duras e calosas e caras simples de camponeses. O órgão dirigente conserva este seu nome pomposo mais por tradição, que remonta ainda à época em que esta empresa pertencia ao capital suíço, embora no seu destino tivesse lugar há muito uma mudança radical: em 1973 o Estado nacionalizou a herdade e entregou-a ao colectivo de trabalhadores.

Os novos proprietários provaram rapidamente que podiam perfeitamente gerir a herdade com habilidade e diligência, dispensando muito bem os serviços dos "patrões" estrangeiros. Já quatro anos depois eles ajustaram as contas com os antigos proprietários, tendo pago a devida compensação, e a partir de então gastam os recursos obtidos com a venda do café em grão para a ampliação e o aperfeiçoamento da produção e para diversas necessidades sociais dos membros da cooperativa.

Os dirigentes da herdade informam-me que o pessoal do quadro desta empresa (são cerca de 200 pessoas), e os membros das suas famílias, dispõem de habitações e têm assistência médica gratuita. Na velhice, irão receber uma pensão de reforma. Na herdade funcionam cursos de liquidação do analfabetismo e de elevação da qualificação (para os mecanizadores). Na loja cooperativa pode-se encontrar as mesmas mercadorias

que na cidade. Foi organizada, também, a alimentação gratuita: um caldeirão com papa de milho quente é levado em pleno dia para os locais de trabalho. Para os cidadãos mais pequenos foi aberto há pouco um jardim de infância; existe também uma escola de sete anos.

Juntamente com o principal administrador, E. Swai, percorremos uma pequena parte da herdade que ocupa cerca de mil hectares. O gerente fala da sua produção específica com entusiasmo e inspiração. Talvez pela sua boca fale um autêntico chagga, apaixonado pelo trabalho do agricultor? Ou um especialista que já dedicou ao cultivo do café mais de 15 anos?

– A nossa cooperativa está especializada, antes de mais, na produção de café,– diz ele – mas não é uma economia rigorosamente monocultural. Plantamos para as necessidades próprias também milho, feijão e bananas, obtendo desta forma os produtos sem os quais é difícil imaginar a ração diária de um tanzaniano. Orgulhamo-nos com toda a razão do grande rebanho, temos aí 150 cabeças de vacas de raça procedentes da Nova Zelândia.

Ao nosso encontro vem um tractor novinho, de cor vermelha viva.

– Agora temos na nossa economia 16 máquinas deste tipo e um pequeno parque e acessórios de reboque,– explica E. Swai.

Em 1978, na Tanzânia foram recolhidas cerca de 55 mil toneladas de café, o que constitui aproximadamente 1,5% da produção mundial deste produto excepcionalmente popular. Isto não é muito, dadas as possibilidades potenciais do país, onde a própria natureza favorece o cultivo desta planta caprichosa. Porém, os especialistas consideram com toda a razão que para aumentar as colheitas anuais do café é preciso novos investimentos. É preciso introduzir métodos agrotécnicos modernos baseados na utilização de máquinas e mecanismos, aplicar muito mais amplamente do que agora adubos orgânicos e artificiais para restabelecer a fertilidade do solo e os meios químicos de luta contra doenças e pragas dos cafeeiros.

Naturalmente, medidas tão importantes só podem ser realizadas por grandes economias do tipo da "Kibo estate". Por isso, o seu papel cresce permanentemente: estas herdades são uma prova convincente das vantagens proporcionadas pelo trabalho colectivo e pelos métodos progressistas de produção.

– A política de "ujamaa", que contrapusemos à concepção capitalista de desenvolvimento, continua a ser a via mestra de desenvolvimento do campo tanzaniano e do seu avanço – disseram-me no Ministério da Agricultura da república.– Estamos convencidos de que nas condições locais é precisamente esta a política que corresponde ao máximo ao objectivo que escolhemos – a edificação da sociedade de acordo com o modelo socialista, pois isso nos permite resolver simultaneamente, num complexo só, tarefas sociais, económicas, de produção, de educação, e outras com que o campo depara.

Perguntei a respeito da diminuição nos últimos anos da produção agrícola tanzaniana posta à venda no mercado. De que forma isto está relacionado com o processo de "aldeização"?

– Durante muito tempo, o nosso país foi produtor e fornecedor de alguns tipos pouco numerosos de matérias-primas alimentícias para os

países desenvolvidos – diz o meu interlocutor. – A agricultura era disforme, unilateral e orientava-se apenas para o mercado externo. Sem dúvida, isto proporcionava e continua a proporcionar-nos divisas de que necessitamos muito, mas, ao mesmo tempo, colocou a nossa economia numa dependência rígida em relação a factores externos. Mesmo na Tanzânia, cuja terra pode produzir praticamente tudo o necessário para alimentar o homem, sempre existiu e existe ainda hoje a falta crónica de víveres. Formou-se um certo círculo vicioso: cultivamos café, algodão, sisal e vendemo-los, mas temos que gastar os recursos obtidos desta forma para a aquisição de outros produtos agrícolas. Além disso, à medida que em todo o mundo aumentam preços dos alimentos, certos países que dispõem de excedentes destes produtos tornaram-nos um instrumento da política externa, até um meio de pressão. Por isso, para conservar a nossa independência e consolidá-la, para não sacrificar os princípios da política de não alinhamento, devemos admitir conscientemente a alteração da estrutura tradicional da agricultura a fim de aumentar a produção de víveres, em primeiro lugar de cereais.

Para resolver esta tarefa, o governo começou a criar nos últimos anos grandes herdades estatais especializadas em várias regiões do país. Por exemplo, nas excelentes terras negras da região de Arusha está a ser criada a maior herdade do país especializada na produção de trigo. De acordo com os planos, em 1985 a área das sementeiras de trigo nesta herdade deve chegar a 70 mil acres, o que lhe permitirá proporcionar três quartos da totalidade das 45 mil toneladas de trigo consumidas anualmente no país. A região de Mbeia, onde se forma a principal região rizícola do país, irá produzir futuramente cerca de 50 mil toneladas de arroz por ano. A região de Rovuma irá proporcionar milho ao mercado interno.

O campo tanzaniano avança inexoravelmente pela via difícil das transformações, vencendo numerosos obstáculos e resolvendo problemas complexos de desenvolvimento.

Boris Assoian[1]

FENDAS NA "MONTRA DO CAPITALISMO"

Quando da minha estada como correspondente da revista *Nóvoie Vrémia* no Leste de África, tive de viajar várias vezes do Uganda, que era o meu país "base", para o Quénia. A viagem era bastante longa, mais de 600 quilómetros, e bastante difícil. Porém, uma viagem destas proporcionava uma rara possibilidade de ver, comparar e compreender muita coisa.

Os polícias que serviam no ponto fronteiriço de Malaba, tranquilo e quase despovoado, conheciam-me e deixavam-me passar após um mínimo de formalidades. A barreira levantava-se, eles batiam brincando a continência e acenavam com as mãos em sinal de despedida. Abria-se uma estrada não muito larga, em cujas beiras deslocavam-se a pé e de bicicleta filas de camponeses. Surgiram por um instante os telhados de palha cónicos da aldeiazinha fronteiriça com as

---

1 Boris Rubénovitch Assoian é Vice-Director do Instituto da África da Academia das Ciências da URSS, candidato a doutor em história. No período de 1973 a 1978 foi correspondente da revista *Nóvoie Vrémia* no Leste de África. O seu livro *Pelos Caminhos da Liberdade* é uma colectânea de ensaios sobre o Zimbabwe, a Etiópia, Moçambique, Tanzânia e Uganda.

suas vendas inteiramente abertas, asilos nocturnos e enormes cartazes que afirmavam que os autênticos motoristas tomam só coca-cola, e começou a savana, onde a gente sempre se sente naquela mesma África que a imaginação tinha criado ainda na infância: paisagem amarela com algumas palmeiras raras no horizonte, céu esbranquiçado com nuvens brancas enrodilhadas, figura solitária de um pastor e vacas corcovadas e preguiçosas. A estrada subia dificilmente a montanha, serpenteava rapidamente como uma fita prateada nas descidas, atravessava riachos que correm por penedos redondos para densas florestas...

Certa vez peguei perto de Nairobi um africano que tinha "pedido boleia". Ele informou que tinha de chegar com urgência à cidade onde lhe prometeram trabalho.

– Já há meio-ano que estou sem trabalho, – sorriu com um ar de culpado. – Terminei o curso na escola e pensei que poderia arranjar algum emprego, mas acontece que há milhares de pessoas como eu. Em toda parte – a recusa. – Olhou com uma certa preocupação o meu relógio. – Se não me atrasar, talvez tenha sorte hoje.

– Você é casado? – perguntei.

– Mas com que dinheiro? Sou de uma família simples: os meus pais são camponeses. Dificilmente arranjaram algum dinheiro para pagar os meus estudos na escola. E para a mulher, devo ganhar eu próprio.

Ele calou-se e virou-se para a janela, mergulhado em pensamentos sobre os seus infortúnios.

Passávamos diante de enormes herdades. Por trás das suas cercas viam-se campos verdes, pastavam rebanhos de ovelhas brancas. Ao lon-

ge havia construções de pedra, ligadas à rodovia principal por estradas asfaltadas, em que um aviso dizia que elas pertenciam a particulares e, portanto, estavam fechadas para as pessoas estranhas. Perguntei ao meu companheiro de viagem, quem eram os proprietários destas belas herdades.

– "Wazungu" (os brancos) – respondeu ele. – Bem, entre os quenianos também há pessoas muito ricas. Uma pessoa simples não pode entrar ali...

No outro dia em Nairobi, na varanda do hotel "New Stanley" conheci um velho inglês, que viveu no Quénia quase 50 anos.

– É um país maravilhoso, – disse ele. – Estou enamorado dele. Sabe, estive aqui quando o Quénia era ainda nossa colónia, na época do estado de emergência, quando os africanos se rebelaram, e depois da concessão da independência. Sem dúvida, anteriormente a vida era melhor, mas hoje também a situação não é má. Tenho uma excelente herdade no planalto Branco e alguns negócios em Nairobi. Todos os dias jogo golfe, tenho encontros com amigos e no fim da semana, um safári. De que mais um homem branco pode precisar! – Ele riu-se. – Em poucas palavras, não troco o Quénia por nenhuma Europa ou América.

Tomou um gole de café, acendeu um cigarro e prosseguiu:

– Vocês, os comunistas, jamais compreenderão isso. Querem revoluções, golpes de Estado, sangue. E o que se pode alcançar com tudo isso, excepto destruições inúteis?

Falei-lhe do africano que tinha encontrado pelo caminho.

– Ah, é isso – riu-se ele novamente. – Mas esse rapaz é simplesmente um preguiçoso e não quer trabalhar. Se ele estivesse na minha herdade... – Ele inclinou-se para mim com um ar conspirador. Todos estes africanos são de um modo geral uns preguiçosos. Se não fôssemos nós, os brancos, ainda hoje andariam de peles...

Ele falou ainda durante muito tempo sobre a sua maravilhosa herdade e sobre o seu próprio avião; disse, também que os seus filhos também querem viver no Quénia, "e vão viver, sem dúvida", acrescentou.

Não discuti. Na África Oriental não são raros fragmentos do império extinto, como este velho inglês. Pode-se encontrá-los frequentemente nos clubes suburbanos, onde fazem mexericos uns dos outros, falam mal das autoridades e recordam os bons velhos tempos quando os africanos "sabiam o seu lugar". Sempre fiquei pasmado com o racismo mal camuflado que se ouvia nas conversas dos brancos "velhos" e "novos" a respeito dos habitantes locais. Mudava apenas a entoação, o que, aliás, dependia da situação material do africano a cujo respeito se falava. "Este entende alguma coisa, embora seja negro", isto diz-se a respeito de um funcionário ou homem de negócios. "Este ainda não desceu da árvore", isto, a respeito de uma pessoa simples.

Já se passaram duas décadas desde o dia em que no estádio de Nairobi foi içada a bandeira da vitória, mas no Quénia ainda estão vivos os sintomas do passado colonial com a sua presunção e crueldade implacável, que reduziam os quenianos ao nível da autêntica escravidão. Estão vivas, também, as pessoas que esmagavam as

insurreições dos africanos e mandavam executar prisões e fuzilamentos em massa.

Pessoas oriundas da Europa ocupam a maioria dos cargos dirigentes nas firmas industriais e comerciais do Quénia e constituem uma grande parte dos engenheiros, médicos, contabilistas e, inclusivamente, mecânicos. Vivem em enormes mansões, têm criados e os seus salários excedem dezenas de vezes os vencimentos dos quenianos qualificados. Naturalmente, esta vida agrada-lhes e eles não querem renunciar aos seus privilégios. "Ficaremos aqui por muito tempo, assegurou-me um homem de negócios próspero da Escócia. É possível imaginar que ousem expulsar-nos daqui? Neste caso, o Quénia perderá imediatamente a ajuda ocidental, sem a qual os quenianos não poderão sobreviver".

Sem dúvida, o Quénia goza de simpatias especiais no Ocidente e recebe dali uma grande "ajuda". Mas qual é o preço que ela paga por esta ajuda?

Ir-se embora para ficar

A independência do Quénia proclamada em 1963 não foi uma dádiva da metrópole. A Grã-Bretanha viu-se forçada a sair desta colónia sob a pressão da luta de libertação nacional, inclusive a luta armada. Mas os colonialistas foram-se embora para ficar. Os seus planos não incluíam a concessão ao Quénia da verdadeira independência e da possibilidade de aplicar uma política autónoma. Foi feito tudo para manter o país na esfera de influência do Ocidente e impor-lhe a via de desenvolvimento capitalista.

A este país foi reservado o papel de "montra do capitalismo em África". Foram-lhe concedidos prontamente numerosos empréstimos, o capital privado penetrou nos ramos-chave da economia, especialistas ocidentais formavam bicha para oferecer os seus serviços. O país tornou-se um ponto de atracção em África para os homens de negócios ocidentais seduzidos pelas condições vantajosas para a aplicação dos seus capitais, ou seja, a possibilidade de transferir a maior parte dos lucros para estrangeiro, os impostos baixos e a mão-de-obra relativamente barata. O Quénia abriu amplamente as portas para tudo que vinha do Ocidente: capitais, mercadorias, cultura. A "montra" deveria ser muito luxuosa para servir de exemplo edificante e para provocar a inveja dos vizinhos que escolheram uma outra via de desenvolvimento e não quiseram trocar o jugo colonial pelos grilhões do neocolonialismo.

Mas por trás desta montra luxuosa, as riquezas do Quénia eram vendidas aos monopólios ocidentais – americanos, britânicos, franceses e alemães ocidentais. A Constituição do país, redigida antes da concessão da independência, proibiu a nacionalização da grande propriedade estrangeira. Isto diz respeito, também, às possessões territoriais. A generosa coroa britânica deu aos colonialistas as terras mais férteis para uso praticamente eterno, ou, mais exactamente, deu em arrendamento por um prazo de 99 anos. Portanto, as esperanças dos africanos de efectuar reformas sócio-económicas radicais foram enterradas ainda antes da proclamação da independência. O colonialismo criou no Quénia uma economia dupla: o sector europeu altamente produtivo e a economia natural dos africanos.

Os traços da economia dupla persistem no Quénia também hoje em dia. Diminui talvez apenas o número de patrões estrangeiros que são substituídos, aos poucos, pelos nacionais.

Neste caso impõe-se uma analogia com a política do Ocidente em relação ao Zimbabwe. Como se sabe, a Constituição do Zimbabwe proíbe a nacionalização do sector europeu e conserva certos privilégios da minoria branca. Apoiando-se nesta Constituição, os neocolonialistas esperam transformar o Zimbabwe em mais uma "montra do capitalismo". Em todo o caso, na economia deste país são feitas agora generosas injecções estrangeiras a fim de criar no Zimbabwe uma "imunidade" em relação às tendências progressistas na política e na economia. Aliás, é bastante duvidoso que o Ocidente consiga repetir aí a "experiência queniana": é demasiadamente grande o número de falhas que começam a aparecer no modelo de desenvolvimento capitalista imposto aos quenianos...

Inicialmente, os dados da estatística queniana infundiam esperanças: no período de 1964 a 1977 a taxa de incremento anual do produto nacional global foi de 6%. Tornou-se mais variada a produção agrícola, cuja base, antes da conquista da independência, eram culturas destinadas à exportação, isto é, o café, o chá e o sisal. Foram postas em funcionamento novas empresas industriais e abertas novas estradas, cresciam as cidades e as torrentes de automóveis nas suas ruas ficavam cada vez mais densas. O turismo tornou-se a segunda maior fonte de divisas estrangeiras, cedendo apenas à exportação do café. A próspera élite africana e a burguesia negra que surgia correspondiam de uma forma natural à imagem de uma "montra".

Mas em breve o optimismo dos partidários do desenvolvimento capitalista começou a murchar. Em 1978, a colheita do café diminuiu em 25%, a receita obtida com a sua exportação diminuiu mais de 3 vezes e com a exportação do chá, 4 vezes. Ao mesmo tempo, o valor da importação aumentou 43%. O governo não conseguia dominar a alta dos preços. O abismo entre os rendimentos dos trabalhadores e da élite não diminuía, antes aumentava ainda mais. Por exemplo, o salário mensal de um operário urbano não superava 200 xelins (isto é, 30 dólares), o que era consideravelmente inferior ao mínimo mais modesto indispensável para sobreviver.

Em 1981, os preços do café diminuíram em 30% e a colheita do chá foi inferior à do ano anterior em 12%. A situação na agricultura tornou-se tão difícil que Kurt Waldheim, que ocupava então o cargo de Secretário-Geral da ONU, incluiu o Quénia na lista de 26 países africanos que se encontravam à beira da fome.

A diminuição da produção verificava-se não só na agricultura. A revista *African Business* escreveu então que quase 70% do sector industrial ficou numa situação desastrosa. A produção de víveres diminuiu quase em um terço. A maioria das empresas proporcionava apenas o equivalente a 40% do seu rendimento máximo. Durante o ano de 1981, o xelim queniano foi desvalorizado duas vezes: 5% em Fevereiro e 18% em Setembro. A desvalorização efectuada por exigência do Fundo Monetário Internacional acarretou o encarecimento da importação e a elevação dos preços de retalho. A maior parte destas dificuldades é um resultado directo da ligação estreita do Quénia à economia ocidental e da sua depen-

dência em relação às mínimas oscilações na economia capitalista mundial.

A maioria esmagadora dos quenianos continua a viver na pobreza. O número de desafortunados cresce com uma rapidez espantosa: todos os anos cerca de 250 mil jovens quenianos apresentam-se no mercado do trabalho, enquanto o número de novos postos de trabalho, criados anualmente, é sete vezes menor...

O rapaz que levei a Nairobi, temia muito que o trabalho novamente lhe escapasse. O mais provável é que tenha acontecido precisamente isso. O que acontecerá com este rapaz? Voltará para o campo ou ficará na cidade para aumentar ainda mais o exército de desempregados? Ou talvez o recolha um dos bandos de criminosos que aterrorizam a população da cidade? Ou talvez ele se instale num dos bairros da cidade, que se destacam tanto contra o fundo de arranha-céus que brilham com as suas inúmeras janelas ou as vivendas ricas cobertas de trepadeiras?

O destino deste jovem queniano e de milhares de outras pessoas da sua idade é muito característico para o Quénia de hoje. Eles não têm a possibilidade de enriquecer: o caminho para cima está aberto só aos descendentes de famílias ricas ligadas estreitamente ao capital estrangeiro. Um abismo profundo separa o povo dos que possuem o poder e o dinheiro. Um dos deputados do parlamento queniano declarou: "Criámos duas classes no Quénia: a classe dos que têm trabalho e a classe de desempregados".

"Caímos numa ratoeira..."

Bem no centro de Nairobi, nas proximidades do hotel "New Stanley", onde conversei com o inglês enamorado pelo Quénia, um velho africano de farrapos incríveis remexia um grande montão de lixo retirando dali os restos de comida e metia-os imediatamente na boca. Saciada a fome, o homem levantou da terra uma sacola cheia de algo encontrado no lixo e dirigiu-se, arrastando devagar as pernas inchadas, para o seu lugar permanente, na esquina da Kenyatta Avenue com a Standard Street. Pôs no chão um jornal, sentou-se pesadamente, retirou da sacola uma tigela metálica amolgada, colocou-a perto de si e entoou uma canção melancólica e triste.

Os mendigos, como este velho, permanecem sozinhos ou em grupos junto das montras ricas das lojas europeias ou das entradas dos bancos e das companhias de seguros. Os transeuntes raramente lhes prestam alguma atenção: os mendigos já se tornaram uma parte da paisagem urbana. Raramente um cobre cai tinindo no fundo da sua tigela, em resposta vem um agradecimento inarticulado, a figura enrolada em farrapos faz várias reverências apressadas e fica novamente imóvel encolhida na sua miséria como numa casca. À sua frente flui uma torrente de automóveis mais modernos pertencentes aos quenianos que se encontram do outro lado da barreira divisória da sociedade queniana...

Mencionei este episódio quotidiano de rua durante a conversa com um jornalista ocidental, encontrado em Nairobi, quando o meu interlocutor tentou provar que só o desenvolvimento capitalista e a ajuda ocidental seriam uma garan-

tia da evolução rápida dos jovens países africanos. O jornalista não queria admitir de forma alguma que a maioria dos infortúnios do Quénia deve-se precisamente ao cativeiro imposto a este país pelo capital estrangeiro, que não está de modo nenhum interessado em melhorar a vida dos africanos simples.

No Quénia actuam muitas companhias ocidentais conhecidas, estão amplamente representados os gigantes transnacionais, com os quais, como declarou certa vez o ministro das finanças do país, Mwai Kibaki, é melhor não brigar. Quem é o dono do Quénia? Um simples "mvananchi" (isto é, cidadão) ou os estrangeiros? Ao intervir no parlamento em Julho de 1981, o vice-ministro da pecuária, Martii Shikuku, disse abertamente: a economia do país é controlada pelos estrangeiros.

No parlamento do Quénia realizam-se de vez em quando debates acirrados a respeito desta questão, depois dos quais o governo tenta tomar algumas medidas de protecção. Depois de assumir a presidência do país, Daniel Arap Moi proibiu todos os negócios com a terra. O presidente explicou que tinha dado este passo porquanto certos proprietários de grandes extensões de terra adquirem terrenos para especular com eles, enquanto a maioria dos quenianos não tem nem sequer um palmo de terra. Há alguns anos foi criado um órgão especial encarregado da "quenização" dos quadros, que controla a entrega de autorizações aos estrangeiros para trabalhar e cuida de que no país não penetrem pessoas cujos conhecimentos e experiência não correspondem às necessidades da república. Foi revisto o programa das escolas superiores de maneira

a dedicar uma atenção maior à preparação dos quadros nacionais para a economia do país.

No entanto, todas estas medidas não podem, como é claro, libertar a economia nacional do controlo estrangeiro. É também pouco provável que os monopólios ocidentais permitam aos quenianos tomar alguma decisão radical. "Caímos numa ratoeira –, disse-me com amargura um jornalista queniano conhecido. – Depois da conquista da independência, seduziram-nos com riqueza e bem-estar ilusórios e quando mordemos esta isca, fecharam a tampa. Duvido que nós consigamos sair desta armadilha capitalista..."

Amizade à americana

Voltemos, porém, ao meu interlocutor ocidental. O homem era agressivo e refutava tudo que não confirmava o seu ponto de vista. "Vocês, os comunistas, investia ele, simplesmente invejam-nos, a nossa habilidade de viver e viver bem, e ajudar os países do tipo do Quénia". Mas quando lhe lembrei o incremento da presença militar americana no litoral da África oriental do oceano Índico e as bases americanas e inglesas no Quénia, o homem fez uma careta de descontentamento e cessou imediatamente a conversa.

Não fiquei admirado: se lermos tudo que a imprensa ocidental escreve sobre o Quénia, encontraremos na melhor das hipóteses apenas menções curtas da "ajuda militar" por parte dos EUA e da Inglaterra. Porém, na maioria das vezes a este respeito não se fala nada, como se no Quénia não existisse nenhuma base militar es-

trangeira. Nisso consiste um dos métodos predilectos da propaganda ocidental: camuflar a política de expansão e ocultar a sua própria agressividade com o biombo de luta pela "justiça" ou em "defesa do mundo livre".

No entanto, uma análise mais minuciosa mostra que a presença militar dos EUA e da Inglaterra no Quénia não é um fenómeno tão inofensivo como a imprensa ocidental o tenta apresentar.

O porto queniano de Mombaça já adquiriu traços característicos de uma base militar americana: casinos, grandes grupos de marinheiros americanos nas ruas, brigas entre os bêbedos. Os mercadores de rua e condutores de táxis ostentam com orgulho bonés e camisas militares e outras peças do uniforme americano. Dezenas de prostitutas vão de Nairobi e outras cidades a Mombaça em busca do dinheiro fácil – é isso que escrevem a respeito desta cidade alguns jornais ocidentais. As informações dos jornais não revelam como vão parar às mãos dos mercadores as peças do uniforme militar: por intermédio das prostitutas ou directamente dos militares americanos. Porém, é pouco provável que semelhantes "sinais de amizade" consigam ocultar ou suavizar a crescente penetração militar dos EUA neste país africano. Enormes vultos cinzentos de navios de guerra americanos com inúmeros foguetões no porto de Mombaça, aviões americanos e ingleses na base aérea de Nanhuki, milhares de fuzileiros navais americanos e de "comandos" britânicos – tudo isso comprova que o Quénia está a ser transformado gradualmente numa das bases das "forças americanas de deslocamento rápido" destinadas a combater os povos de África e do Próximo Oriente que refutam o ditame dos EUA.

O padrão duplo da política dos EUA revela-se muito claramente nas relações com o Quénia. O território deste país está saturado de bases militares estrangeiras e quanto ao número de soldados e oficiais estrangeiros (não se trata dos conselheiros mas precisamente das unidades do exército regular) o Quénia ocupa, ao que se constata, um dos primeiros lugares em África. Note-se, porém, que a Casa Branca por pouco não apresenta o facto da transformação do Quénia em polígono das forças armadas americanas e britânicas e em grande base do imperialismo no oceano Índico como um sintoma do "autêntico democratismo" da sociedade queniana e da sua "fidelidade à política de não alinhamento real". O presidente moçambicano Samora Machel, numa entrevista que ele concedeu a um jornal, observou com o máximo acerto referindo-se a um caso semelhante: "Sei o que o Ocidente quer. Depois da derrocada do sistema colonial, começou a afirmar que o não alinhamento significa que não podemos ter armas. Repare bem: armas soviéticas. Se tivéssemos armas italianas, francesas ou oeste alemãs, seríamos considerados, de certo, um país pacífico e realmente democrático. Em África é 'estrangeira' apenas a arma que vem do Leste".

* * *

Hoje em dia, a maioria dos quenianos reconhece que a orientação do seu país pelo desenvolvimento capitalista não proporcionou os benefícios que pareciam inicialmente tão próxi-

mos. Diminuiu o ritmo de desenvolvimento económico e o país viu-se forçado a importar víveres. A corrupção e o tribalismo continuam a ser, há muitos anos, problemas extremamente agudos. Os quenianos falam a este respeito não só nas conversas privadas uns com os outros: saem com uma frequência cada vez maior para as ruas a fim de manifestar a sua indignação com a desigualdade existente e a incapacidade das autoridades de dominar as principais contradições sociais. Na Primavera de 1981, eclodiu a greve dos médicos que exigiram a elevação dos salários. Eles foram apoiados pelos universitários, que apareceram pela primeira vez nas ruas com palavras de ordem políticas. Como acontece sempre nos casos deste tipo, as autoridades tentaram afirmar que as desordens seriam um resultado das acções dos "elementos subversivos". Mas os estudantes declararam que lutavam não porque fossem incitados por quem que seja, mas por imposição da sua própria consciência. "Queremos que a nossa voz seja ouvida por todos os quenianos, disse um deles. A nossa sociedade atravessa hoje uma grave crise, tanto económica, como política. E se todos estiverem calados, a nossa vida irá tornar-se ainda pior..."

Sob estas palavras poderiam pôr a sua assinatura muitos habitantes do país. Eles consideram que é preciso fazer algo para que a sua vida se torne realmente melhor.

Eduard Rosental[1]

O CAMINHO SERÁ LONGO E DIFÍCIL

Erro nos cálculos? Não, sabotagem

... Pointe Noire quer dizer "ponta negra". Era este, outrora, o ponto no mapa de África, donde para o Novo Mundo ia a mercadoria viva, os escravos negros. De acordo com a estatística evidentemente reduzida dos escravocratas, daí foram transportadas mais de um milhão de pessoas. Naquela época, a cidade era chamada Puento Negro.

Foi a dona do hotel em que me hospedei em Ponta Negra que me apresentou a Charlotte Souza. A dona do hotel convidou-me a jantar em conjunto, tendo prometido que viria também uma sua amiga, activista sindical da companhia petrolífera franco-congolessa "ELF Congo", "uma pessoa muito interessante, cuja opinião é atendida até pelos homens". Em África, uma recomendação destas é muito séria.

À noite, subi para o primeiro andar, onde

---

[1] Eduard Márkovitch Rosental é candidato a doutor em história e autor dos livros *Em Busca do Ideal, O Poder das Ilusões, Nos Labirintos da Consciência.*

O presente ensaio foi publicado pela primeira vez na revista *Novi Mir*, № 9, 1982.

mos. Diminuiu o ritmo de desenvolvimento económico e o país viu-se forçado a importar víveres. A corrupção e o tribalismo continuam a ser, há muitos anos, problemas extremamente agudos. Os quenianos falam a este respeito não só nas conversas privadas uns com os outros: saem com uma frequência cada vez maior para as ruas a fim de manifestar a sua indignação com a desigualdade existente e a incapacidade das autoridades de dominar as principais contradições sociais. Na Primavera de 1981, eclodiu a greve dos médicos que exigiram a elevação dos salários. Eles foram apoiados pelos universitários, que apareceram pela primeira vez nas ruas com palavras de ordem políticas. Como acontece sempre nos casos deste tipo, as autoridades tentaram afirmar que as desordens seriam um resultado das acções dos "elementos subversivos". Mas os estudantes declararam que lutavam não porque fossem incitados por quem que seja, mas por imposição da sua própria consciência. "Queremos que a nossa voz seja ouvida por todos os quenianos, disse um deles. A nossa sociedade atravessa hoje uma grave crise, tanto económica, como política. E se todos estiverem calados, a nossa vida irá tornar-se ainda pior..."

Sob estas palavras poderiam pôr a sua assinatura muitos habitantes do país. Eles consideram que é preciso fazer algo para que a sua vida se torne realmente melhor.

Eduard Rosental[1]

O CAMINHO SERÁ LONGO E DIFÍCIL

Erro nos cálculos? Não, sabotagem

... Pointe Noire quer dizer "ponta negra". Era este, outrora, o ponto no mapa de África, donde para o Novo Mundo ia a mercadoria viva, os escravos negros. De acordo com a estatística evidentemente reduzida dos escravocratas, daí foram transportadas mais de um milhão de pessoas. Naquela época, a cidade era chamada Puento Negro.

Foi a dona do hotel em que me hospedei em Ponta Negra que me apresentou a Charlotte Souza. A dona do hotel convidou-me a jantar em conjunto, tendo prometido que viria também uma sua amiga, activista sindical da companhia petrolífera franco-congolessa "ELF Congo", "uma pessoa muito interessante, cuja opinião é atendida até pelos homens". Em África, uma recomendação destas é muito séria.

À noite, subi para o primeiro andar, onde

---

[1] Eduard Márkovitch Rosental é candidato a doutor em história e autor dos livros *Em Busca do Ideal, O Poder das Ilusões, Nos Labirintos da Consciência.*

O presente ensaio foi publicado pela primeira vez na revista *Novi Mir*, № 9, 1982.

se encontravam os aposentos da dona do hotel. No limiar do seu quarto fez-me parar uma voz imperiosa que exigiu em russo impecável: "Dá o dinheiro, descarado!" Um papagaio com penas eriçadas e descoloridas olhava-me da gaiola suspensa ao tecto. O seu olhar era insolente e exigente.

A dona riu-se: "Foram pescadores soviéticos que mo deram de presente. Uma ave muito engraçada, fala francês e espanhol, mas prefere o russo". A julgar pelo vocabulário do papagaio, os pescadores que o educaram também eram engraçados. Pouco tempo depois chegou Charlotte Souza e o papagaio repetiu o seu número. E quando nos sentámos à mesa e desejámos uns aos outros bom apetite, o papagaio interveio prontamente de novo: "Jorge, toma compota que é bem gordurosa".

Não lamentei ter ido lá: o jantar era excelente e a interlocutora, interessante. Ela foi participante activa da revolução de Agosto de 1963, que derrubou o regime neocolonialista do ditador F. Youlou e proclamou a via de desenvolvimento não capitalista do Congo. Depois viveu durante algum tempo em França. Lá fez um curso por correspondência na Universidade Popular, em que se tinha matriculado com a ajuda dos amigos do marido, um comunista, frequentou conferências públicas e leu muito. Depois de regressar ao Congo entrou no Partido Congolês do Trabalho, que tinha sido formado em fins de 1969. Este foi o primeiro partido governante de África que proclamou o marxismo-leninismo como base ideológica da sua actividade. Ao mesmo tempo, o Congo foi proclamado República Popular, em cuja bandeira foram apresentados instrumentos de trabalho: um martelo e uma enxada debaixo de uma estrela de ouro, tudo isso cercado por ramos de palmeira. No continente africano, onde ainda há pouco mandavam e desmandavam as forças imperialistas e reinavam o anticomunismo e os preconceitos religiosos, a bandeira vermelha incutia aos trabalhadores entusiasmo e optimismo. Charlotte Souza incorporou-se activamente no trabalho do sindicato da companhia petrolífera mista "ELF Congo". Precisamente naquela época, na plataforma continental de Ponta Negra foram descobertos grandes jazigos de petróleo. Foi nesta altura que Charlotte compreendeu realmente que proclamar a independência política e erguer a bandeira vermelha não significava de modo nenhum alcançar a verdadeira independência.

– Compreendíamos, é claro, que nós próprios não podíamos, tanto sob o ponto de vista tecnológico, como financeiro, utilizar as riquezas prospectadas. Compreendíamos, também que as companhias francesas que se tinham encarregado de explorar os jazigos da plataforma marítima, iriam colocar-nos numa situação difícil. Era um tributo que tínhamos de pagar por causa do nosso atraso. Esperávamos, porém, que o rendimento obtido com a venda do petróleo ajudaria o país a sair da longa crise. Note-se que inicialmente tudo corria bem. Só no período de 1972 a 1974, a extracção aumentou de 14 mil para 2,5 milhões de toneladas. De acordo com o contrato com a companhia francesa "ELF", a quota-parte de cada parceiro era determinada em conformidade com o volume do petróleo obtido: quando se extraía menos de 3 milhões de toneladas, o Congo recebia 20%; quando a ex-

tracção variava entre 3 e 10 milhões, a nossa quota aumentava para 25% e quando atingia 15 milhões, tínhamos de receber 40%.

Charlotte fez uma pausa mexendo, com um ar pensativo, o café com uma colherzinha, mas o papagaio interveio prontamente declarando de uma forma categórica que iria chover. Desta vez ele falou francês e acrescentou em espanhol que o Dom Vácia (era este o seu nome) queria dormir. A dona do hotel cobriu a gaiola com um tecido leve. Dom Vácia deu um par de assobios e ficou quieto.

Charlotte Souza continuou a sua narração.

– O falecido presidente Marien Ngouabi cuidava pessoalmente das questões relativas à indústria petrolífera, vinha frequentemente a Ponta Negra. Foi também sua a ideia de construir aí uma refinaria de petróleo para vender os seus derivados, o que é muito mais vantajoso. Além disso, o país poderia satisfazer as suas necessidades em combustível e gasolina, e a nova empresa iria proporcionar trabalho a um grande número de desempregados. A empresa foi construída de acordo com a tecnologia elaborada no estrangeiro. Aliás, você próprio esteve lá e viu a empresa. É sólida, não é verdade?

– É impressionante, sim. Mas porque não funciona? Vi que o pessoal, que não tinha evidentemente nada a fazer, plantava flores no pátio.

– É muito simples: a tecnologia resultou viciosa.

– Um erro nos cálculos?

– Se fosse um erro!

– Sabotagem?

– Sem sombra de dúvida. Os peritos em petróleo estudaram os documentos e descobriram que na tecnologia foram omitidos vários importantes elementos do processo de refinação, como, por exemplo, extracção das misturas de sais marinhos do petróleo. Além de tudo o mais, soube-se que toda a tecnologia era calculada para o petróleo com uma estrutura totalmente diferente, para o tipo que se extrai na Arábia Saudita.

– Talvez fosse, apesar de tudo, um erro de cálculo?

– É impossível, pois a empresa construída no Gabão vizinho funciona, enquanto a nossa durante todos estes anos não refinou nem sequer um quilograma de petróleo. Uma bela ilustração para um livro didáctico sobre o neocolonialismo, não é verdade?

– Vocês protestaram, é claro?

– Mais do que isso: interpusemos uma acção no tribunal internacional de Haia exigindo instaurar um processo.

– E qual é a situação geral no sector de extracção do petróleo? Está a crescer?

– Nada disso. Já disse que em princípios da década de setenta, a extracção desenvolvia-se, mas a partir de então estamos a marcar passo. Produzimos aproximadamente pouco mais de dois milhões de toneladas por ano.

– Por outras palavras, o Congo continua a receber a sua quota-parte antiga de 20%?

– Sim, mas o problema não se reduz a isso, nem é tanto económico, como político. Se nós renunciarmos à via escolhida, à orientação para o socialismo, a produção de petróleo vai subir imediatamente. Aí há quem queira reorientar o nosso desenvolvimento pelo capitalismo, afir-

mando que isso seria mais vantajoso para nós, por exemplo, no que diz respeito ao petróleo. Mas isso é um disparate. Vejamos o Zaire vizinho, que é muito mais rico do que o Congo. E qual é o resultado? Lá o nível de vida é bem mais baixo do que o nosso. O que se pode dizer depois disso da via capitalista de desenvolvimento: se lhes puser um só dedo na boca, mordem todo o braço. Portanto, preferimos seguir a nossa própria via. Mas enquanto não podemos firmar-nos bem nos pés, temos de recorrer a manobras e aproveitar à maneira leninista as contradições entre os imperialistas. Agora a companhia italiana "AGIP" empenhou-se seriamente na exploração da plataforma submarina de Ponta Negra. Creio que isso irá estimular também a nossa "ELF".

Adiantando-me um tanto posso dizer que ultimamente verifica-se o crescimento rápido da extracção do petróleo. Hoje começaram a falar inclusivamente de um certo "boom" de petróleo. Os americanos também revelam interesse em relação ao petróleo congolês.

Quando nós nos despedíamos, Charlotte perguntou se eu gostaria de visitar as plataformas petrolíferas. Respondi que gostaria muito mas tinha de regressar a Brazzaville.

– Então, deixaremos até à próxima vez. Quando chegar, telefone-me imediatamente.

Fiz a minha viagem seguinte a Ponta Negra juntamente com os professores moscovitas Oleg Tsukánov e Iúri Kossílkine. Fizemos vários relatórios perante os operários. O operariado congolês cresce devagar mas inexoravelmente. Especialmente em Ponta Negra, chamada capital económica do país.

Charlotte Souza cumpriu a promessa e bem cedo, de manhã, encontrámo-nos no pequeno aeródromo da companhia "ELF Congo". Soube-se que a obtenção da permissão para a nossa visita foi uma coisa nada simples, pois havia pessoas a quem isso não agradava. Elas ouviram a nossa intervenção pela rádio e muita coisa daquilo que tínhamos dito não era evidentemente do seu gosto. No entanto, tinham que levar em consideração o pedido do sindicato e concordaram, embora de mau grado. A recepção que nos ofereceram no aeródromo foi bastante fria. Charlotte disse que não deveríamos incomodar-nos com isso. Antes de tomar lugares no helicóptero convidaram-nos a escrever e assinar testamentos para uma casualidade imprevista.

Acabadas, finalmente, as formalidades, subimos ao helicóptero, vestimos os coletes salva-vidas e o veículo levantou voo. Michel, um francês jovem de Bordéus, pilotava o helicóptero com firmeza e até com um certo ar de audácia. Certa vez apontou para baixo e disse laconicamente: "Golfinhos". Um grande cardume de delfins brincava nas ondas verdes. Michel fez o helicóptero baixar e pô-lo no seu encalço. Os golfinhos saltavam da água e caíam de volta fazendo subir inúmeros salpicos. Depois seguimos novamente o nosso curso para o oceano e uns vinte minutos depois vimos ao longe traços verticais claros: eram línguas de fogo sobre as torres petrolíferas. Poucos minutos depois o helicóptero pousou suavemente numa plataforma redonda. Fomos recebidos por um representante da companhia, também francês. Ele conduziu-nos pela plataforma e relatou a história de "ELF Congo". Depois respondeu às nossas perguntas.

Perguntei qual era a causa na sua opinião, de que o volume de extracção do petróleo fosse relativamente pequeno, embora as suas reservas permitissem aumentá-la. O francês pensou um pouco.

– Bem, nós pretendíamos aumentar a extracção neste ano, mas rebentou o tubo e a água entra na sua parte inferior. Temos de extrair agora metade petróleo, metade água. O petróleo é mais leve do que a água e vai por cima. Mas o Sr. compreende, a extracção do petróleo resulta por causa disso muito mais lenta, quase duas vezes mais lenta. E esta a razão da diminuição do volume de extracção.

– E não se pode consertar este tubo?

– Pode-se, mas este é um problema de especialistas. Aguardamos já há vários meses a sua chegada de França.

Ninguém se apressava a mandar especialistas da França: para que apressar-se a ajudar a antiga colónia que procura conquistar a independência económica? Alguns franceses que trabalham no Congo faziam as seguintes considerações: o mais importante é não se apressar e aguardar tranquilamente, o fruto amadurece e cai ele próprio nas mãos da gente. Deixa-os falar da democracia e do socialismo: quando a necessidade apertar, irão voltar para o seio da mãe-metrópole.

Vestidos de Dior – para quem?

Uma estratégia peculiar faz surgir, também, a respectiva táctica. Por um lado, não abandonar a antiga colónia à mercê da sorte, cuidar de-

la, recordar-lhe de vez em quando a sua existência por meio de créditos que se concedem, naturalmente, nas condições que convêm à metrópole. A distribuição directa do grosso dos recursos financeiros é efectuada por um fundo francês especial. Estes recursos vêm em conformidade com acordos firmados todos os anos. Embora os objectos destes acordos sejam determinados formalmente pelo governo do Congo, na realidade a maioria das questões relativas ao financiamento através deste fundo é resolvida com base nas recomendações da missão francesa permanente encarregada da ajuda ao Congo. Cerca de 80% desta ajuda volta para a França em forma de pagamentos pela exportação da maquinaria e dos materiais franceses, em forma de pagamento de salários aos especialistas e de lucros das firmas empreiteiras francesas que participam da realização dos projectos. Uma grande parte dos créditos é gasta para adquirir mercadorias ao credor. Portanto, os monopólios asseguram desta forma para si um mercado permanente para a colocação de produtos e um lucro em forma de aumentos dos preços. E os aviões procedentes de Paris levam a Brazzaville queijos, linguiças, galinhas e perús, maçãs, pêssegos, peixe e conservas. E tudo isso vem para um país agrícola que é perfeitamente capaz de satisfazer as próprias necessidades em alimentos e fornecê-los a outros! Porém, os víveres vêm da Europa Ocidental!

Eu já não falo dos vestidos de Dior ou dos perfumes da firma Helena Rubinstein, cujos preços são simplesmente fantásticos. É de admirar: quem pode consumir tudo isso? No entanto, nisso existe um cálculo bem exacto: consolidar a

camada de burocracia corrompida e subornada pelo imperialismo, habituá-la ao consumo luxuoso e ajudá-la a estabelecer o poder sobre as massas populares. A burguesia burocrática do Congo é uma ameaça muito séria ao regime em vigor. Alguns dos seus representantes conseguiram penetrar nos órgãos do poder e ocupar cargos dirigentes onde praticam a sabotagem e desorganizam o trabalho do partido. Outrora, o imperialismo francês impôs à sua colónia uma economia destinada a pilhar os seus recursos naturais de acordo com os interesses dos monopólios. Aí foi criado um estabelecimento de ensino destinado a preparar no local quadros capazes de servir os colonialistas franceses e gerir a economia colonial: isso diminuía as despesas relativas ao pagamento de especialistas que vinham de França. Precisamente estes quadros herdados da época colonial é que tomaram nas suas mãos as rédeas do poder estatal após a proclamação da independência do Congo. E embora mais tarde eles perdessem o controlo político sobre o país, muitos deles ocupam ainda hoje altos cargos nas instituições estatais e anseiam por ver o Congo atrelado ao Ocidente. Esta categoria de pessoas está satisfeita com a dependência económica, que elas utilizam para o enriquecimento pessoal. O sistema de salários pagos aos funcionários no Congo ficou mais ou menos intacto desde a época do colonialismo. Os vencimentos oficiais dos altos funcionários superam aproximadamente dez vezes o salário de um operário. Porém, a principal fonte de enriquecimento do funcionalismo aburguesado não é o salário, mas sim a dilapidação dos bens públicos, a corrupção e a concussão.

Um pormenor interessante: no Congo, tive possibilidades de encontrar-me com operários, camponeses, intelectuais e representantes do lumpenproletariado. Mas nunca encontrei um burguês-burocrata. Bem, na realidade, encontrei estas pessoas, e mais de uma vez, mas esta categoria tem uma habilidade espantosa de mimetismo. Um indivíduo destes permanece tranquilamente na sua repartição pública e nos comícios chega a gritar palavras de ordem revolucionárias: "Tudo para o povo, só para o povo!" E ao mesmo tempo, por intermédio de testas-de-ferro, constrói e dá em arrendamento prédios de rendimento, pratica a usura e o suborno.

Quando da minha estada no Congo, tiveram lugar vários processos judiciários escandalosos contra funcionários que enriqueceram ilegalmente, porém, mesmo hoje não faltam indivíduos que colocam os seus interesses pessoais acima dos interesses do povo. A burguesia burocrática, subornada sistematicamente pelos monopólios estrangeiros, luta contra a orientação socialista, entrava por todos os meios o desenvolvimento das forças produtivas, impede o crescimento da indústria nacional e leva a água ao moinho dos neocolonialistas. Disseram-me que uma grande parte de pequenos comerciantes retalhistas, que desorganizam com as suas acções o sector estatal do comércio, também é subornada pela burguesia burocrática e é apoiada e orientada por ela. Tudo isso se faz às escondidas, mas nem por isso a actividade subversiva se torna menos perigosa. Antes pelo contrário, os neocolonialistas procuram utilizar a burguesia burocrática para subordinar a sua antiga colónia ao poder económico e financeiro e, portanto, dispor

de alavancas para exercer pressão económica sobre ela.

Infelizmente, o poder económico e financeiro permanece, por enquanto, nas mãos dos Estados imperialistas. Por exemplo apenas à França correspondem mais de 50% do valor da importação congolesa e 24% da sua exportação. Os países membros do Mercado Comum também desempenham um importante papel no comércio externo do Congo.

O peso específico dos países socialistas no comércio externo do Congo é ainda muito insignificante, o que se deve, em primeiro lugar, à debilidade do sector estatal do país. Organizações estatais de comércio externo desempenham, por enquanto, um papel insignificante e não podem servir como apoio suficiente para a aplicação de uma política autónoma no sector do comércio externo. A introdução do monopólio estatal sobre o comércio externo do país é um problema dum futuro relativamente remoto. O regime alfandegário que está em vigor no Congo também abre possibilidades favoráveis para o desenvolvimento do comércio com os países da zona do franco, de que faz parte também o Congo. Por exemplo, no intercâmbio comercial entre o Congo e a França praticamente não existe nenhuma restrição quantitativa.

A direcção da República Popular do Congo considera que uma das suas tarefas estratégicas consiste em romper com o sistema de divisão capitalista internacional do trabalho. No entanto, as condições necessárias para isso ainda não estão amadurecidas e a pressa numa causa como esta pode acarretar resultados nefastos. É preciso ter sapiência e paciência.

Pela via da orientação socialista

Porém, mesmo nas condições actuais, a cooperação económica e comercial entre o Congo e os países socialistas tem uma enorme importância, pois mina a situação monopolista da França e dos outros Estados do Ocidente. Os líderes da revolução congolesa ressaltaram reiteradas vezes o importante papel desta cooperação.

Esta tese foi confirmada em Maio de 1981, quando os dirigentes da União Soviética e da República Popular do Congo assinaram em Moscovo o Tratado de amizade e cooperação entre os dois países. Neste documento ressalta-se que o desenvolvimento das relações de amizade e de cooperação entre os países socialistas e os países em vias de desenvolvimento corresponde aos interesses comuns e que a URSS e o Congo irão aprofundar estas relações nos sectores político, económico, comercial, técnico-científico e cultural com base na plena igualdade de direitos.

Não se trata meramente de palavras bonitas, mas sim de uma realidade vital, que se revela a cada passo, nas coisas grandes e pequenas. Os habitantes de Brazzaville conhecem bem os prédios do hotel "Cosmos", da maternidade "Blanche Gomez" e do complexo do Laboratório Veterinário Nacional. Tudo isso foi construído com a ajuda da União Soviética. Crescem os prédios da Escola Superior do Partido, oferta da União Soviética ao povo do Congo. Entre os congoleses gozam de grande popularidade os médicos, cientistas e professores soviéticos que trabalham na República Popular do Congo. Muitos congoleses fazem cursos em diversos es-

tabelecimentos de ensino do nosso país.

A cooperação técnico-económica entre o Congo e os países socialistas é uma importante premissa do avanço bem sucedido pela via da orientação socialista e de consolidação da independência política. A ajuda dos países socialistas visa o desenvolvimento da indústria nacional, da agricultura, do sistema de transportes e do sistema de assistência médica, e está orientada exclusivamente para o sector estatal, a principal alavanca da edificação da economia nacional independente. E este sector ganha vulto, embora o processo da sua consolidação seja mais lento do que seria de desejar.

Discutimos todas estas questões grandes e pequenas nas aulas da Escola Superior do Partido, onde se estuda a ideologia marxista-leninista e a experiência histórica do movimento comunista internacional. A teoria avançada do progresso social e exemplos vivos de edificação do socialismo nos países outrora atrasados inspiram os alunos, incutem-lhes optimismo histórico e tornam-nos propagandistas activos e lutadores pela causa do comunismo. Ao mesmo tempo, jamais procurámos esquivar-nos nas aulas às questões mais agudas e às dificuldades com que defronta o movimento comunista internacional em geral e a revolução congolesa, em particular. Avaliámos sensatamente as forças e as possibilidades do capital monopolista, que procura fazer com que os países africanos de orientação socialista mudem para a via capitalista. Sob este ponto de vista, o Congo representa um interesse especial para o

Ocidente, pois este país confina com o Gabão, a República Centrafricana, os Camarões e o Zaire que seguem a linha capitalista de desenvolvimento sócio-económico. Os neocolonialistas temem muito que o "virus do comunismo" passe do Congo para estes países e fazem o possível para matá-lo no próprio Congo.

Eles exercem uma enorme influência ideológica sobre os espíritos dos congoleses, utilizando para isso o seu potencial económico-financeiro. Os mercados de livros e de diversões públicas estão textualmente inundados pela "cultura de massa" do Ocidente, da mais baixa qualidade. Nos cinemas do Congo é exibido um sem número de "westerns", filmes policiais e pornográficos. Esta arte ocidental de "massas" destrói cada vez mais a cultura africana e deprava os africanos, incutindo-lhes o gosto pela vida doce e a repulsa ao trabalho. Esta tarefa não é muito difícil, pois a exploração impiedosa da época colonial e o trabalho para os imperialistas transformaram o trabalho num castigo penoso, num fardo.

"Sete horas de trabalho e não sete horas no posto de trabalho", este lema pôde ser visto em muitas empresas da República Popular do Congo.

A direcção congolesa dedica uma grande atenção às questões relativas à disciplina de trabalho. O Governo não se contenta apenas com medidas elucidativas e recorre, também, às medidas de coacção. Por exemplo, em princípios de 1982, entrou em vigor a nova legislação que prevê o estabelecimento do rigoroso controlo sobre a medida do trabalho, a consideração da contribuição concreta de cada congolês para a causa comum e sanções contra os violadores da disciplina, incluindo a sua demissão sem direito à ob-

tenção de aposentadoria.

Nesta luta contra os principais inimigos, os monopólios imperialistas e os seus cúmplices dentro do país, isto é, a burguesia burocrática e a burguesia ligada aos círculos burgueses estrangeiros, o partido une as mais amplas massas populares: o proletariado, campesinato, pequena burguesia, intelectualidade revolucionária, representantes da burguesia nacional, todos os que sofrem o jugo do capital estrangeiro. Esta luta manifesta-se concretamente na intensificação do controlo sobre a economia, inclusive as empresas do sector privado, com a perspectiva de transformação do sector estatal em dominante; na destruição gradual do antigo aparelho de Estado e na criação do novo, que permitirá às amplas massas participarem realmente da gestão dos negócios de Estado.

Nesta esfera já foi feito muito. Os órgãos do poder popular são eleitos democraticamente pelo próprio povo. Importantes reformas foram efectuadas no sistema de educação, que foi nacionalizado totalmente; o próprio ensino aproxima-se cada vez mais da vida real e proporciona hábitos de trabalho.

Os êxitos das forças progressistas provocam o ódio dos imperialistas, que não abandonam os seus planos de liquidar a revolução e organizam conspirações contra-revolucionárias. Em resultado duma dessas conspirações foi cobardemente assassinado o herói do povo congolês, o presidente Marien Ngouabi. Portanto, as conversas de que os imperialistas esperam que o fruto amadureça e lhes caia pronto nas mãos não passam de uma camuflagem. Nestas condições, o Partido Congolês do Trabalho procede com o máximo de vigilância. Tendo em conta a experiência da contra-revolução internacional, incluindo a chilena, o partido criou o exército e a polícia de um novo tipo, próximo do povo. Eu e os meus companheiros tivemos várias possibilidades de apresentar informes nas tropas do exército e nas instituições do ministério do interior e pudemos certificar-nos do alto nível da preparação ideológica, principalmente da oficialidade.

No entanto, o partido dá-se conta claramente de que a principal luta ainda está pela frente, e de que o seu êxito depende do ritmo de crescimento da cultura e da consciência política das mais amplas massas populares, o que é obrigatório para a vitória de qualquer revolução.

A luta será difícil

Esta é uma tarefa extremamente complexa, especialmente se levarmos em consideração que durante muitas décadas do domínio francês entre a população local, especialmente nas cidades, arraigou-se gradualmente a aspiração de imitar o modo de vida dos "patrões" franceses. Esta tendência assume, às vezes, formas realmente ridículas. Perguntei certa vez a um liceal como compreendia o socialismo. O rapaz respondeu: "Isso é quando os patrões brancos são expulsos e a gente torna-se, ela própria, patrões". E precisou: "Isso quer dizer possuir um grande carro negro, ter uma mulher branca bonita e uma vivenda na Costa Azul". É assim. Eu próprio senti às vezes olhares espantosos ou semidepreciativos quando ia a pé num dia de calor. Um patrão branco indo a pé! Logo ele não é nenhum patrão e, por isso, não merece respeito. À noite, junto do cinema "Vogue" beldades negras propõem-

-nos o seu amor por um preço bem módico, apenas 3 mil francos congoleses. Procedem da mesma forma que as suas colegas parisienses da Place Pigalle, embora a prostituição no Congo seja proibida. Não é nada fácil extirpar a herança colonial dos espíritos e da mentalidade das pessoas.

Na psicologia dos congoleses e dos africanos em geral, costumes ocidentais confinam e entrelaçam-se frequentemente com antigas tradições patriarcais. Conheci um pugilista, um homem quase analfabeto mas grande mestre em "upper-cut's" e "swing's". Este também queria ter uma mulher branca e um carro negro exactamente igual àquele em que viaja Muhammad Ali, antigo Cassius Clay. Ele não conseguia compreender os brancos que se contentavam com pequenos carros económicos. Este pugilista queixava-se dos parentes da sua tribo que o incomodavam com pedidos e das tradições que o obrigavam a ajudá-los. E ele ajudava os tios, tias e sobrinhos dizendo ao mesmo tempo cobras e lagartos deles e proferindo as maiores injúrias a respeito da sua vida "de porcos" aí no campo. Chamava-lhes os tribalistas, mas ajudava. "Se alguém me puser fora de combate por um KO, terei que lhes pedir ajuda deles". Temia também a condenação por parte do público. "Se alcançasse uma posição mais elevada no boxe! Abandonaria tudo e iria para a Europa!"

Mas o que se pode querer de um pugilista! Conheci um congolês que pode ser qualificado como personalidade de envergadura estatal. Este também ajudava tios, tias e sobrinhos arranjando-lhes trabalho no seu ministério, também dizia deles cobras e lagartos e queixava-se: "Compreendo que faço um crime admitindo parentes semianalfabetos que não podem fazer absolutamente nada. Mas o que fazer? Se não fizer isso, irão amaldiçoar-me na aldeia natal e esta maldição ficará em mim..." Ele não acabou mas eu compreendi a sua ideia: tratava-se da maldição dos espíritos místicos, patronos da tribo. Note-se que este homem dizia-se marxista e estudava a dialéctica.

Resulta, portanto, que as belas tradições de solidariedade tribal e de ajuda mútua transformam-se no seu contrário – hostilidade em relação aos forasteiros e tribalismo, um flagelo tremendo da Áfric· Este mal não pode ser extirpado por meic de palavras de ordem: é preciso um trabalho de educação longo e persistente. No Congo trava-se luta contra o tribalismo e esta tarefa é considerada primordial, o que não a torna, aliás, mais fácil.

Não se deve esquecer um outro factor: a língua oficial de Estado no Congo é o francês. Portanto, a maioria esmagadora das informações que vêm para a imprensa, a rádio e a televisão é redigida em francês. E natural, também, que a imprensa congolesa (uns dois ou três jornais) é incapaz de concorrer de forma alguma com os jornais burgueses que vêm da França. Quanto aos livros e filmes, a preponderância da produção ocidental é especialmente grande. Eis apenas um dos exemplos disso. Ainda está fresca na memória de todos a poderosa campanha propagandística no Ocidente por causa dos acontecimentos no Afeganistão. As emissoras de rádio e de televisão do Zaire lançavam torrentes de lama contra a URSS. Mas ainda há pouco estas mesmas emissoras apresentavam os pára-quedis-

tas belgas e franceses que tinham desembarcado em Shaba como anjos da guarda. Ora, eles foram convidados pelo próprio ditador Mobutu para salvar o seu regime podre e corrompido. Porém, os soldados soviéticos que acudiram em ajuda da revolução afegã a pedido do governo deste país foram apresentados, naturalmente, como autênticos diabos conquistadores. O jornal francês *Le Monde*, vendido nos quiosques de Brazzaville, gosta de se apresentar como o órgão mais objectivo de informação no Ocidente. Mas este jornal deu as suas páginas para a publicação de mentiras e fúrias mais desenfreadas. Note-se que as pessoas que não conheciam a essência da questão morderam a isca dos propagandistas ocidentais. Muitos congoleses com quem conversei mencionaram palavra por palavra os argumentos da propaganda americana e pediram para explicar as causas da "intervenção soviética" no Afeganistão. Fiz uma contrapergunta: porque antes vocês saudaram calorosamente a "intervenção" cubana em Angola? Os meus interlocutores que conheciam perfeitamente a epopeia angolana, pois Angola confina com o Congo, indignavam-se de uma forma muito natural, e explicavam que Agostinho Neto tinha solicitado a ajuda fraternal dos cubanos a fim de rechaçar a agressão sul-africana e os bandos de Holden Roberto e salvar desta forma a revolução angolana.

E o Afeganistão? Perguntei aos meus interlocutores, qual era a sua opinião a respeito dos bandos de Abdallah Khan e Abdulah Hussein. Em resposta eles só encolhiam os ombros: de quem se trata, jamais ouvimos falar. E quando tomavam conhecimento dos pormenores, ficavam sem saber o que dizer, com um ar de embaraço: ora, não lemos nada disso nos jornais...

"A história trabalha para nós"

Outrora o jovem Jacob dançava a dança dos caçadores Ikangó e acreditava em fetiches. Depois concluiu o curso no liceu, leu muito e participou da actividade revolucionária. Foi promovido a director do gabinete no Governo de Marien Ngouabi e, mais tarde, ministro do comércio. Agora ele é embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Popular do Congo na União Soviética.

...Do lado de lá da janela voam flocos de neve, enquanto nós tomamos chá, recordamos o calor escaldante das selvas e falamos sobre a vida. Jacob Okandza é um interlocutor muito interessante e um grande conhecedor da literatura e das tradições de África. Defendeu uma tese a este respeito e escreveu um livro. Depois passámos para os problemas do dia de hoje.

– Você sabe que já fizemos tentativas de introduzir a planificação, mas sempre faltaram os recursos materiais. Hoje nós temo-los... Sim, sobretudo, graças ao petróleo. Agora precisamos de utilizar a conjuntura favorável para a solução de tarefas muito importantes. O objectivo estratégico do plano quinquenal é a liquidação da herança colonial. Para isso é preciso mobilizar os recursos internos do país e criar um poderoso sector de produção que nos garanta a independência e o crescimento do nível de vida e de cultura do povo.

Jacob Okandza levantou-se, aproximou-se da estante, remexeu um montão de jornais e retirou um deles: era *Le Monde* de Paris.

– Naturalmente, os nossos parceiros ocidentais ofereceram prontamente os seus serviços, esta gente jamais perde a possibilidade de arrancar-nos o mais possível à custa de fornecimentos da maquinaria, equipamento e serviços que serão necessários para a execução dos projectos previstos nos planos. E não podemos escapar, teremos de pagar. Algumas grandes firmas francesas já receberam empreitadas para a construção de estradas e de aeródromos: o nosso plano dedica uma atenção especial ao desenvolvimento da infra-estrutura. Mas o problema não se reduz aos lucros, sabemos bem que esta ajuda económica acarretará inevitavelmente novas tentativas de forçar-nos a renunciar à política de criação da economia nacional independente e, em primeiro lugar, à consolidação do sector estatal. E, afinal, é claro, à orientação pela via socialista de desenvolvimento. Aliás, disso nem sequer fazem segredo. – Jacob Okandza abriu um jornal –. Eis uma série de artigos publicados sob um título geral: "O marxismo em dúvida". Um correspondente especial do jornal *Le Monde* escreve abertamente que os crescentes lucros obtidos com a extracção do petróleo e a crescente cooperação económica com o Ocidente fazem a direcção congolesa afastar-se cada vez mais de Marx e aproximar-se cada vez mais do Mámon, o deus do ouro. Como é, hein? Aliás, aí não há nada para admirar, é a lógica comum dos imperialistas que, além disso, não representa nada de novo. Outrora, eles aplaudiram até Lénine, que tinha introduzido a nova política económica e também falaram da renúncia ao marxismo.

Jacob Okandza fez uma pequena pausa, ficou meditabundo. Depois disse:

– Mas nós sabemos bem demais o verdadeiro valor do imperialismo, sentimos na própria pele os seus "benefícios". E fizemos a escolha da via do nosso desenvolvimento de uma maneira bem fundamentada e com conhecimento de causa. Hoje estamos convencidos mais do que nunca de que esta escolha foi justa. E claro, não nutrimos ilusões: o nosso caminho será longo e difícil, mas os primeiros passos já foram dados. O nosso povo não renunciará à causa pela qual deram as suas vidas Patrice Lumumba, Amílcar Cabral e o nosso inesquecível Marien Ngouabi. É bem possível que na lista de vítimas apareçam novos nomes, que numa determinada etapa num certo país a reacção prevaleça – os imperialistas não cedem os seus privilégios sem um combate encarniçado e em prol da sua conservação são capazes de cometer qualquer crime. No entanto, estamos convencidos de que a vitória final será nossa, pois sabemos que temos o apoio das forças do progresso de todo o mundo. Aqui, em Moscovo, certifiquei-me de que o povo do primeiro país do socialismo deseja-nos sinceramente pleno êxito na nossa luta difícil. E isto incute-nos um sentimento de optimismo social. O tempo e a história trabalham para nós.

CAPÍTULO III

OMBRO A OMBRO

Petr Ostapenko [1]

A SAVANA DESPERTADA

O Sol avançava para o ocaso quando entrámos em Okene, uma pequena cidade no estado de Kvara, situada aproximadamente a cinquenta quilómetros de Adjaokuta, ponto final da nossa viagem. Somos o primeiro grupo de prospectores enviados pela entidade soviética "Tiajpromexport" para a Nigéria. O grupo inclui o geólogo Rion Aleksándrovitch Smirnov, os tradutores Vadim Mazítov e Aleksandr Fadéev e o geodesista, autor destes apontamentos.

Devíamos executar juntamente com colegas nigerianos um complexo de prospecções necessárias para a projecção e construção da primeira empresa siderúrgica da África Ocidental, com a produção anual de 1,3 milhões de toneladas de aço. A empresa deveria funcionar com base nos jazigos de ferro de Itakpe-hill, que foram descobertos anteriormente por geólogos soviéticos juntamente com especialistas nigerianos.

[1] O engenheiro geodesista Petr Ivánovitch Ostapenko foi pela primeira vez à Nigéria quando a obra soviético-nigeriana conjunta, o combinado metalúrgico de Adjaokuta, ainda estava numa fase embrionária. Esta empresa tem como base jazigos de ferro que os geólogos soviéticos encontraram ali, a despeito de profecias dos peritos ocidentais.

P. I. Ostapenko compartilha com o leitor as suas recordações sobre o interior africano, tal como foi visto por especialistas soviéticos, e sobre o trabalho difícil nesta terra longínqua e quente. Estes apontamentos foram publicados em parte na revista *Vokrúg Svéta*, editada com uma tiragem de mais de 2 700 000 exemplares.

A empresa siderúrgica, ou mais exactamente, o combinado de Adjaokuta, que está agora a ser construído com a assistência técnica da URSS, deve desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento económico do país, que não tem siderurgia própria, sendo forçado por isso a adquirir no estrangeiro 2 milhões de toneladas de aço por ano.

A região da obra está situada aproximadamente a 500 quilómetros a Leste de Lagos, capital do país, no meio de florestas tropicais espessas, na margem do rio Níger. A minúscula aldeia de Adjaokuta, até então totalmente desconhecida, encontra-se na região da obra e por isso tornou-se aos olhos de toda a Nigéria um símbolo de relações de amizade com o nosso país.

Voltemos, porém, à Okene da época em que acabámos de chegar lá. Os terraços das ruas desta cidadezinha situada numa região montanhosa colam-se aos declives escarpados salpicados por inúmeras rochas ameadas, de cor avermelhada. Todas as casas da cidade são de um andar só. Os seus habitantes gracejam que os "edifícios" são construídos, por enquanto, só pela natureza que embelezou Okene com os seus "arranha-céus" – palmeiras e baobás altíssimos. Junto da entrada da cidade encontra-se o "Royal Hotel", mais perto do centro, acima das construções de barro ergue-se um prédio de três andares, pintado de

azul e amarelo. É o hotel "Presidential" onde nós nos hospedámos. Aliás, pouco tempo depois soube-se que antes de nós aí se hospedaram os mosquitos com os quais tivemos de travar combates incessantes sem alcançar, porém, qualquer sucesso notável.

Na manhã do dia seguinte, ao raiar do Sol, partimos para o local da futura obra. A alta erva da savana escondia os rectângulos dos campos. Na névoa azulada junto do horizonte viam-se cristas rochosas de montanhas. De vez em quando, após mais uma curva da estrada, apareciam pequenas aldeias – umas três ou quatro choças de palha.

No atalho estreito que serpenteava pela beira vimos quatro jovens esbeltas vestidas de longas saias multicolores. Nas suas cabeças balançavam cadenciadamente jarros cobertos de pinturas com gargalos estreitos. Parecia que as jovens não caminhavam mas navegavam no ar, sobre o atalho, como as dançarinas do nosso famoso conjunto "Beriózka".

Parámos o carro junto das jovens, que ficaram imóveis exclamando: "Oi-in-bo!" ("O homem branco!"). Mas quando perceberam que Aleksandr Fadéev apontou para elas a máquina de filmar, todas cobriram os rostos com as mãos e desapareceram instantemente aos risos e guinchos, por trás dos arbustos mais próximos.

Passámos finalmente a última ponte, ameaçadoramente estreita, feita de troncos mal desbastados, e aproximámo-nos de uma aldeia bastante grande. Por trás da aldeia, nos clarões entre os troncos de acácias florescentes, brilhava a larga faixa do Níger; a sua margem longínqua perdia-se na névoa azul-cinzenta.

– Adjaokuta, anunciou solenemente Mister Laval, engenheiro nigeriano do Departamento do Aço, nosso zeloso tutor e ajudante.

O nosso "Range Rover" irrompeu na aldeia assustando galinhas e cachorros, que estavam pouco habituados a veículos e dormiam a sono solto no meio da estrada. Nesse dia, em Adjaokuta havia uma feira e os camponeses das aldeias vizinhas chegaram aí com as suas mercadorias simples.

O nosso aparecimento inesperado provocou um alvoroço; as transacções comerciais foram imediatamente esquecidas e em torno do carro começou uma autêntica babel. Cada um queria não só ver-nos, bem, mas também tocar em nós. Os mais corajosos tentaram penetrar no carro, choviam inúmeras perguntas a que podia responder só o nosso amigo Laval, que compreendia a língua da tribo Igbirra que vive nesta região.

A nossa vinda deixou totalmente indiferentes apenas o polícia local, que passava o tempo entediado numa poltrona mal feita, debaixo de um alpendre de palha, e os grifos com penas eriçadas que permaneciam imóveis nas cumeeiras das barracas, junto da praça do mercado. Após uma conversa curta com o polícia, Mister Laval informou que deveríamos apresentar-nos inicialmente ao chefe da "gente do rio" da tribo Igbirra, que nos aguardava neste dia na aldeia vizinha de Gueregu. Esta aldeia está situada na alta margem do Níger, orlada por uma cadeia de rochas pitorescas banhadas pelas águas do rio. Entre elas balançavam na água lanchas longas e estreitas; a escama de peixe brilhava nas redes colocadas na margem para secar.

O nosso jipe passou com dificuldade por uma ruela estreita entre choças de barro e de palha, e aproximou-se de um pequeno grupo de pessoas que se acomodaram à sombra de uma mangueira copada. À frente, estava sentado numa poltrona um velho com ar garboso e grave. Tinha cabelos grisalhos espessos e vestia uma camisa branca larga e calça do mesmo tipo. Estava cercado por cinco homens idosos, que se portavam com grande dignidade. Mais ao longe reuniu-se toda a população da aldeia, que olhava com franca curiosidade os hóspedes incomuns.

Em frente ao chefe, estavam espalhadas na relva três esteiras, em que tinham sido postas bananas, ananás, nozes de cola, várias garrafas de coca-cola e um prato com um grande peixe cozido, metade do qual era uma enorme cabeça. Mister Laval apresentou-nos ao chefe, informando que tínhamos chegado da União Soviética a fim de ajudar a Nigéria a construir uma fábrica siderúrgica. Em resposta, o velho garboso disse baixo algumas palavras a um dos membros da sua comitiva que avançou alguns passos e pronunciou um discurso curto mas muito solene: "Ao chefe da tribo apraz saudar os homens brancos que chegaram de muito longe para a margem do potente Níger. Considera uma grande honra receber aqui, em Gueregu, hóspedes tão estimados e por isso convida-os a provar da nossa comida e descansar após a longa viagem!"

Falando francamente, não esperávamos que a apresentação com vistas a estabelecer contacto de trabalho por pouco não se transformasse em recepção diplomática.

O velho chefe perguntou:

– O que irão os homens brancos fazer aqui?

Rion Aleksándrovitch começou de longe:

– A Nigéria é um país muito rico, possui florestas, terras férteis, águas, gado e feras. Na terra há petróleo e ferro, mas no país não existem empresas que possam transformar o minério em ferro. Por isso, o governo nigeriano resolveu construir aí, com a ajuda de especialistas soviéticos, uma grande fábrica. Mas antes de começar a construí-la é preciso fazer um mapa da região e depois abrir poços em muitos locais para saber onde se pode construir grandes casas e prédios para esta empresa.

No processo da tradução dupla, do russo para o inglês, e daí para o igbirra, o velho acenava com a cabeça em sinal de consentimento dando a entender que já conhecia tudo o que lhe acabavam de dizer; é possível, porém, que este seu tão bom conhecimento de causa seja apenas uma imposição do seu elevado cargo. Em compensação, os demais habitantes de Gueregu reagiram às nossas explicações de uma forma muito mais espontânea. Foi especialmente grande o seu espanto quando viram fotografias aéreas que tínhamos recebido no Departamento do Aço; nestas fotos podia-se ver perfeitamente os mínimos pormenores da região, incluindo a aldeia e até a árvore debaixo da qual a nossa palestra decorria. Parecia que as manifestações do entusiasmo não acabariam mais.

A seguir pedimos ao chefe para que nos prestasse ajuda na contratação de operários. O ancião assegurou que todos os nossos desejos seriam satisfeitos. Neste ponto, a audiência ao sol escaldante foi terminada.

A manhã do dia seguinte começou pela visita ao nosso quarto no hotel de um homem de gran-

de estatura que se apresentou como Mister Odjuku, topógrafo do Departamento do Aço. As suas obrigações incluíam a execução do traçamento no local e a determinação dos locais das explorações geológicas no mapa. Porém, a nossa conversa tornou evidente em breve que o traçamento dos poços foi executado apenas em parte e as suas posições simplesmente não foram determinadas, pois Odjuku tinha ideias bastante vagas a respeito da realização deste trabalho... Os prazos eram muito curtos, por isso não havia outra solução senão liquidar estas importantes falhas, além de executar o meu trabalho básico, que consistia do recebimento e controlo da qualidade dos levantamentos topográficos, executados por uma firma privada.

...De manhã cedo entrámos, novamente de carro, com Vadim Mazitov, em Adjaokuta, perturbando o silêncio sonolento da aldeia. Como tinha prometido o chefe, na praça do mercado já nos aguarda uma multidão de camponeses armados de machetes com gumes denteados e de machados semelhantes a alabardas: uma cunha triangular com aspecto ameaçador fixada na extremidade nodosa de um pau comprido. Começamos a formar a nossa equipa de trabalho. Na praça começa uma tremenda vozearia: cada um dos presentes considera-se o candidato mais apto e anuncia isso em voz alta. É praticamente impossível ouvir e compreender coisa alguma neste alarido. Mas cedo ou tarde tudo termina. Duas horas depois todos os papéis necessários estão preenchidos. A equipa é chefiada por Dauda, um rapaz que, apesar do calor, está vestido de acordo com a última moda da cidade: uma camisa estreita pitoresca com cintura estreita, calças azul-claras com boca de sino e sapatos com solas terrivelmente altas. Tudo isso foi adquirido em Okene, onde teve durante certo tempo um biscate. Pode-se partir, finalmente, para a floresta e começar a trabalhar.

O primeiro dia de trabalho foi especialmente difícil. Um calor sufocante, a que não estamos habituados – 40 graus centígrados à sombra. A sede torturante, roupa totalmente ensopada de suor. O suor áspero tapa permanentemente os olhos e quando a gente se inclina os seus filetes caem do nariz e do queixo manchando o mapa e o caderno de apontamentos. O ritmo de trabalho é muito lento, às vezes conseguimos avançar durante um dia inteiro apenas uns 200-300 metros.

Logo no primeiro dia, os operários mataram na clareira uma cobra de um metro e meio de comprimento. Dizem que esta serpente é muito perigosa, pois ataca instantaneamente a sua vítima mordendo habitualmente na cabeça. Se não se aplicar imediatamente a vacina, a vítima morre dentro de uns 5-10 minutos. Naturalmente, a perspectiva de se tornar vítima deste monstro exótico não apraz a ninguém e eu mando verificar de antemão as moitas, remexendo-as com uma longa vara.

Mas apesar de tudo isso, é bom estar de manhã cedo numa floresta tropical. O sol ainda não incandesceu o ar e nele sente-se o frescor nocturno, nas copas das árvores ouve-se o chilrear multíssono de aves; gritam os macacos que acabaram de despertar, sobre a picada pairam grandes borboletas multicolores e minúsculos pardais africanos. O seu dorso e a barriga são vermelhos e as asas pardas, por isso durante o

voo, quando batem frequentemente as asas, fazem lembrar faíscas soltas de uma fogueira.

À medida que o Sol sobe ao zénite, a vida na floresta pára. Parece que o ar escaldante e cada vez mais espasso está prestes a começar a ferver como uma sopa.

Durante uma semana conseguimos abrir uma picada de pouco mais de um quilómetro, depois deparámos com um pântano e aí começou um autêntico inferno. Os terrenos alagadiços junto do leito do rio Níger estão cobertos por moitas espessas e intransponíveis de erva-elefante, mais exactamente, de cana de 3 a 5 metros de altura. O ar está saturado de emanações fétidas do pântano e de poeira acre que se levanta durante o abate das árvores.

Neste dia partimos como de hábito para Adjaokuta. De repente, numa das curvas, junto da entrada numa pequena aldeia, vimos que ao longe uma motocicleta deu uma volta brusca para o lado e depois virou de rodas para cima; o condutor e o passageiro que estava sentado atrás dele caíram cada um para seu lado.

O nosso corajoso motorista Edjim apertou imediatamente o acelerador e alguns segundos depois aproximámo-nos do menino de três anos, prostrado no chão, que fora abatido por esta motocicleta. Para o local acorreram imediatamente os habitantes da aldeia e os pais do menino, as mulheres começaram a chorar e levantou-se uma gritaria infernal. Propus levar imediatamente o menino juntamente com os pais para Okene.

Lá conseguimos colocar rapidamente a criança no hospital. Disseram-nos que embora ela estivesse em estado de choque por causa do

golpe, não havia perigo directo para a sua vida. Por isso deixámos os pais da criança na cidade e voltámos para retomar o caminho do trabalho.

Quando nos aproximámos da aldeia vimos já de longe uma enorme multidão que inundava todo o caminho e as beiras. Os camponeses agitavam freneticamente as mãos e gritavam em coro pedindo que parássemos.

Mal o carro parou, vimo-nos num cerco apertado de pessoas, sobretudo mulheres. Todas elas se inclinavam, tocando com as palmas de ambas as mãos o joelho esquerdo e fazendo uma reverência peculiar e graciosa. Porém, quando eu e Vadim saímos do carro para perguntar de que se tratava, muitas delas puseram-se imediatamente de gatas e começaram a rastejar em nossa direcção, inclinando-se permanentemente e tocando com a cabeça no chão. Todas elas gritavam palavras incompreensíveis que soavam mais ou menos assim: "Tão, o, a, é". Mais tarde soube que este era um ritual tradicional de saudação que manifestava o máximo de respeito. Em poucas palavras, o espectáculo era totalmente incomum e pôs-nos num estado de extrema perplexidade.

Com dificuldade conseguimos sair desta situação com a ajuda do engenheiro nigeriano que nos acompanhava. Pelo caminho, ele explicou a razão desta manifestação tão impetuosa de sentimentos. Embora a Nigéria tivesse conquistado a independência há vinte anos atrás, o passado colonial faz-se sentir, especialmente nas regiões longínquas e incultas como esta. Muita gente daqui simplesmente não admitia que os brancos pudessem vir em socorro dos africanos.

A partir de então, a nossa passagem por estas

aldeias era acompanhada por incessantes gritos: "Oi in bo!"

A segunda-feira é um dia duro... Saímos muito tarde de Okene e comecei a trabalhar só pelas 11 horas. O primeiro ponto de observação estava situado na plantação de caçava, debaixo de uma árvore seca, dentro da qual existia um ninho de ferozes abelhas africanas. Apesar das minhas advertências sobre a necessidade de observar o silêncio, enquanto eu media os ângulos, os operários começaram a sua vozearia interminável.

Vi de repente que Dauda, que segurava o guarda-sol, este janota sempre escolhia o trabalho mais fácil, jogou-o para o lado e pôs-se a correr, saltando um arbusto de caçava. O barulho incomum inquietou as abelhas e elas atacaram inicialmente os operários, que se dispersaram a altos brados e depois a mim. Durante alguns minutos consegui rechaçar algumas abelhas com o caderno, mas quando chegou um enxame, tive de recuar em debandada deixando o campo de combate ao inimigo. No mínimo 15 picadas e quebra dos óculos escuros, sem os quais a vida nestas paragens é bastante difícil, tal foi o resultado do primeiro ataque de abelhas contra a minha pessoa.

Uns dez minutos depois, quando as abelhas se tranquilizaram, avancei devagarinho até ao teodolito a fim de concluir as medições. Consegui fazer isso após várias tentativas pois quando surgiram os primeiros assaltantes, e isto aconteceu mais de uma vez, tive de sair como uma bala de debaixo da árvore. À noite tive uma febre forte, o pescoço, as costas e o peito estavam inchados por causa das picadas. Passei a noite num estado de modorra e só no dia seguinte pelas 12 horas, senti um certo alívio. O médico, cuja assistência eu tinha pedido, tranquilizou-me explicando que as consequências letais só podiam ter lugar depois de 30-35 picadas. Consolou-me bem! Mas tinha de trabalhar ali ainda muitos dias...

Passou um ano de vida na Nigéria. Ficaram no passado os dias e os meses em que tínhamos de trabalhar amiúde independentemente do tempo, nos dias úteis e nos feriados e a qualquer hora do dia e da noite.

Não posso deixar de recordar os colegas nigerianos, graduados das escolas superiores soviéticas, que trabalhavam comigo: John Metchie, Anthony Adeloye, D. Ogunsi e muitos outros que se empenham em criar a siderurgia nigeriana, um novo ramo da indústria deste país.

Com base nos levantamentos executados com a participação de especialistas soviéticos, o instituto leninegradense "Lenguipromez" elaborou o projecto técnico e os desenhos de execução da empresa. Pode-se começar a obra.

Passaram-se pouco mais de dois anos. E novamente o destino levou-me a Adjaokuta. Encontrei-me de novo com os amigos nigerianos: J. Metchie, outrora tutor zeloso dos especialistas soviéticos, que resolvia prontamente as questões relativas à sua vida, era agora vice-director da companhia para problemas administrativos; A. Adeloye era vice-director geral da construção da empresa, um organizador hábil e cheio de iniciativa. Tive encontros também com outros especialistas.

No lugar da antiga estrada vicinal cheia de buracos havia agora uma larga rodovia moder-

na, que cortava como uma flecha a savana e acabava na margem do Níger, junto de Adjaokuta, onde se construía um porto fluvial e uma ponte através do rio.

Depois de Adjaokuta, que foi resolvido deixar intacta para a história, a rodovia vira para a esquerda e corre pela margem do Níger. Um par de quilómetros depois, a estrada atravessa uma floresta e à vista abre-se o vasto panorama da obra de construção. Lá, onde ainda há pouco ramalhavam vastas copas dos baobás, em cujos ramos brincavam os macacos, descem para o rio em degraus várias fileiras de terraços cuidadosamente aplainados.

O ruído dos motores das máquinas de construção, o tinido e o rangido do metal acabaram com o silêncio pristino da savana que tinha ouvido até então só as vozes de animais e aves e fizeram-na despertar para uma vida nova. As dragas de sucção, com as trombas metidas nas ondas do Níger, dia e noite mandavam pelos tubos o aterro hidráulico para os pântanos, que ainda há pouco eram um autêntico "inferno verde" para os pioneiros. Esta acumulação do solo por aluviamento permitiu criar fundamentos para a construção da empresa. O ritmo da obra cresce cada vez mais: o primeiro metal deve ser produzido em 1983 e no período de 1985 a 1986 o complexo siderúrgico irá proporcionar anualmente 1,3 milhões de toneladas de aço.

E assim será, de certo, pois a economia nigeriana necessita do metal tanto quanto do pão. Durante a cerimónia solene de assentamento da primeira pedra simbólica no fundamento do trem de laminação, em Julho de 1981, o presidente Shehu Shagari deu elevado apreço à ajuda soviética ao povo nigeriano na criação de uma Nigéria nova, em cujo desenvolvimento económico cabe um papel primordial à empresa metalúrgica de Adjaokuta construída agora em conjunto por nigerianos e mensageiros da longínqua União Soviética.

Mikhail Dolgov [1]

O URBANISTA DE OYO

Era um dia maravilhoso de Verão. Dois jovens, um nigeriano e uma inglesa, vaguearam incansáveis pelas ruelas bem limpas e cuidadas da cidadezinha respeitável de Stafford, situada na parte central da Inglaterra. Eles tagarelavam alegremente, mudando volta e meia o assunto da conversa, e paravam defronte dos antigos prédios para admirar o que as mãos inteligentes e hábeis tinham feito com pedras, madeira, flores e árvores.

A jovem amava a sua cidade e fazia o máximo de esforços para despertar o mesmo sentimento no seu companheiro, mostrando-lhe ora um ora outro prédio e fazendo inúmeras perguntas. "Gosta? É muito agradável, não é verdade?" O rapaz olhava para tudo com os olhos bem abertos e mal conseguia responder: "Sim, é uma maravilha... É belo!"

---

[1] Mikhail Ivánovitch Dolgov é redactor, consultor da Agência de Imprensa Nóvosti. Os artigos e ensaios de M. I. Dolgov são publicados nas edições desta agência: *New World, Sputnik, Rainbow, Urusi Leo, New Dawn, Aube Nouvelle*, assim como nos jornais e revistas de Angola, Gana, Moçambique, Nigéria, Serra Leoa, Uganda, Etiópia. Ele é autor do livro *Nascimento de Adjaokuta*. M. I. Dolgov é membro, desde há muitos anos, do Comité Executivo da Associação de amizade "URSS-Nigéria".

– E vocês, na Nigéria, têm semelhantes flores e relvados?– perguntou ela de repente.

– Sim, naturalmente.

– E quem foi que os plantou? Os ingleses?

– Sim.

– É claro, só os ingleses é que entendem disso.– A jovem calou-se por um instante e depois prosseguiu alegremente sem suspeitar que dizia algo ofensivo:

– Veja só, que casinha simpática! Estou certa de que vocês não têm nada semelhante.

– Porque não? Temos.

– E quem vive nelas? Quem foi que as construiu?, perguntou ela em tom quase triunfante.

– Os ingleses...

– Foi isso que pensei! Ora, será que entre os africanos pode existir um bom arquitecto? Só os ingleses compreendem o que é autêntica beleza e conforto.

O jovem, profundamente abalado com esta ofensa, sentiu um nó na garganta. Conteve-se dificilmente para não bater nesta menina presunçosa, virar-lhe as costas e ir-se embora. O rapaz ficou calado a muito custo durante alguns segundos, depois disse com um ar arrebatado:

– Você verá Suzan, eu serei arquitecto! Serei o nigeriano que saberá projectar e construir casas como esta, ruas e jardins como estes. Serei urbanista! Só que nas minhas casas irão viver os nigerianos!

* * *

Novamente um dia de Verão maravilhoso. Dois jovens, um nigeriano e uma nigeriana, marcham pelo largo passeio duma outra cidade. Es-

tão evidentemente com pressa e não percebem os raios carinhosos do sol, que descansou durante o longo Inverno, nem as copas frondosas dos carvalhos e tílias, as flores pitorescas nos enormes canteiros e o frescor atraente de um jardim.

Eles viram em direcção a um alto prédio, sobem uma ampla escada e desaparecem. No pátio uma multidão de estudantes rodeia-os. Mais uma escada, um corredor e os jovens aparentemente alcançam o seu objectivo. A sua frente está uma porta com a inscrição: «Silêncio! Defesa de teses de graduação!"

O rapaz pára por um instante e lança um olhar emocionado em redor como se procurasse o apoio dos presentes. Ouve-se o voto tradicional dos estudantes: "Boa sorte!" e o jovem desaparece por trás da porta.

O cheiro bem conhecido do auditório, o bater do giz contra o quadro negro e o sussuro produzido pelo desdobramento de desenhos fazem-no recuperar a calma habitual. O sorriso animador do "seu" professor que está sentado no centro da mesa examinadora, incute-lhe a certeza de que tudo correrá bem.

Passando de um desenho a outro com o título gravado há muito na memória "Ghaji Central Area Redevelopment Project" ele explica a sua tese de graduação. O jovem parece ter esquecido que tem perante si apenas a mesa examinadora do instituto, cuja tarefa consiste em determinar a sua competência profissional, e demonstra calorosamente a necessidade de efectuar o mais breve a reconstrução da sua querida cidade de Ibadã, propondo diversas variantes do projecto e mostrando como se pode fazer isso sem incorrer em grandes gastos de forças e recursos.

Ninguém o fez parar deixando-o dizer tudo o que pensava.

O rapaz calou-se finalmente, tomando fôlego e aguardando perguntas. Mas não houve perguntas. Os professores, engenheiros e cientistas, todos com grande experiência da vida, compreendiam perfeitamente que tinham perante si não apenas um engenheiro altamente instruído, mas, também, um patriota e um fanático da sua profissão.

O presidente da mesa examinadora estatal interrompeu, finalmente, o silêncio e anunciou solenemente:

– Cidadão da Federação da Nigéria Ayorinde Akanni Ojebode! Felicito-vos pela defesa bem sucedida da tese de graduação e atribuição do título de engenheiro urbanista. Espero que o vosso projecto seja concretizado.

* * *

Entre o primeiro e o segundo episódio passaram-se quase 9 anos.

É fácil de dizer "Serei especialista". É muito mais difícil concretizar este sonho. Mas apesar de numerosas dificuldades, o jovem de Oyo (hoje estado de Bendel, anteriormente, estado Ocidental da Nigéria) conseguiu graduar-se em engenharia civil...

– Jamais esquecerei o dia de 13 de Agosto de 1957, em Stafford, disse-me Ayo pensativamente, na noite depois da defesa da tese de graduação.–Este dia determinou a minha vida para sempre.

Estávamos num pequeno compartimento da

Casa do Estudante, na rua Studéntcheskaia, nas proximidades da avenida Kutúzovski em Moscovo. Acabámos de assistir a vários filmes sobre a Nigéria, cuja exibição foi organizada pelo grémio de estudantes nigerianos para os seus amigos soviéticos. A mulher de Ayo, estudante da Faculdade de jornalismo da Universidade Estatal de Moscovo M. V. Lomonóssov, Oheremitokun Abeni Ojebode (antes de casada, Tomas) preparava um jantar festivo. Tudo dispunha para recordações e Ayo pôs-se a contar a sua vida.

Nasceu em 1940, na cidade de Oyo, ao Norte de Ibadã. Em 1949, apesar das dificuldades, os pais conseguiram matriculá-lo na escola baptista para meninos. Menino inteligente e ágil, Ayo aprendia com facilidade tudo que se ministrava na escola, praticava apaixonadamente o desporto e tornou-se escuteiro activo.

Em 1957, foi enviado como aluno excelente e presidente da equipa desportiva da escola para o encontro mundial de escuteiros na Inglaterra. Os delegados foram alojados nas famílias locais a fim de tomar conhecimento do modo de vida inglês.

Pode-se dizer que Ayo teve sorte: foi hospedado em casa do arquitecto Mr. Bell. A sua filha Suzan fez logo amizade com Ayo. O arquitecto conversou durante muito tempo com o jovem nigeriano e fez perguntas a respeito dos seus planos. Depois daquele passeio, quando soube que Ayo queria ser arquitecto, ofereceu-lhe o Manual autodidáctico de engenharia civil.

– Li e reli este livro, recordou Ayo. Esqueci o desporto, abandonei os romances policiais, tão populares entre os estudantes, deixei de assistir aos "westerns". Aprendi o texto deste livro quase de cor, mas, como é lógico, não pude compreender tudo... Resolvi deixá-lo até um momento mais oportuno.

Mas o caminho que conduzia à realização do seu sonho não foi recto.

Inicialmente, foi preciso ingressar na escola de meteorologia em Lagos e depois trabalhar durante ano e meio na estação meteorológica em Lokoja (estado de Kvara). Porém, o mais importante estava ainda pela frente.

Finalmente, em Setembro de 1961, quando já havia acumulado conhecimentos, forças e algum dinheiro para enfrentar as primeiras necessidades, Ayo ingressa na faculdade de urbanismo da Universidade, situada na cidade de Enugu. O rapaz retira novamente o livro, já esfrangalhado de tanto ler, que Mr. Bell lhe tinha oferecido, e procura compreender o conjunto complexo de aço, betão, cimento e pedra e assimilar a beleza incomparável da arquitectura mundial.

O estudo entusiasmava Ayo, mas não a ponto de torná-lo indiferente em relação à vida em redor. Ele incorporou-se activamente nas actividades da União de estudantes da Nigéria e começou a praticar novamente o desporto. Em 1962, foi-lhe concedida, como estímulo por isso, a bolsa da União Internacional de Estudantes que permitia continuar os estudos na URSS.

– Na realidade, este foi apenas o início do caminho que levava ao meu sonho,– disse-me Ayo sorrindo. Foi preciso, antes de mais, aprender o russo e elevar os meus conhecimentos ao nível indispensável para o estudante duma escola superior soviética, pois o estudo de muitas matérias é mais profundo e completo

na URSS do que nas antigas colónias britânicas e nos países da Europa.

Ayo ingressou na faculdade preparatória da Universidade Estatal de Moscovo e depois de um ano de estudos já tinha conhecimentos suficientes do russo para assistir às conferências, ler livros didácticos referentes à sua especialidade, fazer apontamentos e explicar-se na vida quotidiana. Recapitulou a física, a matemática e a química; em poucas palavras, não perdeu o tempo à toa sabendo o que seria o mais indispensável para o exercício da profissão eleita.

A partir de Setembro de 1963, o jovem nigeriano da cidade de Oyo, Ayorinde Akanni Ojebode, já é estudante do Instituto de Engenharia e Construção de Moscovo.

* * *

Ao falar dos seus estudos na URSS, Ayo ressaltou que estudava como todos: frequentava conferências, fazia projectos, permanecia até à meia-noite na biblioteca e gastava muito papel para desenhos e esboços. E como todos, sentia a falta de tempo.

Porém, no carácter deste rapaz nigeriano havia um traço inerente a poucas pessoas: uma grande sede de saber.

A partir do segundo ano, ele começou a trabalhar na associação científica estudantil do seu instituto. A sua obra "Urbanismo nos países tropicais" mereceu um diploma de mérito na Conferência técnico-científica de Moscovo de estudantes soviéticos e estrangeiros, em 1964. Neste mesmo ano, a fim de ampliar o diapasão dos

seus conhecimentos, Ayo ingressou logo no terceiro ano da faculdade nocturna do Instituto de Arquitectura de Moscovo.

– Mas não pense que passei estes seis anos e meio só nos auditórios e bibliotecas, como um rato de biblioteca. Não, nas escolas superiores soviéticas, o programa de preparação de especialistas é tal que a gente não pode permanecer muito tempo sentada. "A teoria sem a prática é morta", repetem os professores soviéticos aos seus pupilos e fazem-nos "sentir com as próprias mãos o trabalho vivo".

– Durante a primeira prática, a de geodesia, prossegue Ayo, medi um mês inteiro com passos, fita métrica, teodolito e nível os arredores da cidade de Mitichi, na região de Moscovo. E embora o professor Vladímir Kólossov fosse um sabichão e critiqueiro, acabou por dar-me a nota "óptimo".

No Verão seguinte, Ayo ficou à disposição do livre-docente Mikhail Erochévski. Também desta vez, a prática foi feita em Mitichi, mas já no polígono próprio do instituto, onde se elabora a tecnologia mais moderna de produção de estruturas pré-fabricadas de cimento armado. Agora os estudantes tiveram de conhecer às apalpadelas o cimento e o cascalho, trabalharam junto de aparelhos de vibração, carregaram para o laboratório centenas de metros cúbicos de betão a fim de submetê-lo ao ensaio de resistência, enquanto a "resistência" dos próprios estudantes foi posta à prova por Mikhail Erochévski.

A terceira prática foi dedicada à tecnologia da construção. Ayo trabalhou na abertura da passagem subterrânea debaixo da larga avenida Kutúzovski, junto do grande prédio do hotel

"Ucrânia". (Desde então sempre mostro esta passagem aos nigerianos que vêm a Moscovo. E quando atravessam tranquilamente a rua debaixo de uma torrente de automóveis, ficam agradavelmente surpreendidos quando sabem que o seu compatriota de Oyo trabalhou no "duro" aí durante três meses para garantir a sua segurança e tranquilidade).

Aí Ayo já trabalhava como mestre. Fiscalizava os trabalhos de terraplenagem, colocação de chapas de cimento e de degraus, o acabamento de paredes com ladrilhos e verificava se o trabalho executado correspondia ao projecto.

– Esta minha prática foi avaliada nem tanto por engenheiros especializados na produção, como por peões moscovitas e por mim próprio: moro perto dali e já há vários anos utilizo esta passagem sem correr o risco de ser atropelado por um automóvel ou autocarro, graceja Ayo.

Depois desta preparação teórica e prática, o jovem nigeriano concluiu o quarto ano do instituto e no Verão de 1967 foi para a Pátria. Mas este não foi apenas um período de férias e de visitas aos parentes, amigos e conhecidos: foi também a continuação dos estudos.

* * *

Durante os primeiros três meses, ele trabalhou no Departamento de Urbanismo de Ibadã sob a direcção do arquitecto G. O. Tokun. Aqui mesmo, de acordo com uma proposta deste último, começou a recolher informações necessárias para a sua futura tese de graduação. A respectiva tarefa foi formulada pelo Sr. A. O. Adediran,

funcionário do Departamento de Urbanismo de Ibadã.

O futuro engenheiro Ayorinde A. Ojebode foi convidado a elaborar um projecto real de reconstrução da parte central de Ibadã. O projecto deveria incluir o seguinte: um conjunto administrativo com salas para reuniões e pequenas conferências, um pavilhão para exposições, uma biblioteca pública, um centro juvenil, pequeno povoado de habitação, um mercado, um parque, e a urbanização do território circunvizinho, incluindo o estacionamento para automóveis e respectivas vias de acesso.

Ayo empenhou-se com todo o entusiasmo neste trabalho. Durante dois meses trabalhou sob a direcção dos arquitectos O. Kreig e T. Odekoye do Departamento de Urbanismo da capital nigeriana, adquirindo desta forma uma valiosa experiência. Participou directamente da elaboração do projecto de trabalhos de construção na parte Sul da ilha de Lagos.

Com esta bagagem de conhecimentos e com planos absolutamente claros, Ayo regressou a Moscovo a fim de frequentar o último ano do instituto. O professor Veniamin Butiáguin, que chefiava então a cadeira de urbanismo do instituto, consentiu de bom grado em exercer a direcção oficial da tese de graduação do jovem e aprovou o tema que ele tinha escolhido.

* * *

Já relatei o que aconteceu a seguir.

Desde que o engenheiro Ayorinde Akanni Ojebode regressou à Patria, muita água correu

debaixo das pontes e muitos estudantes africanos graduaram-se nas escolas superiores soviéticas. Porém, Ayo continua a ser para mim um símbolo e um modelo da nova geração de nigerianos, e não só de nigerianos.

Os anos passam e talvez um dia se repita o quadro já conhecido.

... Será de novo um dia maravilhoso de Verão, mas agora uma jovem nigeriana irá conduzir um jovem inglês pelas ruas confortáveis, limpas e asseadas da nova Ibadã.

– Quem construiu tudo isso e quem mora aí? – perguntará o rapaz.

– Nigerianos, responderá com uma certa surpresa a jovem. – Estas casas foram construídas de acordo com o projecto do meu pai.

Esta jovem será Emma Ojebode que nasceu em Moscovo e foi educada na Casa de Crianças da Universidade juntamente com outros filhos dos estudantes, enquanto o seu pai Ayo fazia os seus desenhos e a mãe Remi galgava os picos da ciência jornalística.

O jovem será o filho de Suzan Bell, neto do arquitecto Bell.

Pode acontecer uma coisa destas, caro leitor?

Iúri Pitchúguine [1]

MENSAGEIROS DA PROFISSÃO MAIS HUMANA

Numa das pequenas ruas nas proximidades do centro da capital etíope, encontra-se um prédio claro de quatro andares, feito de betão e de vidro. Por trás dele, um território pitoresco com verdura abundante, e alguns prédios menores. Este local é conhecido de todos os habitantes de Adis Abeba: é o hospital da Cruz Vermelha Soviética ou, como lhe chama habitualmente o povo da cidade, o "hospital russo". O hospital tem o nome do herói da luta de libertação do povo etíope contra os colonizadores italianos, "dedjazmach" (isto é, comandante) Balcha.

O colectivo do hospital trabalha na capital da Etiópia já há 35 anos. Em Setembro de 1947, 50 médicos e enfermeiros soviéticos começaram a dar consultas aos primeiros pacientes. Naquela

[1] Iúri Konstantínovitch Pitchúguine é jornalista especializado em assuntos internacionais, chefe da secção da agência TASS na Etiópia. Como correspondente acreditado junto do secretariado geral da Organização da Unidade Africana (OUA) visitou mais de 10 países do continente africano a fim de fazer a cobertura do trabalho de diversas conferências e fóruns.

Este ensaio foi preparado especialmente para a presente colectânea.

época, o único prédio do "Balcha", que funciona ainda hoje, podia acomodar apenas 60 doentes. Agora, o hospital dispõe de 225 camas. Nas três décadas e meia da sua existência, a assistência médica foi aí prestada a 2,5 milhões de cidadãos etíopes. O trabalho abnegado de centenas de especialistas soviéticos, que trabalharam no hospital, tornou-se a continuação orgânica das antigas tradições lançadas pelo lendário destacamento de saúde russo que esteve no país em fins do século passado.

... Ano de 1896. A Etiópia atravessa um dos períodos mais difíceis da sua história. As potências europeias, em primeiro lugar, a Inglaterra, Itália e França, já tinham concluído basicamente a repartição colonial da África e lançavam os seus olhares para um território vasto e rico, ainda não conquistado, no Nordeste do continente, que acabava de se unir sob o poder do imperador Menelik II. Uma vasta faixa ao longo do litoral do mar Vermelho já tinha sido conquistada pelos italianos, que não faziam segredo da sua intenção de subjugar toda a Etiópia. A derrota demolidora que o exército etíope lhes inflingiu em 2 de Março de 1896 na batalha de Adwa, frustrou os planos dos colonialistas e fê-los reconhecer incondicionalmente a independência do país. No entanto, a situação continuava complicada. Ainda continuava a luta pela transformação de um conglomerado de principados fraccionados num Estado forte e único, persistia o perigo de uma nova invasão estrangeira, era extremamente aguda a questão da liquidação do horrível atraso do país. Precisamente neste momento difícil para a Etiópia, nasceram e consolidaram-se as suas relações com a Rússia, surgiu a

amizade dos dois povos separados um do outro por milhares de quilómetros.

Os círculos sociais da Rússia seguiam com grande interesse e simpatia a corajosa luta da longínqua Abissínia pela liberdade e a independência. Um jornal de São Petersburgo escreveu que a coragem e a firmeza dos etíopes "despertam uma sincera simpatia e compaixão nos corações russos". Quando em Março de 1896 a Sociedade Russa da Cruz Vermelha tomou a decisão de enviar para a Etiópia um destacamento de saúde, resultou simplesmente impossível incluir nela todos os voluntários.

... Passados cinco meses e meio, em 8 de Agosto, num dos arrabaldes da pequena povoação de Adis Abeba, nova capital de Menelik II, fundada há apenas alguns anos antes, reinava uma animação incomum. Junto da entrada da cidade perfilaram soldados do exército imperial vestidos de uniformes de gala alvos, com escudos, espingardas e lanças cuidadosamente limpos. Em frente da fileira destacavam-se com as suas capas feitas de peles de leopardo e de leão os oficiais e os "raças", altos comandantes militares. Quase toda a população da cidadezinha aglomerou-se para assistir à bela cerimónia; uma multidão pitoresca inundou as beiras da estrada. A capital recebia o destacamento de saúde da Rússia.

Finalmente, na curva de estrada apareceram as primeiras mulas, pesadamente carregadas, e cavaleiros com rostos queimados e cansados. Foi longo e difícil o trajecto dos médicos russos. Tiveram de fazer uma viagem pelo mar de Odessa através de Alexandria e Jibuti, durante a qual foram perseguidos por um cruzador italiano, ti-

veram de enfrentar longas demoras por causa da falta de bestas de carga, a travessia cansativa do deserto e das terras povoadas por nómades belicosos e, finalmente, das cadeias montanhosas que cercam Adis Abeba... Tiveram de enfrentar, também, a desconfiança absolutamente natural dos habitantes locais, resultado dos seus encontros anteriores com os europeus. Eis o que escreveu o presidente da Sociedade Russa da Cruz Vermelha, M. P. Kaufman: "Segundo se soube, os abissínios estão habituados a que os europeus venham ao seu país visando, sobretudo, interesses egoístas, e por isso não conseguiam compreender os objectivos desinteressados da nossa tropa..."

Logo os primeiros dias do trabalho dos médicos e enfermeiros russos fizeram derreter o gelo de desconfiança e mostraram que estes "faranjes", como eram chamados aí os estrangeiros, eram realmente diferentes dos outros e tinham chegado para ajudar. Desde as primeiras horas da manhã até altas horas da noite, os doentes eram recebidos na casa onde o hospital se tinha instalado. Os médicos russos tratavam os soldados feridos e as crianças doentes, faziam operações, assistiam aos partos... Duas dezenas de médicos que trabalhavam em condições inabituais e que de forma alguma podiam ser qualificadas como ideais, prestaram durante um prazo curto assistência a 27 mil pessoas! A pedido pessoal de Menelik II, cinco médicos russos ficaram na cidade depois da partida do destacamento e trabalharam ali mais três meses. O hospital e o seu equipamento foram entregues gratuitamente à Etiópia. Uma recordação sobre a permanência da tropa em Adis Abeba foi o manual, traduzido

para o amhara, sobre o tratamento de doenças mais difundidas no país. Ao mesmo tempo, cinco jovens etíopes embarcaram para a Rússia em busca de conhecimentos. Foram os primeiros dos milhares de seus compatriotas que receberam depois disso instrução no nosso país.

Porém, o principal mérito dos médicos russos que trabalharam aí naquela época longínqua consiste, provavelmente, não em milhares de pacientes curados, nem em remédios distribuídos entre os doentes. Na época em que entre os dois países ainda não foram estabelecidas relações diplomáticas e os russos que chegaram à Etiópia podiam ser contados pelos dedos, eles foram os primeiros a mostrar na prática aos habitantes deste país africano as melhores qualidades do homem russo e deram uma contribuição inapreciável para o nascimento da grande amizade futura entre os nossos povos. "Jamais esqueceremos o vosso belo trabalho... Que Deus guarde os nossos amigos, que acudiram em nossa ajuda para curar os doentes", disse Menelik II ao despedir-se deste destacamento de saúde russo.

Ser continuador digno das grandes tradições da medicina russa e soviética e da boa e duradoura fama dos nossos médicos na terra etíope – é sob este lema que o colectivo do "Balcha" trabalha também hoje em dia. Naturalmente, durante mais de 80 anos mudaram irreconhecivelmente as condições de trabalho e a ciência médica teve um avanço imenso. Os médicos dispõem agora de dois grandes prédios hospitalares, de meios técnicos modernos e de um vasto diapasão de preparados farmacêuticos.

No entanto, o trabalho de um médico na Etiópia não é nada fácil também hoje em dia. O

regime monárquico-feudal, derrubado há oito anos, cuidava pouco do desenvolvimento do sistema de saúde pública. Um médico para 74 mil habitantes e um sistema de saúde inacessível a mais de 85% da população – tal foi o resultado triste da sua actividade nesta esfera. Só depois da revolução nacional-democrática de 1974, começou no país a realização do programa destinado a assegurar a assistência médica às amplas massas populares. Nesta via já foram alcançados êxitos impressionantes, embora ainda faltem hospitais, quadros qualificados, equipamento, remédios e o serviço de higiene em algumas regiões não esteja ao devido nível.

– O nosso colectivo faz tudo para ajudar a Etiópia irmã a resolver os problemas de assistência médica com que ela se defronta hoje – diz o director do hospital da Cruz Vermelha Soviética, V. F. Kóldine. – Todos os médicos, enfermeiros e o pessoal etíope fazem o máximo possível. Veja só: todos os dias, a nossa policlínica dá consultas a 800 doentes. Cada terapeuta presta assistência em média a 13 mil pacientes por ano, isto é, faz o dobro do trabalho em comparação com a norma adoptada na medicina soviética. O volume do trabalho executado por cada cirurgião também supera duas vezes e meia a respectiva norma soviética. No ano passado, os nossos quatro cirurgiões fizeram mais de mil operações, o que seria totalmente impossível, por exemplo, em Moscovo ou em Leninegrado. Note-se que deparamos frequentemente com casos quase irremediáveis e temos de ressuscitar, textualmente, as pessoas.

Em vésperas do encontro com os cirurgiões V. I. Pogrebnitchénko e V. Iú. Makárov e com

o anestesista S. M. Kuian, na secção de reanimação entraram de uma vez vários doentes em estado gravíssimo, que necessitavam de ajuda imediata. Os médicos soviéticos não saíram da sala de operações até às sete horas da manhã.

– Bem, de um modo geral, não houve nada de especial, diz S. M. Kuian encolhendo os ombros. É uma noite de trabalho comum. A nossa secção de reanimação é única na Etiópia, portanto devemos, às vezes, fazer cinco a seis operações seguidas.

A secção de reanimação é o orgulho especial do "Balcha". Ela foi criada há pouco por iniciativa pessoal de S. M. Kuian e dos seus companheiros. O próprio Stepan Minássovitch Kuian encarregou-se voluntariamente de exercer, sem qualquer recompensa, as funções de chefe. Aí vêm as pessoas a quem nenhum outro hospital de Adis Abeba pode ajudar. Traumas do crânio e do cérebro, intoxicações, septicemias cirúrgicas e ginecológicas, queimaduras, peritonites agudas – são estes os problemas com que deparam os trabalhadores desta secção. Só durante os primeiros cinco meses deste ano eles deram assistência a 254 doentes. Durante os últimos dois anos, conseguiu-se diminuir quase duas vezes a mortalidade entre os doentes graves que deram entrada nesta secção. Hoje em dia, este índice é mais baixo em "Balcha" do que em muitos hospitais europeus com equipamento muito melhor e pessoal mais numeroso.

O que levou os cirurgiões do hospital a encarregar-se da organização da secção de reanimação, um trabalho bastante difícil e complexo, sem instruções "de cima"? Aparentemente, o mais simples é executar durante dois anos o seu

trabalho no lugar habitual e embarcar para casa. A reputação dos médicos soviéticos já é bastante alta e o sistema nervoso fica menos esgotado.

– Sem dúvida, assim é mais simples, responde à nossa pergunta Stepan Minássovitch.–Mas, você compreende, queríamos fazer algo realmente novo e útil, senão, na minha opinião, a vida e o trabalho perdem qualquer interesse. Além disso, cada cirurgião sente-se realmente feliz quando consegue recuperar a saúde e a vida de uma pessoa. Por exemplo, há pouco deu entrada na nossa secção um rapazinho de 12 anos com traumatismo extremamente grave do crânio. Fizemos uma operação urgente e 25 dias depois o nosso paciente teve alta. Agora ele tem boa saúde e frequenta a escola. Há casos ainda mais graves. Certa vez trouxeram uma mulher com uma enfermidade grave e negligenciada do peritónio. Lutámos cinco semanas pela sua vida e, como se diz, acabámos por arrancá-la do outro mundo...

Muitas pessoas com quem tive oportunidade de conversar no hospital, deram a sua contribuição, da mesma forma que o colectivo da secção de reanimação, para o desenvolvimento do "Balcha". A farmácia equipada de novo, ampliada e cómoda será uma boa recordação da permanência aí do farmacologista V. P. Nazarenko. Uma pessoa apaixonada pelo seu trabalho, um inovador e trabalhador abnegado–é assim que os colegas caracterizam o infeccionista V. Iá. Láchine. Os médicos desta especialidade são especialmente necessários na Etiópia, pois até há pouco as epidemias eram um autêntico flagelo da sua população. Em "Balcha", Víktor Iákovlevitch Láchine criou rapidamente uma enfermaria de isolamento para doentes infecciosos. Eis um facto

que comprova a importância desta iniciativa: se anteriormente no hospital dava entrada uma pessoa contaminada com uma doença especialmente perigosa para outros, este estabelecimento médico fechava totalmente para quarentena. Agora a infecção não pode passar além do limiar da enfermaria de isolamento e as demais secções continuam tranquilamente o seu trabalho.

A fama do doutor soviético que salva doentes de tifo, hepatite, amebíase e malária espalhou-se bem longe dos limites de Adis Abeba. Na pasta grossa em que V. Iá. Láchine guarda os historiais das doenças, pode-se encontrar toda a geografia da Etiópia. Gente de Bahr-Dar, Dire-Daua, Avacha, Harera, etc., vem a Adis Abeba para obter a sua consulta... Ele próprio viaja frequentemente de avião para diversas regiões do país, promove um grande trabalho de esclarecimento a respeito dos fundamentos de higiene e explica aos habitantes das cidades e aldeias as medidas de profilaxia de doenças infecciosas. Nas paredes ao seu gabinete estão fixados cartazes, que ele próprio fez, com esquemas de tratamento de todas as doenças, e "memorandos" que indicam aos enfermeiros o que fazer no caso de ausência do médico. Em poucas palavras, a actividade do doutor Láchine poderia servir de tema para um ensaio à parte, embora ele próprio não esteja de acordo com isso.

– Não há nada de especial naquilo que fazemos na nossa enfermaria de isolamento, diz Víktor Iákovlevitch. Apenas queremos, como todos os trabalhadores de "Balcha", que o povo da Etiópia adoeça menos.

"Que o povo adoeça menos" ... Esta frase breve expressa com o máximo de clareza o objec-

tivo a que está subordinada toda a vida dos que trabalham no hospital. Dezenas de conferências e de relatórios apresentados em Adis Abeba e em outras cidades, milhares de páginas de manuais editados em amhara, numerosas viagens para o interior do país, seminários conjuntos com os colegas etíopes, grande trabalho com o fim de propagar os princípios da Cruz Vermelha e do sistema socialista de saúde – tudo isso também se faz "para que adoeçam menos".

O "Balcha-hospital" tornou-se uma autêntica escola de preparação profissional para milhares de etíopes que trabalham aí muitos anos juntamente com os colegas soviéticos. Assefa Kebrat chegou aí muito jovem, na idade de 17 anos, sem nenhuma instrução médica. Durante mais de 30 anos de trabalho tornou-se enfermeiro qualificado, um dos melhores do hospital, e aprendeu a falar muito bem o russo. No ano passado foi premiado com uma viagem à URSS, esteve em Moscovo e Leninegrado e teve com muitos médicos soviéticos, com que trabalhara anteriormente.

– Sinto-me especialmente feliz por ter estado em Leninegrado e percorrido as ruas e as calçadas que ainda guardam as pegadas de Púchkine, o meu poeta predilecto, – recorda Assefa. – Mas o mais importante foi, como é lógico, o encontro com velhos amigos. Imagine, que no aeroporto fui recebido por uma delegação com inúmeras flores como se eu fosse uma celebridade! Fiquei profundamente emocionado: a amizade que nasceu aí, no "hospital russo", fica realmente nos corações para sempre.

Esta opinião compartilham na íntegra Bakale Assenaka, Muluneh Gebre-Guiorguis, Kebbede Guebru e muitos outros veteranos do "Balcha" e os especialistas soviéticos que trabalham com eles.

– Estou aqui apenas há três meses mas já compreendi que no nosso trabalho não existe coisa mais importante do que o contacto pessoal com os colegas etíopes, sublinha A. A. Svirídov, chefe de uma das secções terapêuticas. – Só nas condições de pleno entendimento mútuo e de amizade entre todos os médicos, enfermeiras e maqueiros é que se pode alcançar o êxito.

O enfermeiro-chefe da secção de cirurgia, Mesfin Volde-Rafael, é um representante da nova geração do pessoal etíope. Tem 23 anos e embora o tempo do seu trabalho no hospital não seja grande, ele já aprendeu bastante bem o russo e granjeou a fama de trabalhador capaz e consciencioso e de pessoa alegre e amigável. A paixão de Mesfin é a poesia. Segundo testemunham os seus colegas, no recente sarau dedicado a Púchkine, que foi realizado aí, ele recitou com enorme inspiração e autêntico profissionalismo a poesia "O monumento", traduzida para o amhara.

... Esta noite tornou-se um acontecimento especial na vida do "Balcha" e ficou por muito tempo na memória do seu pessoal. Representantes da Comissão de organização do partido dos trabalhadores da Etiópia, das organizações sindical, juvenil e feminina do país, da Associação etíope da Cruz Vermelha e um grande grupo de escritores, artistas e músicos estiveram em visita no hospital. Até altas horas da noite eram recitados em russo e em amhara os versos do grande poeta que goza de um enorme amor na Etiópia. Usou da palavra o Secretário-Geral da União de

Escritores Etíopes, destacado poeta e dramaturgo Assefa Gebre-Mariam. Todos os interessados não cabiam na pequena sala do clube e os amigos etíopes pediram para repetir o sarau no Teatro Nacional do país, uma honra que até os artistas profissionais merecem raramente.

– Não foi um simples sarau literário, relata a enfermeira chefe do "Balcha", N. D. Botcharova, mas uma autêntica manifestação da amizade entre os dois povos, da unificação das suas culturas, cujo símbolo é aqui justamente considerado Aleksandr Púchkine. As lágrimas que vimos nos olhos de muitos dos seus participantes foram a mais cara recompensa para nós, organizadores do encontro...

Vassíli Zubkov[1]

O DESPORTO TAMBÉM É UMA COISA SÉRIA

Aviso aos amadores do futebol: em caso de chuva, o encontro será transferido para o dia seguinte.

Do boletim de uma das radioemissoras do Mali

Um anúncio destes parece um tanto estranho, não é verdade? Toda a gente sabe que o "encontro se realiza independentemente do tempo". Mas isso é na Rússia. Enquanto aqui...

Já há três meses estão abertas as cataratas do céu e o líquido celeste desaba com uma persistência invejável e numa quantidade ameaçadora. No Mali está em pleno auge a estação das chuvas. E que chuvas! Não houve nada de semelhante nos últimos anos...

Em Bamaco, capital do Mali, foi construído com a assistência técnica da União Soviética um

---

[1] Vassíli Ivánovitch Zubkov é redactor superior da Agência de Imprensa Nóvosti. No período de 1978-1982 chefiou a representação desta Agência no Mali.

O presente ensaio inclui materiais submetidos à nova redacção que foram publicados pela primeira vez no jornal *Sovétski Sport* (editado com uma tiragem de 12 milhões de exemplares).

magnífico complexo desportivo: uma grande arena com tribunas para 25 mil espectadores, um palácio do desporto, uma piscina e dezenas de quadras e de campos para diversos jogos. Já há muitos anos, a manutenção técnica deste conjunto desportivo é efectuada por especialistas técnicos soviéticos.

Em 1980 chegaram ao Mali os primeiros treinadores soviéticos a fim de prestar ajuda na preparação das selecções nacionais deste país e no desenvolvimento do desporto popular. Pedagogos hábeis e desportistas outrora famosos, eles merecem o prestígio e o respeito dos colegas e pupilos do Mali.

"Desporto n°. 1"

É o futebol, como, aliás, em toda a parte. Perguntei certa vez ao conhecido comentarista de rádio Demba Koulibali, quantos jogadores de futebol existem no Mali. Ele fez um cálculo de cabeça rápido e indicou o número de 1 milhão. Isto é, um em cada seis malianos? Confesso que tive dúvidas. O meu colega incluiu, com efeito, na categoria de jogadores de futebol toda a população masculina do país na idade de 7 a 30 anos. E para falar a sério, regularmente jogam futebol alguns milhares de pessoas. Realiza-se o campeonato da república e a disputa da Taça do Mali.

Após a chegada de Nikolai Golovkó, antigo jogador e treinador da equipa "Chakhtér" da região do rio Don, que tinha sido convidado a trabalhar com a equipa nacional, aumentou o interesse dos malianos em relação aos treinos dos "águias" (é assim que os adeptos chamam à sua equipa). A respeito do jogador soviético dizem o seguinte: "Ele é antigo defesa; será que os atacantes malianos não desaprenderão por isso a marcar os goles?" Em breve, o número de basbaques diminuiu, pois não havia nada de interessante nos intermináveis exercícios, acelerações e crosses. E o treinador soviético começou precisamente por isso: a equipa maliana já tinha uma boa técnica, mas faltavam-lhe a táctica, o atletismo e a resistência.

Exercícios persistentes deram bons resultados durante a série de jogos amistosos na Libéria e na Mauritânia. E o jogo dos "águias" malianos no campeonato de África, na segunda zona, foi uma culminância brilhante da temporada. Os pupilos de N. Golovkó perderam na final por um penalti apenas à equipa da Guiné, que é tradicionalmente a mais forte da África Ocidental. Este foi o melhor resultado alcançado pelo futebol do Mali durante toda a história da sua existência.

No activo da selecção do Mali consta também a vitória brilhante (3 : 0) sobre a equipa da Argélia que jogou bem nas finais do campeonato do mundo de 1982.

A propósito, encontraram-se em Bamaco alguns pupilos de dois treinadores soviéticos. Os argelinos foram treinados por Evguéni Glébov e a selecção do Mali por Nikolai Golovkó. O clube "Djoliba" actua bem na disputa da Taça dos possuidores de taças do continente. Foram alcançadas várias vitórias e em Bamaco já se fala a sério de que é preciso construir novas tribunas no estádio central.

Em vésperas da estreia

O voleibol é provavelmente o jogo desportivo mais recente no Mali. A federação nacional deste jogo foi criada há pouco. Para preparar a selecção do país foi convidado Viatcheslav Chapran, da cidade de Alma-Ata, mestre de desporto de classe internacional e campeão da URSS; ele conquistou duas vezes a taça de campeões da Europa.

Uma quadra camuflada pela sombra espessa de enormes árvores. Ouvem-se golpes sonoros na bola e apitos do treinador. Mais um treino está em plena marcha. Reconheço os principais jogadores dos clubes ISFAS e STAD: foram eles que formaram o "vigamento" da selecção que deveria estrear no certame de África. A julgar pelo ambiente que reina na quadra os jogadores e o treinador entendem-se bem. Muitos jogadores falam fluentemente o russo.

Graças aos esforços da federação e do treinador soviético, o voleibol torna-se um desporto de massas. É praticado no exército, nos liceus, nas escolas superiores. Realiza-se o campeonato aberto de Bamaco. V. Chapran é, por enquanto, o único treinador profissional de voleibol, mas vários desportistas malianos já se matricularam nos institutos soviéticos de cultura física. Por enquanto, o antigo treinador da selecção do Cazaquestão vê-se forçado a treinar, ao mesmo tempo, além da selecção, mais 6 clubes.

Primeiros recordes

Sob os auspícios do treinador-chefe do atletismo no Mali, Mikhail Berejnói, encontra-se o colectivo internacional que inclui os seus colegas de França, de Cuba e vários especialistas do Mali e, como é lógico, cerca de 60 membros da selecção.

Os atletas do Mali participaram de quatro olimpíadas, incluindo a de Moscovo. O atletismo é especialmente popular entre a juventude: as pernas ágeis e a destreza gozam de respeito de há muito entre os povos que vivem no Mali. Porém, os resultados de classe internacional por enquanto são poucos, embora o treinador emérito da Federação Russa M. Berejnói e o presidente da Federação do atletismo Bokary Touré afirmem que dentro de um ou dois anos o corredor de pequenas distâncias Salif Koné consiguirá percorrer a distância de 100 metros em 10,2 segundos e a corredora Korotima Sidibé fará a distância de 200 metros em 24 segundos. Estes resultados são bastante altos para o continente. Espera-se que alcancem bons resultados Abdoulaye Traoré (tríplo salto) e o fundista Diourati Sanogo.

O treinador soviético chegou ao Mali no auge dos preparativos para as Olimpíadas de Moscovo. Durante este período foram realizadas várias grandes competições: o campeonato da república, o "bienal", competições entre os clubes, e foram estabelecidos os primeiros recordes nacionais.

Além de efectuar treinos regulares, M. Berejnói está empenhado em elaborar o projecto de um complexo desportivo no Mali e a classifica-

ção desportiva do atletismo. Leva muito tempo a reconstrução da sala em que se pratica o atletismo e a fabricação do equipamento e de simuladores.

Paixões debaixo do anel

Para um treinador não existe, provavelmente, momento melhor do que aquele em que o seu pupilo (ou pupila) é proclamado o jogador mais tecnicamente preparado de um grande torneio. No campeonato de África de basquetebol em Dacar, a melhor foi uma maliana, e a equipa de que ela faz parte conquistou o segundo lugar cedendo apenas à equipa feminina do Senegal, que foi anfitriã deste torneio. Foi aí que sentiu estes momentos agradáveis o treinador de Moscovo, mestre de desporto, Boris Svirídov. O basquetebol do Mali é considerado muito forte do continente. Os jovens malianos foram vencedores do campeonato de 1981 na sua zona. Equipas de diversos clubes actuaram com êxito na disputa final da Taça das taças em África.

Aparentemente, um grande número de jogadores talentosos oferece possibilidades maiores para efectuar a escolha de desportistas para a selecção nacional. No entanto, as dificuldades não faltam ao treinador soviético. É ainda fraca a disciplina do jogo, faz-se sentir o carácter impulsivo dos africanos, às vezes falta o domínio de si, existem grandes lacunas na "escola" de basquetebol. Mas tudo isso é remediável desde que haja vontade, considera B. Svirídov, tanto mais que a federação maliana presta-lhe uma grande ajuda.

O alto profissionalismo, a consciência e o carácter tranquilo do moscovita agradam muito aos seus colegas malianos e aos jogadores. Os seus planos incluem a organização regular de competições dos alunos das escolas secundárias e dos liceais e a elaboração de manuais metódicos. Para os jogadores malianos de basquetebol foram uma boa lição os jogos e os treinos conjuntos com a equipa universitária da cidade de Tachkent "Universitet". E não importa que os jogadores do Uzbequistão tenham ganho todos os jogos. Uma lição destas vale por dez outras.

Um torneio de amigos

Os melhores xadrezistas do Mali e representantes do grupo de especialistas soviéticos que trabalham neste país, participam do torneio tradicional organizado por iniciativa da federação nacional de xadrez.

De acordo com a tradição, o torneio começa em vésperas do nascimento de V. I. Lénine e continua vários meses. Os malianos foram preparados pela primeira vez para as competições do torneio de 1981 pelo treinador emérito do Cazaquestão, mestre de desporto da URSS, Boris Katalímov, que chegou a este país a fim de prestar ajuda à Federação de xadrez do Mali.

O primeiro lugar neste torneio foi conquistado por E. Ribálkine, cientista soviético de Jitómir, que lecciona num dos estabelecimentos de ensino de Bamaco. Ainda durante a sua permanência na URSS, ele obteve o título de candidato a mestre de desporto. O segundo lugar pertence ao funcionário do banco local G. Tampoura,

que conquistou o título de campeão do Mali. Katalímov afirma que o progresso de S. Tampoura é evidente. Há um ano, num torneio do mesmo tipo, não conseguiu ganhar aos xadrezistas soviéticos nenhuma partida, enquanto desta vez obteve 4 vitórias em 6 encontros. O terceiro lugar foi conquistado por Vladímir Chapoválov, funcionário da missão comercial da URSS no Mali, ele é detentor da primeira categoria no xadrez.

Entre os jogadores malianos, B. Katalímov destaca o geólogo G. Sissoko, que já obteve três vitórias sobre os jogadores soviéticos. Ele obteve uma posição vantajosa também durante a partida com o vencedor do torneio mas não conseguiu calcular bem o tempo que lhe restava até ao fim do jogo e isto impediu-o de aproveitar esta sua vantagem.

E os próprios xadrezistas malianos? O que pensam eles a respeito de B. Katalímov? "A escola soviética de xadrez que já deu ao mundo tantos excelentes jogadores, incluindo Anatoli Kárpov, campeão do mundo nos últimos anos, tem na pessoa do treinador soviético no Mali um excelente representante. O progresso do xadrez no Mali não seria tão impetuoso e os êxitos tão promissores, se Boris Katalímov não trabalhasse connosco", disse um dos dirigentes do departamento de desporto ao fazer um balanço dos resultados das competições.

O semanário desportivo "Podium" deu elevado apreço aos resultados do torneio e à sua boa organização, tendo assinalado especialmente que o trabalho do treinador soviético contribuiu para o aumento da habilidade dos jogadores malianos.

CAPÍTULO IV

A MORTE VEM DO SUL

Bronislav Miakota [1]

REPORTAGEM SOBRE A GUERRA NÃO DECLARADA

Na minha escrivaninha, na agência da TV soviética, está um pedaço de metal desfigurado pela força enorme de uma explosão. As suas bordas são recortadas e agudas. É o estilhaço de uma bomba. Apanhei-o junto do muro destruído de uma casa de habitação no centro municipal de Caama. Ali mesmo estava caído no chão um brinquedo infantil, um barquinho de plástico vermelho vivo, meio coberto com pó de pedra. Eu olho este estilhaço e recordo a minha recente viagem para o Sul de Angola.

O vento frio fazia tremular as capas-tendas com que se cobriam dois jovens soldados sentados com metralhadoras nas mãos junto do bordo traseiro do nosso carro, GAZ-66. Acomodá-

---

[1] O correspondente da Rádio e Televisão Soviéticas na República Popular de Angola Bronislav Frántsevitch Miakota é autor de mais de 500 reportagens de televisão transmitidas de África e dos roteiros dos filmes de televisão *Angola: a Luta Continua!*, *Que se Cumpram os Seus Sonhos, Miguel!* e dos filmes sobre a Argélia e a Guiné Equatorial.

Esta reportagem do Sul de Angola, especialmente adaptada e ampliada para a presente colectânea, foi publicada inicialmente no jornal *Komsomólskaia Pravda*, editado com uma tiragem de mais de 10 milhões de exemplares.

mo-nos nos bancos laterais procurando em vão conservar o calor que o vento impiedoso tirava de debaixo das nossas roupas. Às vezes, tínhamos a impressão de que viajávamos não pela terra africana, mas por uma estrada numa das regiões centrais da Rússia, no início da Primavera.

Havia duas horas o camião avançava sem parar através da noite. Os raios dos seus faróis iluminavam o asfalto cinzento que corria debaixo das rodas do veículo, apareciam por um instante arbustos e árvores, fundindo-se em muros, surgiam e desapareciam rapidamente na escuridão casinhas amarelas de raros povoados.

Um grande grupo de jornalistas estrangeiros e angolanos, quase 40 pessoas, ia para a frente de batalha.

Em 3 de Setembro, a descolagem de um avião Iak-40 da faixa de betão do aeroporto internacional de Luanda foi insolitamente pesada. Vadim Mekhov, comandante deste veículo, pertencente aos Transportes Aéreos de Angola (TAAG), perguntou com um ar de surpresa: "O que é que vocês meteram lá nas vossas caixas?" Durante dois anos de trabalho em Angola Vadim já transportou milhares de passageiros e muitas cargas dos mais diversos tipos, mas, foi provavelmente, pela primeira vez que todos os assentos no salão do seu avião estavam ocupados por jornalistas e o compartimento de carga estava repleto de caixas metálicas que tinham um aspecto um tanto misterioso para o piloto. No entanto, aí não havia nenhum mistério: nas caixas foram cuidadosamente emaladas máquinas de filmar, gravadores, câmaras fotográficas, aparelhos de cinema e de televisão. Os jornalistas levaram tudo isso consigo para alguns dias

depois relatar e mostrar através de milhões de televisores em diversos países, por intermédio de jornais, revistas e emissões de rádio, tudo o que viram e sentiram e tudo que os impressionou durante a viagem pelas regiões meridionais de Angola.

O MPLA-Partido do Trabalho convidou jornalistas do Brasil, Cuba, Inglaterra, Moçambique e RDA a visitar a república para conhecer "in loco" as consequências da agressão da RSA, a maior desde que foi proclamada a independência de Angola.

A situação era grave. Por isso, o Conselho de Ministros tinha proclamado três províncias, Cunene, Huíla e Cuando-Cubango, vítimas do ataque da República Sul-Africana racista, como zona de calamidade. Lá, no Sul do país, a partir de 23 de Agosto de 1981 ardem as chamas da guerra não declarada, em que perecem milhares de habitantes pacíficos inocentes. Os dirigentes de Angola falam disso permanentemente.

Os racistas utilizam o velho método da propaganda hitleriana, que consiste em pôr tudo de cabeça para baixo. Infelizmente, este truque sujo às vezes ainda surte o efeito desejado. Ainda existem no mundo pessoas que acreditam nas invencionices sobre tramas dos "terroristas" namibianos. Elas não sabem, aparentemente, que o regime racista de Pretória já há muitos anos ocupa ilegalmente a Namíbia, que a ONU reconheceu a SWAPO como único e legítimo representante do povo da Namíbia e que os patriotas namibianos tomaram as armas só depois de esgotar todos os recursos pacíficos com o fim de alcançar a verdadeira independência do seu país.

O nosso avião fez uma viragem cerrada sobre

a cidade de Lubango e pousou no aeroporto da capital da província de Huíla. Um minuto depois, dois caças da força aérea angolana percorreram com um tremendo estrondo a pista desocupada e levantaram voo. Foi a primeira recordação de que acabámos de chegar a uma cidade situada junto da linha de frente.

Os representantes das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) que nos tinham recebido, não faziam segredo de que a situação era grave. O capitão Mário Sila, um jovem magro, de porte militar, disse durante o encontro com representantes da imprensa no comité provincial do MPLA-Partido do Trabalho que apenas a 100 quilómetros de Lubango explodiam bombas e foguetões sul-africanos, que a aviação deste país não cessava os bárbaros ataques contra povoados angolanos e que o exército invasor ocupava, assim como antes, quase toda a província de Cunene, isto é, 40 mil quilómetros quadrados do território angolano.

Lubango, capital da província de Huíla, é a maior cidade do Sul do país e é uma das cidades mais lindas da república. Está situada aproximadamente a uma altura de 1800 metros acima do nível do mar. Por isso, aí nunca se verifica um calor intenso e o ar é consideravelmente mais seco do que em outras cidades angolanas, situadas no litoral do Atlântico. Bosques de eucaliptos erguem-se como ilhas verdes entre as suas casas. O ar puro das montanhas, cheio do aroma fino dos eucaliptos e as fontes de águas medicinais transformaram Lubango em estância balneária popular da república. Regra geral, aí passam as suas férias pessoas procedentes de todas as províncias do país. Porém, os habitantes desta cidade viram, também, visitantes indesejáveis.

Num dos arrabaldes de Lubango encontra-se a fábrica de móveis "Madeiras de Huíla". Em Setembro de 1979, três "Mirages" da República Sul-Africana lançaram bombas e foguetões contra as suas oficinas. As explosões fizeram cair os pavimentos de betão, causando a morte de 29 operários e ferindo cerca de 80 pessoas.

Maria Tereza, operária desta fábrica, de 35 anos, disse-me que no momento do bombardeamento amamentava o seu filho de 10 meses. Apenas 4 horas depois do bombardeamento ela, já ferida, e a criança foram retiradas de debaixo de um montão de fragmentos. Depois de convalescer, Maria regressou à sua fábrica. Hoje esta mãe de três filhos e duas filhas cobre de maldições os assassinos sul-africanos que pisam de novo a terra de Angola.

O mesmo ódio em relação aos racistas sente a mãe de Chime, um menino de 13 anos; um estilhaço de bomba lançada sobre o campo em que ele trabalhava ajudando os pais a prepará-lo para o cultivo do feijão, arrancou-lhe a perna. Isto aconteceu perto de Caama. Os médicos conseguiram salvar-lhe a vida. Vimos o menino no hospital central da província de Huíla, onde se encontram mais de 500 feridos. O hospital estava superlotado. Dia e noite, novas e novas pessoas mutiladas durante ataques da aviação sul-africana eram transportadas para o hospital nas ambulâncias, ou mais frequentemente, nas carroçarias dos automóveis.

Juntamente com os médicos angolanos, no hospital trabalham cirurgiões soviéticos e cubanos. Há já três anos que o médico cubano Ricardo Sanchez Landrian trabalha em Angola. Nos

dias especialmente tensos, ele, da mesma forma que outros médicos, permanece dias inteiros na sala de operações. "Gostaria que as pessoas que acreditam nas declarações mentirosas dos racistas sobre a retirada das tropas sul-africanas e a cessação da agressão contra Angola passassem um só dia aqui, connosco, diz Ricardo. Hoje operei uma mulher grávida que tinha sido ferida. Não conseguimos salvar a mãe e a criança, vítimas de mais um ataque da aviação sul-africana contra a região do centro municipal de Caama. Todos os dias tenho de fazer várias operações difíceis", diz Ricardo Sanchez Landrian.

Logo depois da chegada a Lubango, reparámos que os carros brancos do pronto socorro com grandes cruzes vermelhas bem vistosas tinham sido enlameados propositadamente ou pintados com manchas de tinta escura. As autoridades foram forçadas a recorrer a esta camuflagem por causa da monstruosa crueldade dos pilotos sul-africanos. O motorista José Mateus, de 23 anos, relatou que os bandidos aéreos atacavam a sangue frio os carros de pronto socorro que transportavam os feridos das regiões submetidas aos bombardeamentos e ataques de artilharia. Evidentemente, os carros brancos com cruzes vermelhas eram alvos cómodos para foguetões e obuses dos assassinos profissionais.

Era difícil de acreditar nisso: junto do hospital mostraram-nos um grande autocarro especialmente adaptado para o transporte de feridos que tinha sido destruído pela explosão de uma bomba sul-africana enquanto transportava pessoas gravemente feridas de Caama a Lubango. Os amigos angolanos fizeram o possível para garantir a segurança da nossa viagem a Caama.

Eram poucas as pessoas que tinham sido informadas a respeito da hora de partida. Mesmo nós, participantes da viagem, recebemos esta informação pouco antes da saída da caravana de camiões.

Partimos para Caama às quatro horas 17 minutos da madrugada. No fundo da alma cada um de nós esperava evidentemente que a viagem corresse bem, pois foi calculado com precisão que deveríamos alcançar o ponto final de manhã cedo, antes do início dos ataques da aviação sul-africana realizados a partir das suas bases na Namíbia.

Quando raiou o Sol, na estrada que conduz do povoado de Chibemba para Caama apareceram os vestígios dos recentes ataques aéreos: enormes crateras abertas por explosões de bombas que alcançavam toda a largura do pavimento de asfalto, veículos queimados.

Neste momento, os técnicos sul-africanos nas bases aéreas na Namíbia já acabavam de preparar os aviões de combate para o voo. A rota traçada no mapa do piloto de um dos caças-bombardeiros "Impala MK-2" atravessava o nosso itinerário a 8 quilómetros de Caama.

A nossa coluna avançava rapidamente pela estrada deserta, quase sem encontrar veículos que se deslocassem ao nosso encontro. Diminuía gradualmente a altura das colinas, cobertas com arbustos ralos, por entre as quais serpenteava a estrada. Passámos sem perceber a fronteira entre as províncias de Huíla e Cunene. Quando o caminho passava pelo aterro, podia-se ver a floresta rala da savana que chegava muito longe, até ao horizonte. A erva seca era amarela. Nesta região de Angola ainda continuava a

estação seca do Inverno. A manhã começava.

O repórter da televisão da RDA Frank Reater e o seu amigo, operador cinematográfico Peter, que se encontravam no nosso carro, aqueceram as mãos geladas e começaram a filmar as primeiras cenas da sua futura reportagem. A velocidade era grande e o carro tremia muito. Por isso, eles tiveram de segurar-se um ao outro durante o trabalho para não cair do carro em plena marcha. Durante a pequena paragem da coluna, fomos alcançados pelo segundo carro GAZ-66, em que também viajavam correspondentes estrangeiros. Também aí sobre a cabina podia-se ver máquinas de filmar e máquinas fotográficas, os repórteres trabalhavam. Ao longo da estrada apareciam por um instante os marcos quilométricos. Às vezes, conseguíamos ler neles quantos quilómetros restavam até Caama: 14... 12... 9...

Na zona do oitavo quilómetro o primeiro carro parou. Os demais aproximaram-se dele. Na nossa frente, além de um GAZ-66 com soldados das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), a nossa guarda, estavam dois "Landrovers" e um jipe ligeiro "Toyota". Pensei que fosse a última paragem antes de Caama. Eram sete e vinte.

Não sei quem foi o primeiro a perceber o caça-bombardeiro sul-africano "Impala MK-2" que picava em direcção da nossa coluna. Alguém gritou "Avião!" e nós saltámos logo dos camiões e dispersamo-nos correndo da estrada. Evidentemente, nem todos compreenderam imediatamente o que estava a acontecer. Enquanto caía para a terra junto da beira da estrada, reparei que o operador da televisão inglesa ainda estava parado junto do nosso carro, olhando para

todos os lados. Ele lançou-se nos arbustos no mesmo momento em que se ouviram explosões curtas e cortantes dos obuses. Imediatamente depois disso explodiram dois foguetões e a seguir matraqueou uma série de explosões de obuses. Ouvimos o ruído do avião, que saía do voo de mergulho, já depois das explosões.

Três pessoas foram atingidas: o capitão angolano Basto Antas, que nos acompanhava, foi gravemente ferido com um estilhaço nas costas, o funcionário do comité provincial do MPLA--Partido do Trabalho Rodrigues Castro foi ferido na barriga e um estilhaço atingiu de leve o jornalista inglês Michael Woolbridge. Foi por pura casualidade que as consequências deste bárbaro ataque do bandido sul-africano não foram ainda mais graves, pois o alvo do seu ataque eram pessoas pouco hábeis sob o ponto de vista militar. O piloto sul-africano viu perfeitamente quando dirigia o seu avião contra a nossa coluna que dos automóveis dispersavam-se não militares, mas civis, entre os quais havia quatro mulheres. Ele abriu fogo a sangue frio contra as pessoas prostradas no chão. Talvez um dia saibamos o nome do criminoso que estava naquela manhã na cabina do caça-bombardeiro que nos atacou. Sabe-se que os racistas têm amigos fiéis não só nos círculos governantes dos EUA, mas, também, entre os correspondentes americanos que fazem regularmente cobertura das "façanhas" dos belicistas sul-africanos no Sul de Angola e inclusivamente penetram com a retaguarda dos invasores no território deste país soberano e independente, ocupado pelos racistas.

Surge a impressão de que os racistas tinham planeado de antemão esta provocação a fim de

forçar os jornalistas estrangeiros e angolanos a renunciar à continuação da viagem e regressar a Lubango. Sabe-se que o regime racista e os seus protectores estão interessados em que o mundo desconheça a verdade sobre a agressão de Pretória contra este jovem Estado africano.

No entanto, este ataque contra um grupo de jornalistas estrangeiros no interior do território angolano produziu um efeito totalmente contrário, tendo chamado ainda mais a atenção da opinião pública mundial para a situação no Sul de Angola e para os materiais que os jornalistas prepararam durante esta viagem.

A maioria dos jornalistas, ou talvez todos eles, nunca antes estiveram sob o fogo, mas ninguém se deixou levar pelo pânico e todos conseguiram dominar o medo, perfeitamente natural nestas condições para cada pessoa normal, e cumprir a sua missão.

Vi que nestas condições incomuns trabalhavam com perfeita calma a jornalista da "Rádio Reloj" cubana Mirta Inés Servantes e o seu marido Erasmo Terrero, correspondente da agência noticiosa "Prensa Latina". Literalmente dois minutos depois das explosões dos foguetões e obuses, os jornalistas da televisão da República Democrática Alemã entrevistaram o capitão do exército angolano Zecor France que nos acompanhava. A jornalista inglesa nem sequer tentou ocultar as suas lágrimas enquanto fazia a reportagem junto do seu compatriota ferido. Os colegas prestavam-lhe neste momento assistência na carroçaria do nosso camião e ainda ninguém sabia se o seu ferimento era grave ou não. Felizmente, ele foi atingido de leve.

Apesar de dificuldades e emoções, às oito da manhã já estávamos em Caama.

Graças à firmeza e heroísmo dos combatentes das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, os invasores da República Sul-Africana não conseguiram tomar este povoado. No entanto, os racistas procuraram descarregar toda a sua ira nos defensores de Caama. A povoação foi alvo de intensos ataques da aviação sul-africana; em resultado disso, foi destruída a maioria das casas de habitação, as escolas, a loja e a enfermaria. Três mil dos seus habitantes ficaram ao desabrigo. Muitos outros foram mortos e feridos.

Os nossos dois carros e o "Landrover" pararam debaixo das árvores no começo da rua central. Quando os motores foram desligados tivemos a impressão de que em Caama reinava um silêncio sepulcral, mas depois ouvimos o sussuro do vento nas copas das árvores, o ranger dos fios cortados, e o repique dos guizos pendurados nos pescoços das vacas que andavam entre as ruínas. Mal conseguimos habituar-nos à nova situação, o ouvido atento captou, através do silvo do vento, o ronco do avião de jacto sul-africano que sobrevoava o local a grande altura. O novo bombardeamento podia começar a qualquer momento. Todos começaram a procurar um abrigo adequado.

Nas proximidades do prédio destruído da enfermaria vi a cratera causada pela explosão de uma potente bomba e, sem hesitar muito, desci de um salto nela. Depois de mim, pelo declive movediço da cratera deslizou ligeiramente para o fundo a repórter da televisão inglesa, depois juntou-se a nós o fotógrafo de Moçambique.

Olhei em redor e percebi que a terra nos declives da cratera tinha uma cor cinzenta estranha. Recordei as informações da imprensa angolana sobre as armas químicas aplicadas pelos belicistas sul-africanos. Para não me arriscar mais durante novos ataques aéreos, procurei não saltar mais nas crateras feitas por explosões. Na minha opinião, um bom abrigo era o pá de um buldozer destruído, embora ele defendesse apenas de um lado. Os nossos colegas, repórteres da televisão brasileira, preferiram um poço quadrado de betão, de um metro e meio de profundidade e aproximadamente de um metro de largura, que se encontrava junto de uma loja destruída e fizeram, inclusivamente, uma reportagem dali durante mais um ataque da aviação sul-africana. A maior parte dos jornalistas esteve no povoado destruído cerca de uma hora e partiu logo depois da terceira incursão dos aviões da RSA. Eu e o operador cinematográfico estivemos em Caama durante o dia inteiro. Os jornalistas certificaram-se mais uma vez de que toda a verborreia das autoridades racistas sobre a cessação da agressão de Pretória contra Angola era totalmente mentirosa. Tal como antes, a aviação da RSA efectua ataques aéreos bárbaros contra os povoados situados nas regiões meridionais do país. Os racistas recorrem, praticamente, ao terror aéreo.

Durante o dia em que estivemos em Caama, aviões da RSA sobrevoaram sete vezes este povoado e os seus arredores. Depois dos voos de reconhecimento a aviação sul-africana começou o bombardeamento. Aviões do tipo "Mirage", "Impala MK-2", "Buccaneer" caçavam não só automóveis isolados que vão de Lubango a Caama e de volta, mas também aterrorizavam a população local. Eles atacam cada grupo de pessoas, sejam elas civis ou militares. No entanto, durante pausas curtas entre as incursões, nas ruas de Caama aparecem, às vezes, alguns transeuntes. A maioria deles são habitantes das regiões da província de Cunene tomadas por sul-africanos. Durante muitos dias eles tiveram de caminhar por regiões ocupadas pelo inimigo.

Luís Filipe, 19 anos, operário da construção civil da cidade de Onjiva, fez uma marcha de seis dias, com dois amigos, através do território do Cunene ocupado pelas tropas da RSA, enquanto não atingiu as posições das FAPLA. Ele disse-me que foi preciso andar longe das estradas, alimentar-se de bagas silvestres, o que lhes causou grandes dores na barriga e no peito. Era especialmente difícil aguentar a sede. "Se no quarto dia não nos prestasse ajuda um camponês, jamais sairíamos do cerco, disse Luís Filipe. Frequentemente, sobrevoavam-nos helicópteros sul-africanos "Puma". Nestes casos encostávamos o mais breve possível à árvore mais próxima e ficávamos imóveis, enquanto o helicóptero não se afastava". Luís Filipe disse que quando ele e os seus amigos atravessavam a nado o rio Cunene, viram cadáveres de mulheres e crianças que a corrente levou à moita da margem. Estas pessoas foram fuziladas por bandidos sul-africanos quando tentaram atravessar o rio. Soldados sul-africanos fizeram explodir novamente a ponte para automóveis através do rio Cunene, a maior em Angola. "Jamais esquecerei os olhos das crianças pequenas que morriam de fome, disse Luís. Vimo-las a 30 quilómetros de Onjiva, junto da sua mãe morta", – confessou ele tristemente.

Um rebanho de cabras andava junto das ruí-

nas do depósito de víveres em Caama, apanhando grãos de milho que tinham caído dos sacos rompidos por estilhaços. Quando me aproximei do local, um cão lançou-se latindo contra mim. Fiel ao seu dono antigo, o cachorro permaneceu aí todos estes dias guardando os sacos. Um homem magro de uniforme militar que estava sentado debaixo da árvore gritou ao cão mandando-o recuar. Travámos conversa. O homem chamava-se Paulo Inaune, era comissário político da companhia de comunicação que ocupava posições de defesa em Caama. Antes do início da actual agressão da África do Sul, serviu em Caama. Juntamente com ele vivia a sua família: a mulher e cinco filhos. Pouco antes do início da ofensiva, a família conseguiu deslocar-se para uma pequena aldeia nas proximidades de Caama, a sua casa foi destruída pelos racistas. Agora, cada incursão aérea contra a região onde se encontra a sua família e outros refugiados, faz tremer o coração de Paulo Inaune. Estaria muito mais tranquilo no combate, se os seus próximos estivessem mais longe da linha de fogo!

O comissário político relatou os pormenores dos combates na região de Caama. A barreira de fogo que os artilheiros angolanos tinham colocado na via da tropa blindada sul-africana tornou-se um obstáculo intransponível para os agressores. Ele sublinhou que os soldados sentem um grande entusiasmo quando sobre as suas posições aparecem aviões angolanos e vêem que os famigerados "Mirage" cessam às pressas o seu ataque e os pilotos sul-africanos vão com grande velocidade na direcção da Namíbia, e diminuem a altura do voo, logo que nas suas cabinas soa o

sinal de sirena avisando que os caças angolanos estão a aproximar-se da linha de frente.

Numa das casas de habitação de Caama danificada pela aviação sul-africana, encontramos um grupo de jornalistas da televisão angolana, que já há duas semanas se encontrava nas posições avançadas. Oscar Gil, Carlos Henriques e os seus companheiros já estiveram muitas vezes sob o fogo mas continuavam a trabalhar no seu posto. E sempre ao lado das câmaras de cinema e de televisão, de máquinas fotográficas e gravadores de som eles têm ao alcance da mão as infalíveis metralhadoras Kaláchnikov. A televisão de Luanda transmite regularmente reportagens dos nossos colegas de Caama mostrando os combatentes das FAPLA rechaçarem heroicamente a agressão dos racistas sul-africanos.

Partimos para Lubango num jipe pertencente à televisão angolana, transportando mais um material filmado na posição avançada. No céu estrelado sem nuvens podiam aparecer a qualquer momento os aviões sul-africanos. Por isso viajávamos sem ligar os faróis. Gastámos três horas para percorrer o trecho entre Caama e Chibemba, que tínhamos passado de manhã durante uma só hora. À luz cintilante da Lua que desaparecia atrás do horizonte, pela estrada avançavam camiões militares com os combatentes das FAPLA: era o reforço das tropas que defendiam Caama. Os combatentes angolanos tinham pela frente combates em prol da libertação de uma parte da terra angolana tomada pelos agressores.

Gostaria de narrar mais um encontro, como se fizesse o balanço de toda a viagem do grupo

de jornalistas angolanos e estrangeiros para o Sul do país.

O presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, organizou para nós todos uma conferência de imprensa na sua residência de campo Futungo de Belas. O presidente assinalou que os jornalistas tiveram uma possibilidade de visitar o Sul de Angola e ver as consequências da agressão sul-africana: vítimas humanas, aldeias e cidades destruídas, linhas de comunicação interrompidas; os jornalistas puderam certificar-se de que estas acções de Pretória eram orientadas não contra a SWAPO, mas contra a população civil de Angola e contra as tropas regulares do exército angolano, que os racistas procuravam desta forma atemorizar de novo os angolanos e forçá-los renunciar ao apoio aos combatentes pela liberdade da Namíbia.

A política do governo racista da RSA está condenada ao fracasso. Nada poderá impedir o povo da Namíbia de se tornar independente, pois ele trava uma luta justa, defendendo o seu direito à autodeterminação e à independência.

Iúri Botchkarev [1]

PARA ONDE VOAM OS "GANSOS SELVAGENS"?

A altas horas da noite de 26 de Novembro de 1981, no aeroporto de Victória, capital da República das Ilhas Seychelles, aterrou um avião de passageiros da companhia de transportes aéreos da Suazilândia. Entre os passageiros que desembarcaram deste aparelho havia um grupo de 45 homens que diziam ser uma equipa de rugby. Ao vistoriar a bagagem destes desportistas, os funcionários da alfândega perceberam grandes caixas com a inscrição "Ao centro de ajuda às crianças inválidas das Seychelles". Os aduaneiros perguntaram que espécie de presentes os jogadores piedosos tinham trazido para as crianças. Abriram as caixas: lá estavam bombons, brinquedos e postais alegres de Natal. Porém, um aduaneiro mais perspicaz examinou as caixas com mais cuidado e descobriu que todas elas tinham um fundo falso. Debaixo

[1] Iúri Andréevitch Botchkarev é consultante-observador da revista *Nóvoie Vrémia*. Como correspondente desta revista esteve no Egipto, Sudão, Etiópia, Somália, Madagáscar, ilha Maurícia, Líbia, Tunis, Marrocos, Guiné, Gana, Togo. É autor das brochuras *A Manhã da Guiné*, *Aperto de Mão de Três Continentes*, etc.

de doces e brinquedos estavam... espingardas com canos cortados.

Quando compreenderam que tinham sido desmascarados, os "desportistas" tomaram às pressas as espingardas e iniciaram um tiroteio com a guarda do aeroporto, e apenas as tropas do Exército Popular de Segurança, que chegaram pouco tempo depois, os fizeram fugir. Neste momento, no aeroporto encontrava-se um avião de carreira duma companhia indiana. Os bandidos tomaram o avião, ameaçando a sua tripulação com as armas, fizeram o piloto levantar voo e depois exigiram que ele seguisse para Johanesburgo. Porém, eles não foram admitidos nesta cidade. O avião pousou no aeroporto de uma outra cidade sul-africana, Durban. Ali, os mercenários foram internados.

Assim fracassou a tentativa de um bando de mercenários de derrubar o governo da República das Ilhas Seychelles chefiado por Albert René.

A Durban chegaram 44 mercenários, pois um deles foi morto. (Eles retiraram o seu corpo do campo de combate e carregaram-no no avião, cujos passageiros disseram depois que entre esta ralé havia cidadãos da RSA, oficiais do antigo exército rodesiano, americanos, ingleses, alemães ocidentais, franceses e italianos). Não foi por acaso que estes valentões fugitivos escolheram a RSA como abrigo. Segundo informou o jornal sul-africano *Rand Daily Mail* o bando tinha sido criado em Johanesburgo, depois deslocou-se de autocarro, como uma equipa de jogadores de rugby, para a Suazilândia. E só daí partiu de avião para as ilhas Seychelles. Porque da Suazilândia? Ora, a resposta é clara: para camuflar a implicação dos racistas sul-africanos na tentativa de derrubar o governo das Seychelles.

Por esta mesma razão, as autoridades da RSA não indicaram o número exacto de mercenários que se abrigaram em Durban, nem os seus nomes. Foi declarado apenas que todos os fugitivos tinham sido presos e conduzidos de algemas para uma base militar, nas proximidades de Pretória. Isto foi feito evidentemente com o intuito de impedir que eles sejam vistos por jornalistas e outros indivíduos curiosos. Em poucas palavras, na RSA alguém esperava ocultar da opinião pública mundial o desfecho desta história. Mas eles não tiveram em consideração uma importante circunstância.

Os mercenários que chegaram ao aeroporto de Victória contavam com a ajuda dos seus colegas que tinham desembarcado algumas semanas antes nas ilhas Seychelles como turistas e deveriam juntar-se a eles. Porém, depois do tiroteio eles não conseguiram tomar o avião e tiveram de se refugiar nas selvas situadas nas proximidades. Todos eles foram capturados, presos e entregues à justiça. Em face da sentença de morte que os ameaçava, desataram as línguas na esperança de salvar deste modo a sua pele.

O mais loquaz foi o réu de nome Dolinchek. Ele informou que ainda em 1979, quando era agente do NIS, serviço de espionagem sul-africano, tinha elaborado o plano de invasão das ilhas Seychelles com o fim de derrubar o seu governo. Ele entregou o respectivo plano ao general Lloyd, que pouco tempo depois foi nomeado comandante das forças de segurança da RSA na Namíbia. Porém, a administração sul-africana

indeferiu a proposta de Dolinchek. Então ele elaborou um novo plano da operação que foi aceito em Setembro de 1981; em Novembro deste ano foi empreendida a tentativa de concretizá-lo.

As autoridades da RSA não conseguiram ocultar esta história. Além dos depoimentos dos participantes da operação fracassada, presos nas Seychelles, a imprensa oposicionista da RSA também publicou informações sobre a implicação de Pretória na conspiração contra um Estado soberano. Por exemplo, o jornal *The Star* de Johanesburgo informou que os serviços dos mercenários foram pagos à vista. Antes do início da operação, cada um deles recebeu 1000 rands (isto é, 1030 dólares americanos); além disso, prometeram-lhes mais 10 mil rands a cada um se a tentativa do golpe de Estado tivesse êxito. O recrutamento de mercenários foi efectuado em Johanesburgo e o dinheiro veio de fontes americanas. O comando do grupo de mercenários foi assumido pelo coronel Hoare, uma personalidade altamente pitoresca.

De acordo com os documentos de identidade, ele é irlandês, mas depois da Segunda Guerra Mundial vive quase permanentemente na RSA. Entre os mercenários existem amadores e profissionais. Os amadores são contratados para uma determinada operação, enquanto para os profissionais a participação nas conspirações, derrubamentos de governos legítimos e assassinatos de personalidades políticas e sociais torna-se a única fonte de rendimentos para toda a vida. Portanto, o coronel Hoare é um mercenário profissional, pode-se dizer, inclusivamente, um veterano neste campo criminoso.

O nome de Hoare veio à tona pela primeira vez em princípio da década de 60, no Congo Belga (hoje Zaire). Naquela época, o país, que se havia libertado do colonialismo, tinha no poder forças patrióticas chefiadas por Patrice Lumumba, que lutavam pela autêntica independência da sua república. Porém, os imperialistas, com os EUA à frente, resolveram conservar o seu controlo sobre o país, que possui riquezas naturais incontáveis. O governo de Lumumba não fazia segredo dos seus planos de estabelecer o controlo próprio sobre estas riquezas. Este governo não agradava aos EUA e eles resolveram derrubá-lo substituindo-o pelos seus fantoches.

Precisamente no Congo Belga as acções dos mercenários adquiriram pela primeira vez uma grande envergadura. Desejosos de lucro fácil, destituídos de quaisquer alicerces morais, cruéis e deshumanos, eles faziam parte da chamada "legião estrangeira", a que os imperialistas confiaram o papel de força de choque no derrubamento do governo de Patrice Lumumba. Existem informações verídicas de que este estadista foi assassinado pelo coronel Huyghe e o capitão Gat.

No que diz respeito ao coronel Hoare, este granjeou a triste fama de carrasco dos patriotas do Congo Belga, onde ganhou o apelido de "Mike raivoso". Depois de regressar do Congo, Hoare criou na RSA o clube de mercenários sob o nome "Ganso Selvagem". A partir de então, eles são chamados na imprensa mundial "gansos selvagens". Um outro "veterano do Congo" é o francês Bob Dénard. Voltaremos ainda às aventuras posteriores deste indivíduo. Por enquanto, continuaremos a narrativa sobre "Mike raivo-

so" por motivo do ataque às Seychelles. O papel que as autoridades da RSA desempenharam na organização deste ataque tornou-se do domínio público. Isso fez Pretória processar os mercenários internados a fim de se afastar deles, Eles foram processados por... ter sequestrado o avião. Porém, Pretória preferiu não recordar que estes assassinos pagos tinham realizado um ataque armado contra um Estado soberano e travado combates no seu território no decurso dos quais morreram pessoas. As autoridades da RSA não processaram os bandidos por estes crimes, pois neste caso poderia vir à tona o papel desempenhado por Pretória nesta conspiração. No entanto, as esperanças das autoridades de Pretória de se isentarem de qualquer responsabilidade pela organização do ataque às ilhas Seychelles, limitando-se à acusação de sequestro do avião, não se justificaram.

Quando se viram no banco dos réus, os mercenários, chefiados pelo seu líder Hoare, acharam com toda a razão que as autoridades tentavam utilizá-los como "bodes expiatórios", isto é, criar a impressão de que eles teriam resolvido por iniciativa própria realizar esta incursão militar nos Seychelles. Então, para se vingar de Pretória por esta traição, os réus, como os seus cúmplices em Victória, começaram a desmascarar os verdadeiros organizadores da conspiração.

O coronel Hoare declarou que um certo agente do NIS o tinha apresentado a dois oficiais, com os quais ele discutiu o plano da expedição contra as Seychelles. Ele depôs a seguir que tinha sido chamado a Pretória, onde lhe disseram que o gabinete de ministros da RSA tinha aprovado o plano e "que agora era preciso discutir os pormenores". Depois da discussão dos pormenores surgiu a questão do armamento dos membros do bando. Este problema foi resolvido rapidamente: um camião transportou um carregamento de armas directamente a casa de Hoare. Eram armas "fabricadas na Europa Oriental" que as tropas racistas conseguiram apreender em Angola durante uma das incursões banditescas no seu território. Hoare disse no tribunal que foram utilizadas precisamente estas armas para refutar as acusações que poderiam ser feitas à RSA a respeito da participação nesta criminosa acção.

Os depoimentos de Hoare foram completados pelo seu ajudante mais próximo, T. Moneta. Este último precisou, em primeiro lugar, que os simples mercenários deveriam receber 10 mil rands cada um e os comandantes deveriam receber honorários ainda mais altos. Por exemplo, a Moneta prometeram 50 mil rands, além de uma recompensa adicional por acções com o fim de assegurar a substituição do poder em Victória. Moneta explicou, também, a quem deveria ser entregue o poder depois do derrubamento do governo de René. O principal pretendente era o antigo presidente da República das Ilhas Seychelles, James Mancham, que se encontra agora no exílio. Pouco antes do voo dos "gansos selvagens" para as Seychelles, Mancham, acompanhado de comitiva dos seus acólitos, que já tinham dividido entre si os postos governamentais, chegou a Nairobi. Dali ele pretendia passar directamente para as Seychelles, logo que os "gansos selvagens" dessem a saber que tudo estava pronto para o receber. A imprensa informou que Mancham e a sua companhia tinham fretado, inclusivamente, um avião. Dolinchek,

de que já falámos, tinha em seu poder fragmentos de uma fita magnética com a gravação de um discurso de Mancham em que ele informava sobre o seu regresso ao poder. De acordo com o plano, esta gravação deveria ser transmitida por rádio no momento da saída de Mancham de Nairobi com destino a Victória.

Os depoimentos das testemunhas tornam evidente que os organizadores da conspiração contra o governo legítimo das ilhas Seychelles não apenas o prepararam com todo o cuidado, mas estavam convencidos de que esta sua empresa mal-intencionada teria êxito: aproximadamente três anos antes disso, eles realizaram com êxito uma aventura idêntica noutras ilhas, situadas, tal como as Seychelles, no oceano Índico, nas Comores. Logo depois de derrubamento do governo legítimo destas ilhas, o autor destas linhas esteve na Etiópia. Na Casa de África, onde está situada a sede da Organização da Unidade Africana, há sempre muita gente. Ali pode-se encontrar jornalistas dos mais diversos países, especialmente africanos. Naquela época não se falava ali de outra coisa, senão dos acontecimentos no arquipélago das Comores. As testemunhas e os pormenores não faltavam.

De acordo com os seus depoimentos, aconteceu o seguinte.

A altas horas da noite, na baía de Ihisandra penetrou clandestinamente um navio com as luzes apagadas. Perto da margem, foram descidas lanchas em que entrou um grupo de mercenários armados até aos dentes. Eles desembarcaram na costa, dirigiram-se ao palácio presidencial, eliminaram a sua guarda pouco numerosa, depois penetraram nos aposentos do presidente da República, Ali Soilih, e prenderam-no. Depois disso não passaram nem sequer duas semanas e as novas autoridades anunciaram que o presidente derrubado teria sido morto durante uma tentativa de fuga. Esta operação banditesca foi dirigida por Bob Dénard, o "quebra-dentes".

Mais tarde soube-se que esta operação foi inspirada pelos serviços secretos da RSA e dos EUA, que colaboram estreitamente de há muito. O que os fez organizar o golpe de Estado no arquipélago das Comores, utilizando para isso os mercenários?

Este arquipélago foi anteriormente uma colónia de França. Porém, em 1975 Paris viu-se forçada a reconhecer a sua independência. As autoridades francesas tentaram, no entanto, transformar o regime colonial em neocolonial, tendo entregue o poder nesta república formalmente independente ao grande latifundiário Ahmed Abdallah. Este testa-de-ferro da antiga metrópole aplicou uma política que correspondia aos interesses da aristocracia latifundiária local e no palco internacional orientava-se pelo Ocidente, especialmente pela França. Porém, este governo esteve no poder pouco mais de um mês, e foi derrubado pelo seu próprio povo, que elegeu para a presidência Ali Soilih, uma personalidade progressista. Sob a sua direcção, nas Comores foram realizadas transformações sócio-económicas. Todos os grandes latifúndios foram confiscados e cada habitante do arquipélago obteve o direito de possuir o seu próprio terreno. Foram nacionalizados bancos e companhias estrangeiras. As Comores proclamaram como seu objectivo a criação de uma nova sociedade, baseada na justiça social, aderindo, portanto, ao número

dos Estados africanos que seguiam a orientação socialista.

Este desenrolar dos acontecimentos nas Comores não agradava aos imperialistas, especialmente norte-americanos. Juntamente com a França e a RSA, eles forneceram armas e dinheiro a "gansos selvagens" chefiados pelo bandido empedernido Bob Dénard. Foi precisamente ele que chefiou o bando de aventureiros que atacou naquela noite as Comores, derrubou o governo legítimo de Ali Soilih e depois da farsa de eleição do novo presidente, organizada juntamente com oficiais franceses que chegaram a esta ilha, colocou novamente no poder Ahmed Abdallah que começou a aplicar uma política que agradava ao Ocidente e à RSA.

Estes depoimentos dos jornalistas e das testemunhas dos acontecimentos nas Comores ficaram gravados profundamente na minha memória e quando surgiram as primeiras informações sobre a tentativa do golpe de Estado nas ilhas Seychelles, reconheci imediatamente o modo de agir já conhecido, pois a situação nas Seychelles foi muito semelhante àquilo que aconteceu nas Comores.

As ilhas Seychelles também estão situadas no oceano Índico, a 1600 quilómetros do litoral africano. A república abrange dezenas de ilhas, algumas das quais distam uma da outra mais de mil quilómetros. Mas nem todas as ilhas são habitadas. Anteriormente, as Seychelles eram uma colónia francesa e, mais tarde, inglesa. Em 1976, a Grã-Bretanha viu-se forçada a reconhecer a independência das Seychelles, mas Londres, da mesma maneira que os franceses nas Comores, cuidou de entregar o poder aos seus testas-de-

-ferro chefiados pelo presidente James Mancham, que aplicou uma política de acordo com os interesses da antiga metrópole e dos grandes latifundiários. Porém, o povo das Seychelles, como se tivesse seguido o exemplo dos seus vizinhos nas Comores, derrubou Mancham e elegeu presidente da república Albert René. Sob a sua direcção, este jovem Estado começou a aplicar uma política realmente independente e efectuar reformas progressistas.

O governo de A. René pronuncia-se decididamente pela concessão da independência à Namíbia e pela liquidação do regime de apartheid na RSA. Ele condena incondicionalmente as acções agressivas de Pretória contra os Estados "limítrofes". A agência "Associated Press" afirma que a RSA gostaria que o governo das Seychelles fosse mais amistoso em relação a Pretória, semelhante, digamos, àquele que existe hoje nas Comores.

Os EUA, que segundo os depoimentos dos réus nos processos em Victória e na RSA, tinham financiado a operação dos "gansos selvagens" nas Seychelles, têm as suas próprias razões para procurar o derrubamento do governo de Albert René. Porém, não se trata das razões alegadas pela agência americana acima mencionada. Num dos seus comentários, ela afirma o seguinte: as ilhas Seychelles estão situadas perto "das rotas utilizadas pelos petroleiros que seguem do golfo Pérsico, em torno da extremidade Sul de África, para os países industrializados". Portanto, seria preciso defender estas vias. Trata-se, de um modo geral, de um motivo já conhecido sobre os "interesses vitais" dos EUA. Porém, o ministro do exterior das Seychelles,

Jacques Hodoul, declarou logo após a publicação deste comentário: as afirmações dos Estados ocidentais sobre a necessidade de defender as "vias petrolíferas" são totalmente inconsistentes, pois ninguém as ameaça.

A verdadeira razão disso é, logicamente, bem diferente. O governo de A. René luta consequentemente pela transformação do oceano Índico em zona de paz e contra a presença militar dos EUA nesta zona. Ele condena a transformação da ilha de Diego Garcia em base militar americana, que engendra uma ameaça para a independência e a segurança dos Estados situados nesta região. Mais: o governo das Seychelles proibiu que nos seus portos entrem os navios que transportam cargas para Diego Garcia ou voltam dali.

Em Washington, esta política do governo de A. René não pode deixar de ser considerada como um obstáculo na via da sua política imperial que prevê, em particular, a transformação da bacia do oceano Índico em zona do domínio político e militar do imperialismo americano. Não foi por acaso que os círculos sociais de África condenaram com veemência o governo dos EUA pela sua implicação evidente na tentativa de derrubar o governo legítimo das Seychelles. Por exemplo, o jornal *The Times of Zambia* escreveu que os EUA utilizam a RSA a fim de desestabilizar a situação neste Estado com vista a consolidar desta forma a sua presença militar no oceano Índico.

Os imperialistas, com os EUA à frente, especialmente depois da ascensão da administração de Reagan ao poder neste país, proclamaram abertamente que um dos objectivos da sua política é o esmagamento do movimento de libertação nacional e o derrubamento dos governos que não lhe convêm na Ásia, na África e na América Latina. Eles recorrem para isso a diversos meios, incluindo os serviços dos "gansos selvagens". Além do Congo, Comores e Seychelles, os mercenários tentaram em 1971 derrubar o regime progressista no Benim. Este ataque fracassado foi organizado por Bob Dénard. Os mercenários praticaram toda a sorte de arbitrariedades no Vietname e agora podem ser vistos entre os punidores que reprimem os patriotas da Namíbia e nas tropas sul-africanas que atacam Angola e Moçambique.

Os imperialistas recorrem aos serviços dos mercenários sempre que o desenrolar dos acontecimentos não lhes agrada, especialmente quando se trata de países que dispõem de grandes recursos naturais, como o Congo, ou ocupam, na opinião do Ocidente, uma posição estratégica vantajosa como as Comores ou as Seychelles. Onde se pode esperar os "gansos selvagens" depois das Seychelles? Aonde pretendem mandá-los agora os organizadores das conspirações contra os jovens Estados que ocupam posições anti-imperialistas?

Serguéi Kulik [1]

UM "GIGANTESCO FIASCO" DA CIA

Os dois foram conduzidos juntos para o abrigo de terra onde se encontrava o quartel-general de uma das unidades das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Os dois vestiam o uniforme pintalgado do exército sul-africano, porém um deles tinha a pele negra e os traços típicos de um ovimbundu, que habitam o Sul de Angola, enquanto o outro era evidentemente europeu, mas tinha a cara suja de fuligem. O sargento que os escoltou informou:

– Foram detidos ontem no mato. A julgar pelos documentos, pertencem ao batalhão punitivo "Buffalo". As sentinelas dizem que este ovimbundu andava atrás dele com a metralhadora em riste. Parece que conduzia este, de cara suja, para o local de estacionamento das nossas tropas.

---

[1] Serguéi Fédorovitch Kulik é escritor, candidato a doutor em economia, observador político da agência TASS. Como correspondente desta agência trabalhou durante cerca de 10 anos nos países do Leste e do Sul de África e nas ilhas do oceano Índico, tendo visitado cerca de 40 Estados destas regiões. É autor dos livros de ciência e ficção *Safari*, *Os Safari do Quénia, Quando os Espíritos Recuam, Reportagens do Local dos Acontecimentos*, e do álbum fotográfico *Moçambique*.

O presente ensaio foi publicado pela primeira vez na revista *África e Ásia Hoje*, № 5, 1982.

Sobre os costumes da UNITA

– O seu nome? – perguntou o comandante ao "cara suja".

– No compreende –, respondeu este em mau português.

A pergunta foi-lhe repetida em inglês.

– Michael Harrison, 32 anos, Salt Lake City, Estado do Utah, informou o prisioneiro antecipando as possíveis perguntas.

– O que é que se passa com a sua cara?

– Com a minha cara? – perguntou espantado Harrison, passando a mão pelo rosto. Ah! – As comissuras dos seus lábios tremeram ironicamente quando viu vestígios negros nos seus dedos. – O seu rapaz parece que já disse que sou do... "Buffalo". Assim se chama o trigésimo segundo batalhão, onde três quartos dos soldados são mercenários brancos.

– Você acha inconveniente praticar acções negras com fisionomia branca?

– Eu pessoalmente acho que tanto faz, mas os nossos chefes têm a sua própria política. O governo da RSA quer demonstrar ao mundo a vitalidade da UNITA e atribui-lhe tudo o que fazem os rapazes do "Buffalo". Por isso andamos maquilhados.

– Como foi parar ao "Buffalo"?

– Li um anúncio num jornal da Califórnia. Precisava de dinheiro. Depois do serviço no Vietname, tive trabalho apenas durante dois anos.

– Quantos mercenários servem agora no batalhão?

– Uns oitocentos, a maioria são americanos

e ingleses. Mas há também rapazes da Alemanha Ocidental, França, Portugal, Chile e Israel.

– Você compreende que participou de uma agressão criminosa?

– Fiz um trabalho que me foi pago, respondeu Harrison convencido de que tinha razão.

– Bem, com este tudo está claro. Vamos discutir os pormenores mais tarde; por enquanto, levem-no, disse o comandante ao sargento assinando o protocolo da interrogação. Depois acendeu um enorme cigarro que acabara de fazer das folhas da árvore mvadigo utilizadas aqui para este fim por falta de materiais mais próprios, e dirigiu-se ao segundo prisioneiro.

– E você, como ficou com os inimigos da Pátria?

– Sou da tribo macheque, do planalto de Benguela, respondeu o prisioneiro tomando a posição de sentido. Depois da proclamação da independência, quando a UNITA, juntamente com os racistas da África do Sul, começou a fazer guerra contra o governo do MPLA em Luanda, muita gente na nossa aldeia começou a murmurar: porque os angolanos devem matar os angolanos e como se pode fazer aliança com inimigos jurados? Todos os homens reuniram-se e fizeram estas perguntas ao chefe. Ele respondeu que os macheques e outras tribos ovimbundu deveriam apoiar a UNITA, porque o seu líder Jonas Savimbi era nosso compatriota e que, portanto, a UNITA era o "nosso partido".

Pouco tempo depois, numa noite de lua cheia, o chefe chamou os jovens das aldeias circunvizinhas para se reunirem debaixo da árvore sagrada da tribo. Eu também estive lá. Depois ele degolou uma ovelha e com o sangue extraído

do seu fígado aspergiu os cortes que nos tinha feito na pele, um pouco acima do coração. A seguir, mandou jurar fidelidade à UNITA. E o Sr. Comandante sabe que este juramento não pode ser violado...

– Qual é o seu nome? perguntou o comandante.

– Os meus pais deram-me o nome de Cachami Chinvata. Mas quando comecei a frequentar a escola de missionários fui baptizado e recebi um nome novo, Joaquim. Concluí o curso na escola e nunca faltei às missas e em cada sermão ouvia: "O MPLA é um partido dos anticristos. Apoiem a UNITA!".

– Quantos anos tem?

– 23, comandante.

– Durante os primeiros vinte anos da sua vida, antes de ir parar às fileiras da UNITA, você já teve algum encontro com os soldados desta organização ou ouviu falar das suas operações contra os colonialistas portugueses?

– Não, comandante! Diziam apenas que a gente da UNITA fazia incursões contra as aldeias situadas ao longo do rio Cubango e tirava aos camponeses os cereais e o gado. Fui forçado a fazer o mesmo quando me convocaram para a UNITA.

– Como foi que aconteceu isso?

– Numa noite, em 1978, fui acordado com as batidas de alarme do tantã. Era um sinal para os jovens se reunirem na praça da aldeia. Vi dois camiões, nas suas cabinas estavam homens brancos. O chefe disse que era tempo de cumprir o nosso juramento e provar a nossa fidelidade à UNITA. Eu e muitos dos meus companheiros tentámos fugir, mas os homens do chefe alcança-

ram-nos e forçaram-nos a entrar nos camiões. Os brancos, que se encontravam em cima das cabinas, ameaçavam matar a tiro qualquer pessoa que não lhes obedecesse.

A coberto da noite fomos transferidos para a Namíbia e divididos em grupos. Fui parar a Grootfontein, base do batalhão "Buffalo". Inicialmente os oficiais brancos fizeram-nos jurar sobre a Bíblia. Depois o "major" Muassua, que era chamado o braço direito de Savimbi, disse: "Nós, os africanos, temos os nossos deuses e os nossos juramentos". Ele retirou de um enorme frigorífico o cadáver de um soldado do MPLA, profanou-o e mandou-nos jurar que iríamos fazer o mesmo com todos os "patifes de Luanda". Recusei-me. Então Muassua mandou que me espancassem, deu ele próprio um pontapé na minha barriga e ao sair ameaçou: "Vou-te arrancar essas tendências. Vais lançar-te contra o MPLA como um 'simba' (leão)".

Naquela ocasião não dei muita importância às suas palavras. Mas alguns dias depois fizeram-me sair do cárcere para o pátio. Lá já se encontravam Muassua, três dos seus auxiliares e uma jovem grávida com equimoses e escoriações no rosto. "Ah, 'simba',–saudou-me Muassua com uma indiferença fingida.–Descansaste bem? Daquela vez recusaste-te a prestar o juramento comum de soldado da UNITA. Bem, hoje vamos contemplar-te com a honra do nosso oficial. Há-há! Os velhos macheque disseram-te, com certeza, o que é nkiapo?"

Cachami interrompeu a sua narrativa para enxugar o suor na testa. Recuperadas as forças, prosseguiu:

– Muassua sabia que de acordo com as crenças dos macheque, a pessoa que provou o feto da mulher grávida, assassinada na sua frente, torna-se até à morte inimigo de todos os membros da sua tribo, dos seus aliados e amigos. Deve eliminá-los todos para não ser assassinado ele próprio. A mulher que estava naquela ocasião no pátio era esposa de um comissário do MPLA. Se fizesse o *nkiapo*, deveria matar a sua gente durante a vida inteira para não violar as leis da tribo e não insultar os espíritos dos meus antepassados.

Cachami ficou novamente calado, olhou com ar suplicante para o cigarro do comandante e quando este lhe deu o resto, tirou avidamente uma fumaça. Via-se claramente que as suas mãos tremiam.

– Nem sequer recordo os pormenores de tudo aquilo, interrompeu ele o silêncio penoso. Muassua, que, como eu tinha percebido, andava sempre bêbado, bebeu um litro de cerveja para criar coragem. O mesmo fizeram os seus amigos. Depois chamaram Harrison e mais dois americanos da CIA que vieram um dia antes para examinar o nosso campo. Os brancos chegaram com câmaras de filmar. Eles riram-se quando os homens da UNITA mataram a mulher do comissário com coronhadas na cabeça. Muassua abriu-lhe a barriga com um golpe de baioneta... A seguir, nada... Perdi a consciência, comandante. Não fiz o juramento *nkiapo*, não fiz, comandante!

– Mas Muassua não podia deixar-te em paz depois disso?

– E jamais deixaria. Recobrei os sentidos no "barril", assim era chamada uma cisterna de gasolina em que eram metidos os que tinham co-

metido delitos especialmente graves. Durante o dia ela ficava quase incandescente, mas de noite a gente tremia nela de frio, sentindo os dentes bater um contra outro. Eu, aliás, já estava nessa altura quase sem dentes, pois Muassua tinha descarregado a ira batendo-me enquanto estava prostrado no pátio, sem sentidos. Ele aproximou-se duas vezes do "barril" e ameaçou atear fogo debaixo dele. Mas depois, as FAPLA deram início a uma grande ofensiva e ele desapareceu do campo juntamente com os seus bandidos. Fui solto do "barril" e incluído num grupo de repressores comandado por Harrison. Mas, uma vez que não prestei juramento, não me deram arma e utilizaram-me como carregador. Sentia-me estranho de espírito e de coração a eles e logo depois da primeira operação resolvi aproveitar a mínima possibilidade para passar para vocês, para o lado das FAPLA.

– E qual foi a operação?

– Fomos transferidos da Namíbia em helicópteros sul-africanos através do Cubango e desembarcámos no meio do mato. Michael formulou a tarefa: "Hoje vamos fazer-nos passar pelas FAPLA. Eliminamos o maior número de gente possível para provocar o descontentamento da população com o governo e fazer com que os camponeses apoiem a UNITA. Aos sobreviventes irão explicar depois que os assassinatos tinham sido cometidos por tropas governamentais, que se vingaram desta maneira pela má colheita".

Percorremos cerca de 15 quilómetros e comecei a suspeitar vagamente que essa era a minha terra natal. Quando atrás das colinas brilhou um pequeno lago, em que tomei banho quando criança, todas as dúvidas dissiparam-se.

Michael disparou um tiro para o ar. Os meninos que estavam deitados na margem puseram-se a correr em diversos sentidos sem ter compreendido ainda donde vinha o perigo. Harrison começou a fuzilá-los metodicamente, contando a sangue frio as suas vítimas. "Onze. Não é mal para começar", disse ele e continuou a marcha como se nada tivesse acontecido. Mais 17 crianças foram assassinadas com tiros nas costas quando voltavam da escola para casa. À tarde avistámos na ponte um grupo de camponeses, sobretudo mulheres, que voltavam da igreja. "Acaba com eles!", gritou Harrison...

Quando já não havia mais em quem disparar e nós retomámos o caminho de volta, virei-me para ver, talvez pela última vez, a igreja que outrora frequentei assiduamente aos domingos e, qual foi o meu espanto, quando vi a uns cem metros de nós uma mulher. Não sei como ela sobreviveu. Tinha nos braços uma criançinha que nós tínhamos assassinado. Ela não chorava e não dizia nada, apenas seguia-nos como uma acusação viva. Temia mais que tudo que ela me reconhecesse, pois eu já a tinha reconhecido. Era Adelina Morachte. Há três anos, quando me fizeram deixar a aldeia natal, ela era noiva de Mateus, o meu melhor amigo.

– Sim, a tua vida não era de invejar. A respeito da primeira operação basta, fala agora sobre a última. Como foste lá parar juntamente com Harrison?

– Em Agosto de 1981, o batalhão "Buffalo" participou, juntamente com unidades de Savimbi, que normalmente permanecem na Namíbia, na invasão das tropas sul-africanas no nosso

país. O comandante sabe que inicialmente eles avançavam impetuosamente, mas as tropas das FAPLA recuperaram-se do primeiro ataque e pregaram-lhes um bom golpe. O destacamento de Harrison foi desmantelado nas proximidades de Caama, e depois nas proximidades da sua unidade. Durante a retirada, ficámos certa vez a sós com Michael. Quando ele adormeceu, tirei-lhe a arma e fi-lo ir ao vosso posto de comando.

– Que mais sabes sobre as acções e planos do inimigo?

– Provavelmente, mais nada, comandante. Talvez só isto: os oficiais sul-africanos mandaram destruir tudo e matar todos em Angola. Mais: eles chamavam entre si a esta operação "Proteu"...

E como Cachami Chinvate, rapaz da pequena tribo angolana de macheque, ludibriado pelo seu chefe e iludido por preconceitos, podia saber algo mais a respeito de "Proteu"? Os planos desta agressão foram preparados a milhares de quilómetros da sua aldeia natal, do outro lado do oceano, em Langley, onde se encontra o quartel-general da Agência Central de Inteligência (CIA).

O homem de Langley no papel de "combatente pela liberdade"

Num dia quente de Novembro de 1974 fui testemunha de um espectáculo bastante incomum em Luanda, naquela época ainda uma cidade colonial. Os africanos tinham desaparecido quase totalmente das suas ruas e praças centrais.

Em compensação, os europeus saíram das suas casas com bandeirinhas multicolores e retratos de um negro barbudo vestido de caqui. Pouco tempo depois, este indivíduo apareceu em pessoa, num automóvel amarelo aberto, de fabrico sul-africano, acompanhado de prados dos brancos da organização fascista "Salvação de Angola" e do ruído de buzinas dos seus automóveis. Os colonos berravam como loucos: "Viva Savimbi!".

A alta sociedade de Luanda, conhecida pelas suas tendências racistas, recebia com entusiasmo o africano que se fazia passar por "líder dos guerrilheiros" e queria vê-lo presidente de Angola.

Uns três anos depois disso, num cruzamento das ruas de Luanda, cheias de africanos (a grande maioria dos portugueses preferiu naquela época deixar Angola), comprei um livro no que soube que o encontro pomposo de J. Savimbi tinha sido organizado pela... CIA. Este livro intitulado *Em busca do inimigo* provocou um autêntico escândalo político em Washington e logo depois da publicação foi proibido nos EUA. O seu autor, o antigo coronel da CIA John Stockwell, revela que este encontro em Luanda foi suficiente para compreender como Savimbi era impopular entre a população africana. E donde poderia surgir essa popularidade?

Inicialmente, o líder da UNITA dirigiu a sua actividade subversiva contra o caminho-de-ferro de Benguela, chamado simplesmente "Benguela", que atravessava o território de Angola. Por meio desta via férrea, a Zâmbia efectuava as suas operações de comércio externo através dos portos angolanos no litoral atlântico. Então J. Sa-

vimbi elaborou um plano astucioso: resolveu efectuar uma série de actos de sabotagem no "Benguela" para demonstrar aos zambianos que esta saída para o Atlântico não era segura e forçá-los desta forma a concordar com a construção da ferrovia para o Leste.

Aproximadamente neste mesmo período, o líder da UNITA estabeleceu contactos com a PIDE salazarista e por seu encargo passou a utilizar as armas que tinha recebido da RSA e de outros países contra os patriotas do MPLA. Savimbi acampou no Sul de Angola, perto da fronteira com a Namíbia ocupada pelos racistas sul-africanos, e pouco tempo depois conseguiu estabelecer contacto também com eles. A proximidade étnica dos seus partidários com a população da Namíbia permitia utilizar a UNITA em duas frentes, contra o MPLA e contra a SWAPO.

Quando em 1975 foi proclamada a República Popular de Angola e se tornou evidente que o MPLA gozava da maior popularidade entre a população, a política americana foi reorientada para a realização em Luanda de uma operação secreta com o nome convencional "A-Future" ("A-Futuro"). A essência desta operação consistia em afastar do poder o MPLA, considerado em Washington "demasiadamente esquerdista", com a ajuda da UNITA e da FNLA, uma outra organização subversiva, que actuava no Norte de Angola sob a direcção de Holden Roberto, um agente a soldo da CIA. De acordo com uma recomendação de F. Carlucci, naquela época o "homem N° 2" da CIA, o então secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger passou a dar atenção a J. Savimbi.

No meu arquivo jornalístico ficaram documentos interessantes daquela época. Por exemplo, cópias da correspondência amistosa entre J. Savimbi e o comandante do exército português em Angola, general Joaquim da Luz Cunha: este último recomendava insistentemente ao líder da UNITA que concentrasse todas as suas forças na luta contra o MPLA. Recortes de jornais de Angola, Zaire e África do Sul, confirmando a implicação da CIA nestas acções. Eis uma fotografia feita em Novembro de 1975: J. Stockwell e H. Roberto junto do marco quilométrico, na bifurcação da estrada, a 32 quilómetros ao Norte de Luanda... Não seria isto uma prova de que o representante da CIA controlava pessoalmente a realização da operação "A-Future", no coração de Angola?

Ao mesmo tempo, do Sul avançava rapidamente rumo a Luanda uma coluna blindada de tropas sul-africanas. Quando ela já estava a 190 quilómetros da capital, J. Stockwell comunicou por meio de uma mensagem cifrada a Langley: "O espírito combativo das tropas sul-africanas é alto... Cada um pensa com avidez nesta cidade tão próxima e grande". Provavelmente, o mais ávido neste caso era J. Savimbi, cujos bandidos se arrastavam na retaguarda dos agressores racistas.

Tudo estava pronto para infligir o último golpe decisivo planeado pela CIA. Mas neste momento, as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, que tinham o apoio internacionalista dos países socialistas e dos países africanos amigos, passaram à contra-ofensiva. Os agressores, tomados pelo pânico, puseram-se em

debandada abandonando armas americanas e chinesas e os seus mortos e feridos. J. Stockwell escreveu: "Os sobreviventes chamaram à estrada pela qual se retiraram, 'caminho da morte'". Segundo ele, foi um "grande fiasco" da CIA em Angola. O próprio J. Stockwell abandonou o serviço de espionagem americano. Eis, porém, o que ele diz no seu livro: "quanto aos generais de Langley, estes começaram a elaborar imediatamente novos planos de intervenção. Falava-se de novos 'programas' no valor de 30-60 e até 100 milhões de dólares. A CIA e os seus agentes deram início, também a uma actividade febril nas capitais da Europa Ocidental e em África. Apresentava-se cada vez mais frequentemente a exigência de estabelecer uma aliança oficial com Pretória, o que permitiria realizar acções mais amplas e bem coordenadas contra Angola".

– Quando na ordem do dia surgiu a questão da concessão da independência à Namíbia, a Casa Branca começou a inclinar-se cada vez mais para acentuar o "aspecto namibiano" na sua política antiangolana, disse durante uma palestra comigo o presidente da SWAPO Sam Nujoma. Se durante a agressão de 1975–1976, a CIA considerava que o seu principal objectivo consistia em colocar em Luanda um governo neocolonialista e em adiar a saída dos racistas da Namíbia conservando Angola na esfera de influência da "África branca", no limiar da década de 80, os generais de Langley foram tomados por uma nova ideia fixa, ou seja, derrotar a SWAPO e transformar o território da Namíbia em praça de armas para acções terroristas contra Angola popular. Estes planos correspondiam na íntegra também às intenções de Pretória.

Quem poderia desempenhar melhor o papel de executor desta aventura? Após breves consultas, os dirigentes da CIA e do serviço secreto sul-africano NIS escolheram novamente J. Savimbi e os restos das suas tropas.

Existia, aliás, a chamada "emenda de Clark": os congressistas americanos, que não haviam recuperado ainda do "síndrome vietnamita" e estavam atemorizados com o fracasso da CIA em Angola, aprovaram-na para impedir os generais de Langley de armar a UNITA e a FNLA. Por isso, para não provocar escândalo, as armas que J. Savimbi recebia, eram fornecidas indirectamente: através de Israel, Coreia do Sul, Chile e Egipto.

Os bandidos da UNITA fizeram o curso de ciências bandidescas nas bases sul-africanas na Namíbia, na província do Cabo e em Transvaal. Os quadros de comando foram preparados na escola secreta da CIA perto da cidade de Tampa, no estado de Flórida. Aos poucos, os sabotadores começaram a ser "postos em acção", ou, como escreveu o jornal americano *Christian Science Monitor*, "eles tiveram a possibilidade de causar certos desgostos ao MPLA, o que permitiu à CIA afirmar que em Angola teriam lugar grandes manifestações antigovernamentais".

No entanto, a situação na UNITA não prometia nenhum êxito aos organizadores da sua "reanimação". Em princípios de 1980, os teletipos da agência americana UPI transmitiram o seguinte telegrama de Johanesburgo: um "alto representante da CIA" anónimo reconhecia "a evidente falta de vitalidade" da UNITA e propunha reforçar as tropas de Savimbi com mercenários brancos e, inclusivamente, com soldados do

exército regular da RSA a fim de eliminar com a sua ajuda a "heresia comunista" do MPLA e da SWAPO. Por outras palavras, propunha-se utilizar a "bandeira" da UNITA para acções militares directas da RSA contra as forças patrióticas da África Austral.

Esta ideia foi posta rapidamente em prática. Na Namíbia, na base Grootfontein foi criado o batalhão "Buffalo", que já conhecemos. Mais tarde, um dos dirigentes das unidades da UNITA, Manuel Bernardo, reconheceu que para esta base foi também transferido o principal ponto de apoio de J. Savimbi, que temia permanecer na terra angolana. As principais fontes de financiamento deste batalhão de "caçadores de cabeças" são a CIA e o NIS.

Naturalmente, o depoimento de Cachami Chinvata sobre os costumes bárbaros que reinam na UNITA e no "Buffalo" pode parecer "uma patranha contada em prol da salvação". Eis, porém, o depoimento de Trevor Edwards, mercenário inglês, que dirigiu as acções terroristas no Sul da província angolana de Cunene, sobre a actividade dos facínoras que estavam sob o seu comando:

– Às vezes levávamos habitantes locais para interrogatório. Era uma brincadeira grosseira. A gente espancava-os, cortava-os em pedaços, queimava-os vivos. Às vezes era preciso tratar desta forma as crianças aos olhos dos pais, para fazer os adultos desatar as línguas. Certa vez, amarrámos um menino de 12 anos e lançámo-lo numa represa. Depois começámos a jogá-lo como uma bola no pólo aquático. O rapazinho afundava-se e emergia de novo. Mas a mãe, apesar de tudo, acabou por não nos dizer nada. Afinal de contas, afogámos o menino. Alguns dos nossos rapazes gostam de coisas deste tipo...

E quando era preciso matar as mulheres, fazíamos coisas de que todos os nossos rapazes morriam de rir... Eles tiravam fotografias tendo por fundo montões de cadáveres. Nem sequer consideram os africanos pessoas humanas".

T. Edwards desertou, afinal, do "Buffalo". O mais provável é que ele tenha tomado esta decisão após o encontro com as tropas regulares das FAPLA. O "Buffalo" teve de pedir inclusivamente a ajuda dos pára-quedistas sul-africanos. Edwards diz: "Fomos esgotados ao extremo e expulsos daquela região. As nossas perdas foram muito graves".

Portanto, T. Edwards sabe, graças à experiência própria, quem é que manda, afinal, no Sul de Angola. Tanto mais interessantes são os seus depoimentos sobre a UNITA, a cujas tropas a imprensa da RSA e dos EUA está disposta a atribuir as "vitórias" dos mercenários: "Acontece que a UNITA é uma coisa de nada. Esta gente vagueia em alguns locais do Sudeste de Angola, onde vive a tribo de Savimbi. Eles não têm capacidade para fazer algo sério. Nós é que fazemos isso por eles".

Ricardo Belmondo, outrora capitão do exército sul-africano e um dos comandantes dos mercenários, encarregados das "operações de limpeza" em Angola, depõe: "Os mercenários a soldo dos racistas, quando cometem as suas atrocidades, procuram, ao mesmo tempo, introduzir o grupo UNITA nas regiões meridionais de Angola para mostrar, desta forma, que os seus bandos estariam a controlar o Sul deste país. Todos os participantes destas operações, que a imprensa

burguesa qualifica como 'combatentes contra o comunismo em África', são na realidade criminosos e um instrumento nas mãos dos racistas e imperialistas".

Bill Anderson desertou do exército sul-africano. Anderson não quis participar das atrocidades e passou para a República Popular de Angola: hoje em dia, ele é membro do Comité de resistência à guerra desencadeada pela RSA racista, que se encontra em Londres. Eis a sua opinião: "Sem o apoio da RSA e da CIA, o grupo contra-revolucionário UNITA teria deixado de existir há muito. Precisamente, os EUA e outros membros da NATO, assim como Israel e o Chile, fornecem aos racistas armas que estes últimos entregam depois a J. Savimbi".

Aparentemente, tudo está claro: a UNITA é um bando de terroristas totalmente destituído do apoio do povo angolano, que existe só devido à vontade da CIA e actua em prol dos interesses dos racistas. No entanto, logo que R. Reagan tomou conta da Casa Branca, precisamente os racistas tornaram-se os "aliados mais privilegiados" dos EUA. A declaração do chefe da nova administração de que o regime de apartheid na RSA, condenado pelo mundo inteiro, é um "amigo da América", teve o efeito de uma explosão. Um espanto e admiração igualmente grandes causou a declaração de R. Reagan de que a anulação da "emenda Clark" é considerada por ele um dos principais objectivos da política africana dos EUA. Conselheiros mais próximos do presidente tiveram a permissão de se encontrar com Savimbi e chegaram a entendimento com ele. Já em 2 de Abril de 1981, o cabecilha da UNITA vangloriou-se de que esperava receber

da nova administração ajuda militar no valor de 100 milhões de dólares.

Nas páginas da imprensa africana transpiraram também informações de que após a ascensão de R. Reagan ao poder, militares norte-americanos comerçaram a participar directamente nas operações antiangolanas. Por exemplo, o semanário moçambicano *Tempo* informou que as forças armadas da República Popular de Angola fizeram prisioneiro um piloto americano, funcionário hábil da CIA, que serviu outrora como conselheiro da polícia secreta do xá do Irão. Em Angola ele dedicava-se à espionagem para a CIA ao fornecimento de informações militares a Savimbi.

Fracasso da operação "Proteu"

Portanto, Washington começou a "trabalhar" para Pretória. E os militares racistas compreenderam que a sua hora havia chegado. Por isso, quando o adjunto do secretário de Estado norte-americano C. Crocker fez a sua visita escandalosa a Pretória, o ministro da defesa da RSA, general M. Malan, pôs as cartas na mesa. Se tentar restabelecer a sua conversa à porta fechada pelos fragmentos das frases que se tornaram públicas, o resultado será o segunte.

M. Malan: Não admitiremos o plano da ONU para a Namíbia. A conservação deste país na nossa órbita corresponde aos interesses gerais do mundo livre.

C. Crocker: Mas sempre se pode temer que os acontecimentos na Namíbia comecem a desenrolar-se de acordo com o modelo rodesiano.

Então ali surgirá uma situação militar que nos forçará a abandonar o país e vocês ficarão cercados por esquerdistas.

M. Malan: Tanto quanto compreendi, o presidente Reagan simpatiza com a UNITA e isto muda muitas coisas. Com a ajuda desta organização conseguiremos criar em Angola uma situação do tipo da libanesa. As forças da UNITA, dirigidas por Savimbi, devem desempenhar o papel dos cristãos da direita e a RSA, o papel de Israel.

C. Crocker: Vocês têm em vista a criação de um Estado-tampão entre Angola marxista e a Namíbia, que está sob o vosso controlo?

M. Malan: É isso mesmo. A intensificação da actividade de Savimbi, especialmente no caso de revogação da "emenda Clark", irá imobilizar as acções do exército angolano, provocará dificuldades económicas e, afinal de contas, preparará condições para o derrubamento do actual regime de Luanda.

C. Crocker: É lógico. E a Namíbia?

M. Malan: O "tampão" de Savimbi irá desempenhar o papel de uma espécie de "cordão sanitário", que isolará a SWAPO dos seus amigos em África e permitir-nos-á acabar com os partidários desta organização servindo-nos, pelo menos aparentemente, para esta finalidade da UNITA. Vamos conservar o controlo sobre a Namíbia e poderemos finalmente concretizar o plano proposto pelo doutor Kissinger, mas que fracassou devido ao fiasco da operação "A-Future". Naturalmente, para isso é preciso o apoio moral da América.

C. Crocker: O apoio, e não só moral, não faltará. No Conselho de Segurança haverá, de

certo, muito ruído. Mas vocês podem considerar que o nosso veto está garantido para qualquer acção contra o vosso país, que é um amigo da América. Resta, provavelmente, apenas resolver qual será o nome que daremos à nossa nova operação.

M. Malan: Nos planos preliminares, que já tinham sido coordenados com a CIA e com os nossos rapazes do NIS, ela foi baptizada "Proteu".

Washington e Pretória começaram com a ajuda da CIA e do NIS a agressão criminosa "Proteu", que o *Jornal de Angola*, órgão do MPLA-Partido do Trabalho, qualificou com toda a razão como segunda fase do plano de luta contra a República Popular de Angola, elaborado pelo imperialismo internacional com os EUA à frente. Povoações situadas a uma distância até 300 quilómetros da fronteira entre Angola e Namíbia foram submetidas a intensos bombardeamentos. Os racistas recorrem à táctica da "terra queimada" utilizando no decurso da agressão armas químicas, bombas de fragmentação e de napalm. Centenas de habitantes pacíficos das cidades e aldeias angolanas foram mortos, milhares feridos. O prejuízo total causado à economia da República Popular de Angola ultrapassa 7,5 mil milhões de dólares.

Na vanguarda dos invasores que penetraram no território deste país para semear a morte e a destruição actuavam tropas compostas na íntegra por mercenários, entre elas o batalhão "Buffalo". Como sempre, os traidores das unidades de J. Savimbi entraram na terra angolana na retaguarda dos bandidos. Seguindo as pegadas dos invasores sul-africanos, as unidades da UNITA

começaram a criar, sob a cobertura dos racistas, as suas bases e postos fortificados na terra angolana, numa faixa de 160 quilómetros de largura, ao longo da fronteira. De acordo com planos a longo prazo dos agressores, esta faixa deve desempenhar o papel de uma espécie de base do "Estado-tampão" que os EUA e a RSA gostariam de criar para o grupo contra-revolucionário da UNITA. A realização deste plano inédito permitiria à reacção internacional eliminar a SWAPO do palco político, transformar a Namíbia em "bantostão" fantoche e realizar a partir do seu território actos terroristas contra a República Popular de Angola e outros "Estados limítrofes".

... Todo o país, de Cabinda ao Cunene, fez o máximo de esforços para rechaçar os agressores. Sob os golpes das tropas das FAPLA, os invasores racistas viram-se forçados a abandonar várias cidades que tinham tomado antes. Foram eliminados numerosos grupos armados da UNITA que se estabeleceram no Sul da República Popular de Angola. Jovens operários das empresas de Luanda, Lobito, Benguela e outros centros industriais de Angola começaram a jornada de emulação socialista sob o lema: "O nosso trabalho para a frente de batalha!". Nas empresas, instituições e quartéis foram realizados grandes comícios e reuniões, cujos participantes assinalaram unanimemente que nesta hora difícil para a Pátria, o povo de Angola deve unir-se ainda mais estreitamente em torno do MPLA-Partido do Trabalho e do seu Comité Central para rechaçar decididamente a agressão e para estar pronto para erguer-se a qualquer momento em defesa das conquistas do poder popular.

ÍNDICE

Nota do compilador 3
À maneira de prefácio. A. A. Gromiko responde às perguntas do correspondente do jornal *Komsomólskaia Právda* G. Pachkov. 5

Capitulo I

Entre o passado e o futuro 16
Iú. Gamaleia. Fragmentos do diário de um geólogo 16
V. Vólkov. O cobre: desgraça e esperanças 31
N. Barátov. Nomes sobre um fundo amarelo 45
V. Korovikov. As chaves do depósito de urânio 64

Capitulo II

A escolha da via 80
V. Korotchántsev. Uma recordação dos encontros com o amanhã 80
V. Mólev. O poder popular amadurece na luta e no trabalho 99
K. Strjijóvski. Moçambique: a luta por uma nova vida 123
B. Bogdánov, G. Potápov. Caminho indicado pela Revolução de Setembro 143
V. Orlov. A terra pode alimentar 163
B. Assoian. Fendas na "montra do capitalismo" 178
E. Rosental. O caminho será longo e difícil 193

Capitulo III

Ombro a ombro 216
P. Ostápenko. A savana despertada 216
M. Dolgov. O urbanista de Oyo 230
Iú. Pitchúguine. Mensageiros da profissão mais humana 241
V. Zubkov. O desporto também é uma coisa séria 253

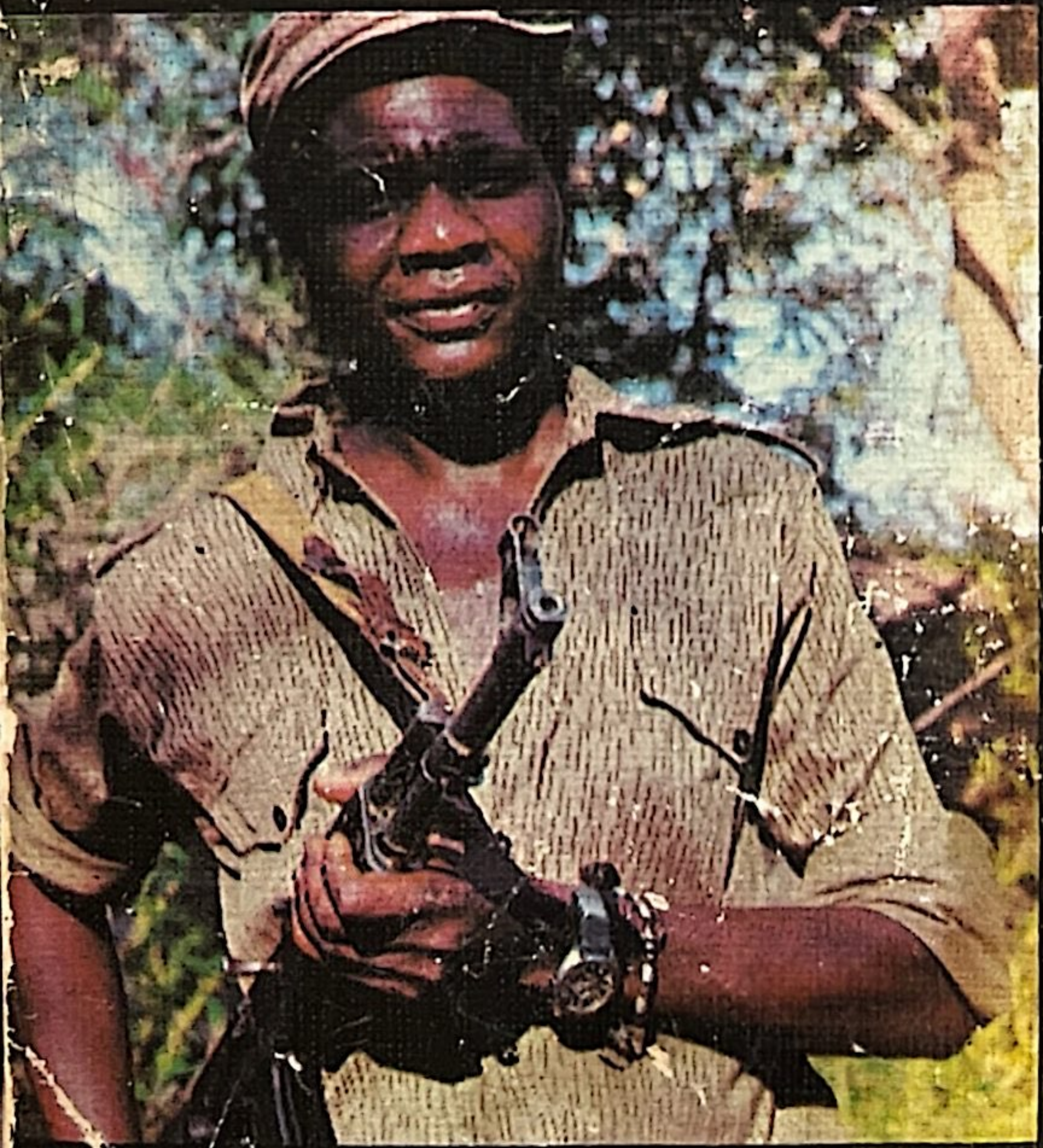
Capitulo IV

A morte vem do Sul 261
B. Miakota. Reportagem sobre a guerra não declarada 261
I. Botchkarev. Para onde voam os "gansos selvagens"? 277
C. Kulik. Um gigantesco fiasco da CIA . . 290

AO LEITOR

Os Editores ficar-lhe-ão muito agradecidos se nos der a conhecer a sua opinião acerca da tradução do presente tomo, assim como acerca da sua apresentação e impressão. Agradecer-lhe-emos também qualquer outra sugestão.

O nosso endereço é:
Edições Progresso
Zúbovski bulvar, 21
Moscovo, 119021
URSS



EDIÇÕES „PROGRESSO"